

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RAFAEL POMBO MENEZES**

---

---

**MODELO DE ANÁLISE TÉCNICO-  
TÁTICA DO JOGO DE HANDEBOL:  
necessidades, perspectivas e implicações  
de um modelo de interpretação das  
situações de jogo em tempo real**

---

---

Campinas  
2011

**RAFAEL POMBO MENEZES**

---

**MODELO DE ANÁLISE TÉCNICO-  
TÁTICA DO JOGO DE HANDEBOL:  
necessidades, perspectivas e implicações  
de um modelo de interpretação das  
situações de jogo em tempo real**

---

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física na Área de Concentração de Educação Física e Sociedade.

**Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis**

Campinas  
2011

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

M524t Menezes, Rafael Pombo, 1982-  
Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real / Rafael Pombo Menezes. - Campinas, SP: [s.n], 2011.

Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis.  
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física,  
Universidade Estadual de Campinas.

1. Esporte. 2. Pedagogia. 3. Jogo - análise. 4. Handebol. 5. Tática. I. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

### Informações para a Biblioteca Digital:

**Título em inglês:** Model of technical-tactical analysis of handball game: needs, perspectives and implications of an interpretation model of game situations in real time.

### **Palavras-chaves em inglês:**

Sport  
Pedagogy  
Game analysis  
Handball  
Tactics

**Área de Concentração:** Educação Física e Sociedade

**Titulação:** Doutorado em Educação Física.

### **Banca Examinadora:**

Heloisa Helena Baldy dos Reis. [orientador]  
Roberto Rodrigues Paes.  
Paulo Cesar Montagner.  
Lucídio da Rocha Santos;  
Wilton de Carlos Santana.

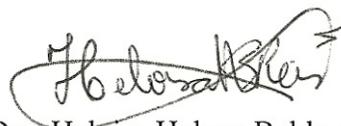
**Data da defesa:** 18-04-2011

**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

**RAFAEL POMBO MENEZES**

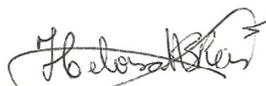
**MODELO DE ANÁLISE TÉCNICO-TÁTICA DO JOGO DE  
HANDEBOL: necessidades, perspectivas e implicações de um  
modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Rafael Pombo Menezes e aprovado pela Comissão julgadora em: 18/04/2011.



Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis  
Orientadora

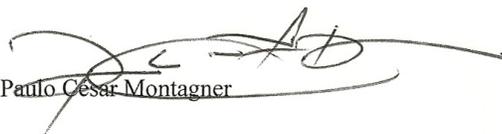


**COMISSÃO JULGADORA**

Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis  
Orientadora



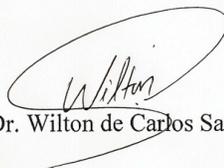
Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes



Prof. Dr. Paulo César Montagner



Prof. Dr. Lucídio da Rocha Santos



Prof. Dr. Wilton de Carlos Santana



## DEDICATÓRIA

*Para Marco e Flora, meu pai e minha mãe.*

*Para quem tem personalidade forte e pensamentos positivos, o impossível é só um ponto de vista.*



# Agradecimentos

---

---

Agradeço primeiramente a Deus, por iluminar meu caminho.

Marco e Flora, meus pais, que incondicionalmente torcem por mim e estiveram sempre ao meu lado. Ao meu irmão Rodolfo.

À minha esposa Carol, pela paciência diária durante todas as batalhas da vida, e por aturar (em algumas ocasiões) meu “excelente” humor.

À Profa. Dra. Heloisa H. B. dos Reis, pela orientação deste trabalho e por me encorajar a encarar o desafio de uma linha de pesquisa diferente.

Aos meus grandes amigos da Clansoft: Pedro Almeida, Fernando Closs e Danilo Lacerda, a ajuda deles foi fundamental e sem eles, provavelmente, essa pesquisa demoraria muito mais tempo para ser concluída.

Aos membros da banca examinadora desta Tese, pelo tempo despendido para a leitura deste texto, e por suas inestimáveis contribuições.

Ao Prof. Dr. Wilton Carlos de Santana, pela magnífica Tese de Doutorado, na qual tive como grande espelho para este trabalho. Pela admiração que tenho pelo seu caráter, conduta e sapiência e pelas contribuições no exame de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes, pela leitura com afinco deste trabalho e pelas grandes contribuições dadas no exame de Qualificação.

Aos professores Doutores Lucídio da Rocha Santos e Paulo César Montagner que gentilmente participaram deste processo.

À Pi e Genaro, por serem minha “segunda família”.

Ao Prof. José França, por me acolher em Itu e por ser essa excelente pessoa.

Aos técnicos de handebol entrevistados, que pacientemente ouviram aos questionamentos e que, de forma ímpar, contribuíram para este trabalho.

Aos atletas das equipes que dirijo, o meu obrigado sempre.



MENEZES, Rafael Pombo. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real.** 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

## RESUMO

---

---

O handebol é uma modalidade que tem apresentado um crescimento significativo no Brasil nas últimas décadas. Sendo assim, muitas tentativas de compreender e ensinar o handebol têm sido reportadas na literatura, tornando-o uma interessante fonte de observação científica. O objetivo desta pesquisa é desenvolver um modelo de análise de jogo de jogadores e equipes de handebol que seja capaz de quantificar as variáveis técnico-táticas em tempo real. Para esse desenvolvimento, algumas etapas foram necessárias, tais como: a) a realização de uma minuciosa revisão da literatura específica ao handebol para identificar os principais meios técnico-táticos (ofensivos e defensivos, individuais e coletivos) que podem ser desenvolvidos durante o jogo, bem como os sistemas defensivos e ofensivos; b) a realização de um mapeamento das variáveis mais relevantes durante uma partida (durante as três fases do jogo – ofensiva, defensiva e transição) a partir de entrevistas semi-estruturadas com técnicos de sucesso na modalidade; c) desenvolvimento de uma ferramenta de análise de jogo que possa ser utilizada com fins pedagógicos, a partir de simulações de táticas ofensivas e defensivas. A revisão de literatura apontou um vasto número de variáveis técnico-táticas que compõem o handebol, bem como forneceu indícios para as respectivas análises. A amostra foi constituída por 4 técnicos de renome internacional, tendo os dados coletados a partir de entrevista semi-estruturada, cujo roteiro foi constituído por 18 perguntas. Os dados obtidos nas entrevistas foram tabulados e interpretados qualitativamente, de acordo com a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). As análises das entrevistas permitiram identificar fatores para melhor compreensão da dinâmica do jogo, bem como apontar as variáveis técnico-táticas relevantes para a análise das fases do jogo, revelando as necessidades impostas em cada uma dessas fases. O desenvolvimento do sistema de análise de jogo torna-se relevante pela possibilidade de quantificar e armazenar um grande número de informações, bem como as possíveis formas de apresentação dessas para os jogadores.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Esporte; Análise de Jogo; Handebol; Tática.



MENEZES, Rafael Pombo. **Model of technical-tactical analysis of handball game: needs, perspectives and implications of an interpretation model of game situations in real time.** 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

## **ABSTRACT**

---

---

Handball is a sport that has shown significant growth in Brazil in recent decades. Therefore, many attempts to understand and teach handball have been reported in the literature, making it an interesting source of scientific observation. The aim of this work is to develop an analysis model of players and team handball to quantify the technical and tactical variables in real time. For this development, some steps were needed, such as: a) conducting a specific literature review of handball to identify main technical and tactical variables (offensive and defensive, individual and collective) that can be developed during the game, as well as offensive and defensive systems; b) mapping of relevant variables during a game (during the three phases of the game – offensive, defensive and transition) from semi-structured interviews with successful handball coaches; c) developing an analysis tool set that can be used for teaching purposes, from simulations of offensive and defensive schemes. The literature review showed a large number of technical and tactical variables of handball, and provided evidence for their analysis. The sample consisted of four internationally renowned coaches, and data were collected from semi-structured interview, that consisted of 18 questions. The data obtained in the interviews were tabulated and interpreted qualitatively, according to the technique of the Collective Subject Discourse (CSD). Analyses of the interviews allowed identifying factors to better understand the game dynamics, as well as identifying the technical-tactical variables relevant to the phases analysis, revealing the needs imposed in each phase. The development of the game analysis system is important to quantify and store a large amount of information, as well as possible ways of presenting these to the players.

**Key-words:** Sport Pedagogy; Game Analysis; Handball; Tactics.



## LISTA DE FIGURAS

---



---

FIGURA 1 - DIAGRAMA DO <i>FEEDBACK</i> DOS TÉCNICOS PARA O PLANEJAMENTO DOS TREINAMENTOS (ADAPTADO DO MODELO DO PROCESSO DE TREINAMENTO CENTRADO NA PERFORMANCE MOTORA DESCRITO POR HUGHES & FRANKS, 1997, p.3).....	38
FIGURA 2 - ESQUEMA REPRESENTATIVO DAS VARIÁVEIS E DE SUAS RELAÇÕES.....	44
FIGURA 3 - REPRESENTAÇÃO DA COMPLEXIDADE QUE ENVOLVE UMA SITUAÇÃO, BASEADA EM QUESTIONAMENTOS QUE POSSAM SURTIR NOS JOGADORES DURANTE O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO .....	52
FIGURA 4 - ESQUEMATIZAÇÃO BASEADA NOS CONCEITOS DE NÍVEIS DE RELAÇÃO DESCRITOS POR GARGANTA (1995).....	55
FIGURA 5 - AS FASES DO JOGO E SEUS RESPECTIVOS OBJETIVOS (ADAPTADO DE MENEZES & REIS, 2010).....	57
FIGURA 6 - TENDÊNCIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO DO JOGO CONSIDERANDO A SITUAÇÃO NA QUAL OS JOGADORES SE DEFRONTAM .....	61
FIGURA 7 - DEPENDÊNCIA MÚTUA DOS ASPECTOS RELACIONADOS ÀS PREPARAÇÕES TÉCNICA, TÁTICA, FÍSICA E PSICOLÓGICA .....	67
FIGURA 8 - POSTOS ESPECÍFICOS OFENSIVOS .....	79
FIGURA 9 - POSTOS ESPECÍFICOS DEFENSIVOS EM DUAS SITUAÇÕES: A - DEFESA EM UMA LINHA; B - DEFESA EM DUAS LINHAS.....	84
FIGURA 10 - SISTEMA OFENSIVO 3:3 (OU CLÁSSICO) .....	90
FIGURA 11 - SISTEMA OFENSIVO 3:3 COM 2 PIVÔS.....	91
FIGURA 12 - REPOSICIONAMENTO DOS ATACANTES NO SISTEMA OFENSIVO 4:2 QUANDO O ARMADOR CENTRAL ASSUME O POSTO DE 2º PIVÔ .....	92
FIGURA 13 - REPOSICIONAMENTO DOS ATACANTES NO SISTEMA OFENSIVO 4:2 QUANDO O PONTA ESQUERDA ASSUME O POSTO DE 2º PIVÔ .....	92
FIGURA 14 - SISTEMA OFENSIVO 4:2 .....	93
FIGURA 15 - SISTEMA OFENSIVO 2:4 .....	94
FIGURA 15 - DIVISÃO DA QUADRA DEFENSIVA NOS SETORES ESQUERDO, CENTRAL E DIREITO .....	96
FIGURA 17 - SISTEMA DEFENSIVO INDIVIDUAL EM TODA A QUADRA DE JOGO .....	97
FIGURA 18 - SISTEMA DEFENSIVO INDIVIDUAL NA PRÓPRIA QUADRA DE JOGO.....	98
FIGURA 19 - SISTEMA DEFENSIVO INDIVIDUAL PRÓXIMO À ÁREA DEFENDIDA.....	98
FIGURA 20 - SISTEMA DEFENSIVO 6:0 ATUANDO EM LINHA DE ARREMESSO .....	100
FIGURA 21 - SISTEMA DEFENSIVO 6:0 EM BASCULAÇÃO OU BLOCO DEFENSIVO .....	101
FIGURA 22 - SISTEMA DEFENSIVO 5:1.....	102
FIGURA 23 - SISTEMA DEFENSIVO 4:2.....	103
FIGURA 24 - SISTEMA DEFENSIVO 3:3.....	104
FIGURA 25 - SISTEMA DEFENSIVO 3:2:1 .....	106
FIGURA 26 - SISTEMA DEFENSIVO 5+1 .....	107
FIGURA 27 - SISTEMA DEFENSIVO 4+2 .....	108
FIGURA 28 - SISTEMA DEFENSIVO 3+3 .....	109
FIGURA 29 - TRAJETÓRIAS DOS JOGADORES - 1: EM CURVA PARA A DIREITA E PARA A ESQUERDA (RESPECTIVAMENTE); 2: DIAGONAL, RETA E EM CURVA PARA A ESQUERDA (RESPECTIVAMENTE); 3: EM DIAGONAL E RETA (RESPECTIVAMENTE) .....	111
FIGURA 30 - MUDANÇAS DE DIREÇÃO DAS TRAJETÓRIAS - EM 1: DIAGONAL PARA CURVA; EM 2: DIAGONAL PARA DIAGONAL OPOSTA; EM 3: CURVA PARA RETA .....	112
FIGURA 31 - DESMARQUE REALIZADO PELO ARMADOR ESQUERDO EM UMA SITUAÇÃO DE MARCAÇÃO INDIVIDUAL....	114
FIGURA 32 - PROGRESSÃO DO ARMADOR CENTRAL E QUATRO POSSIBILIDADES DE TOMADA DE DECISÃO.....	115

FIGURA 33 - REPRESENTAÇÃO DA FINTA EXECUTADA PELO ARMADOR CENTRAL TENDO AS FASES PROPOSTAS POR ANTÚNEZ MEDINA & UREÑA ORTÍN (2002) ASSIM REPRESENTADAS: 1 – FASE DE ENGANO; 2 – FASE DE FRENAGEM; 3 – FASE DE SAÍDA.....	117
FIGURA 34 - REPRESENTAÇÃO DAS FIXAÇÕES: PAR (A), ÍMPAR (B) E PAR-ÍMPAR (C, OU ATAQUE AO INTERVALO).....	119
FIGURA 35 - PASSA E VAI EXECUTADO PELO ARMADOR DIREITO TENDO O ARMADOR CENTRAL COMO APOIO .....	120
FIGURA 36 - TROCA DE POSTOS ESPECÍFICOS - EM A: ENTRE DOIS JOGADORES DA MESMA LINHA OFENSIVA; EM B: ENTRE JOGADORES DE DIFERENTES LINHAS OFENSIVAS; EM C: SIMULTÂNEAS.....	122
FIGURA 37 - DUAS POSSIBILIDADES DE CRUZAMENTO: ENTRE O ARMADOR CENTRAL (INICIADOR) E O ARMADOR DIREITO (EM A); E ENTRE O ARMADOR ESQUERDO (INICIADOR) E O PONTA ESQUERDA (EM B) .....	123
FIGURA 38 - SITUAÇÃO DE PENETRAÇÕES SUCESSIVAS SEM MUDANÇAS DE DIREÇÃO DAS TRAJETÓRIAS, INICIADA PELO PONTA ESQUERDA COM POSSÍVEL FINALIZAÇÃO DO PONTA DIREITA .....	126
FIGURA 39 - QUATRO TIPOS DE BLOQUEIOS OFENSIVOS QUANTO AO POSICIONAMENTO. EM A: BLOQUEIO FRONTAL; EM B: BLOQUEIO LATERAL; EM C: BLOQUEIO EM DIAGONAL ATRÁS; EM D: BLOQUEIO EM DIAGONAL NA FRENTE..	128
FIGURA 40 - DOIS TIPOS DE BLOQUEIOS OFENSIVOS QUANTO À FORMA. EM A: BLOQUEIO ESTÁTICO; EM B: BLOQUEIO DINÂMICO .....	128
FIGURA 41 - PANTALLA REALIZADA PELO PIVÔ E PELO ARMADOR CENTRAL, POSSIBILITANDO O ARREMESSO DO ARMADOR ESQUERDO .....	130
FIGURA 42 - CORTINA REALIZADA PELO PONTA ESQUERDA EM BENEFÍCIO DO ARMADOR CENTRAL.....	131
FIGURA 43 - POSSIBILIDADES DE DESLOCAMENTOS DEFENSIVOS - 1: PARA AS DIAGONAIS; 2: PARA FRENTE; 3: PARA TRÁS; 4: PARA A LATERAL .....	132
FIGURA 44 - FLUTUAÇÃO DO SEGUNDO DEFENSOR DIREITO NA DIREÇÃO DO SEU RESPECTIVO PAR.....	134
FIGURA 45 - DISSUAÇÃO DO DEFENSOR QUE OCUPA O POSTO VIZINHO AO QUE MARCA O PAR DA BOLA .....	135
FIGURA 46 - DUAS SITUAÇÕES COM DIFERENTES MARCAÇÕES: EM A - MARCAÇÃO A DISTÂNCIA; EM B - MARCAÇÃO EM PROXIMIDADE.....	136
FIGURA 47 - DUAS POSSIBILIDADES DE COBERTURA: LATERALMENTE (EM A) E EM PROFUNDIDADE (EM B).....	137
FIGURA 48 - BASCULAÇÃO DOS DEFENSORES NA DIREÇÃO DA CIRCULAÇÃO DA BOLA.....	140
FIGURA 49 - DOBRAGEM DOS DEFENSORES: A - EM PROFUNDIDADE; B - PARA TRÁS (OU EM RETROCESSO); C - LATERAL .....	141
FIGURA 50 - TROCA DE MARCAÇÃO DOS DEFENSORES DA ÁREA HACHURADA EM RESPOSTA À TROCA DE POSTOS ESPECÍFICOS DOS ATACANTES.....	143
FIGURA 51 - DESLIZAMENTO DO PRIMEIRO DEFENSOR DIREITO EM RESPOSTA À OCUPAÇÃO TEMPORÁRIA DO POSTO DE PIVÔ PELO PONTA ESQUERDA .....	145
FIGURA 52 - CONTRABLOQUEIO DO TERCEIRO DEFENSOR DIREITO NO PIVÔ, QUE BLOQUEIA O SEGUNDO DEFENSOR DIREITO .....	147
FIGURA 53 - SITUAÇÕES DE CONTRABLOQUEIO NA QUAL O BLOQUEADO SE DESLOCA PARA FRENTE (EM A) OU PARA TRÁS (EM B) .....	147
FIGURA 54 - REPRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA ONDA DO CONTRA-ATAQUE (ADAPTADO DE FERNÁNDEZ ROMERO ET AL., 1999, P. 186).....	151
FIGURA 55 - REPRESENTAÇÃO DA SEGUNDA ONDA DO CONTRA-ATAQUE APÓS A PARTIDA DA PRIMEIRA ONDA (ADAPTADO DE FERNÁNDEZ ROMERO ET AL., 1999, P. 186) .....	152
FIGURA 56 - REPRESENTAÇÃO DO CONTRA-ATAQUE TRADICIONAL (ADAPTADO DE MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988A).....	154
FIGURA 57 - REPRESENTAÇÃO DO CONTRA-ATAQUE IUGOSLAVO (ADAPTADO DE MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988A).....	154
FIGURA 58 - REPRESENTAÇÃO DO CONTRA-ATAQUE POLONÊS. EM A: SITUAÇÃO DE ARREMESSO DO ARMADOR DIREITO; EM B: SITUAÇÃO DE ARREMESSO DO ARMADOR CENTRAL (ADAPTADO DE MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988A).....	155

FIGURA 59 - ZONAS DE GRANDE RELEVÂNCIA PARA O CONTRA-ATAQUE POLONÊS. HACHURADA: ZONA DE PASSE DO GOLEIRO PARA O PRIMEIRO ATACANTE; ZONA CINZA (METADE DA QUADRA): DESENVOLVIMENTO DO JOGO EM MAIOR VELOCIDADE (ADAPTADO DE MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988A).....	156
FIGURA 60 - REPRESENTAÇÃO DO CONTRA-ATAQUE TCHECO (ÁREA HACHURADA: ZONA DE LANÇAMENTO DA BOLA – ADAPTADO DE MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988A).....	157
FIGURA 61 - SISTEMAS OFENSIVOS EM SITUAÇÃO DE SUPERIORIDADE NUMÉRICA: 3:3 (EM A) E 2:4 (EM B).....	158
FIGURA 62 - SISTEMAS OFENSIVOS EM SITUAÇÃO DE INFERIORIDADE NUMÉRICA: 2:3 (EM A) E 3:2 (EM B) .....	160
FIGURA 63 - INTERFACE QUE PERMITE PRODUZIR ANIMAÇÕES DOS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS BEM COMO MOVIMENTAÇÕES DOS JOGADORES EM UMA SITUAÇÃO ESPECÍFICA DO JOGO .....	177
FIGURA 64 - REPRESENTAÇÃO DE POSSÍVEIS MOVIMENTAÇÕES DOS ATACANTES DE UMA DETERMINADA EQUIPE .....	178
FIGURA 65 - INTERFACE NA QUAL SÃO INSERIDAS AS INFORMAÇÕES TÉCNICO-TÁTICAS COLETADAS DURANTE O JOGO .....	179
FIGURA 66 - INTERFACE QUE PERMITE A EDIÇÃO DE VÍDEOS COMO A INSERÇÃO DE MARCADORES NO MESMO .....	180
FIGURA 67 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 8 SEGUNDOS .....	232
FIGURA 68 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 8 SEGUNDOS .....	233
FIGURA 69 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 9 SEGUNDOS .....	234
FIGURA 70 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 9 SEGUNDOS .....	235
FIGURA 71 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13 SEGUNDOS .....	236
FIGURA 72 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 13 SEGUNDOS .....	236
FIGURA 73 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 15 SEGUNDOS .....	237
FIGURA 74 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 15 SEGUNDOS .....	238
FIGURA 75 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 16 SEGUNDOS .....	239
FIGURA 76 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 16 SEGUNDOS .....	239
FIGURA 77 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 18 SEGUNDOS .....	240
FIGURA 78 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 18 SEGUNDOS .....	241
FIGURA 79 - PERÍODO 1 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 19 SEGUNDOS .....	242
FIGURA 80 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 19 SEGUNDOS .....	242
FIGURA 81 - EVENTOS DAS EQUIPES A (RETÂNGULOS BRANCOS) E B (RETÂNGULOS CINZAS ESCURO) DURANTE O PERÍODO 1. AS SIGLAS CORRESPONDEM A: PD – PONTA DIREITA; 1E – PRIMEIRA DEFENSORA ESQUERDA; AD – ARMADORA DIREITA; 3A – TERCEIRA DEFENSORA AVANÇADA; AE – ARMADORA ESQUERDA; 2D – SEGUNDA DEFENSORA DIREITA; 3: TERCEIRA DEFENSORA .....	244
FIGURA 82 - PERÍODO 2 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13:02 MINUTOS .....	245
FIGURA 83 - PERÍODO 2 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13:03 MINUTOS .....	245
FIGURA 84 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 13:03 MINUTOS.....	246
FIGURA 85 - PERÍODO 2 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13:05 MINUTOS .....	247
FIGURA 86 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 13:05 MINUTOS.....	247
FIGURA 87 - PERÍODO 2 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13:06 MINUTOS .....	248
FIGURA 88 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 13:06 MINUTOS.....	249
FIGURA 89 - PERÍODO 2 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13:07 MINUTOS .....	249
FIGURA 90 - MARCAÇÕES PERTINENTES AO CENÁRIO TÉCNICO-TÁTICO CONFIGURADO AOS 13:07 MINUTOS.....	250
FIGURA 91 - PERÍODO 2 DO JOGO 1: IMAGEM AOS 13:08 MINUTOS .....	251
FIGURA 92 - EVENTOS DAS EQUIPES A (RETÂNGULOS BRANCOS) E B (RETÂNGULOS CINZAS ESCURO) DURANTE O PERÍODO 2. AS SIGLAS CORRESPONDEM A: PV – PIVÔ; PE – PONTA ESQUERDA; 1D – PRIMEIRA DEFENSORA DIREITA; AE – ARMADORA ESQUERDA; 2D – SEGUNDA DEFENSORA DIREITA; 3 – TERCEIRA DEFENSORA.....	252
FIGURA 93 - APLICABILIDADE DAS INTERFACES DURANTE UMA PARADA TÉCNICA (PEDIDO DE TEMPO TÉCNICO) PARA INSTRUÇÕES DE ORDEM COLETIVA.....	254
FIGURA 94 - APLICABILIDADE DAS INTERFACES DURANTE A PARTIDA PARA INSTRUÇÕES DE ORDEM INDIVIDUAL .....	255
FIGURA 95 - ESQUEMAS UTILIZADOS PARA O ENSINO DO CRUZAMENTO (CATEGORIA CADETE FEMININA) .....	256
FIGURA 96 - ESQUEMAS UTILIZADOS PARA O ENSINO DO CONTRABLOQUEIO (CATEGORIA CADETE FEMININA) .....	258

FIGURA 97 - IMAGENS APRESENTADAS PARA AS JOGADORAS DA CATEGORIA CADETE DURANTE O ENSINO DO SISTEMA DEFENSIVO 3:3. EM A: POSICIONAMENTO DAS DEFENSORAS COM A POSSE DA BOLA DA ARMADORA DIREITA; EM B: DAS DEFENSORAS COM A POSSE DA BOLA DA ARMADORA CENTRAL.....	259
FIGURA 98 - POSICIONAMENTOS E SISTEMA DE COBERTURA NO SISTEMA DEFENSIVO 3:3 PARA A SITUAÇÃO DE FINTA DA ARMADORA CENTRAL .....	260
FIGURA 99 - POSICIONAMENTOS E ATITUDES DEFENSIVAS DA SEGUNDA MARCADORA DIREITA (EM A) E SISTEMA DE COBERTURA NO SISTEMA DEFENSIVO 3:3 PARA A SITUAÇÃO DE FINTA DA ARMADORA ESQUERDA (EM B) .....	261
FIGURA 100 - EM A: POSICIONAMENTOS DAS JOGADORAS NO SISTEMA DEFENSIVO 6:0, ADOTADO PARA O INÍCIO DO JOGO. EM B: POSICIONAMENTO DAS JOGADORAS PARA VARIAÇÃO DEFENSIVA (SISTEMA 3:3).....	262
FIGURA 101 - EM A: DESLOCAMENTOS DAS JOGADORAS NA TRANSIÇÃO DEFESA-ATAQUE QUANDO NO SISTEMA DEFENSIVO 6:0 (EM AMARELO: PIVÔ). EM B: DESLOCAMENTOS DAS JOGADORAS NA TRANSIÇÃO DEFESA-ATAQUE QUANDO NO SISTEMA DEFENSIVO 3:3 (EM AMARELO: JOGADORAS QUE SE DESLOCARÃO PARA A SEGUNDA LINHA OFENSIVA) .....	263
FIGURA 102 - POSICIONAMENTOS DAS JOGADORAS NO SISTEMA OFENSIVO 3:3 .....	263

## LISTA DE QUADROS

---



---

QUADRO 1 - INDICADORES DE NÍVEL FRACO OU BOM DE JOGO (ADAPTADO DE GARGANTA, 1995, P.18-19).....	63
QUADRO 2 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: O QUE SEUS ATACANTES DEVEM FAZER TATICAMENTE E INDIVIDUALMENTE PARA QUE O ATAQUE SEJA EFICAZ? .....	184
QUADRO 3 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: QUAIS AS COMBINAÇÕES / MOVIMENTAÇÕES / OU MEIOS TÁTICOS QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA O BOM DESEMPENHO DO ATAQUE COLETIVO?.....	187
QUADRO 4 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS DEFENSIVOS FECHADOS (COMO O 6:0), O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEUS JOGADORES FAÇAM? .....	190
QUADRO 5 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS DEFENSIVOS ABERTOS (COMO O 3:3, 4:2 OU 5:1), O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEUS JOGADORES FAÇAM? .....	193
QUADRO 6 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS DEFENSIVOS MISTOS (COMO O 5+1 E O 4+2), O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEUS JOGADORES FAÇAM? .....	196
QUADRO 7 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: O QUE SEUS DEFENSORES DEVEM FAZER TATICAMENTE E INDIVIDUALMENTE PARA QUE A DEFESA SEJA EFICAZ? .....	200
QUADRO 8 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: QUAIS AS COMBINAÇÕES / MOVIMENTAÇÕES / OU MEIOS TÁTICOS QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA O BOM DESEMPENHO DO SISTEMA DEFENSIVO? .....	203
QUADRO 9 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM O SISTEMA OFENSIVO CLÁSSICO (3:3), DE QUE FORMA VOCÊ ESPERA QUE SEUS DEFENSORES ATUEM?.....	206
QUADRO 10 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS OFENSIVOS DIFERENTES DO CLÁSSICO, DE QUE FORMA VOCÊ ESPERA QUE SEUS DEFENSORES ATUEM? .....	209
QUADRO 11 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: O QUE VOCÊ FAZ OU TREINA PARA QUE O CONTRA-ATAQUE SEJA INDUZIDO? .....	213
QUADRO 12 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: VOCÊ É A FAVOR OU CONTRA DE INDUZIR SUA EQUIPE AO CONTRA-ATAQUE? POR QUÊ? .....	215
QUADRO 13 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: O QUE VOCÊ FAZ OU TREINA PARA QUE O CONTRA-ATAQUE DO ADVERSÁRIO SEJA INEFICAZ?.....	216
QUADRO 14 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: SE VOCÊ TIVESSE O ACESSO A UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE “INSTANTÂNEA” DE JOGO, O QUE VOCÊ MOSTRARIA PARA OS SEUS JOGADORES? TANTO EM GRÁFICOS COMO EM NÚMEROS ( <i>INDICADORES OFENSIVOS</i> ) .....	219
QUADRO 15 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: SE VOCÊ TIVESSE O ACESSO A UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE “INSTANTÂNEA” DE JOGO, O QUE VOCÊ MOSTRARIA PARA OS SEUS JOGADORES? TANTO EM GRÁFICOS COMO EM NÚMEROS ( <i>INDICADORES DEFENSIVOS</i> ) .....	222
QUADRO 16 - IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO DA QUESTÃO: SE VOCÊ TIVESSE O ACESSO A UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE “INSTANTÂNEA” DE JOGO, O QUE VOCÊ MOSTRARIA PARA OS SEUS JOGADORES? TANTO EM GRÁFICOS COMO EM NÚMEROS ( <i>INDICADORES DE TRANSIÇÃO</i> ) .....	224
QUADRO 17 - CARACTERIZAÇÃO DOS PERÍODOS ANALISADOS DO JOGO 1, COM A DURAÇÃO E O NÚMERO DE IMAGENS EXTRAÍDAS .....	231
QUADRO 18 - VARIÁVEIS TÉCNICO-TÁTICAS IDENTIFICADAS NO PERÍODO 1 DO JOGO 1 .....	243
QUADRO 19 - VARIÁVEIS TÉCNICO-TÁTICAS IDENTIFICADAS NO PERÍODO 2 DO JOGO 1 .....	251



## LISTA DE TABELAS

---



---

TABELA 1 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	171
TABELA 2 - CARACTERIZAÇÃO DA ATUAÇÃO DOS SUJEITOS .....	172
TABELA 3 - CARACTERIZAÇÃO DOS JOGOS ANALISADOS NA QUAL É APRESENTADA: A DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS, AS EQUIPES ENVOLVIDAS, O NÍVEL COMPETITIVO E A COMPETIÇÃO DISPUTADA .....	181
TABELA 4 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: O QUE SEUS ATACANTES DEVEM FAZER TATICAMENTE E INDIVIDUALMENTE PARA QUE O ATAQUE SEJA EFICAZ? .....	184
TABELA 5 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: QUAIS AS COMBINAÇÕES / MOVIMENTAÇÕES / OU MEIOS TÁTICOS QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA O BOM DESEMPENHO DO ATAQUE COLETIVO? .....	187
TABELA 6 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS DEFENSIVOS FECHADOS (COMO O 6:0), O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEUS JOGADORES FAÇAM? .....	189
TABELA 7 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS DEFENSIVOS ABERTOS (COMO O 3:3, 4:2 OU 5:1), O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEUS JOGADORES FAÇAM? .....	192
TABELA 8 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS DEFENSIVOS MISTOS (COMO O 5+1 E O 4+2), O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEUS JOGADORES FAÇAM? .....	196
TABELA 9 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: O QUE SEUS DEFENSORES DEVEM FAZER TATICAMENTE E INDIVIDUALMENTE PARA QUE A DEFESA SEJA EFICAZ? .....	199
TABELA 10 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: QUAIS AS COMBINAÇÕES / MOVIMENTAÇÕES / OU MEIOS TÁTICOS QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA O BOM DESEMPENHO DO SISTEMA DEFENSIVO? .....	202
TABELA 11 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM O SISTEMA OFENSIVO CLÁSSICO (3:3), DE QUE FORMA VOCÊ ESPERA QUE SEUS DEFENSORES ATUEM? .....	205
TABELA 12 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: DIANTE DE ADVERSÁRIOS QUE ADOTAM SISTEMAS OFENSIVOS DIFERENTES DO CLÁSSICO, DE QUE FORMA VOCÊ ESPERA QUE SEUS DEFENSORES ATUEM? .....	209
TABELA 13 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: O QUE VOCÊ FAZ OU TREINA PARA QUE O CONTRA-ATAQUE SEJA INDUZIDO? .....	213
TABELA 14 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: VOCÊ É A FAVOR OU CONTRA DE INDUZIR SUA EQUIPE AO CONTRA-ATAQUE? POR QUÊ? .....	214
TABELA 15 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: O QUE VOCÊ FAZ OU TREINA PARA QUE O CONTRA-ATAQUE DO ADVERSÁRIO SEJA INEFICAZ? .....	216
TABELA 16 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: SE VOCÊ TIVESSE O ACESSO A UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE “INSTANTÂNEA” DE JOGO, O QUE VOCÊ MOSTRARIA PARA OS SEUS JOGADORES? TANTO EM GRÁFICOS COMO EM NÚMEROS ( <i>INDICADORES OFENSIVOS</i> ) .....	219
TABELA 17 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: SE VOCÊ TIVESSE O ACESSO A UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE “INSTANTÂNEA” DE JOGO, O QUE VOCÊ MOSTRARIA PARA OS SEUS JOGADORES? TANTO EM GRÁFICOS COMO EM NÚMEROS ( <i>INDICADORES DEFENSIVOS</i> ) .....	221
TABELA 18 - CARACTERIZAÇÃO DAS IDEIAS CENTRAIS, NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CADA IDEIA CENTRAL (N) E SUJEITOS QUE COMPARTILHAM DE TAIS IDEIAS. QUESTÃO: SE VOCÊ TIVESSE O ACESSO A UMA FERRAMENTA DE	

ANÁLISE “INSTANTÂNEA” DE JOGO, O QUE VOCÊ MOSTRARIA PARA OS SEUS JOGADORES? TANTO EM GRÁFICOS COMO EM NÚMEROS ( <i>INDICADORES DE TRANSIÇÃO</i> ) .....	224
---	-----

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

---

---

<b>DSC</b>	Discurso do Sujeito Coletivo
<b>ECH</b>	Expressões-chave
<b>EHF</b>	<i>European Handball Federation</i> (Federação Européia de Handebol)
<b>FEF</b>	Faculdade de Educação Física
<b>FPHAND</b>	Federação Paulista de Handebol
<b>IAD</b>	Instrumento de Análise do Discurso
<b>IC</b>	Ideias Centrais
<b>IHF</b>	<i>International Handball Federation</i> (Federação Internacional de Handebol)
<b>JCE's</b>	Jogos Coletivos Esportivizados
<b>JDC's</b>	Jogos Desportivos Coletivos
<b>LHESP</b>	Liga de Handebol do Estado de São Paulo
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas



# SUMÁRIO

---



---

<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>25</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO I – O HANDEBOL COMO JOGO COLETIVO ESPORTIVIZADO .....</b>	<b>33</b>
1. A PROBLEMÁTICA DOS JOGOS COLETIVOS ESPORTIVIZADOS .....	35
1.1. <i>A importância da observação e análise nos Jogos Coletivos Esportivizados.....</i>	<i>36</i>
1.2. <i>Estrutura dos Jogos Coletivos Esportivizados.....</i>	<i>48</i>
1.3. <i>Tática nos Jogos Coletivos Esportivizados.....</i>	<i>51</i>
1.4. <i>As fases de jogo nos Jogos Coletivos Esportivizados .....</i>	<i>56</i>
1.5. <i>A imprevisibilidade dos Jogos Coletivos Esportivizados como razão da</i> <i>complexidade técnico-tática .....</i>	<i>60</i>
1.6. <i>O handebol: caracterizações e estruturas de funcionamento.....</i>	<i>65</i>
1.6.1. <i>As fases do ataque e da defesa no handebol.....</i>	<i>70</i>
<b>CAPÍTULO II – OS POSTOS ESPECÍFICOS, OS SISTEMAS DE JOGO E OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS E DEFENSIVOS DO HANDEBOL .....</b>	<b>75</b>
2. OS POSTOS ESPECÍFICOS OFENSIVOS .....	77
2.1. <i>Armadores.....</i>	<i>80</i>
2.2. <i>Pontas .....</i>	<i>81</i>
2.3. <i>Pivôs .....</i>	<i>82</i>
3. OS POSTOS ESPECÍFICOS DEFENSIVOS .....	84
3.1. <i>Exteriores ou primeiros defensores .....</i>	<i>86</i>
3.2. <i>Laterais ou segundos defensores .....</i>	<i>87</i>
3.3. <i>Centrais ou terceiros defensores.....</i>	<i>87</i>
3.4. <i>Avançado .....</i>	<i>87</i>
4. OS SISTEMAS OFENSIVOS DE JOGO .....	88
4.1. <i>Sistema ofensivo 3:3 .....</i>	<i>89</i>
4.2. <i>Sistema ofensivo 4:2 .....</i>	<i>91</i>
4.3. <i>Sistema ofensivo 2:4 .....</i>	<i>93</i>
5. OS SISTEMAS DEFENSIVOS DE JOGO .....	95
5.1. <i>Sistemas defensivos individuais .....</i>	<i>96</i>
5.2. <i>Sistemas defensivos zonais.....</i>	<i>98</i>
5.2.1. <i>Sistema defensivo 6:0.....</i>	<i>99</i>
5.2.2. <i>Sistema defensivo 5:1.....</i>	<i>101</i>
5.2.3. <i>Sistema defensivo 4:2.....</i>	<i>102</i>
5.2.4. <i>Sistema defensivo 3:3.....</i>	<i>103</i>
5.2.5. <i>Sistema defensivo 3:2:1 .....</i>	<i>105</i>
5.3. <i>Sistemas defensivos mistos ou combinados .....</i>	<i>106</i>
5.3.1. <i>Sistema defensivo 5+1 .....</i>	<i>106</i>
5.3.2. <i>Sistema defensivo 4+2 .....</i>	<i>107</i>
5.3.3. <i>Sistema defensivo 3+3 .....</i>	<i>108</i>
6. OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS .....	109
6.1. <i>Os meios técnico-táticos ofensivos individuais.....</i>	<i>110</i>
6.1.1. <i>Trajatórias .....</i>	<i>111</i>
6.1.2. <i>Mudanças de direção das trajetórias.....</i>	<i>112</i>
6.1.3. <i>Desmarque .....</i>	<i>113</i>
6.1.4. <i>Progressões.....</i>	<i>114</i>
6.1.5. <i>Fintas.....</i>	<i>115</i>
6.2. <i>Os meios técnico-táticos ofensivos coletivos .....</i>	<i>117</i>
6.2.1. <i>Fixações .....</i>	<i>117</i>
6.2.2. <i>Passa e vai .....</i>	<i>119</i>
6.2.3. <i>Troca de postos específicos (ou permuta) .....</i>	<i>121</i>

6.2.4.	Cruzamento .....	122
6.2.5.	Penetrações sucessivas (ou progressões sucessivas) .....	124
6.2.6.	Bloqueio .....	126
6.2.7.	Pantalla.....	129
6.2.8.	Cortina.....	130
<b>7.</b>	<b>OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS DEFENSIVOS</b> .....	<b>131</b>
7.1.	<i>Meios técnico-táticos defensivos individuais</i> .....	<i>132</i>
7.1.1.	Deslocamentos .....	132
7.1.2.	Flutuação .....	133
7.1.3.	Dissuasão .....	134
7.1.4.	Marcação .....	135
7.1.5.	Cobertura.....	136
7.1.6.	Bloqueio .....	137
7.2.	<i>Meios técnico-táticos defensivos coletivos</i> .....	<i>138</i>
7.2.1.	Basculação (ou báscula) .....	138
7.2.2.	Dobra (ou dobragem) .....	140
7.2.3.	Troca de marcação .....	142
7.2.4.	Deslizamento .....	144
7.2.5.	Contrabloqueio .....	146
<b>8.</b>	<b>O CONTRA-ATAQUE</b> .....	<b>148</b>
8.1.	<i>Fases do contra-ataque</i> .....	<i>150</i>
8.1.1.	Primeira onda .....	150
8.1.2.	Segunda onda .....	151
8.1.3.	Terceira onda.....	152
8.2.	<i>Tipos de contra-ataque</i> .....	<i>153</i>
8.2.1.	Tradicional .....	153
8.2.2.	Iugoslavo.....	154
8.2.3.	Polonês .....	155
8.2.4.	Tcheco .....	156
<b>9.</b>	<b>O JOGO EM ASSIMETRIA NUMÉRICA</b> .....	<b>157</b>
9.1.	<i>Assimetrias numéricas ofensivas</i> .....	<i>158</i>
9.1.1.	Superioridade numérica ofensiva .....	158
9.1.2.	Inferioridade numérica ofensiva .....	159
9.2.	<i>Assimetrias numéricas defensivas</i> .....	<i>160</i>
9.2.1.	Superioridade numérica defensiva.....	160
9.2.2.	Inferioridade numérica defensiva .....	161
<b>CAPÍTULO III – METODOLOGIA .....</b>		<b>163</b>
10.	PESQUISA QUALITATIVA: ENTREVISTAS .....	163
10.1.	<i>Introdução</i> .....	<i>163</i>
10.2.	<i>Elaboração do instrumento da entrevista</i> .....	<i>167</i>
10.3.	<i>Procedimentos das entrevistas</i> .....	<i>167</i>
10.4.	<i>Caracterização da amostra</i> .....	<i>170</i>
10.5.	<i>Aspectos éticos da pesquisa</i> .....	<i>173</i>
10.6.	<i>Interpretação dos dados: o Discurso do Sujeito Coletivo</i> .....	<i>173</i>
11.	DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA DE ANÁLISE DE JOGO .....	176
11.1.	<i>Interfaces</i> .....	<i>177</i>
11.2.	<i>Seleção das variáveis de análise</i> .....	<i>180</i>
11.3.	<i>Caracterização do jogo analisado</i> .....	<i>181</i>
<b>CAPÍTULO IV – RESULTADOS: ENTREVISTAS .....</b>		<b>183</b>
12.	VARIÁVEIS REFERENTES AO SISTEMA OFENSIVO .....	183
12.1.	<i>As ações ofensivas individuais</i> .....	<i>184</i>
12.2.	<i>As ações ofensivas coletivas</i> .....	<i>186</i>
12.3.	<i>As ações ofensivas contra defesas fechadas</i> .....	<i>189</i>
12.4.	<i>As ações ofensivas contra defesas abertas</i> .....	<i>192</i>
12.5.	<i>As ações ofensivas contra defesas mistas</i> .....	<i>196</i>
13.	VARIÁVEIS REFERENTES AO SISTEMA DEFENSIVO .....	199
13.1.	<i>As ações defensivas individuais</i> .....	<i>199</i>

13.2. <i>As ações defensivas coletivas</i> .....	202
13.3. <i>As ações defensivas contra o sistema ofensivo clássico</i> .....	205
13.4. <i>As ações defensivas contra sistemas ofensivos diferentes do clássico</i> .....	208
13.5. <i>A indução ao contra-ataque</i> .....	212
14. VARIÁVEIS REFERENTES À FASE DE TRANSIÇÃO	214
14.1. <i>A indução ao contra-ataque</i> .....	214
14.2. <i>A tentativa de dificultar contra-ataques dos adversários</i> .....	216
15. VARIÁVEIS REFERENTES À ANÁLISE DE JOGO	218
15.1. <i>As variáveis para análise do jogo ofensivo</i> .....	218
15.2. <i>As variáveis para análise do jogo defensivo</i> .....	221
15.3. <i>As variáveis para análise do jogo de transição</i> .....	224
16. SÍNTESE DOS RESULTADOS	226
<b>CAPÍTULO V – RESULTADOS: ANÁLISE DE JOGO</b> .....	<b>231</b>
17. ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DO JOGO 1	231
17.1. <i>Período 1</i> .....	232
17.2. <i>Período 2</i> .....	244
17.3. <i>Aplicabilidade atual das interfaces</i> .....	252
17.3.1. Treinamento: ensino do cruzamento e do contrabloqueio .....	256
17.3.1.1. O ensino do cruzamento .....	256
17.3.1.2. O ensino do contrabloqueio .....	257
17.3.2. Treinamento: ensino do sistema defensivo 3:3 para a categoria cadete.....	259
17.3.3. Pré-jogo: apresentação das táticas defensiva e ofensiva para a equipe adulta .....	262
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>265</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>269</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>279</b>
ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	279
ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	281
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>283</b>
APÊNDICE A: INSTRUMENTO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	283
APÊNDICE B1: INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO (IAD)	284
APÊNDICE B2: INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO (IAD)	290
APÊNDICE B3: INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO (IAD)	297
APÊNDICE B4: INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO (IAD)	299



# INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo handebol surgiu ainda na graduação quando era então atleta e aspirante a técnico da modalidade. Nesse momento, conheci a Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis, que tinha como uma das áreas de interesse de pesquisa o ensino do handebol. Ainda durante a graduação o interesse em pesquisar o handebol foi despertado, na tentativa de compreendê-lo mais profundamente, em suas diferentes manifestações, anseio esse completado quando da criação do GEHAND (Grupo de Estudos e Pesquisas de Handebol).

A importância assumida para a realização desta pesquisa pauta-se na constante busca pela melhor compreensão dos fatores que permeiam o rendimento das equipes de handebol, e que possibilitam vias de acesso a jogos de bons níveis técnico-táticos. Outro aspecto determinante centra-se na dificuldade em coletar os dados técnico-táticos e apresentá-los de forma acessível e interativa para os jogadores durante a partida, o que possibilita, eventualmente, rápidas alterações dos sistemas ofensivo e defensivo ou mesmo a identificação dos jogadores que estão com um rendimento abaixo do esperado.

Foram traçados como objetivos principais desta pesquisa: a) o mapeamento das variáveis técnico-táticas mais importantes de serem quantificadas durante uma partida, a partir das entrevistas com técnicos de handebol de sucesso nacional e internacional; e b) o desenvolvimento de um sistema de análise técnico-tática baseado nos meios técnico-táticos apresentados pelos jogadores e nos sistemas adotados pelas equipes, para utilização em situações de jogos e treinamentos como uma ferramenta de acesso para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

Esta pesquisa é baseada em uma revisão bibliográfica acerca dos elementos que compõem os Jogos Coletivos Esportivizados, na literatura específica do handebol e das metodologias de observação e análise de jogo. O objetivo da revisão bibliográfica extensa se deu pela tentativa de contribuição, principalmente em relação aos meios técnico-táticos individuais e coletivos (ofensivos e defensivos), por observar a necessidade encontrada por técnicos (para aprimoramento de suas equipes) e acadêmicos (para estudo da ocorrência e das variações, por exemplo, desses meios) em encontrar recursos na literatura específica nacional. Outra fonte de

informações é referente às entrevistas realizadas com os técnicos de sucesso na modalidade, que são fontes de informação e dados para análise nesta pesquisa.

O cenário desta pesquisa é composto por duas variantes iniciais: a concepção dos técnicos quanto aos aspectos técnico-táticos do jogo e a complexidade inerente ao próprio desenvolvimento do jogo. A partir desse cenário inicial partiu-se para uma revisão de literatura em busca dos indicadores técnico-táticos específicos do jogo de handebol considerando, principalmente, a literatura internacional, uma vez que o material disponível na literatura nacional sobre os aspectos técnico-táticos do handebol é escasso. Além da revisão de literatura, foram entrevistados quatro técnicos, escolhidos intencionalmente por serem considerados experts na modalidade, seguindo critérios como a participação na comissão técnica das seleções nacionais (feminina adulta) e a participação nas finais da Liga Nacional ou Campeonato Brasileiro. O universo de técnicos que obedeciam a estes critérios é de aproximadamente oito indivíduos, sendo que seis desses foram contatados e apenas quatro apresentaram disponibilidade, talvez por fatores como os horários de treinamentos, as constantes viagens para competições e a própria atuação na área.

No capítulo I é feita uma caracterização dos Jogos Coletivos Esportivizados e suas problemáticas, em específico do handebol indicando as suas fases de jogo e as relações espaço-temporais-situacionais no cenário técnico-tático do jogo, que atribuem seu caráter imprevisível. Com relação às fases de jogo, é feita uma abordagem baseando-se nos princípios operacionais descritos por Bayer (1994), sendo contextualizada ao handebol. Apresentam-se, ainda neste capítulo, fatores relacionados à importância da observação e análise de jogo para a compreensão das dinâmicas coletivas no handebol.

No capítulo II são apresentados os conceitos específicos dos processos ofensivos, defensivos e de transição no handebol, tais como: a) a definição e a caracterização dos postos específicos; b) os sistemas de jogo (ofensivos e defensivos); c) os meios técnico-táticos (ofensivos e defensivos, individuais e coletivos); e d) a descrição dos meios e das formas relacionados à fase de transição no handebol.

O capítulo III é destinado à apresentação da metodologia desta pesquisa, com a caracterização da amostra (quatro técnico de handebol e renome internacional), as definições de pesquisa qualitativa, os procedimentos de coleta (a partir de entrevista semi-estruturada) e de

interpretação dos dados (discurso do sujeito coletivo – DSC). Há, ainda, a caracterização dos períodos analisados do jogo e do sistema de análise desses períodos.

No capítulo IV são apresentados os resultados das entrevistas com os técnicos, a partir da tabulação, análise e discussão das treze questões referentes aos indicadores do jogo ofensivo (cinco questões), defensivo (quatro questões), de transição (três questões) e das necessidades impostas a uma possível ferramenta de análise de jogo em tempo real (última questão).

No capítulo V são apresentadas as análises técnico-táticas de dois períodos de um jogo de handebol feminino, de nível amador, da categoria cadete. A análise deste jogo foi utilizada apenas para a testagem do software produzido, a escolha da equipe dada de forma intencional. Nessa tese são apresentadas sequências de imagens que apontam a dinâmica do jogo, assim como vistas no vídeo, e as representações esquemáticas de cada imagem, em busca da compreensão do cenário técnico-tático de cada período do jogo.



# CAPÍTULO I – O HANDEBOL COMO JOGO COLETIVO ESPORTIVIZADO

*“O handebol é um jogo belo e distraído. Se tornou mais rápido e exige por parte de todos os jogadores um alto grau de perfeição na execução das jogadas e uma capacidade de dissimular até o último momento suas verdadeiras intenções.” (LATISKEVITS, 1991, p.19)*

O handebol é um jogo coletivo esportivizado (JCE – termo que será explicado posteriormente), contemporâneo, que surgiu no âmbito da cultura europeia do século XX (REIS, 2006a).

De acordo com Cunha et al. (1995), o handebol é um dos esportes coletivos que apresenta sua gênese mais recente, datando apenas de 1972 a sua primeira disputa nos Jogos Olímpicos (Munique), ainda assim exclusivamente para o sexo masculino, e o primeiro Campeonato Mundial sendo disputado no ano de 1938 com quatro equipes (o segundo mundial foi realizado apenas em 1954 e contou com 6 equipes). Já para o sexo feminino a primeira disputa nos Jogos Olímpicos é datada de 1976 (Montreal), com o primeiro Campeonato Mundial sendo disputado em 1957 (contando com 9 equipes). No caso particular das Seleções Nacionais de handebol, a primeira participação da seleção masculina em Jogos Olímpicos foi em 1992 (Barcelona) e da seleção feminina em 2000 (Sidney). Com relação ao Campeonato Mundial, as primeiras participações são datadas de 1995 para as Seleções Nacionais (masculina e feminina).

Essa introdução do handebol aos Jogos Olímpicos em 1972 é descrita por Prudente *et al.* (2004, p.50) como um dos principais motivos para o “aparecimento de publicações e trabalhos de investigação científica tendo como objeto de estudo esta modalidade”, justificado principalmente pela divulgação da modalidade em nível mundial, com ênfase principal ao continente europeu.

Apesar de o handebol não ser um esporte popular em um país no qual o futebol assume o papel principal devido à sua tradição e seu significado muitas vezes histórico<sup>1</sup> (SOUZA, 1996; SOARES, 2003; RIBEIRO, 2006), verificado frente aos meios de comunicação (como a TV, o rádio, os jornais e os meios virtuais), esse vem conquistando um espaço maior nesses meios de comunicação, ao comparado com sua veiculação em épocas anteriores. Grande parte desse “mérito” é creditado às campanhas de massificação do handebol comandadas pela CBHb<sup>2</sup> (como o Projeto “Mini-Handebol”<sup>3</sup>), pelos campeonatos promovidos pelas ligas regionais de handebol e mesmo pelos resultados apresentados pelas Seleções Nacionais (Masculina e Feminina) nas competições disputadas em âmbito internacional, como o Campeonato Mundial, Jogos Olímpicos, Torneios na Europa e Jogos Pan-Americanos.

Em relação às Seleções Nacionais, observa-se que uma parcela do atual sucesso dessas decorre de fatores como:

- o intercâmbio de informações entre os técnicos de renome internacional e os professores e técnicos nacionais (proporcionando vivências diferenciadas no que diz respeito às questões técnico-táticas, por exemplo) a partir de Encontros<sup>4</sup> promovidos pela CBHb;
- a capacitação dos técnicos que atuam em conjunto nas comissões técnicas, que possibilita diferentes vivências para a disseminação dos conhecimentos aplicados no handebol de alto rendimento;
- a indicação de técnicos de renome internacional para dirigir as Seleções Nacionais, que implantam modelos de sistematização do treinamento técnico-tático baseados em uma visão decorrente de diferentes experiências no alto nível de rendimento.

Todos os aspectos citados anteriormente influenciam diretamente o desenvolvimento do handebol nacional, tanto na perspectiva educacional como de rendimento

---

<sup>1</sup> Popularmente o Brasil é denominado de “país do futebol” devido a fatores como o número de praticantes e clubes da modalidade, a paixão dos torcedores pelas equipes e os resultados no cenário internacional, que em conjunto fazem com que o futebol seja o esporte mais veiculado na mídia nacional

<sup>2</sup> Confederação Brasileira de Handebol

<sup>3</sup> O Projeto “Mini-handebol”, desenvolvido pela CBHb, tem como objetivo massificar a prática da modalidade por crianças em idade de iniciação esportiva. O Projeto conta com aproximadamente 304 núcleos espalhados em diversos Estados do país (fonte: [www.brasilhandebol.com.br](http://www.brasilhandebol.com.br), acessado em 01/12/2009)

<sup>4</sup> Anualmente a CBHb realiza o Encontro Nacional dos Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior, com o objetivo de pautar estratégias, no ensino superior, para a atuação dos professores e formação de seus acadêmicos

esportivo. Outro ponto a ser destacado é a participação das Seleções Nacionais das categorias mais jovens (Júnior, Juvenil e Cadete) em campeonatos internacionais, também obtendo resultados satisfatórios. Ambas influências trazem conseqüências positivas para o handebol nacional, tanto de cunho educacional como de rendimento esportivo, além da maior visibilidade frente à parcela da população denominada de “não-esportistas”.

Quando nos remetemos à prática do handebol no âmbito escolar notamos sua boa aceitação frente aos alunos, o que o torna um dos esportes coletivos mais praticados nesse ambiente. Sustentando essa afirmação, Greco (1998, p.206) descreve que “o handebol é hoje um dos esportes mais praticados na escola, estando em franca difusão e desenvolvimento nos clubes”.

## 1. A PROBLEMÁTICA DOS JOGOS COLETIVOS ESPORTIVIZADOS

*“Nos jogos desportivos coletivos (JDC<sup>5</sup>) as dimensões estratégica e tática assumem um papel determinante, na medida em que estas modalidades se caracterizam por um complexo de relações de oposição e cooperação cujas configurações decorrem dos objetivos dos jogadores e das equipes em confronto e do conhecimento que estes possuem acerca de si próprios e do adversário.” (GARGANTA & OLIVEIRA, 1996, p.7)*

Os JCE's assumem várias nuances quando vistos por diferentes óticas, exercendo uma função ou influência que pode ter um caráter recreativo até competitivo, da mesma forma que pode ser visto como uma prática de cunho social, como uma atividade de lazer para comunidades que não têm acesso ao esporte elitizado (competitivo).

Segundo Greco & Benda (1998) os conteúdos dos esportes, ou os esportes enquanto conteúdos podem ser desenvolvidos, ou ensinados, com finalidades diferenciadas, como a recreativa ou de lazer, a de reabilitação, a da iniciação esportiva, o esporte profissional

---

<sup>5</sup> Jogos Desportivos Coletivos para os portugueses, porém utilizaremos o termo Jogos Coletivos Esportivizados (JCE's, sugerido por REIS, 1994), como referido anteriormente, exceto ao mencionar os trabalhos desses.

praticado por atletas especializados (GALATTI & PAES, 2007; GALATTI *et al.*, 2008) entre outras. Embora possuam diferentes conotações, como a prática descompromissada ou sistematizada, esses apresentam relações de oposição e de cooperação e que, invariavelmente, estão influenciadas (e influenciam) a concepção das táticas empregadas e que seguem um modelo desenvolvido por atletas profissionais.

### **1.1. A importância da observação e análise nos Jogos Coletivos Esportivizados**

*“O conhecimento acerca da proficiência com que os jogadores e as equipas realizam as diferentes tarefas tem-se revelado fundamental para aferir a congruência da sua prestação em relação aos modelos de jogo e de treino preconizados”. (GARGANTA, 2001, p.57)*

Segundo Greco (1988, p.22) “os altos rendimentos esportivos no handebol e as exigências que devido a isso deve assumir o jogador, fazem imperioso e peremptório uma mudança na concepção do treinamento e de seu respectivo processo de ensino-aprendizagem”. Tal mudança na concepção do treinamento e nos modelos de ensino-aprendizagem-treinamento deve basear-se em indicativos extraídos diretamente de situações do jogo, e não apenas em relatos empíricos, o que aponta para uma exigência cada vez mais imprescindível pela realização de análises do jogo que procurem explicar o comportamento de diversas variáveis durante as ações dos jogadores nesses. Essa análise do jogo, ou simplesmente a forma de “ler e interpretar” o jogo, de crianças e adolescentes deve contemplar (e ser equivalente) à fase na qual o indivíduo está inserido e de acordo com as aptidões a serem desenvolvidas até aquela etapa de aprendizagem. Outro fator a ser considerado centra-se na realidade de cada técnico, pois aqueles que trabalham com o alto rendimento necessitam de um tipo de análise que considera as variáveis relacionadas ao seu contexto, enquanto um técnico que trabalha com escalões inferiores ou com a iniciação ao handebol necessita, provavelmente, de outro tipo de informação.

Com base nas características e desafios incutidos nos JCE’s e na necessidade da aquisição de parâmetros em situações competitivas, que retratem ao máximo o comportamento

dos jogadores dentro de suas modalidades, torna-se necessário o desenvolvimento de ferramentas que proporcionem uma análise fidedigna das situações de jogo. Essa prática vai permitir uma transformação das situações de jogo em formas ou modelos de treinamentos mais eficazes quando nos referimos ao Princípio da Especificidade<sup>6</sup> no treinamento desportivo. Tal preocupação nos leva a um questionamento fundamental e que será o norteador desta pesquisa: no que diferem, substancialmente, as análises de jogo referentes aos sistemas ofensivos, defensivos e das transições?

Hughes & Franks (1997) afirmam que a análise que os técnicos possuem das suas modalidades é baseada, tradicionalmente, em observações subjetivas dos atletas. Os autores apontam, ainda, para a importância do *feedback* das ações dos atletas, considerada como “uma das mais importantes variáveis que afetam a aprendizagem e a performance subsequente da habilidade” (*ibidem*, p.2). Para Lago Peñas & Anguera Argilaga (2003, p.28):

*“a dimensão tática parece constituir a condição essencial da natureza do jogo na medida em que os comportamentos dos jogadores, ao acontecerem em um contexto aleatório dependente das relações de oposição-cooperação, estão fortemente influenciados e determinados pelas sucessivas configurações (linhas de força) que o jogo vai apresentando”.*

Quando nos reportamos ao termo “análise de jogo”, notamos a necessidade de uma reflexão a respeito do que englobaria o conceito acerca desse, sobre suas aplicabilidades, ou quais seriam as variáveis interessantes em cada esporte que seria sinônimo de performance esportiva. Segundo Garganta (2001), a análise da performance nos jogos coletivos possibilita:

- a) Identificar integrações entre jogadores e equipes e modelá-las;
- b) Identificar atividades que se correlacionam com a obtenção de resultados positivos;
- c) Manipular e recriar constantemente os processos de treinamento para que estes sejam mais específicos;
- d) Apontar possíveis evoluções esportivas em cada modalidade.

---

<sup>6</sup> Weineck (1999, p.36) define a especificidade como o *Princípio do Direcionamento da Sobrecarga*, ou seja, “cada modalidade esportiva tem um perfil característico quanto à coordenação e ao condicionamento”, e complementa com a afirmação de que “o direcionamento da sobrecarga implica uma escolha cada vez mais específica de métodos e programas de treinamento”.

Torna-se importante salientar a importância do *feedback* extrínseco<sup>7</sup> (SCHMIDT & WRISBERG, 2001) a partir das informações fornecidas pelos treinadores, que permitirão diferenciar o que o atleta fez daquilo que realmente era esperado (HUGHES & FRANKS, 1997). Na Figura 1 é apresentada a relação do modelo de observação que aponta a importância da análise da performance como acesso constante ao incremento desta, na qual a observação do técnico passa a ser complementada pela performance em si e pelos resultados obtidos anteriormente.

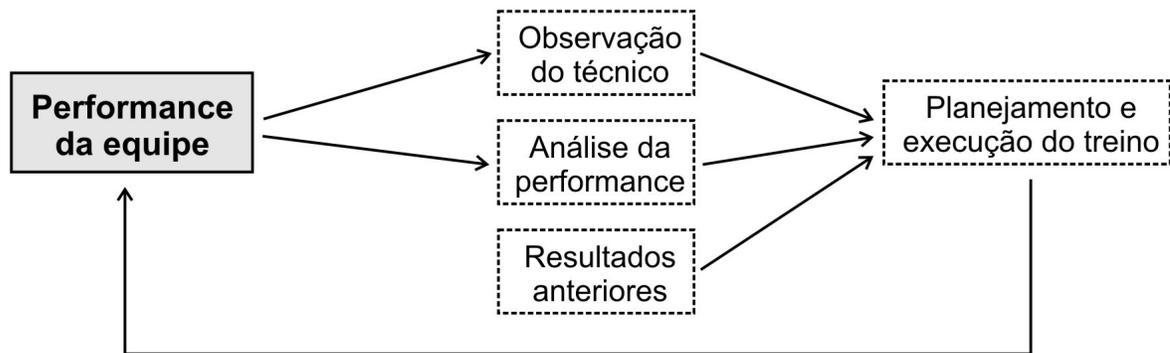


Figura 1 - Diagrama do *feedback* dos técnicos para o planejamento dos treinamentos (adaptado do modelo do processo de treinamento centrado na performance motora descrito por HUGHES & FRANKS, 1997, p.3)

Baseando-se na complexidade interacional inerente aos JCE's que é influenciada diretamente pela estratégia e tática adotadas pelas equipes (nas fases de ataque, defesa e transições), como descrito anteriormente, pesquisadores desenvolvem metodologias para análises de jogo que são dirigidas para diferentes enfoques, dentre esses temos: o técnico (erros e acertos de fundamentos); o tático (que visa obter informações acerca das interações entre os jogadores das equipes envolvidas); o de preparação física (que busca a obtenção de informações relacionadas às capacidades físicas dos atletas); o de cunho psicológico (com medições de

<sup>7</sup> Schmidt & Wrisberg (2001) apontam o *feedback* intrínseco como a informação sensorial que ocorre quando os indivíduos produzem movimentos e que pode originar-se de fontes externas ou internas ao corpo. Já o *feedback* extrínseco trata da informação sensorial proveniente de uma fonte externa, que soma-se ao *feedback* intrínseco; também conhecido como *feedback* aumentado.

estresse de atletas e níveis de atenção, por exemplo); o de cunho sociológico (com análises sociométricas dos atletas ou mesmo de impactos provocados pela prática da modalidade no contexto social dos atletas) entre outros tipos de análises.

Essas análises, que possivelmente contêm informações sobre o comportamento, nas diversas instâncias, dos jogadores em situações competitivas, fornecem um mapeamento geral dos comportamentos individuais e coletivos que podem sofrer interferência direta durante as sessões de treinamentos. Para Argudo Iturriaga & Riera Lloret (2001) a análise dos esportes coletivos, no que se refere aos seus aspectos táticos, encontra dificuldades como o estabelecimento de parâmetros que sejam determinantes no rendimento dos jogadores. Tal prática tende a aproximar, a cada dia, as situações de jogo aos treinos (e vice-versa) para que os esportes sejam treinados com o máximo de especificidade e com maior possibilidade de transferência das competências treinadas para aquelas apresentadas em competições, o que nos leva a afirmar que a análise de jogo tem papel fundamental nos treinamentos táticos e que deva ser vista como uma ferramenta no treinamento contemporâneo.

Analisando a afirmação de Greco (2001, p.51) de que “o treinamento se apóia no ensino-aprendizagem e, através do seu planejamento consciente e variado, permite a sua fixação e possibilita o crescimento do nível de aptidão”, entendemos que quanto mais o planejamento dos treinamentos se aproximar das situações de jogo, mais eficaz será o crescimento dessas aptidões. Porém tal fator depende diretamente de três variáveis: a) o entendimento das situações de jogo (percepção); b) das variáveis a serem analisadas; e c) do método de quantificação e análise dessas variáveis. Sendo assim, aponta-se para a necessidade de analisar o jogo a partir de seu contexto técnico-tático e da realidade apresentada pela equipe. Uma análise apenas dos fatores técnicos, como a efetividade dos passes ou dos arremessos, e ainda das violações das regras (como a condução da bola e a andada, por exemplo), pode ocultar importantes aspectos táticos (como a falta de criação de uma linha de passe, ou a movimentação de dois atacantes para uma mesma região da quadra). Torna-se importante para a especificidade das aulas e treinamentos, portanto, a relação entre as variáveis técnicas e táticas, que configuram o complexo contexto técnico-tático do jogo.

Diversos autores reportados na literatura desenvolveram métodos para análises esportivas, sejam elas relacionadas às variáveis técnicas ou táticas, em busca da melhor compreensão de algumas modalidades. Ohashi et al. (1987), a partir da utilização de duas

câmeras de vídeo, desenvolveram um método para registrar as velocidades e distâncias percorridas por um jogador durante uma partida de futebol. Já Partridge et al. (1993), com enfoque na performance técnica, desenvolveram um sistema composto por um painel digitalizador adaptado a um computador para analisar a Copa do Mundo de 1990. Erdmann (1993) realizou um estudo cinemático do posicionamento de jogadores de futebol a partir da adaptação de uma folha quadriculada à tela da televisão, na qual eram transcritos os pontos correspondentes ao jogador na tela durante a reprodução quadro a quadro da partida filmada.

Apesar de as metodologias descritas (sucintamente) anteriormente abordarem diferentes enfoques (da tática, da técnica ou da performance física), essas possuem em comum o fato de serem extremamente trabalhosas (pois quanto mais variáveis se queira quantificar maior deverá ser o número de pessoas envolvidas) e terem um custo alto quando nos referimos ao tempo gasto para a quantificação e análise dos dados. Hughes & Franks (1997) afirmam que as análises esportivas baseadas em imagens de vídeo são importantes para os técnicos na busca pela otimização dos processos de acesso à performance, seja esta relacionada aos parâmetros fisiológicos, técnico-táticos ou de preparação física, pois fornecem informações mais detalhadas sobre o próprio processo de treinamento. Os autores citam, ainda, a relevância do uso desse tipo de análise nos jogos de invasão (como o handebol) devido ao “grande número de parâmetros que definem as ações esportivas” (*ibidem*, p.18).

Mais recentemente houve a incorporação, nos procedimentos de quantificação e arquivamento dos dados, de outros mecanismos decorrentes de inovações tecnológicas, que permitem arquivar uma quantidade maior de dados e, conseqüentemente, proporcionar a análise de um número maior de variáveis. Ainda no âmbito do futebol, que tem sido o esporte com o maior número de metodologias propostas para análises talvez pela sua espetacularização e mercado consumidor internacional, Hennig e Briehle (2000) desenvolveram um método de rastreamento dos jogadores por GPS, para registrar a distância e a velocidade dos deslocamentos desses. Figueroa et al. (2006) desenvolveram um método de rastreamento automático dos jogadores que permite o arquivamento de uma grande quantidade de dados e análises de trajetórias, distâncias percorridas e velocidades de todos os jogadores de ambas as equipes.

Voltada à análise do handebol, temos como referência o método proposto por Pers e Kovacic (2000), que analisaram uma partida experimental de handebol, na qual foram quantificadas as distâncias percorridas e velocidades dos jogadores. Menezes (2007) propôs e

avaliou um método de análise cinemática de jogadores de handebol capaz de quantificar, com precisão, variáveis como trajetórias de todos os jogadores, suas distâncias percorridas e velocidades, que estão diretamente relacionadas às performances tática e física. Oliver Coronado (2005) desenvolveu um trabalho com o objetivo de analisar dois aspectos: a) estudar os diferentes dados estatísticos de cada equipe (como altura, peso, valores antropométricos e idade das atletas, além dos arremessos realizados de cada posição, gols marcados, a participação de cada jogadora no tempo total de jogo); e b) avaliar qualitativamente a competição e cada equipe nacional (a partir da observação dos jogos e dos dados quantitativos).

Com relação ainda às análises de jogo referentes ao handebol, a EHF<sup>8</sup> realiza após cada competição uma análise quantitativa das equipes envolvidas. Essa análise (também chamada de *scout*) contém informações referentes ao aproveitamento de cada jogador em cada região da quadra, as sanções aplicadas pela arbitragem a cada atleta, o aproveitamento dos goleiros e as regiões do gol (dividido em 6 quadrantes) com as respectivas eficácias. Trata-se de uma análise técnica individualizada de todos os jogadores das equipes participantes.

Porém, algumas conclusões provenientes de estudos puramente quantitativos, que apresentam estatísticas das técnicas individuais em um jogo, conduzem os pesquisadores da área da Pedagogia do Esporte a questionar o quanto são relevantes estes dados, pois geralmente estão apresentados de forma descontextualizada à situação do jogo (GARGANTA, 2001). Ainda para Garganta (2001, p.61):

*“Uma das tendências que se perfilam prende-se com a detecção de padrões de jogo, a partir das ações de jogo mais representativas, ou críticas, com o intuito de perceber os fatores que induzem perturbação ou desequilíbrio no balanço ataque/defesa. Neste sentido, os analistas procuram detectar e interpretar a permanência e/ou ausência de traços comportamentais na variabilidade de ações de jogo”*

Tal afirmação nos remete ao questionamento de que essas ações dos jogadores, ao serem analisadas separadamente do contexto em que ocorrem no jogo, tornam-se apenas descritivas das eficácias individuais, e podendo não ser representativas quando analisado o jogo de forma coletiva. Concorde-se, então, com a afirmação de Müller et al. (1996, p10):

---

<sup>8</sup> Federação Européia de Handebol, um dos principais órgãos de gerenciamento e organização do handebol em todo o continente europeu.

*“O rendimento em um jogo desportivo de equipe como é o handebol não deve ser entendido em princípio como a soma dos resultados dos jogadores da competição em gols, pontos ou passes conseguidos. Se quer avaliar um resultado de rendimento corretamente, deve descobrir também as chaves para sua consecução internas e externas. Estas são multidimensionais e no jogo desportivo estão especialmente inter-relacionadas”.*

Greco (2000) descreve alguns procedimentos de avaliação de jogos de handebol, baseados na anotação manual de dados em planilhas, com as seguintes denominações: a) *scout* de observação (seqüência de jogo); b) *scout* técnico; c) *scout* de observação tática; d) observação de gols e atuação do goleiro; e e) *scout* tático de contra-ataque. Santos (2004) desenvolveu um estudo que, a partir da análise das táticas ofensiva e defensiva das equipes finalistas dos Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, tinha como objetivo traçar um perfil sobre as tendências de jogo do handebol analisando, sobretudo, as eficácias das equipes em diferentes condições de jogo.

Essas análises de jogo devem (ou deveriam) ser capazes de identificar o maior número possível de variáveis em cada uma das etapas, com um certo grau de “flexibilidade”, inclusive, para permitir que fatores passíveis de imprevisibilidade do jogo sejam corretamente analisados e mesmo arquivados.

Santos et al. (2009, p.31) ao analisarem as variáveis e as análises de jogo apontam um panorama descontextualizado da forma com que essas ocorrem durante uma partida:

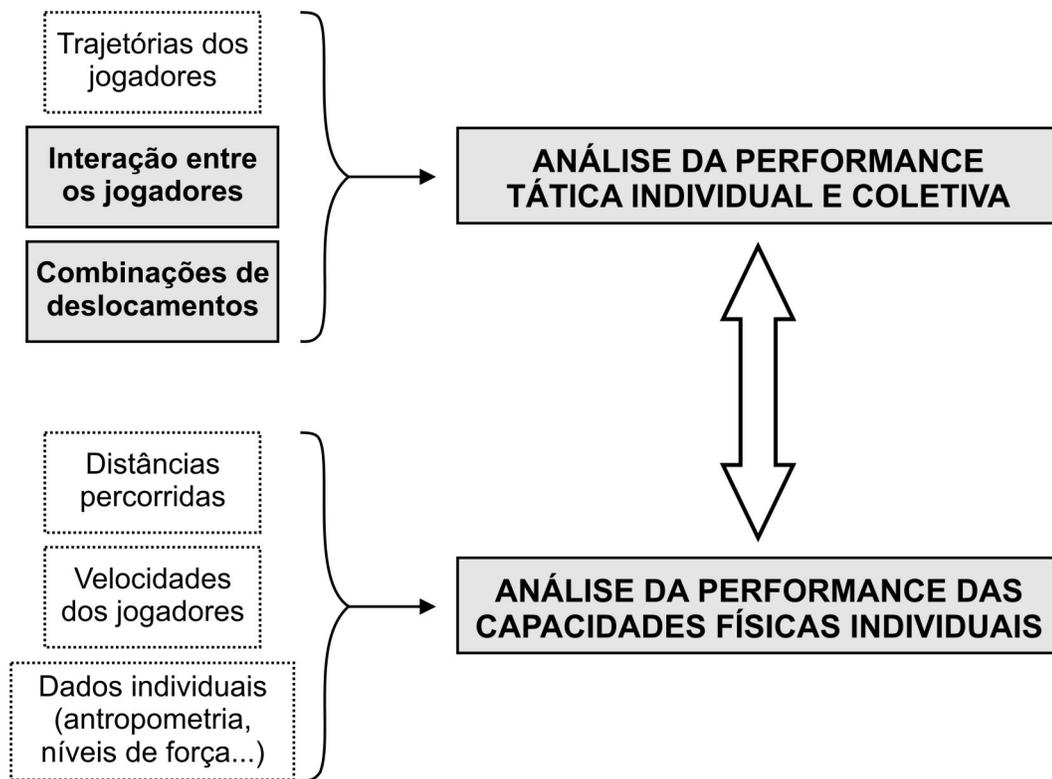
*“Tradicionalmente, as publicações sobre a análise do jogo estão praticamente confinadas pela coleta de indicadores quantitativos (por exemplo, o número de passes), os indicadores qualitativos (por exemplo, as áreas de recuperação da bola), e indicadores externos (por exemplo, a distância) do jogo. No entanto, estes indicadores podem não expressar necessariamente toda a complexidade de um desempenho quando enquadrada no contexto que levou à sua expressão [...]. Isso não pode ser obtido especificamente através de uma análise interativa de fatores contextuais no âmbito das ações do jogo, uma vez que sua identidade é criada através de uma articulação do sistema que cria condições para a sua manutenção ou mudança, dependendo das circunstâncias”*

Sendo assim, um dos maiores desafios para a realização de uma análise do jogo talvez esteja no fato de definir quais variáveis são relevantes para tentar explicar determinados comportamentos individuais ou coletivos, ou mesmo identificar quais são os processos ofensivos e defensivos que geraram situações favoráveis ou desfavoráveis para os jogadores com e sem a bola. Segundo Argudo Iturriaga & Lloret Riera (2001, p.1):

*“para toda pessoa que se preocupou em realizar uma avaliação da tática nos esportes coletivos, a primeira dificuldade que foi encontrada, foi a de estabelecer os parâmetros que realmente são determinantes; a maioria, senão todas as estatísticas sobre o desempenho em esportes coletivos, certamente não avaliam a tática”.*

Dessa forma é permitido afirmar que a maior dificuldade em realizar análises táticas está em determinar quais são os parâmetros relacionados à tática, e não apenas aos resultados das ações. Para os autores, a avaliação da tática está relacionada diretamente com o cálculo do rendimento dos sistemas de jogo e das ações executadas pelos jogadores, a partir de uma relativização da eficácia. Essa relativização é calculada a partir do número de acertos em detrimento do número de tentativas, e geralmente encontra-se vinculada apenas ao aspecto técnico, e não ao cenário técnico-tático do jogo.

Na Figura 2 está representado um esquema sobre as necessidades de análise e as possibilidades de análise desta pesquisa (caixas à esquerda em cinza). Vale a pena ressaltar que todas as variáveis estão interligadas, ou são interdependentes.



**Figura 2 - Esquema representativo das variáveis e de suas rela es**

Devido   flexibilidade de variáveis que os esportes coletivos permitem analisar diferentemente as situa es competitivas, cada técnico opta, principalmente, por questões de cunho técnico ou técnico-tático. Muitos desses preferem as análises referentes aos fundamentos (análise técnica, ou como alguns aludem a *scout*) dos jogadores, como passes, arremessos ou recep es (certos ou errados), enquanto que outros preferem analisar alguns meios táticos ofensivos<sup>9</sup> (análise tática), como a incidência de cruzamentos, trocas de postos específicos ou mesmo altera es de sistemas de jogo. Porém cabem alguns questionamentos: qual seria a melhor forma de avaliarmos a performance dos jogadores e da equipe como um todo? Qual o modelo de análise de jogo mais eficiente para ser apresentado ao técnico durante a partida? Existem condi es de apresentar ao técnico, em tempo real, análises de dados que possibilitem mudanças do “cenário tático” de uma partida?

<sup>9</sup> Segundo Moreira e Tavares (2004, p.31), “a utiliza o de meios táticos de grupo revela-se como o complemento dos sistemas de jogo, permitindo alguma criatividade a partir de combina es simples de dois ou três jogadores”

Geralmente as análises de jogo contemplam apenas as variáveis relacionadas à eficácia de atacantes ou dos sistemas. Gutiérrez Aguilar et al. (2009) faz uma crítica a essa tendência nas análises, apontando a pobreza de conteúdos avaliados, como apenas o número de bloqueios efetuados, o número de interceptações realizado ou descrições qualitativas dos sistemas utilizados por Seleções em situações de igualdade ou desigualdade numérica. Ainda para o autor:

*“os aspectos defensivos utilizados nessas avaliações só supõem uma aproximação ao que pode ser o rendimento defensivo, já que a quantificação e avaliação dos aspectos tais como os bloqueios realizados, as recuperações de bola, etc., são ações individuais que não têm porque estar relacionadas com o rendimento coletivo. Por esse motivo, se faz necessário avaliar o rendimento dos sistemas defensivos utilizados”.* (GUTIÉRREZ AGUILAR et al., 2009, p.4)

Torna-se importante ressaltar, a partir da afirmação do autor supracitado, que as ações individuais, enquanto inseridas em um contexto defensivo, podem ser relacionadas ao êxito coletivo, como a indução do erro do atacante por um defensor que se aproxima desse. Parte-se do pressuposto de que analisar apenas a ação de um defensor de forma isolada pode não indicar êxito defensivo e que, diante de algumas situações, pode fornecer informações equivocadas como, por exemplo, quando da falha de um defensor (que tenta sair rapidamente para pegar a bola e apenas toca levemente nesta) que tem como continuidade a recuperação da posse da bola por um segundo defensor.

A importância do arquivamento das informações obtidas durante uma partida é justificada por Hughes & Franks (1997) ao pesquisarem o recordatório de técnicos experientes e inexperientes sobre a performance de jogadores, afirmando que os técnicos experientes obtiveram um maior índice de falsas respostas (ou falso positivo, indicando que havia diferença quando, de fato, não havia) em relação aos inexperientes. Os autores atestam ainda para a falibilidade e a limitação da memória humana, apontando a inviabilidade de lembrar todos os acontecimentos de um jogo ou de uma seqüência de jogos. Garganta (2001, p.63) complementa as afirmações desse estudo da seguinte maneira:

*“Sabendo-se que o processamento da informação visual é extremamente complexo e que os técnicos estão submetidos à forte pressão das emoções e à parcialidade, como alternativa à observação casual e subjetiva, tem-se sugerido e utilizado a observação sistemática e objetiva, a qual tem*

*permitido recolher um número significativo de dados sobre o jogo, nomeadamente através de sistemas computadorizados”*

Entende-se, então, que é imprescindível a utilização de computadores para o arquivamento dos dados, principalmente pela quantidade de informações que podem ser inseridas para uma mesma ação (como o tipo, o local, quem executou e em que momento do jogo foi realizada) e pelas possibilidades de exploração posterior dessas durante o procedimento de análise, como a exploração visual por meio de gráficos ou planilhas. Os sistemas devem ser elaborados, segundo Garganta (2001, p.63):

*“face às necessidades e particularidades dos JD, justifica-se a construção de sistemas elaborados a partir de categorias integrativas, configuradas para caracterizar (Garganta, 1997): (1) a organização do jogo a partir das características das seqüências de ações (unidades táticas) das equipas em confronto; (2) os tipos de seqüências que geram ações positivas; (3) as situações que induzam ruptura ou perturbação no balanço ofensivo e defensivo das equipas que se defrontam; (4) as quantidades da qualidade das ações de jogo”.*

A construção desses sistemas dos quais o autor se refere, com categorias que possam integrar diferentes tipos de dados, devem fornecer dados significativos para que haja um entendimento dos processos ofensivos e defensivos (de erros e acertos, geralmente associados às respostas dos sistemas). Esses sistemas devem permitir transformar as informações obtidas em benefícios nas fases de treinamento, como o fornecimento de parâmetros e indicadores técnico-táticos que obedeçam a seqüência de acontecimentos durante a partida, e não apenas análises técnicas ou de efetividade de arremessos, que não agregam informações do contexto do jogo.

Em uma análise mais específica dos conteúdos do handebol (que serão descritos detalhadamente no Capítulo II), Andrés et al. (1997) avaliaram quatro equipes alemãs de handebol, durante três partidas, a partir de um esquema baseado nas fases do jogo, descrevendo algumas situações observadas em cada uma dessas, como:

- Fase de contra-ataque: percentuais de contra-ataque em primeira onda e em segunda onda; percentuais do tipo de finalização do contra-ataque (gol – e as regiões correspondentes –, faltas ou tiros de 7 metros e erros);

- Fase de organização do ataque: o sistema ofensivo adotado em inferioridade numérica (5x6); o desenvolvimento do sistema ofensivo (se há alterações no sistema para 2:4 ou 3:3 com dois pivôs); quando da transformação para outro sistema (que não o 3:3 clássico), os jogadores responsáveis por essa alteração (armadores direito e esquerdo ou armador central); as combinações táticas coletivas mais utilizadas (que serão descritas como meios técnico-táticos ofensivos coletivos – cruzamentos, bloqueios, pantallas, cortinas e outros); e as estatísticas de arremessos dos jogadores;
- Fase defensiva: percentual de contra-ataques evitados; os sistemas defensivos utilizados em situações de inferioridade, superioridade ou igualdade numéricas; as ações mais utilizadas (que serão descritas como meios técnico-táticos defensivos – basculação, bloqueios, ajudas e trocas de marcação).

Santos et al. (2009) apresentaram o desenvolvimento de um instrumento de detecção dos padrões de movimentação de pivôs, a partir de um modelo que considera a contextualização e o registro detalhado dos comportamentos observados. Esse modelo é vantajoso, segundo os autores, pois se trata de um modelo aberto e, contudo, permite alta flexibilidade na anotação dos dados. Para a constituição do modelo de análise do pivô, foram adotados seis critérios:

1. recuperação da posse da bola: localização espacial em um “campograma”;
2. desenvolvimento do processo ofensivo: ações dos jogadores após a recuperação da posse da bola;
3. início do ataque organizado: após a fase de contra-ataque, com ações rápidas dos atacantes diante de uma defesa já posicionada;
4. ações do pivô sem a posse da bola: procedimentos táticos ofensivos do pivô, sem a posse da bola, durante o desenvolvimento do jogo em grupos ou coletivo;
5. ações do pivô com a posse da bola: ações que o pivô realiza para marcar o gol, se protegendo completamente do adversário;

6. finalização do pivô e fim do ataque organizado: quando a equipe deixar de possuir a bola.

Os autores relataram que, a partir desse tipo de estudo, é possível analisar aspectos do jogo de uma forma seqüencial e contextualizada, que possa medir aspectos reais do jogo, como a manifestação das táticas.

Diante do exposto neste capítulo, que permeou a abordagem do handebol enquanto JCE, caracterizado pelo seu caráter imprevisível, serão apresentados no Capítulo II os sistemas de jogo, os postos específicos e os meios técnico-táticos ofensivos e defensivos do handebol, com o objetivo de fornecer parâmetros para a compreensão do cenário técnico-tático estabelecido durante um jogo.

## 1.2. Estrutura dos Jogos Coletivos Esportivizados

A partir da observação do esporte profissional, percebe-se que a busca pela excelência esportiva, por técnicos e atletas, alcançou níveis em que uma partida, nos esportes coletivos e em alguns individuais, ser definida por detalhes estratégico-táticos<sup>10</sup>, e uma competição ou um recorde, nos esportes individuais, serem definidos por milésimos de segundo ou milímetros de distância. Alguns detalhes nas competições profissionais, com essa importância, passariam despercebidos não fossem as análises realizadas por laboratórios de pesquisas que adotam uma metodologia minuciosa de investigação, tais como as pesquisas de Gutiérrez-Dávila *et al.* (2003) e Mercadante *et al.* (2007) com o lançamento do martelo; as de Misuta (2004), Menezes *et al.* (2005) e Figueroa *et al.* (2006) com o futebol; as de Pers & Kovacic (2000) e Menezes (2007), com o handebol; ou por técnicos que possuem um conhecimento aprofundado

---

<sup>10</sup> Consideraremos, a exemplo do trabalho de Santana (2008) a estratégia como uma planificação, em um sentido amplo, dos objetivos e formas de alcance destes, como uma concepção das táticas. Está relacionada com a coordenação e organização do conjunto de táticas (ofensiva, defensiva e de transições) a serem utilizadas para atingir o objetivo final. A tática será considerada como uma dimensão de prazo mais curto do que a estratégia, como o conjunto de ações individuais a serem tomadas, inteligentemente, pelos membros da equipe para atingir os objetivos coletivos propostos para tal situação (ataque, defesa e transições). A tática também engloba a execução dos meios táticos (ou elementos técnico-táticos) ofensivos e defensivos para gerar situações favoráveis aos referidos sistemas. Para Riera Riera (1995, p.45) “temos que reconhecer que não há unanimidade sobre o significado destes conceitos [estratégia e tática] e muitas vezes são utilizados de forma pouco precisa”.

dentro de uma determinada modalidade, como as pesquisas de Oliver Coronado (2000 e 2005) acerca do handebol.

Nos esportes individuais a preocupação na obtenção de resultados, muitas vezes, está associada ao caráter técnico do atleta, ou seja, quanto mais correta for a execução de cada uma das etapas da cadeia de movimentos de determinada habilidade motora (seja esta aberta ou fechada; ou ainda discreta, seriada e contínua, como sugerem SCHMIDT & WRISBERG, 2001), maior será a chance desse atleta alcançar os melhores resultados, como sugere o trabalho de Gutiérrez Aguilar et al. (2009). Quando nos reportamos aos esportes coletivos o caráter individual pode apresentar menor relevância ao comparado aos esportes individuais, em contrapartida o caráter tático coletivo assume uma importância maior quando é comparado com uma modalidade individual, porém nota-se que o resultado final de uma partida procede de uma total influência da interação entre os jogadores de uma mesma equipe e da interação desses com seus adversários. Há uma remota possibilidade de uma partida de handebol obedecer, em sua totalidade, alguns padrões de movimentos ou movimentações pré-estabelecidas<sup>11</sup> durante todo o tempo, sendo a “lógica” do jogo alterada a qualquer instante devido à percepção dos jogadores frente à imprevisibilidade das situações impostas pelo jogo, que será discutida posteriormente.

Então, como consequência de suas características e heterogeneidades, os JCE's se tornaram objetos de investigação de diversas áreas do conhecimento humano, como a Psicologia, a Pedagogia, a Física, a Fisiologia, a Bioquímica, a Sociologia, a Biomecânica entre outras. Em particular, os estudos contidos nessas diversas áreas buscam a compreensão e a explicação de alguns fatores, específicos ou não, inerentes aos jogadores, seja de cunho tático, técnico, psicológico ou da preparação física, por exemplo, ou mesmo relacionados com o comportamento coletivo, como as interações entre os jogadores, as relações de oposição entre os adversários, a motivação dos jogadores em cada fase do jogo, a execução dos movimentos, entre outros.

Entender-se-á, nesta pesquisa, que a denominação “técnica” se referirá exclusivamente à execução dos fundamentos, enquanto que a denominação “técnico-tática” à situação na qual o jogador se depara e precisa solucioná-la tecnicamente (com um gesto eficaz) e taticamente (contemplando uma tomada de decisão inteligente, contextualizada e eficaz,

---

<sup>11</sup> Não estamos mencionando aqui o chamado “jogo pré-fabricado”, no qual o ataque de uma equipe executa uma “jogada ensaiada” com o objetivo de desequilibrar a defesa, mas sim padrões constantes de jogo, como as movimentações dos jogadores de ataque e defesa, os contra-ataques e as demais derivações do jogo.

indissociada do caráter técnico). Concordando com Solá Santesmases (2005, p.37), que afirma que “a tática não é secundária à técnica, nem a técnica o é a respeito da tática”, considera-se que ambas são interdependentes, pelo fato de as interações táticas poderem ocorrer de forma limitada caso não haja um domínio da técnica a ser empregada; por outro lado, um jogador pode ter uma excelente qualidade de execução da técnica, mas se executada de forma alienada do contexto do jogo pode não surtir o resultado favorável à sua equipe.

Pelo fato de os esportes coletivos apresentarem características próprias, em específico o handebol, como o tamanho da bola, as dimensões da quadra, a duração dos tempos de jogo, as formas de disputa e o número de jogadores, por exemplo, cada uma das modalidades apresenta problemas específicos e que necessitam de análises e soluções específicas que respeitem seu regulamento. Sendo assim, nota-se que nos esportes coletivos existem dois tipos de estruturas, segundo Oliver Coronado & Sosa González (1996), que servem como pilares para as suas práticas, sendo que algumas dessas não se alteram no decorrer do jogo (chamadas de estruturas fixas ou, segundo Bayer (1987), de *parâmetros invariáveis do jogo*) e outras estruturas que estão sujeitas a modificações no decorrer desse (chamadas de estruturas variáveis), sendo:

- a) **estruturas fixas:** as dimensões da quadra, a duração do jogo, a baliza (trave), o tamanho e o peso da bola, os árbitros, as regras;
- b) **estruturas variáveis:** o número de jogadores, os sistemas ofensivos e defensivos, as formas de utilização dos fundamentos, as possíveis interações entre os jogadores, as sanções da arbitragem, a presença ou não de torcedores e o caráter do jogo (ou seu “grau de importância” como um amistoso, uma semi-final, uma final...).

Todos esses “componentes estruturais” da modalidade influenciarão, de alguma forma e com diferentes intensidades, nas concepções de tática adotadas pelos técnicos<sup>12</sup>. Há que ressaltar o fator relacionado com as metodologias de ensino dos esportes coletivos, que diferem em suas concepções e intervenções, apresentando relações diretas com as questões relacionadas ao aprendizado dos jogadores, mas que não serão abordados nesta pesquisa. Aludindo às metodologias de ensino dos esportes coletivos, Faria & Tavares (1996) afirmam que os jogadores

---

<sup>12</sup> Além da influência dos componentes estruturais nas concepções de táticas, a visão do treinador também é influenciada pela sua formação acadêmica e pela relação que teve com a modalidade, como o fato de ter sido ex-atleta e de como se deu seu processo de aprendizagem dentro da modalidade. Porém tais fatores não serão discutidos no decorrer deste capítulo.

são submetidos aos processos de treino nos quais não podem expressar sua criatividade, seja pelo gesto técnico ou por uma ação ou decisão a ser tomada, e uma possível solução para tal fato é proporcionar aos jogadores situações de autonomia de ação e ainda, para Lasierra Aguilá (1990), os elementos ofensivos apresentam importância muito maior no início das fases de ensino do que os defensivos, havendo uma preferência pelo ensino daqueles em detrimento desses. Sendo assim, torna-se importante considerar que:

*“seria necessário pensar que em todo esporte coletivo teria que existir um jogo com equilíbrio de forças entre o ataque e a defesa, ou seja, cada ação do ataque deveria ser compensada por uma ação defensiva”.*  
(LASIERRA AGUILÁ, 1990, p.60)

Sendo assim, atribui-se à Pedagogia do Esporte o objetivo, dentre outros, da organização do cenário técnico-tático do jogo a partir da estruturação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, para que seja possibilitado ao jogador o desenvolvimento de suas capacidades motoras, cognitivas e psicológicas, permitindo a sua atuação em um jogo de bom nível.

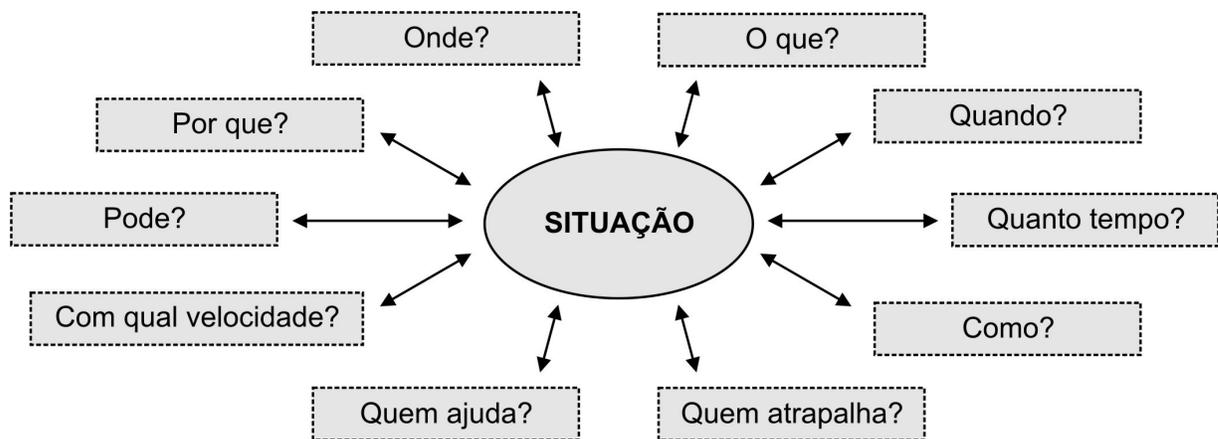
### **1.3. Tática nos Jogos Coletivos Esportivizados**

Araújo (2003), quando se refere ao trabalho de Garganta & Cunha e Silva (2000) que tiveram como objeto de estudo o futebol, afirma que a modalidade obedece a idéia de um sistema caótico, que também pode ser aplicado aos demais JCE's, como segue definição do autor:

*“é um sistema determinístico apesar de ter variabilidade, onde existem regularidades devido aos constrangimentos que o caracterizam (p. ex., a regra), mas cuja sensibilidade às condições iniciais faz com que dentro de um padrão identificável (que é o jogo e as respectivas jogadas) não haja repetibilidade. Portanto, apresentam o jogo de futebol como um sistema dinâmico aberto, longe do equilíbrio. Dito de outro modo, é um sistema constituído pelos aspectos ambientais, constituído também pela tarefa a desempenhar com as suas estratégias e com as suas regras e*

*constituído pelos jogadores que funcionam autonomamente (com a sua morfologia, fisiologia, cognição, emoção, etc.), apesar de coordenados entre si” (ARAÚJO, 2003, p.90)*

O handebol, assim como os demais JCE's, é caracterizado como um esporte de situação (FARIA & TAVARES, 1996, p.33), no qual “as ações do jogo possuem uma natureza complexa, que determina sempre alguma forma de imprevisibilidade e onde as situações devem ser entendidas como unidades de ação irredutíveis a um elemento único”. Essa natureza complexa advinda da multiplicidade de situações (BALBINO & PAES, 2005, p.140) está relacionada com diversos questionamentos durante a situação experimentada pelos jogadores, tais como os representados na Figura 3.



**Figura 3 - Representação da complexidade que envolve uma situação, baseada em questionamentos que possam surgir nos jogadores durante o processo de tomada de decisão**

As sucessões de situações contidas no jogo agregam em si o caráter imprevisível, pois dependem das inúmeras interações entre os jogadores de uma mesma equipe e dos adversários, além do fato de controlar a bola. Dentro dessa perspectiva, Mahlo (1997, p.17) descreve que em relação ao JCE:

*“há uma coisa que o diferencia e que se liga à sua própria essência: consiste em resolver praticamente, e no respeito de todas as regras em vigor, um grande número de problemas postos pelas diversas situações*

*de jogo; esta situação deve ser simultaneamente rápida e deliberada, visando o maior êxito possível da atividade global”.*

Para alcançar, por exemplo, vantagens numéricas ofensivas ou defensivas interessantes para cada um dos sistemas, os jogadores devem dispor de um repertório motor e cognitivo que os permita tornar a situação favorável para a sua equipe a qualquer momento. Já as situações de contra-ataque apresentam vantagens já conseguidas a partir da saída rápida dos atacantes, iniciando o jogo em superioridade numérica, embora em algumas situações inicie-se com igualdade numérica, porém com os atacantes deslocando-se rapidamente contra um sistema defensivo desorganizado, ou sequer constituído, naquele momento, enquanto sistema. Outro fator a ser destacado na importância dos contra-ataques, juntamente com a possibilidade de superioridade numérica, refere-se à rapidez com que se chega ao gol adversário (ou “contra-gol”<sup>13</sup>), que é favorecida pelos questionamentos aos quais os defensores estão submetidos durante seu retorno para o sistema (defesa posicional): “para onde corro?”, “quem devo marcar?” ou mesmo “qual é o atacante que oferece maior perigo?”. A complexidade envolvida nessa fase é contemplada, também, por Tavares (1996, p.25), que afirma que a “atividade motora do atleta exige que ele seja capaz de analisar e interpretar a situação percebida, e de executar a resposta com o máximo de precisão”.

Para Greco (1988, p.22) “as ações desportivas se baseiam em uma inumerável quantidade de gestos motores, que são produto de complicados mecanismos e processos nas áreas psíquica e motora que transcorrem como consequência um do outro, e às vezes simultaneamente, em uma escassa relação de tempo”. Complementando a afirmação do último autor, entendemos que essa inumerável quantidade de gestos isoladamente, por exemplo, já caracterizam a imprevisibilidade do esporte, como as diferentes formas de passar uma bola ao companheiro ou de arremessá-la ao gol no final de uma situação coletiva. Dentro dessa mesma perspectiva, referente aos fatores que tangem a interação entre os jogadores, Garganta (1995, p.12) afirma que:

---

<sup>13</sup> O contra-gol, ou contragol, é definido por Gutiérrez Delgado (2004, p.14) como “aquela ação individual ou coletiva pela qual uma equipe tenta marcar o gol rapidamente mediante um tiro rápido de centro depois de um fracasso defensivo”.

*“os JDC são atividades ricas em situações imprevistas às quais o indivíduo que joga tem que responder. O comportamento dos jogadores é determinado pela interligação complexa de vários fatores (de natureza psíquica, física, tática, técnica,...). Nesta medida, devem os jogadores resolver situações de jogo que, dadas as diversas configurações, exigem uma elevada adaptabilidade, especialmente no que diz respeito à dimensão tático-cognitiva”.*

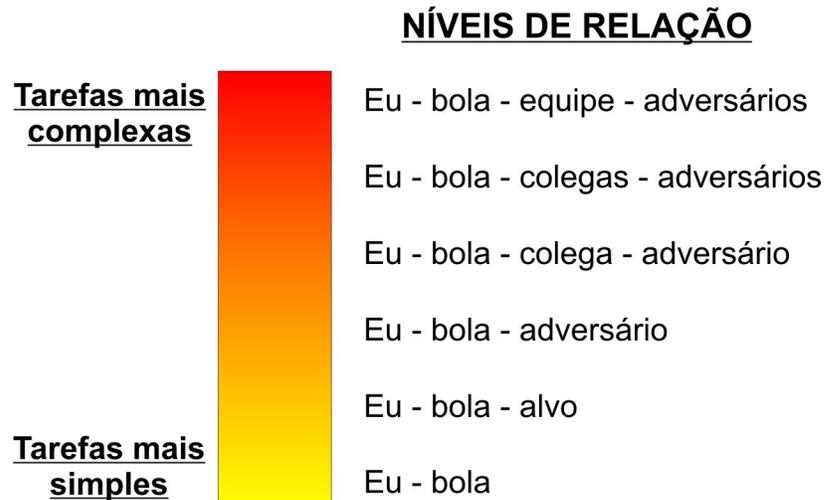
Entendemos, então, que os JCE's estejam diretamente relacionados com a resolução de situações-problema aos quais os jogadores estão submetidos constantemente e de forma mutável, e as ações são tomadas por esses com base na percepção que possuem do jogo, nas ferramentas psicomotoras que possuem para a resolução de uma tarefa e no processamento das informações contidas no jogo e nas experiências vivenciadas anteriormente na modalidade. Os jogadores são, então, agentes interventores diretos dos processos, meios e sistemas do jogo, o que sugere pensar a importância de que esses apresentem respostas coerentes às diversas situações de jogo, agindo inteligentemente dentro das táticas, individuais e coletivas, adotadas para solucionar tais situações.

Estabelecendo um paralelo com as idéias centrais e com os conceitos dos autores citados anteriormente, entende-se que os JCE's dependem de estruturas fixas e variáveis (específicas de cada modalidade), e que a complexidade para o seu entendimento e para as suas análises e interpretações é diretamente proporcional aos níveis de interação entre os jogadores, como o número de companheiros e de adversários próximos e suas respectivas posições. Tal afirmação nos remete a pensar que em uma situação de 1x1, por exemplo, existem menos variáveis a serem controladas do que em uma situação 2x2, e assim sucessivamente até alcançarmos a estrutura do jogo formal.

Esses níveis dependem da interpretação de cada jogador frente a uma situação do jogo, de suas experiências anteriores (que podem influenciar no mecanismo de tomada de decisão) e das relações espaço-temporais-situacionais resultantes das alterações dinâmicas dos elementos do jogo e das ações produzidas por cada jogador. Solá Santesmases (2005, p.36) afirma que a interatividade dos jogadores apresenta a presença de parâmetros espaço-temporais, e que requer uma “dupla organização paramétrica própria do comportamento motor humano que explica o comportamento tático”.

Garganta (1995), ao discorrer sobre a complexidade das tarefas inerentes ao ensino dos JCE's, aponta seis níveis de relação, desde a interação entre o jogador e o instrumento

(a bola ou a sua manipulação) até a situação do jogo formal, considerada a mais complexa, como representado na Figura 4.



**Figura 4 - Esquemática baseada nos conceitos de níveis de relação descritos por Garganta (1995)**

Parte-se do pressuposto, então, de que durante uma partida os jogadores são submetidos às situações mais complexas, por se tratar do jogo formal em sua forma completa (eu-bola-equipe-adversários). Há que considerar, também, outras pressões exercidas por fatores externos ao jogo, como a presença ou não de torcida no local da partida, a importância da partida (semi-final, jogo eliminatório ou a equipe já estando classificada) e os fatores climáticos (como a temperatura, a umidade do ar e as instalações do local da partida).

No decorrer desse jogo os jogadores, quando em fase ofensiva, utilizando-se de suas possibilidades individuais e coletivas, tentarão constantemente transformar as situações complexas em simples ao objetivarem, por exemplo, uma superioridade numérica inicial ou um desequilíbrio dos defensores. Ambas as possibilidades poderão acarretar em um arremesso sem uma possível interferência do adversário (exceto o goleiro), sugerindo uma possível passagem para o nível eu-bola-adversário. Já para os defensores o principal objetivo, pensando nesta mesma lógica, talvez seja a manutenção do nível de relação mais complexo, que sugere uma vantagem para tal sistema, indo de encontro aos princípios ofensivos descritos como a constante tentativa de prever as ações dos atacantes.

Garganta & Oliveira (1996, pp.16-17), ao citarem o trabalho de Parlebas (1981), trazem uma importante afirmação balizadora dos JCE's:

*“Na perspectiva de Pierre Parlebas (1981) a reticência colocada perante a dicotomia estratégico-tática, convida a reinsserir o plano decisional no coração da própria ação motora. A decisão não está separada da ação. A racionalidade da situação não pode ser dissociada das condutas motoras cujas características energéticas, afetivas e relacionais condicionam a realização efetiva do projeto”.*

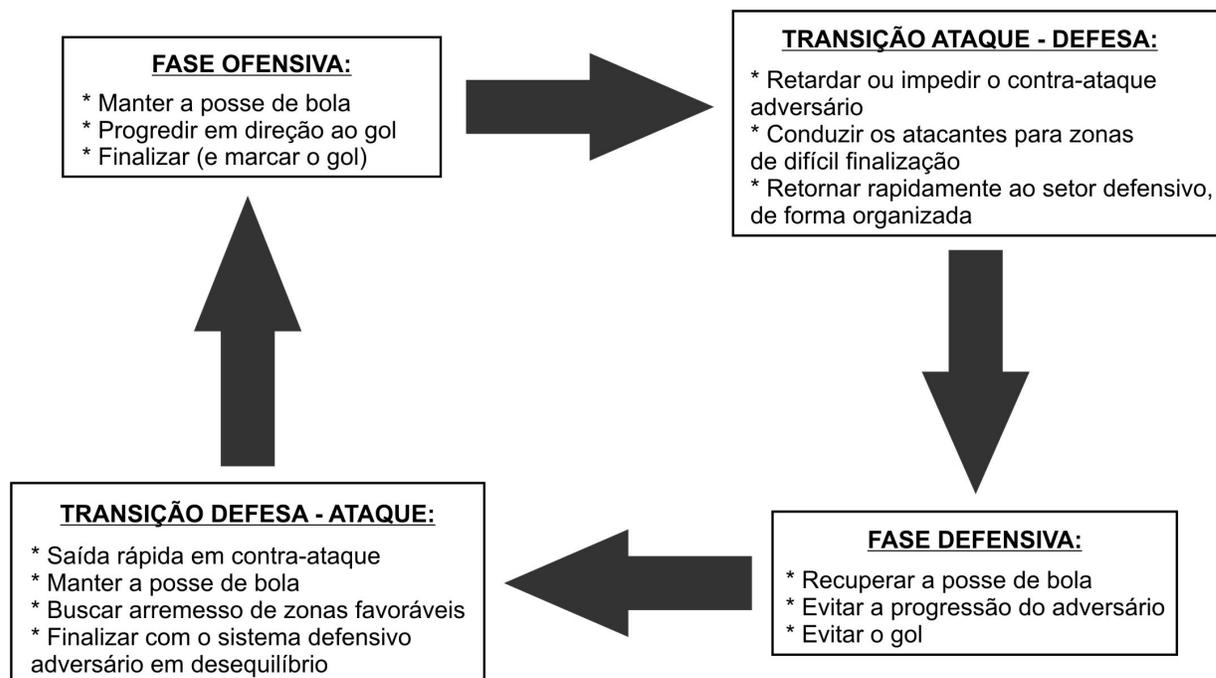
#### 1.4. As fases de jogo nos Jogos Coletivos Esportivizados

Devido à essa complexidade de cunhos interacional, cognitivo e coordenativo associada também às características energéticas citadas pelos autores (que não serão o foco deste trabalho), os jogadores devem desenvolver seqüências de tomadas de decisão encadeadas da forma mais inteligente possível e considerando os menores fatores de risco durante as fases de ataque, defesa e transições, nas quais as equipes se encontram. O domínio das técnicas específicas dessas fases e a capacidade de tomada de decisão dependem da sua adequabilidade à situação de jogo (GARGANTA & OLIVEIRA, 1996). Sendo assim, existem objetivos inerentes à cada uma das etapas dos jogos coletivos, das quais podemos citar, segundo adaptação da obra de Bayer (1994):

- **Fase ofensiva:** manter a posse da bola; progredir em direção ao gol adversário; arremessar dos melhores locais; conseguir marcar os gols;
- **Fase defensiva:** recuperar a posse de bola; dificultar os arremessos dos adversários; evitar a progressão do adversário; evitar o gol;
- **Fase de transição ataque → defesa:** impedir que o adversário progrida em contra-ataque; retornar rápido para o sistema; recuperar a posse de bola; conduzir os atacantes para zonas de maiores dificuldades para arremesso;
- **Fase de transição defesa → ataque:** induzir situações de contra-ataques; buscar rapidamente o arremesso de zonas favoráveis aos

atacantes; manter a posse de bola; progredir em direção à meta adversária.

Vale ressaltar que durante as fases supracitadas ambas as equipes envolvidas, seja ofensiva ou defensivamente, buscarão simultaneamente o próprio equilíbrio e o desequilíbrio do adversário, resultando na busca constante de superioridade numérica. Na Figura 5 está representado um esquema com os objetivos inerentes a cada uma das fases de jogo, de acordo com os princípios operacionais descritos anteriormente, bem como suas inter-relações (MENEZES & REIS, 2010).



**Figura 5 - As fases do jogo e seus respectivos objetivos (adaptado de MENEZES & REIS, 2010)**

Segundo Garganta & Oliveira (1996), as dimensões estratégica e tática, nos JDC, assumem um papel determinante pela complexidade de relações de oposição e cooperação decorrentes dos objetivos dos jogadores e das equipes em cada fase do jogo, além do conhecimento prévio da própria equipe e do adversário. Continuando com as explanações acerca das características dos JCE's, Greco (2001, p.48) afirma que “nos jogos esportivos coletivos

portanto, o comportamento tático do atleta deve ser flexível, de forma a facilitar sua adaptação às mudanças na situação de jogo”, e ainda que:

*“toda ação dos atletas nos jogos esportivos coletivos, portanto, deve ser analisada desde o ponto de vista tático, ou seja, pelo conjunto de capacidades que permitem ao atleta se ordenar no tempo e no espaço (timing), na própria ação, considerando a ação do adversário, do colega, do adversário mais próximo, entre outros parâmetros inerentes a situação de jogo”.*

Da mesma forma, para Mahlo (1997, p.17), “o ato tático no jogo partilha, tal como todas as ações desportivas, do fato de ser orientado e consciente”. Para Tavares (1996, p.28) a “variabilidade das situações de jogo, a rapidez com que se devem tomar decisões táticas e a velocidade na realização das ações motoras” são fatores determinantes nos JCE’s. Em consonância com as afirmações dos autores supracitados, há a ressalva de que a complexidade das tomadas de decisão e dos desencadeamentos táticos dos quais esses se referem são um fator determinante também para a seleção das variáveis a serem analisadas, principalmente quando nos remetemos a uma análise minuciosa da modalidade em qualquer manifestação da performance, seja voltada para o olhar técnico-tático ou para as capacidades físicas e vias energéticas.

Tal análise e a seleção de suas variáveis se transformam, por muitas vezes, em uma incógnita quando pensamos em analisar taticamente as equipes ou determinar erros e acertos de tomadas de decisão sem conhecer previamente a visão do jogador quanto às suas possibilidades de intervenção na modalidade, suas experiências anteriores ou sinais relevantes captados dos adversários e companheiros em determinado instante. Essas experiências anteriores dos jogadores permitem-lhes selecionar algumas ações para resolver uma determinada situação-problema ao invés de outras, fazendo com que sejam ignoradas automaticamente algumas ações que não são relevantes para tal contexto.

Os jogadores mais experientes, quando comparados com os menos experientes, além do fato de selecionarem de forma mais rápida a decisão a ser tomada, possuem melhor capacidade de leitura e antecipação das relações do jogo, sejam essas as de oposição ou as de execução das tarefas em tempo adequado (BOUTHIER, 1988 citado por TAVARES, 1996), o que nos remete à ideia de inteligência de jogo. Além dos citados, Müller et al. (1996) apontam ainda que fatores como a perfeição e precisão das execuções motoras, geradas pelo grau de

desenvolvimento dos jogadores mais experientes, são verificadas pelas eficácias desses, e também constituem um fator determinante. Outro diferencial entre os jogadores experientes e os menos experientes reside no fato de que os mais experientes possuem uma capacidade maior de prever a situação do jogo a partir das informações coletadas do contexto técnico-tático do jogo. A partir das informações provenientes do ambiente, das diferentes experiências já vivenciadas (tanto em quantidade como em variabilidade) e aos índices de erros e acertos dessas experiências, o jogador constrói suas bases de ação considerando o menor risco possível.

Considerando o alinhamento das questões táticas às questões de intervenção dos jogadores, Bayer (1987, p.22) descreve que, para que o jogador possua inteligência para o jogo, interpretada nesta pesquisa como inteligência voltada para a aplicação de seus conhecimentos em função da tática do jogo, ele deve ter:

*“uma atividade perceptiva muito desenvolvida que o faz estar preparado. Essa receptividade de informação se educa o por meio de: uma descentralização com respeito à bola, que permite buscar outros elementos do jogo que enriquecerão o aporte de informação; um significado atribuído a cada elemento do jogo, variável em função da evolução do jogador; uma hierarquização dos diferentes elementos (alguns são importantes, outros acessórios); uma antecipação ao desenvolvimento das situações de jogo, que permite prever, predizer a partir de um sinal prévio as soluções a adotar (e portanto eleger uma determinada resposta) e preparar-se de forma adequada”.*

Além dos descritos anteriormente, o mesmo autor ainda lança mão de outros fatores, tais como:

*“uma cultura de handebol rica, ou seja, haver tido a possibilidade de viver numerosas experiências, e situações o mais variada e complexas possíveis, tê-las compreendido, haver encontrado os meios para resolvê-las e ser capaz de reconhecê-las e identificá-las em determinados momentos do jogo. Alguns técnicos se referem a isso como o ‘ofício’ do jogador”.* (BAYER, 1987, p.22)

Entende-se aqui, para tanto, que as decisões a serem tomadas pelos jogadores em cada uma das fases do jogo dependerão, entre outros fatores, dos estímulos prévios desses na modalidade (muitas vezes apontadas como a única causa da diferenciação entre os experientes e os menos experientes), que permitem ao jogador selecionar a melhor resposta para o cenário

técnico-tático. Deve-se ter a compreensão de que apenas o fato de jogar despreziosamente com os mesmos jogadores e diante das mesmas situações não confere a um jogador que esse seja experiente, mas aos diferentes tipos de estímulos em cada uma das fases de jogo. Sendo assim, a variabilidade imposta pelo cenário técnico-tático, por diferentes jogadores e diferentes exigências motoras e cognitivas, como o surgimento de situações-problemas variadas, torna-se também um elemento relevante na compreensão e desenvolvimento, inteligente, das táticas referentes à cada uma das fases do jogo.

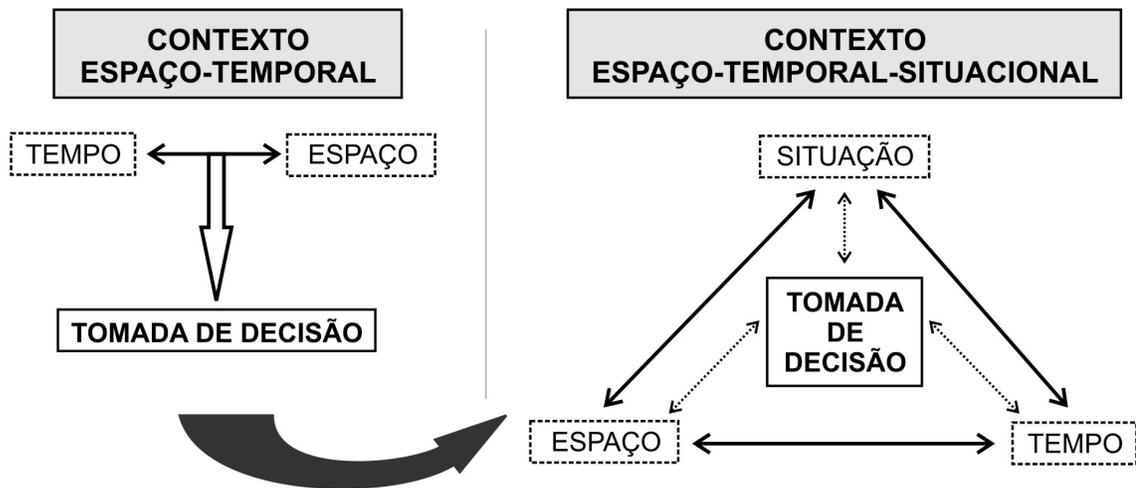
### **1.5. A imprevisibilidade dos Jogos Coletivos Esportivados como razão da complexidade técnico-tática**

Relacionando os fatores que indicam uma inteligência satisfatória para o jogo descritos por Bayer (1987), principalmente quando este se refere à descentralização da atenção em relação à bola e buscar elementos diversificados, que serão novos estímulos às capacidades de percepção, antecipação e tomada de decisão (GRECO, 1988), entende-se que há uma concordância com a literatura que aborda as metodologias de ensino dos JCE's. Notadamente, percebe-se a necessidade de considerar, cada vez mais, os aspectos referentes à integração entre os jogadores (e complexidade do jogo), e não apenas classificações com respostas binárias (certo x errado, dentro x fora...), que acompanham o curso histórico de ensino dos JCE's, a partir do método analítico-sintético (REIS, 2006b), do método global-funcional (GALATTI & PAES, 2007) e do método situacional (GRECO, 2001), por exemplo. Essa representação não significa que os métodos foram sendo substituídos pelos posteriores, mas pelo aparecimento e teorização dos mesmos.

Da mesma forma, Faria & Tavares (1996, p.33) entendem que dentre todos os requisitos que influenciam na capacidade de jogo, “sobressaem naturalmente as funções cognitivas ligadas à capacidade de percepção, de raciocínio e de imaginação”. Sendo assim, para Tavares (1996, pp.28-29)

*“a dinâmica do jogo dificulta ao jogador a reprodução exata do seu desenvolvimento, mesmo nas ações de jogo pré-estabelecidas [, desta forma] as ações devem orientar-se para a resolução de situações, cuja realização exige numerosos programas de ação, com soluções diversas, entre as quais se escolhe a mais adequada no menor tempo possível”.*

Contemplando os apontamentos dos autores citados anteriormente, torna-se possível afirmar que as relações entre atacantes e defensores estão inseridas não apenas em um contexto espaço-temporal, mas em um contexto espaço-temporal-situacional, sobre o qual influenciam os processos de formação mental de possíveis soluções e suas possíveis ações a serem executadas. Considerando a bibliografia consultada e citada nos itens anteriores desta pesquisa, nota-se que há uma tendência cada vez maior em considerar a tomada de decisão do jogador influenciada diretamente também pelo fator situação, conforme esquema representado na Figura 6.



**Figura 6 - Tendência de contextualização do jogo considerando a situação na qual os jogadores se defrontam**

Nessa mesma perspectiva, quanto mais complexa for a situação, ou a interação entre os jogadores que já estão sob pressão de tempo (como um tempo reduzido para a execução) e espaço (atuando muitas vezes próximos às laterais, ou nas zonas centrais, ou em espaços amplos ou reduzidos), mais importante é a delimitação de critérios para a observação desse jogo, ou das ações dos jogadores.

Sendo assim, a imprevisibilidade do jogo não deve ser considerada como um fator de simples resolução, mas que envolve uma série de características dos jogadores, dentre as quais estão –as perceptivas, as antropométricas, as de capacidades físicas e as de resolução de tarefas, que influenciarão diretamente na concepção que o jogador apresenta do jogo quando da percepção e entendimento de suas possibilidades nas situações em que está inserido. O entendimento dessas possibilidades de ação em determinadas situações e a tentativa de execução de uma tarefa com a maior precisão ou eficácia possível é caracterizada por Tavares (1996, p.25) como “ato tático”, pois não há como desvincular o “como fazer” do objetivo da sua ação, ou o “porque fazer”. Outro aspecto que merece relevância recorre à ideia de que a mudança no cenário do jogo depende diretamente dos tipos de interação entre os jogadores de ambas as equipes e das funções desempenhadas por cada jogador nesse contexto.

Lames (2006) descreve que o fato de nos esportes coletivos duas equipes se confrontar, constitui um processo interacional de cunho dinâmico, que varia durante a partida devido à constante busca pelo sucesso de ambas as equipes. A afirmação deste autor é corroborada nessa pesquisa, pois considera-se que toda a tática do jogo está relacionada, principalmente, a dois fatores: as interações entre os jogadores e as características individuais desses, que serão balizadoras para a formação dos sistemas e táticas do jogo bem como para o desenvolvimento dos meios técnico-táticos<sup>14</sup> individuais e coletivos. Solá Santesmases (2005, p.36) afirma que a tática “está conformada por indivíduos que se influenciam reciprocamente” que requer constantes adaptações frente ao que é imposto.

A imprevisibilidade do comportamento dos protagonistas e de suas ações táticas e técnicas individuais estão estreitamente relacionadas com as reações táticas grupais e coletivas<sup>15</sup>, que decorrem da interação entre todos os jogadores e desencadeiam toda a sucessão

---

<sup>14</sup> Com relação ao termo, há na literatura uma divergência sobre o seu emprego. Fernández Romero et al. (1999) adotam “fundamentos técnico-táticos”. Antón García (1998, 2002) adota a nomenclatura de meios táticos (ofensivos ou defensivos, respectivamente). Antón García et al. (2000) apontam para “meios defensivos” e “ações ofensivas”. Já autores como Antúnez Medina & Ureña Ortín (2002) adotam o termo “elementos técnico-táticos” ao referirem-se aos meios táticos (ofensivos e defensivos). Nesta pesquisa será adotado o termo “meios técnico-táticos”, em concordância com Antón García (1998), mas com a ressalva de compreender que o cenário em que o jogo se desenvolve não é exclusivamente técnico ou tático, mas é proveniente de uma interdependência entre esses dois componentes, configurando um panorama técnico-tático.

<sup>15</sup> Essa diferenciação será adotada nesta pesquisa, seguindo referencial teórico de Müller et al (1996), estando a tática grupal relacionada à resolução de problemas por um grupo de dois a quatro jogadores (geralmente relacionados a um determinado setor da quadra de jogo), enquanto a tática coletiva se relaciona ao grupo de cinco jogadores ou à equipe como um todo. A tática individual, como a nomenclatura sugere, está relacionada com os procedimentos adotados

de raciocínios que existem acerca desses seja, talvez, uma das principais características dos JCE's a ser explorada. Santana (2005) apresenta um estudo sobre os fatores inerentes aos JCE's, apontando para as diferentes esferas e problemas, no qual afirma que esse sistema é dinâmico, complexo e sem hierarquias. Tal complexidade supõe que o caráter desse jogo seja de um ambiente de instabilidade e imprevisibilidade.

Sobre a importância da imprevisibilidade dos JCE's nos baseamos na afirmação de Garganta (1995, p.12), em que “os jogadores devem resolver situações de jogo que, dadas as diversas configurações, exigem uma elevada adaptabilidade, especialmente no que diz respeito à dimensão tático-cognitiva”. Incontestavelmente a imprevisibilidade das ações dos protagonistas nos remete à alta complexidade inerente às situações-problema impostas pelo jogo, de onde a afirmação de Morin (2003, p.176) de que “o problema da complexidade é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança a nossa mente” procede na aplicação em relação ao contexto dos JCE's.

Para Garganta (1995) a observação do jogo revela características que permitem identificar se os praticantes apresentam um nível fraco ou bom de jogo, concordando com as afirmações de Bayer (1987), conforme indicado no Quadro 1.

**Quadro 1 - Indicadores de nível fraco ou bom de jogo (adaptado de GARGANTA, 1995, p.18-19)**

<b>Indicadores de jogo de fraco nível</b>	<b>Indicadores de jogo de bom nível</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aglutinação em torno da bola</li> <li>• Individualismo predominante</li> <li>• Não procurar espaços para receber a bola (apoio ao jogador com bola)</li> <li>• Não defender</li> <li>• Verbalização excessiva</li> <li>• Desrespeitar as decisões da arbitragem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passar a bola</li> <li>• Afastar-se do companheiro que tem a bola (aclaramento)</li> <li>• Buscar espaços vazios</li> <li>• Intencionalidade ao receber a bola</li> <li>• Movimentação após o passe</li> <li>• Buscar o objetivo do jogo (gol)</li> </ul>

Com relação às fases de jogo descritas por Bayer (1994), nota-se que cada uma dessas é regida por ações características, por situações e por sistemas específicos. Segundo

---

por apenas um jogador. Latiskevits (1991) e Oliver Coronado & Sosa González (1996) diferenciam as táticas em individual e coletiva (esta com a presença de dois ou mais jogadores).

Moreira & Tavares (2004), o sistema de jogo é a forma na qual os jogadores se distribuem na quadra durante o mesmo, sendo uma estrutura indispensável da tática coletiva. Considerando o jogo de ataque de uma equipe, os autores supracitados os diferenciam em três formas:

- jogo no espaço grande (correspondente ao contra-ataque), no qual busca-se ações rápidas para a finalização;
- ataque rápido, no qual busca-se uma ação de contra-ataque e, sendo esta mal-sucedida, passa a atacar de forma posicional (ou espaço reduzido);
- ataque posicional (ou jogo em espaço reduzido), o qual desenvolve-se próximo ao gol adversário e com densidade elevada de jogadores.

Concatenando com as idéias anteriores, cada um desses três tipos de ataques descritos pelos autores acarreta em diferentes ações a serem executadas pelos jogadores e, ao mesmo tempo, em diferentes relações de pressão espaço-temporal-situacional para atacantes e defensores. Ainda assim, para Lasiera Aguilá (1990, p.60) “o fator oposição implica na introdução da modificação e adaptação tática da resposta”, devendo o jogador decidir se continua, diante do cenário técnico-tático configurado, em uma fase de ataque rápido ou se aguarda a estruturação da sua equipe para iniciar o ataque posicional.

Sendo assim, essa adaptação tática da resposta, conforme citado por Lasiera Aguilá (1990), obedece às fases do jogo e, da mesma forma, as diferentes relações numéricas nos espaços de jogo. O jogo no espaço grande exige dos atacantes um bom posicionamento que permite uma articulação adequada das ações ofensivas, que possam ser convertidas em gol, enquanto os defensores tentam a recuperação da posse da bola e, ao mesmo tempo, conduzir os atacantes para as zonas menos favoráveis ao arremesso.

As relações de oposição (superioridade, igualdade ou inferioridade numérica, por exemplo), com as complexidades que são impostas pelas interações entre os protagonistas, permitem apontar que durante a etapa de ataque posicional os defensores possuem vantagens com relação ao jogo no espaço grande, como o posicionamento que permite visualizar os atacantes e desenvolver os meios técnico-táticos defensivos a fim de evitar a progressão dos atacantes. Porém essa situação mais favorável aos defensores não é suficiente para estabelecer uma relação de vantagem dos defensores em relação aos atacantes que, por estarem em posse da bola, têm a iniciativa de tomadas de decisão.

## 1.6. O handebol: caracterizações e estruturas de funcionamento

Mundialmente a modalidade é regida pela IHF<sup>16</sup>, e apresenta uma estrutura de categorias, definidas oficialmente em seu regulamento, adotado pela CBHb<sup>17</sup> e pela FPH<sup>18</sup>, o qual classifica os jogadores de acordo com as faixas etárias. São elas:

- Mirim: jogadores com idade inferior a 12 anos (popularmente chamada de sub-12);
- Infantil: jogadores com idade entre 13 e 14 anos (popularmente chamada de sub-14);
- Cadete: jogadores com idade entre 15 e 16 anos (popularmente chamada de sub-16);
- Juvenil: jogadores com idade entre 17 e 18 anos (popularmente chamada de sub-18);
- Júnior<sup>19</sup>: para o sexo masculino compreende jogadores com idade entre 19 e 21 anos, e para o sexo feminino compreende jogadoras com idade entre 19 e 20 anos. Essa categoria é conhecida popularmente como sub-21;
- Adulto (ou livre): para o sexo masculino compreende jogadores com idade superior a 21 anos, e para o sexo feminino compreende jogadoras com idade superior a 20 anos.

No Estado de São Paulo o órgão máximo de administração da modalidade é a FPH, que segue rigorosamente as regulamentações impostas pelos órgãos superiores. Para cada

---

<sup>16</sup> *International Handball Federation* (Federação Internacional de Handebol – <http://www.ihf.info>)

<sup>17</sup> Disponível no site: <http://cbhb.mundozero.com.br/regulamento.html>

<sup>18</sup> Federação Paulista de Handebol – <http://www.fphand.com.br>

<sup>19</sup> Algumas Ligas de Handebol brasileiras adotam uma uniformidade dos critérios, considerando a idade de 21 anos como limite superior para ambas. Um dos exemplos é a Liga de Handebol do Estado de São Paulo (LHESP), podendo ser consultada no site <http://www.lhesp.com.br>

uma das categorias citadas anteriormente há regulamentações específicas, como a duração do tempo de jogo, o tipo de bola a ser utilizada e mesmo sistemas defensivos permitidos ou não.

Em uma caracterização inicial o handebol é uma modalidade disputada entre duas equipes em uma quadra com dimensões de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura, cujo principal objetivo é a consecução dos gols e, conseqüentemente, evitar que a equipe adversária consiga marcá-los (MENEZES, 2007). Cada equipe é composta por 14 jogadores, sendo 7 titulares (dentre eles 1 goleiro e 6 jogadores de linha) e 7 suplentes (sem a obrigatoriedade de possuir um goleiro entre os inscritos).

Estabelecendo um comparativo com o futebol em relação ao número de jogadores por espaço de quadra/campo (MENEZES, 2007), o handebol apresenta 12 jogadores em uma área de 651 m<sup>2</sup> (de um total de 800 m<sup>2</sup> de onde são descontadas as áreas referentes aos goleiros – 149 m<sup>2</sup> – as quais não são permitidas aos jogadores de linha, que totaliza uma área de aproximadamente 54 m<sup>2</sup> para cada jogador), enquanto que no futebol os 22 jogadores se distribuem por um espaço de 8250 m<sup>2</sup> (aproximadamente um jogador a cada 375 m<sup>2</sup>). Esta comparação, além das características específicas de ambas as modalidades, acarreta diferentes problemas de ordem tática e, conseqüentemente, diferentes decisões a serem tomadas pelos jogadores.

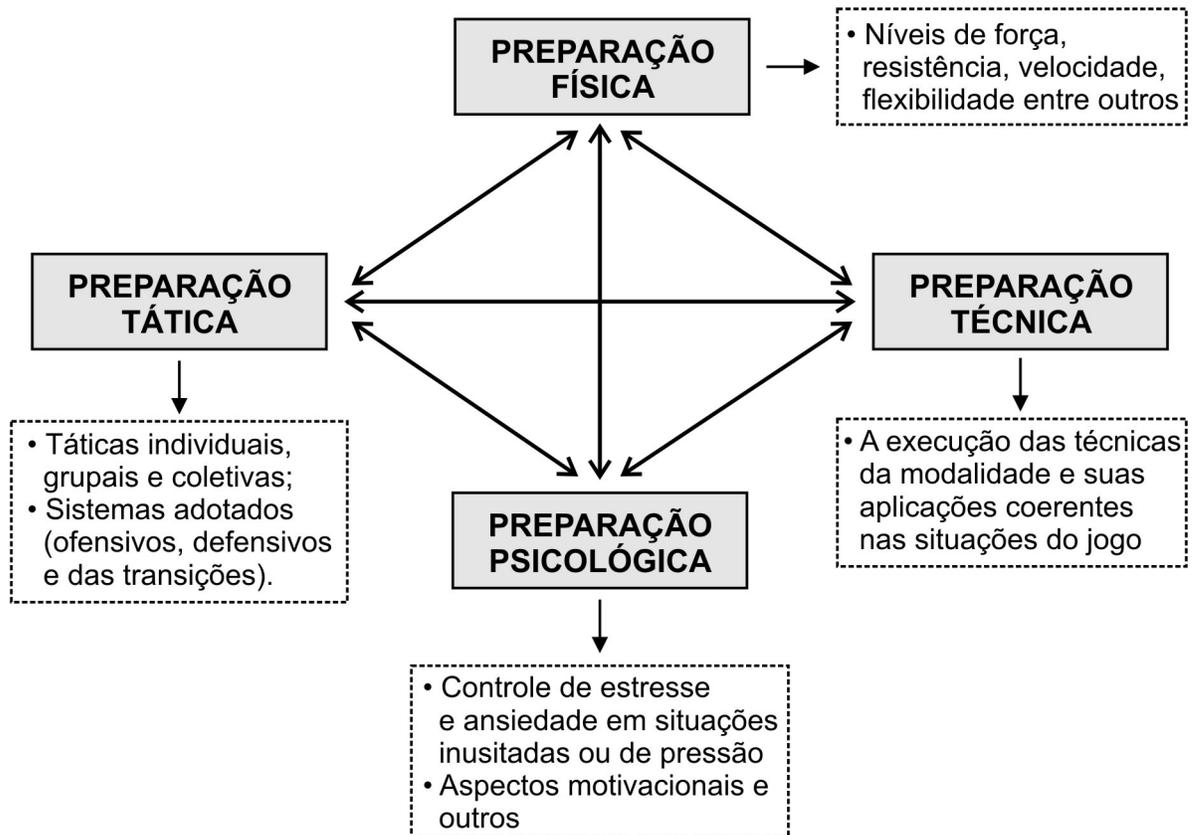
Sendo assim, há a necessidade de uma definição ou caracterização mais aprofundada sobre o handebol, preferencialmente considerando os diferentes aspectos do rendimento esportivo, como sugere Bayer (1987, p.14):

*“o jogador de handebol deve possuir qualidades atléticas ao serviço de uma máxima mobilidade em todos os sentidos, para responder às exigências de situações de jogo sempre alternantes e variáveis. Essas situações de jogo são produto de interações incessantemente renovadas com os companheiros e contra os adversários, e o jogador deve percebê-las e compreendê-las para desenvolver comportamentos adaptados e ajustados com pleno domínio”.*

O handebol, por ser classificado como um JCE (assim como o basquetebol, o futebol, o hóquei, o voleibol entre outros), assume como principais características a imprevisibilidade das ações dos jogadores que compõem as equipes durante o jogo e a complexidade das interações entre esses protagonistas, da mesma equipe ou adversários, como abordado nos itens anteriores. Uma análise que considera o handebol simplesmente a partir das

características antropométricas dos jogadores, ou pelas exigências metabólicas decorrentes do jogo, ou mesmo pelas distâncias percorridas pelos jogadores após uma partida, forneceria uma interpretação reducionista em relação ao fato de analisarmos detalhadamente suas características e, principalmente, sua dinâmica.

Caracterizá-lo-emos, portanto, a partir de uma observação mais complexa que leve em consideração a interdependência de quatro aspectos da preparação que são influenciados diretamente pelo contexto sócio-cultural no qual os jogadores estão inseridos: o psicológico, o técnico, o tático e o metabólico (ou o relacionado com a preparação física), conforme esquema representado na Figura 7.



**Figura 7 - Dependência mútua dos aspectos relacionados às preparações técnica, tática, física e psicológica**

Dentre algumas das características exigidas dos jogadores de handebol, Latiskevits (1991, p.84) afirma que:

*“os jogadores mais efetivos são aqueles que sabem mover-se rápida e economicamente pela quadra. Cada jogador de handebol deve saber sair rapidamente e mudar a direção de sua corrida, utilizar as paradas e os saltos, mover-se para trás e com passos laterais.”*

O handebol, assim como os outros JCE's, é rico em situações que ocorrem aleatoriamente, exigindo dos jogadores uma constante busca da manutenção da conformação dos sistemas táticos ofensivo e defensivo. Portanto, a tática é uma questão central de rendimento, enquanto que os demais fatores inerentes a esse rendimento visam melhor acessibilidade aos desempenhos táticos (GARGANTA, 1995).

Com base na observação dessa dinâmica do jogo de handebol, como as regiões ocupadas pelos jogadores (denominadas de postos específicos, detalhados posteriormente no Capítulo 2) e a relação entre companheiros e adversários, o handebol é caracterizado como uma modalidade de oposição (com duas equipes se enfrentando, “tentando conquistar simultaneamente objetivos opostos [...] por meio de uma bola”, NÉ et al., 2000, p.27), de invasão (pelo fato de os jogadores de uma equipe ocuparem os espaços da quadra adversária) e de cooperação (relacionada com o fato da constante necessidade de colaboração mútua entre os jogadores de uma equipe, relacionada diretamente com as táticas grupal e coletiva<sup>20</sup>), ou segundo Garganta (1995, p.17) “existe luta direta pela posse da bola, há invasão do meio campo adversário e as trajetórias predominantes são a de circulação de bola.” A circulação da bola é definida por Antón García (1998, p.122) como:

*“um meio tático fundamental no desenvolvimento do jogo posicional, no qual o jogador permanece em seu posto específico em movimento constante, tratando de realizar penetrações diretas sobre os intervalos que os defensores oferecem em seu espaço a direita ou a esquerda”.*

Temos, então, um JCE regido por estratégias e táticas (individuais, grupais e coletivas; ofensivas, defensivas e de transições) que dependem, sobretudo, da percepção dos jogadores sobre as situações impostas pelo jogo (referentes aos diferentes níveis de relações ou popularmente ao que é chamado de “leitura de jogo”) e da tomada de decisão de defensores (sem

---

<sup>20</sup> Santos et al. (2009, p.33) definem tática grupal como “ações que envolvem de dois a quatro jogadores”, enquanto tática coletiva é definida como as “ações que envolvem mais de cinco jogadores”.

a posse da bola) e atacantes (com e sem a posse da bola<sup>21</sup>) que respeitem as regras da modalidade e que busquem e cumpram seus respectivos objetivos. São conteúdos da modalidade, também, os fatores relacionados à execução dos gestos técnicos, ou os historicamente denominados de fundamentos do handebol<sup>22</sup>.

No handebol há, basicamente, três fases de jogo: ofensiva, defensiva e transição (que pode apresentar-se de duas formas), como descritas no Item 1.4, que são definidas pela posse da bola por uma ou outra equipe. A posse da bola determina em qual fase a equipe se encontra: a equipe em posse da bola encontra-se em processo ofensivo e busca conseguir anotar um tento ao seu favor; já a equipe sem a posse da bola encontra-se em processo defensivo e deve impedir que os atacantes consigam marcar o tento; essas são consideradas, portanto, de comportamentos opostos e com diferentes finalidades (ARDÁ SUÁREZ & ANGUERA ARGILAGA, 2000). Entre essas duas fases é apresentada a transição, que pode ser defensiva → ofensiva (situação de contra-ataque) ou ofensiva → defensiva (retorno rápido aos postos específicos defensivos).

Durante a fase ofensiva no handebol observa-se a utilização de diferentes recursos e interações coletivas na tentativa de conseguir vantagens em relação aos defensores da equipe adversária, seja por superioridade numérica ou desequilíbrios corporais momentâneos dos defensores. Verifica-se, também, que durante os processos defensivos os jogadores estão sendo preparados para desempenhar funções diferenciadas, principalmente baseadas nas características dos atacantes adversários. Esse avanço dos sistemas defensivos direciona os técnicos a buscarem um alto nível de excelência dos seus atacantes, tanto tecnicamente (como a especialização dos arremessos dos jogadores em cada região da quadra) como taticamente (como a interação entre os jogadores e a variação dos seus posicionamentos).

Para conseguir alcançar seus objetivos, os atacantes precisam desenvolver seu jogo baseado em características da performance física, como a força e a velocidade, e também da performance tática, com ocupações racionais dos espaços da quadra e constantes adequações às relações espaço-temporais-situacionais impostas pelo jogo, tais como os deslocamentos de apenas

---

<sup>21</sup> Ardá Suárez & Anguera Argilaga (2000, p.52), baseados na leitura de Bayer, apontam para “duas situações claramente diferenciadas e antagônicas no jogo; a equipe que possui a bola é atacante, e a equipe que não possui a bola é defensora”.

<sup>22</sup> Os fundamentos do handebol são: passe, recepção, empunhadura, arremesso, drible, ritmo trifásico e duplo ritmo trifásico.

um defensor, ou de seu vizinho ou do sistema como um todo. Já os defensores lançam mão das mesmas características dos atacantes, porém buscando interpretar o jogo rapidamente ou mesmo prever situações que possam acontecer, antecipando-se às decisões dos atacantes.

Essas relações envolvem o desenvolvimento de uma leitura das situações de jogo que permita, a partir da interpretação dada pelos jogadores, organizarem as suas respostas às situações (ou tomada de decisão). Em alguns casos a coexistência de múltiplas soluções para a resolução de uma mesma situação-problema inerente aos JCE's, em específico ao handebol, bem como da capacidade de adaptação dos jogadores às diversas situações, depende de fatores como:

- a) a forma com que cada jogador realiza a “leitura” da situação, ou a percepção do jogador em relação ao problema a ser resolvido;
- b) os meios que aquele jogador conhece para tomar sua decisão, respeitando as regras da modalidade;
- c) as “respostas” apresentadas pela interação entre companheiros e adversários, ou o “como” os demais jogadores reagem a uma determinada tomada de decisão.

A tomada de decisão de um jogador ao deparar-se com a coexistência das múltiplas soluções para tal situação, por sua vez, é influenciada muitas vezes pelas possibilidades que o jogador conhece e que ele consegue aplicar naquele jogo (na percepção dele). A observação do jogo muitas vezes considera apenas a falha que um jogador teve na execução de um meio técnico-tático, na maioria das vezes sem fazer qualquer alusão ao contexto do jogo no momento da falha. Há uma preocupação em modelos de observação e análise do jogo (a ser descrita no próximo item) em analisar apenas o resultado da ação, sendo que este se distancia das informações relevantes na caracterização das modalidades.

### ***1.6.1. As fases do ataque e da defesa no handebol***

A literatura estudada, assim como a obra de Bayer (1994), aponta para importantes considerações nos JCE's, dentro dessas está o estudo das fases de jogo e dos objetivos inerentes a cada uma dessas.

Porém, dentro de cada uma das fases do jogo existem objetivos específicos que vão desde a tentativa de resolução rápida das situações (geralmente aproveitando-se do desequilíbrio momentâneo dos adversários) até resoluções mais elaboradas pelo não aproveitamento da situação anterior.

Essa idéia torna a divisão das fases de jogo em um conceito mais suavizado quanto à ocorrência das fases. Ou seja, a equipe que recuperou a posse da bola e agora transita para a sua fase ofensiva faz com que isso não ocorra de forma abrupta no handebol, mas sim com um ou dois jogadores sendo a primeira opção e, conseqüentemente, com os demais jogadores participando nos instantes seguintes dessa fase. O mesmo ocorre com a transição para a fase defensiva, na qual pela perda da posse de bola os jogadores começam a retornar para a sua quadra, não sendo todos os jogadores responsáveis pela recuperação imediata ao setor.

Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a) expandem os conceitos de fase ofensiva da seguinte maneira:

- *1ª fase – o contra-ataque:* ocorre a partir da recuperação da posse da bola, sendo a tentativa de marcar o gol o mais rápido possível, a partir da criação de superioridade numérica. Alguns atacantes deslocam-se em velocidade para o setor ofensivo criando opções imediatas de passe;
- *2ª fase – o contra-ataque ampliado:* ocorre quando a 1ª fase não for possível devido à rápida recuperação dos defensores, que evitam que o passe seja realizado aos atacantes que saíram rapidamente;
- *3ª fase – organização do ataque:* ocorre quando as duas fases iniciais são impossibilitadas pelos defensores. Há uma circulação da bola de forma mais lenta, indicando a preocupação da equipe em manter a posse da bola;
- *4ª fase – ataque posicional (ou em um sistema organizado):* forma ordenada e coordenada das ações ofensivas, e envolve todos os jogadores.

Para as fases defensivas há também a expansão dos conceitos para quatro fases (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988b):

- *1ª fase – o retorno e o equilíbrio defensivo:* consiste em evitar o contra-ataque adversário, buscando situações vantajosas como o equilíbrio ou a superioridade numérica;
- *2ª fase – defesa em cobertura:* envolve a cobertura de uma determinada região da quadra (metade defensiva), e busca pressionar os adversários objetivando a diminuição da velocidade de contra-ataque desses;
- *3ª fase – organização da defesa:* os jogadores começam a ocupar as suas zonas de responsabilidade (postos específicos defensivos) de acordo com o sistema defensivo adotado;
- *4ª fase – defesa em sistema:* os defensores já retornaram aos seus postos e agora podem desenvolver as táticas grupais e coletivas referentes ao sistema adotado.

Para Müller et al. (1996), que consideram inclusive as duas fases de transição (da defesa para o ataque, pela recuperação da posse da bola; e do ataque para a defesa, por possível perda da posse da bola) as fases ofensivas e defensivas de jogo podem ser subdivididas em três, sendo:

- Ofensivas:
  - *1ª fase – introdução do ataque:* contra-ataque a partir dos postos específicos defensivos;
  - *2ª fase – preparação do ataque:* continuação do jogo rápido e iniciação dos posicionamentos ofensivos;
  - *3ª fase – ataque propriamente dito:* formação do sistema ofensivo; ataque organizado;
- Defensivas:
  - *1ª fase – transição para a defesa:* objetivo de dificultar as saídas em contra-ataque;
  - *2ª fase – organização da defesa:* ocupação dos postos específicos, aproximando-se do sistema;
  - *3ª fase – defesa em sistema:* estruturação do sistema defensivo adotado, com distribuição definitiva dos postos específicos.

Já para Fernández Romero et al. (1999, p.24) o “jogo em conjunto” ofensivo pode ser distinguido em duas fases e o defensivo em quatro fases, como seguem:

- Ofensivo:
  - *Contra-ataque*: fase rápida de ataque, aproveitando-se da desorganização defensiva;
  - *Ataque posicional*: fase na qual os jogadores atuam nos seus postos específicos.
- Defensivo:
  - *Fase de retorno*: imediatamente após a perda da posse da bola;
  - *Fase de temporalização*: objetiva resguardar a zona central da defesa;
  - *Fase de organização defensiva*: equilíbrio defensivo, no qual os jogadores chegam aos seus postos específicos;
  - *Fase de desenvolvimento do sistema defensivo*: desenvolvimento dos meios táticos defensivos de forma organizada no sistema.

Seguindo as divisões das fases ofensivas citadas por Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a), percebe-se que há duas fases claras (e distintas) de contra-ataques: o contra-ataque direto ou simples (chamado também de “primeira onda” ou “primeira leva”, que é realizado rapidamente com, no máximo, dois passes) e o contra-ataque ampliado ou sustentado (chamado também de “segunda onda” ou “segunda leva”, que também ocorre em altíssima velocidade e em superioridade numérica).

Antón García (2000) aponta para a importância do contra-ataque de “terceira onda” ou contra-ataque continuado, que faz uma alusão indireta à terceira fase citada por Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a), que se refere à fase de organização do ataque. Esse contra-ataque, segundo aquele autor, aproveita-se da desorganização defensiva ou das trocas efetuadas entre jogadores exclusivamente atacantes ou defensores da equipe adversária. Esta fase deve proporcionar um encadeamento com a quarta fase do ataque, ou a fase de jogo posicional.

Entende-se, nesta pesquisa, que as fases de contra-ataque e de ataque propriamente dito constituem de uma sequência natural dos eventos ofensivos, sendo que ambos apresentam sistematizações específicas. O contra-ataque aparece como uma forma veloz de jogo, que se torna cada vez mais frequente no handebol atual e que apresenta diferentes fases, como a de chegada rápida de um ou dois atacantes diante da desorganização defensiva; a chegada dos demais atacantes para que sirvam de apoio aos demais e, ainda, uma terceira fase, que se caracteriza por um ataque posicional rápido, aproveitando-se ainda da desorganização defensiva (na fase de retorno) ou mesmo das substituições que ocorrem nesse período. Caso esse ataque rápido (contra ataque) não consiga alcançar situações ótimas de arremesso, inicia-se a fase de ataque posicional.

## CAPÍTULO II – OS POSTOS ESPECÍFICOS, OS SISTEMAS DE JOGO E OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS E DEFENSIVOS DO HANDEBOL

*“O jogo, enquanto confronto de duas entidades, com objetivos antagônicos, emerge do entrelaçamento das ações desenvolvidas pelos jogadores/equipes. A maior ou menor adequação de uma determinada ação face ao contexto que a suscita, decorre de lógicas intimamente ligadas à forma como os atores (jogadores) apreendem as linhas de força do jogo e ao nível de conhecimento tático (declarativo e processual) que os mesmos denotam.” (GARGANTA, 2001, p.62)*

Baseado no fato de que os jogadores ocupam posições específicas na quadra e desempenham funções referentes a cada um dos sistemas de jogo, surge a necessidade de descrever e caracterizar, então, os postos específicos dos jogadores bem como os sistemas nos quais esses estão inseridos.

O sistema de jogo corresponde à estruturação funcional coletiva dos defensores e dos atacantes. Para Fernández Romero et al. (1999, p.20) o sistema de jogo é a “formação que adota uma equipe distribuindo os jogadores em zonas (postos específicos) para conseguir os objetivos próprios do ataque e da defesa”.

O posto específico corresponde à posição que cada jogador ocupa dentro de um sistema de jogo, seja este ofensivo ou defensivo, sendo que cada posto exige do jogador algumas características, dentre as quais estão as antropométricas, as psicológicas, as de capacidades físicas e as táticas, como serão descritas nos Itens 2.2.2 (ofensivos) e 2.2.4 (defensivos). Fernández Romero et al. (1999, p.19) define posto específico como a “zona parcial do terreno de jogo, correspondente ao sistema escolhido, tanto no ataque (campo adversário) como na defesa (próprio campo) ocupado por um jogador”. Já para Antón García (1998, p.187) o posto específico “se refere [...] a um espaço parcial do terreno que os distintos jogadores devem dominar para aumentar sua eficácia e a da equipe”.

Os meios táticos são formas de combinações ofensivas (com e sem a posse da bola) e defensivas (obrigatoriamente sem a posse da bola) que visam obter êxito perante os jogadores da equipe adversária. Essas combinações entre os jogadores, tanto ofensivamente como defensivamente, podem abranger um pequeno grupo de jogadores (2 ou 3 jogadores) ou a maioria dos jogadores da equipe (acima de 4 participantes).

Alguns elementos que constituem o jogo de handebol são muito importantes para que este se desenvolva ou flua coerentemente do ponto de vista técnico-tático. Esses elementos são chamados de meios táticos<sup>23</sup> ofensivos e defensivos, além dos fundamentos do handebol (já apresentados no Capítulo 1), das trajetórias (e suas derivações) e dos deslocamentos dos jogadores.

Nesta pesquisa, ao mencionar e explanar sobre os meios técnico-táticos e desenvolvimento do jogo ofensivo, serão abordadas as possíveis implicações aos sistemas defensivos ressaltando, sobretudo, as vantagens de cada situação para os atacantes e com ênfase nas trajetórias dos jogadores e na circulação desses jogadores. Quando da abordagem dos meios técnico-táticos defensivos, a intenção é descrever o funcionamento dos mesmos de forma harmoniosa na tentativa de impedir a progressão ofensiva e perturbar a manutenção da posse da bola dos atacantes, bem como visar a recuperação dessa.

Para a descrição de tais elementos é importante o esclarecimento do conceito de linhas de jogo. Fernández Romero et al. (1999, p.20) afirmam que as linhas de jogo definem-se “quando se estabelece um sistema de jogo, a situação estática ou em deslocamento constitui-se em duas linhas de jogo denominadas primeira e segunda (só há uma exceção, é o sistema 3:2:1)”, ou seja, as linhas de jogo baseiam-se na distribuição dos jogadores na quadra, sendo classificadas de acordo com as distâncias em relação às balizas. No ataque, a primeira linha está formada pelos jogadores mais próximos à linha central (ou à própria baliza), a segunda pelos jogadores mais próximos à linha da área do gol (mais distantes da própria baliza). Na defesa, a primeira linha forma-se com os defensores mais próximos à baliza a ser defendida, a segunda linha com os defensores mais distantes dessa baliza e a terceira linha, observada formalmente apenas no sistema 3:2:1, ainda mais distante.

---

<sup>23</sup> Segundo Moreira & Tavares (2004, p.31), “a utilização de meios táticos de grupo revela-se como o complemento dos sistemas de jogo, permitindo alguma criatividade a partir de combinações simples de dois ou três jogadores”.

Os meios técnico-táticos podem ser executados entre os jogadores da mesma linha ofensiva (entre os armadores ou entre o ponta e o pivô) ou defensiva (como os jogadores que atuam próximos e que têm possibilidade de fácil comunicação) ou entre jogadores de diferentes linhas ofensivas (como entre os armadores e os pontas ou pivôs) ou defensivas (como jogadores que atuam mais avançados do que outros). Vale ressaltar que a execução dos meios técnico-táticos deve visar a compreensão por parte dos jogadores, e não servir apenas como uma forma de jogo pré-fabricado, principalmente quando remete-se ao setor ofensivo.

Quando há uma leitura precipitada de uma situação de jogo ou mesmo uma resposta errada do jogador que será apoio<sup>24</sup>, há maior possibilidade de erros na execução dos meios táticos. Além desses precursores de falhas, Tavares (1996, p.26) afirma que “os erros táticos são cometidos quando há uma mudança repentina da situação”, o que sugere que “o jogador não está preparado para adaptar-se (ou a reorganizar o seu programa motor) de forma a decidir responder adequadamente às situações imprevisíveis” (*ibidem*, p.26).

## 2. OS POSTOS ESPECÍFICOS OFENSIVOS

A descrição das características ofensivas de jogadores de handebol parece, à primeira vista, uma tarefa relativamente simples, basta posicionar os jogadores em situações estáticas e apontar que, por exemplo, os armadores são responsáveis exclusivamente por armar o jogo e arremessar de longas distâncias e os pontas devem possuir uma diversos recursos. Mas essa simplicidade permanece apenas nas aparências, uma vez que o dinamismo contido no jogo ofensivo revela elementos complexos de interações entre os atacantes de uma equipe ou entre os atacantes e os defensores adversários.

As primeiras características que serão descritas são as que relacionam a todos os postos específicos ofensivos, ou seja, devem ser dominados tanto pelos jogadores da primeira linha quanto pelos jogadores da segunda linha. Tais características técnico-táticas e de

---

<sup>24</sup> O jogador apoio (e podem ser apoios, caso haja dois ou mais jogadores nessa condição) é o atacante sem a posse da bola que, ao posicionar-se próximo ao atacante que possui a bola, proporcione opções de dar continuidade ao jogo ofensivo.

capacidades físicas são importantes quando da descrição dos postos específicos ofensivos, principalmente ao pensar que os atacantes buscam constantemente as situações de superioridade numérica. Dessa forma temos:

- as velocidades das trajetórias e suas mudanças de direção e ritmo, para que durante essas alterações não haja o retorno completo dos defensores, proporcionando espaços para infiltrações;
- a velocidade e qualidade dos passes, pois a bola sendo passada mais rapidamente e com melhor qualidade (visando atingir o chamado “ponto futuro”, ou seja, a projeção futura do deslocamento do companheiro que receberá a bola) exige deslocamentos mais rápidos por parte dos defensores;
- a sincronia dos meios técnico-táticos coletivos (para que se tenha melhor qualidade ofensiva é necessário que o ataque trabalhe em conjunto e que, ao realizar qualquer meio técnico-tático individual, todos os outros companheiros respondam adequadamente);
- a velocidade e variações dos contra-ataques<sup>25</sup> (que são situações favoráveis ao ataque, principalmente ao serem executados rapidamente);
- os meios técnico-táticos individuais (para que o jogador possua uma boa variabilidade de gestos e atitudes, de forma a tornar os ataques mais criativos e perigosos de acordo com a postura assumida momentaneamente pelos defensores, favorecendo o coletivo ofensivo);
- a visão periférica do jogador (que permite visualizar companheiros que estejam em situações claras de gol, por exemplo, ou no sistema defensivo de uma forma geral, percebendo seus posicionamentos e possibilidades).

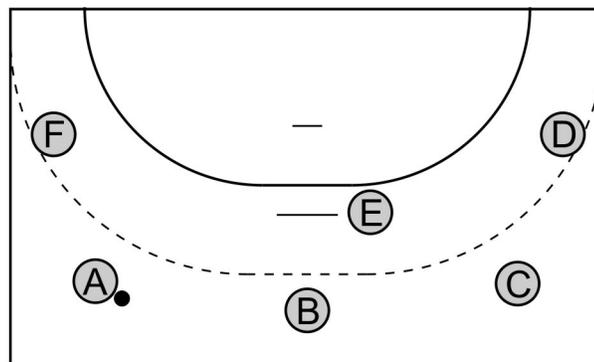
---

<sup>25</sup> No contra-ataque simples há a participação de apenas um jogador, e geralmente há a finalização após um único passe, normalmente do goleiro ou de um defensor próximo à área. No contra-ataque sustentado há a participação de um número maior de jogadores, sendo geralmente finalizado após um número de passes superior a dois.

Vale lembrar que cada uma das características não aparece isoladamente em uma situação ofensiva, geralmente está combinada com outra, ou dependem do posicionamento inicial defensivo ou da resposta do defensor a uma determinada atitude do atacante.

Quando nos atemos às análises pertinentes aos sistemas ofensivos, de uma forma geral, percebemos que os postos específicos apresentam características particulares e transitórias de acordo com a dinâmica do jogo. Dessa forma todos os jogadores que participam do jogo devem desenvolver o máximo de características possíveis inerentes a cada um dos postos específicos para intervir de forma inteligente e multifacetada nas diferentes situações ofensivas.

Na Figura 8 está representado um esquema com os postos específicos ofensivos.



**Figura 8 - Postos específicos ofensivos**

Nesta representação temos os seguintes postos específicos ofensivos:

- A. Armador esquerdo (ou lateral esquerdo, em concordância com BÁRCENAS GONZÁLEZ & ROMÁN SECO, 1991; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- B. Armador central;
- C. Armador direito (ou lateral direito, em concordância com BÁRCENAS GONZÁLEZ & ROMÁN SECO, 1991; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);

- D. Ponta direita (ou extremo direito, em concordância com SIMÕES, 1978; BÁRCENAS GONZÁLEZ & ROMÁN SECO, 1991; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- E. Pivô;
- F. Ponta esquerda (ou extremo esquerdo, em concordância com SIMÕES, 1978; BÁRCENAS GONZÁLEZ & ROMÁN SECO, 1991; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

## **2.1. Armadores**

Os armadores são os atacantes com maiores possibilidades de deslocamentos e espaços de atuação, devido ao fato de estarem em postos específicos geralmente mais distanciados dos defensores (na primeira linha ofensiva). Comumente atuam nas equipes três armadores (esquerdo, central e direito), quando da utilização do sistema ofensivo 3:3 (ou clássico); em situações específicas do jogo com dois pivôs as equipes podem apresentar apenas dois armadores (esquerdo e direito).

Estes também são os atacantes que podem utilizar o maior número de meios técnico-táticos, individuais e coletivos, para o próprio êxito ou para proporcionar situações favoráveis para os demais companheiros, como: cruzamentos, fintas e mudanças de direção das trajetórias, por exemplo, descritas nos itens meios técnico-táticos ofensivos individuais e coletivos. Essa gama de possibilidades exige dos jogadores um amplo repertório de ações motoras, como os passes e os deslocamentos de diversas formas, para sobrepor os adversários que devem ser percebidas e correspondidas pelos companheiros.

Posicionados em maiores distâncias em relação ao gol adversário, os armadores são responsáveis pela elaboração do jogo ofensivo, desde a sua iniciação até a finalização de períodos ofensivos. Atualmente costuma-se atribuir ao armador central a responsabilidade de coordenação ofensiva, como posicionar o pivô em determinada região do ataque e solicitar aos

demais atacantes que executem determinados meios táticos ofensivos para manutenção da posse de bola ou criação de situações favoráveis aos demais atacantes, como a superioridade numérica.

Oliver Coronado & Sosa González (1996) sugerem que os armadores apresentem boas capacidades de executar suas ações em posse ou não da bola, como os deslocamentos, assim como realizar bons passes, recepções, dribles, arremessos e fintas.

Os armadores possuem múltiplas funções que são desempenhadas de acordo com o desenvolvimento tático do jogo ofensivo. Poderão atuar como finalizadores, em situações nas quais os pontas ou os próprios armadores executam ações combinadas que favoreçam as infiltrações ou arremessos de longas distâncias. Podem assumir, também, a função de jogadores responsáveis pelas assistências da equipe, como nas situações de defesas abertas, nas quais o jogo com os pontas é facilitado e nos casos onde o pivô busque bloquear constantemente, beneficiando a infiltração do armador a partir de espaços produzidos na defesa propícios também ao jogo com o pivô.

## **2.2. Pontas**

Os pontas, também chamados de extremos, são jogadores que atuam pelas extremidades direita e esquerda da quadra, na segunda linha ofensiva, próximos às respectivas linhas laterais. Geralmente, mas não exclusivamente, podem posicionar-se em dois locais distintos: a) no fundo da quadra, próximos à linha de fundo; ou b) próximo à linha dos 9 metros. Esse posicionamento será determinado por fatores como o sistema defensivo adotado pela equipe adversária ou pelo esquema tático ofensivo de sua equipe.

Em determinados esquemas táticos ou em situações durante uma partida, os pontas podem receber atribuições diferenciadas quanto à função a ser desempenhada, tais como:

- iniciar a circulação de bola da equipe com rapidez, conferindo ao ataque maior velocidade e conseqüente desequilíbrio defensivo. Pode ocorrer a partir de uma trajetória reta ou curva entre dois defensores ou a partir de uma trajetória reta ou curva entre o defensor e a linha de fundo da quadra;

- finalizar os processos ofensivos, gerados pelo constante desequilíbrio defensivo ou por combinações de meios táticos ofensivos coletivos que visam a aproximação de dois defensores para a produção de espaços nas laterais da quadra;
- servir de apoio aos armadores em situações de desequilíbrio ofensivo ou contra sistemas defensivos abertos.

Para Oliver Coronado & Sosa González (1996) os pontas devem possuir boa capacidade de deslocamentos com e sem a bola, de passes e recepções, de dribles, de arremessos e de fintas.

Quando recebem a bola em condições de finalização os pontas podem adotar duas estratégias de arremesso, baseadas na direção do salto a ser executado: a) em direção ao gol, que proporciona arremessos em menor duração de tempo, ou seja, o atleta arremessa a bola com menor ângulo em relação ao gol; e b) paralelo à linha de fundo e na direção do gol, conseqüentemente, que objetiva obter melhor visão do gol e maior número de opções de arremesso, dificultando a ação dos goleiros pela possível utilização de um número maior de recursos por parte dos atacantes.

### **2.3. Pivôs**

O posto específico de pivô é especial em relação aos demais postos por fatores como o posicionamento entre os defensores e a orientação desse jogador na quadra (geralmente lateralmente ou de costas para o gol adversário). Esse posicionamento desencadeia uma série de particularidades técnico-táticas, que vão desde a diferenciação dos meios táticos individuais até o planejamento de situações coletivas, tanto com os armadores quanto com os pontas.

O posicionamento básico do pivô é chamado de base, podendo ocorrer de duas formas distintas: de costas para o gol e lateralmente em relação ao gol. O posicionamento de costas para o gol, com os pés formando uma linha paralela em relação à linha da área, dificulta o giro do pivô para o arremesso, porém favorece as situações de bloqueio frontal dos defensores, proporcionando arremessos de longas distâncias dos armadores. Já o posicionamento lateral em

relação ao gol, mais comumente encontrado, caracteriza-se pelo apoio dos pés formando uma linha perpendicular à linha da área, facilitam as situações de giro do pivô (após a recepção da bola) e os bloqueios laterais, que favorecem a infiltração dos armadores.

Segundo Oliver Coronado & Sosa González (1996) os pivôs devem possuir boa capacidade de atuação sem a posse da bola (criando linha de recepção da bola, dificultando os deslocamentos dos defensores e criando possibilidades para os demais jogadores) e com a posse da bola (atuando em profundidade, atraindo defensores e dando continuidade ao jogo ofensivo).

A recepção de bola do pivô depende basicamente dos deslocamentos dos armadores, dos defensores e dos próprios pivôs. As melhores condições para a recepção da bola geralmente ocorrem: a) durante a flutuação dos defensores, que acabam por gerar um espaço vazio propício à realização do passe ao pivô, e b) durante a realização de um bloqueio lateral em um defensor, no qual o armador aproveita a situação de bloqueio para deslocar seu marcador.

Para que o pivô execute o arremesso em boas condições é necessário desvencilhar-se da marcação (o que exige altos níveis de força desse jogador) e girar em direção ao gol, posicionando-se de uma forma que possa obter êxito na finalização. O giro que precede o arremesso deve ser efetuado com a maior velocidade possível para que seja mais difícil de o marcador interromper sua ação ofensiva ou roubar a bola, favorecendo às condições de equilíbrio para o arremesso, buscando uma fase aérea que permita uma boa visibilidade do gol e do posicionamento do goleiro.

Considerando que o pivô tenha executado o giro, o arremesso é feito em uma condição particular, na qual a tomada de decisão requer um tempo curtíssimo, devido: a) a visualização do gol ocorrer apenas após o giro, geralmente em desequilíbrio; b) o tempo curto para que o pivô observe atentamente o posicionamento e a atitude tomada pelo goleiro; c) a decisão do local e da força com que a bola será arremessada.

O pivô também pode ser utilizado como um jogador “circulante” entre os armadores da equipe, atuando momentaneamente distante da linha de 6 metros e participando, seja para continuar ou alterar a direção da circulação de bola ou para chamar a atenção e interromper a seqüência de ações dos defensores, provocando possíveis desequilíbrios no sistema defensivo adversário.

### 3. OS POSTOS ESPECÍFICOS DEFENSIVOS

Os diferentes postos específicos defensivos, assim como já descrito para os postos ofensivos, possuem características próprias de funcionamento, a começar pelos posicionamentos iniciais dos jogadores (mais próximos do setor central da quadra ou mais próximos às laterais) ou pela característica do sistema defensivo (em uma, duas ou três linhas).

Na Figura 9 estão representados os postos específicos defensivos em duas situações.

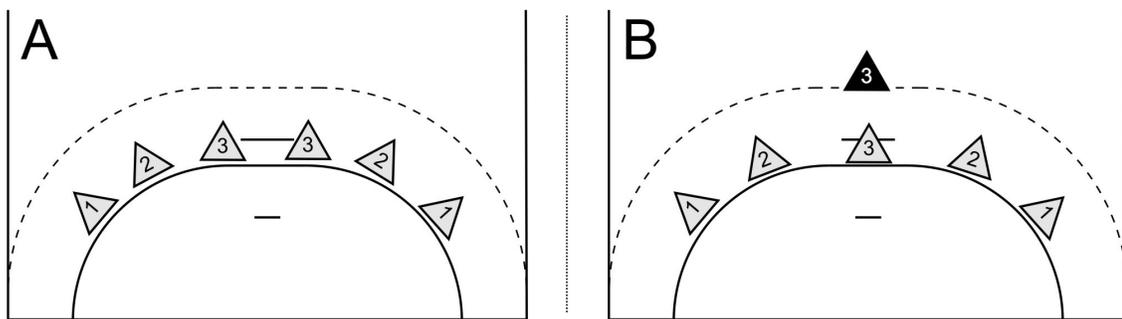


Figura 9 - Postos específicos defensivos em duas situações: A - defesa em uma linha; B - defesa em duas linhas

Com base na figura apresentada anteriormente, os postos específicos recebem a seguinte nomenclatura:

- Situação A, na qual o sistema defensivo está posicionado em apenas uma linha:
  - 1: exteriores (direito e esquerdo, seguindo as propostas de OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), extremas (SIMÕES, 1978) ou primeiro defensor (direito ou esquerdo);
  - 2: laterais (direito e esquerdo, seguindo as propostas de SIMÕES, 1978; OLIVER CORONADO & SOSA

- GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), ou segundo defensor (direito ou esquerdo);
- 3: centrais (direito e esquerdo, seguindo as propostas de SIMÕES, 1978; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), ou terceiro defensor (direito ou esquerdo);
  - Situação B, na qual o sistema defensivo está posicionado em duas linhas:
    - 1: primeiro defensor (direito ou esquerdo) ou exteriores (direito e esquerdo, seguindo as propostas de OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
    - 2: segundo defensor (direito ou esquerdo) ou laterais (direito e esquerdo, seguindo as propostas de OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
    - 3 (representado em cinza): terceiro defensor ou central (seguindo as propostas de OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
    - 3 (representado em preto): terceiro defensor avançado ou avançado (seguindo as propostas de OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Para que os jogadores possam êxito enquanto defensores, de uma forma geral, alguns componentes técnico-táticos e de capacidades físicas devem ser apresentados, tais como:

- a velocidade dos deslocamentos laterais, frontais, diagonais e para trás, para que os meios táticos como a flutuação e a cobertura defensivas possam ser executados de forma que não hajam espaços propícios para a infiltração dos atacantes;

- a velocidade de reação frente à uma ameaça de arremesso do adversário, seja a partir do posicionamento dos braços para evitar ou bloquear arremessos altos, médios ou baixos, ou a partir da mudança de seu posicionamento para fazer com que o atacante arremesse em condições de desequilíbrio;
- a visão periférica dos jogadores diante da execução de um meio técnico-tático ofensivo coletivo da equipe adversária, para evitar que, durante um cruzamento simples, por exemplo, um jogador da defesa que está do lado oposto permita a penetração de um adversário no seu espaço;
- a comunicação e posicionamento dos jogadores durante a passagem ou ocupação de um espaço por parte do pivô e/ou segundo pivô, de maneira a evitar que esses jogadores tenham liberdade para a recepção de bola e posterior giro e arremesso;
- a percepção do jogo para uma saída rápida em contra-ataque e/ou retorno rápido após uma perda de posse de bola, de forma a dificultar as ações de contra-ataques da equipe adversária ou pegar os adversários de surpresa em uma transição rápida entre defesa e ataque.

Algumas particularidades inerentes a cada posto específico serão descritas a seguir.

### **3.1. Exteriores ou primeiros defensores**

São os defensores responsáveis pela marcação dos pontas adversários, sendo que em muitos casos estes são os responsáveis pelas finalizações da equipe. Partindo desse pressuposto, a primeira função estabelecida para esses defensores é a de reduzir as áreas de atuação dos pontas, limitando a esses as zonas de deslocamentos e, conseqüentemente, provocando arremessos de zonas mais próximas à linha de fundo (zonas de menor eficácia).

Para Oliver Coronado & Sosa González (1996) esses defensores também devem apresentar boa qualidade nas características de deslocamentos (variados, visando tanto a largura quanto a profundidade), marcação e interceptação dos passes.

### **3.2. Laterais ou segundos defensores**

Esses defensores são responsáveis pela marcação do pivô (juntamente com os centrais ou terceiros defensores) e dos armadores adversários, muitas vezes impedindo que esses armadores alcancem o setor central da quadra, de onde a eficácia dos arremessos tende a ser maior.

Oliver Coronado & Sosa González (1996) apontam para algumas características a serem desenvolvidas por esses jogadores, tais como: as diferentes direções e velocidades de deslocamentos, a marcação (a distância ou em proximidade), as interceptações de passes e os bloqueios.

### **3.3. Centrais ou terceiros defensores**

Apresentam características semelhantes às dos laterais (ou segundos defensores), com a ressalva de que a sua importância na colaboração e na marcação do pivô adversário é fundamental. Muitas vezes são responsáveis pela marcação exclusiva do pivô (quando este se posiciona entre os dois defensores centrais).

### **3.4. Avançado**

Os defensores que atuam neste posto específico, geralmente estão entre os mais rápidos da equipe, e são responsáveis por dificultar os arremessos de longas distâncias dos adversários, bem como o acesso desses às regiões de maior eficácia.

Oliver Coronado & Sosa González (1996) afirmam que os avançados têm as mesmas características dos demais defensores, com ênfase maior na interceptação de passes e limitar as zonas de deslocamentos dos armadores.

#### **4. OS SISTEMAS OFENSIVOS DE JOGO**

*“A construção do ataque permite organizar os jogadores para coordenar suas ações individuais e coletivas na busca do principal objetivo do jogo ofensivo: conseguir o gol”.* (GARCÍA CALVO, 2004, p.53)

Cada jogador desempenha uma função dentro do sistema e que esteja relacionada taticamente com o objetivo comum. Esses jogadores possuem características diferenciadas, no que diz respeito a diversos aspectos (como os de ordem técnica, tática, de preparação física, psicológica, social, afetiva entre outras), o que por muitas vezes aumenta a complexidade dos sistemas em questão. O funcionamento eficaz do sistema ofensivo ou defensivo depende da boa atuação de todos os jogadores de forma individual (buscando o rendimento máximo para a resolução das tarefas) e coletiva (na leitura da situação do jogo e possível tentativa de auxílio do companheiro).

Atualmente as equipes enquanto em fase ofensiva assumem diferentes estruturas, baseadas nos sistemas ofensivos conhecidos e, principalmente, atuando de forma flexível e variada. A principal premissa é a de surpreender os sistemas defensivos frente às alterações conformacionais ofensivas.

Os sistemas ofensivos no handebol há muito tempo deixaram de ser “estáticos”, com definições claras referentes ao posicionamento dos jogadores dentro de um sistema, e passaram a adquirir um caráter mais “dinâmico”, sendo este responsável pelas modificações estruturais durante seqüências ofensivas e constantes transições entre os jogadores pelos postos

específicos. Esse dinamismo, que também está relacionado com o conceito de jogo livre<sup>26</sup>, sugere que o sistema ofensivo seja analisado juntamente com o sistema defensivo oponente.

Tais sistemas são compostos por duas linhas de jogadores: a primeira formada pelos armadores e a segunda formada pelos pontas e pivô(s). Essa diferenciação das linhas com base na distância dos atacantes em relação ao gol adversário já traz implicações iniciais às características dos jogadores, que serão abordadas no Item Postos Específicos Ofensivos.

A escolha de um determinado sistema de jogo pelos técnicos pode ser justificada, por exemplo, pelas características de cada jogador em seu posto específico ou mesmo pela adequação de seus jogadores em relação ao sistema defensivo adotado pela equipe adversária. Quando o técnico consegue “fundir” as duas situações anteriormente relatadas, as possibilidades de obtenção de êxito ofensivo aumentam, desde que os meios técnico-táticos ofensivos e as tomadas de decisão dos atacantes sejam executadas em situações de desequilíbrio defensivo e com uma relação espaço-temporal-situacional adequada.

Basicamente há três tipos de sistemas ofensivos, o 3:3, o 4:2 e o 2:4, considerando a equipe com o seu número máximo de jogadores. A seguir serão descritos esses sistemas dando ênfase a algumas vantagens e desvantagens por cada um; as situações de superioridade ou inferioridade numéricas não serão aqui abordadas.

#### **4.1. Sistema ofensivo 3:3**

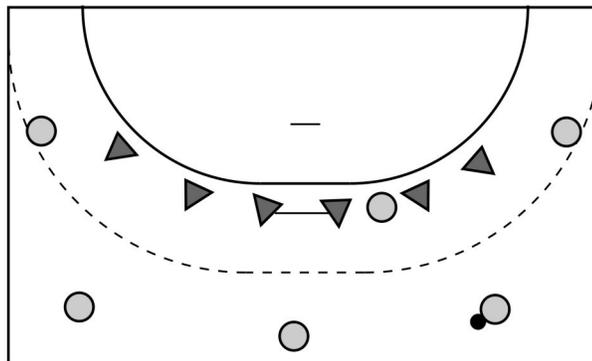
O sistema ofensivo 3:3, ou sistema “clássico”, recebe essa denominação devido à disposição de 3 jogadores na primeira linha ofensiva (armadores direito, esquerdo e central) e 3 jogadores na segunda linha ofensiva (pivô e pontas direita e esquerda). Para Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a, p.95) este “é o sistema padrão de outros sistemas” por ser aquele

---

<sup>26</sup> Para Antón García (1998, p.33) o jogo livre “se caracteriza pela ausência total de procedimentos coordenados que foram estabelecidos e treinados anteriormente”. O autor ainda complementa que o jogo livre é produto relacionado mais com a “qualidade individual dos jogadores (suas capacidades e conhecimentos táticos, a variedade e a riqueza de suas experiências táticas) do que com o treinamento específico ou de uma estratégia inicialmente suscitada” (*ibidem*).

que permite o desenvolvimento dos demais a partir de modificações dos posicionamentos dos jogadores.

Trata-se do sistema ofensivo utilizado mais comumente pelas equipes (no âmbito mundial diante do qual podem se desenvolver diversas variações a partir da utilização dos meios táticos ofensivos individuais e coletivos. Na Figura 10 está representado o esquema do sistema 3:3 (ou clássico), no qual há apenas um jogador no posto específico de pivô.



**Figura 10 - Sistema ofensivo 3:3 (ou clássico)**

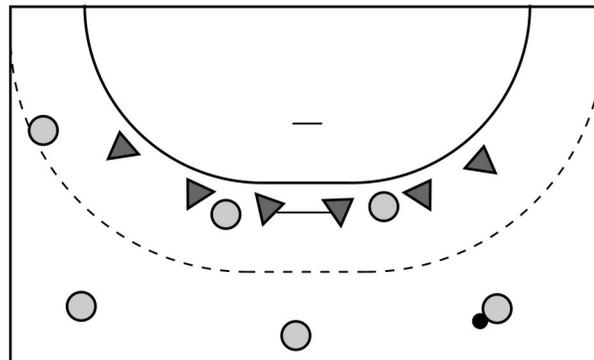
Geralmente o sistema ofensivo 3:3 é adotado quando a equipe possui armadores com boa qualidade nos arremessos de longas distâncias e, principalmente, em situações de superioridade numérica. Para Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a) algumas características são comuns como a manutenção de um ataque posicional e uma participação frequente do pivô.

Há também o sistema ofensivo 3:3 com 2 pivôs, que representa uma derivação do 3:3 clássico, no qual um dos pontas ocupa o posto de pivô, mantendo a formação também com 3 jogadores na segunda linha. Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a, pp.205-206) citam que os jogadores precisam assimilar algumas características, como:

- “a alta qualidade do armador do lado correspondente ao abandonado pelo ponta”, sendo que esse deva apresentar bons desempenhos nas execuções dos meios técnico-táticos individuais e coletivos;
- “a alta qualidade do ponta que se mantém no seu posto específico”;

- “a boa coordenação do pivô fixo com o armador do lado em que não há o ponta”, pelas possibilidades de desequilíbrios defensivos naquela região e possíveis confusões dos defensores com a passagem do ponta;
- “boa coordenação entre os pivôs enquanto suas situações e posições”, onde os pivôs devem trabalhar de forma a produzir espaços para os armadores em posse da bola.

Na Figura 11 está representado um esquema do sistema ofensivo 3:3 com dois pivôs, o qual permite avaliar as ocupações espaciais ofensivas.



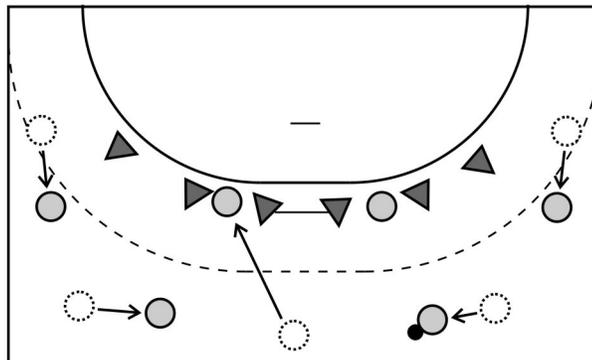
**Figura 11 - Sistema ofensivo 3:3 com 2 pivôs**

É importante verificar o momento e a direção do ponta que se desloca para a região entre os defensores. A sugestão de aplicação desse sistema ofensivo é frente a sistemas defensivos como o 5:1, 3:2:1 e os demais sistemas defensivos abertos, a serem descritos posteriormente.

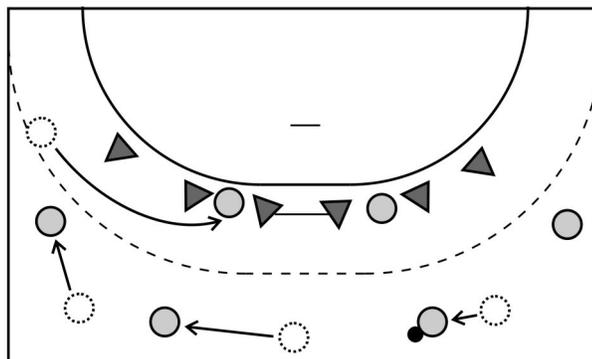
## **4.2. Sistema ofensivo 4:2**

É um sistema de jogo ofensivo resultante de um jogo transformado a partir do sistema clássico e tem como dinâmica de transição as duas passagens a seguir:

- Se um dos armadores ocupar o posto de pivô (ou 2º pivô), os pontas aproximam-se da região central da quadra e, conseqüentemente, dos demais armadores, como representado na Figura 12;
- Se um dos pontas ocupar o posto de pivô (ou 2º pivô), os armadores afastam-se um dos outros e o armador mais próximo ao ponta que ocupou o posto de pivô assume uma posição intermediária entre a sua armação e o ponta, para que haja um balanço entre os dois lados do ataque, como representado na Figura 13.



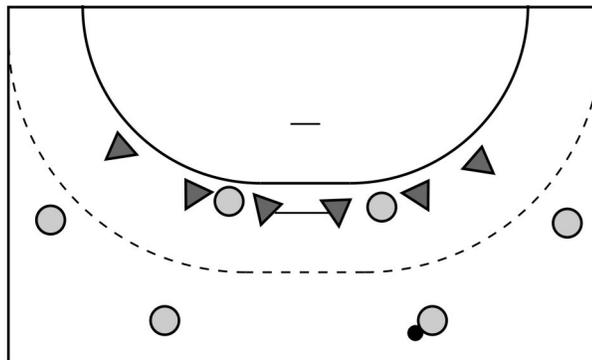
**Figura 12 - Reposicionamento dos atacantes no sistema ofensivo 4:2 quando o armador central assume o posto de 2º pivô**



**Figura 13 - Reposicionamento dos atacantes no sistema ofensivo 4:2 quando o ponta esquerda assume o posto de 2º pivô**

Segundo Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a) sua utilização proporciona bons resultados contra defesas abertas, principalmente frente ao 5:1, 3:2:1 e 3:3 (descritos posteriormente). Os mesmos autores ressaltam sempre a transição desse sistema ofensivo com 1 pivô para as situações nas quais se utilizam 2 pivôs ocorre quando um dos armadores assume o posto específico de pivô e os pontas não se aproximam dos demais armadores para dar continuidade ao jogo.

Desta forma os dois armadores afastam-se entre si, deixando o centro da quadra livre, fazendo com que o jogo fique próximo às laterais e, conseqüentemente, fazendo com que os defensores aproximem-se dessas zonas e deixe desguarnecida momentaneamente a região central da quadra. Na Figura 14 está representado um esquema com o sistema ofensivo 4:2.



**Figura 14 - Sistema ofensivo 4:2**

### **4.3. Sistema ofensivo 2:4**

O sistema ofensivo 2:4 é ocasionado, geralmente, pelo desdobramento de um dos armadores (mais comumente do armador central) para a segunda linha ofensiva, na qual ocupará o posto específico de pivô.

Esse sistema, segundo Arias Estero (2007, p.1), “permite o predomínio do jogo em profundidade sobre o jogo em largura, sem perder a noção de abertura em seu desenvolvimento”. Avaliando a disposição dos jogadores na quadra, ao comparar com a estrutura



técnico-tático individual (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRIQUEZ-ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988a);

- “contra defesas que atuam fundamentalmente na linha de arremesso”, ou posicionam-se muito próximas à linha da área, dificultando a infiltração e obrigando os atacantes a apresentarem uma elevada capacidade em realizar os passes em velocidade, tanto em profundidade como em largura;
- “quando se possuem jogadores de uma boa qualidade técnico-tática individual”, assim como Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a). Verifica-se principalmente pelo fato de esses jogadores possuírem, na região central da quadra, a possibilidade do jogo 2x2 (armador e pivô contra 2 defensores) que pode acarretar em muitos erros de troca de marcação, o que exige dos jogadores uma boa relação tática entre esses dois postos específicos.

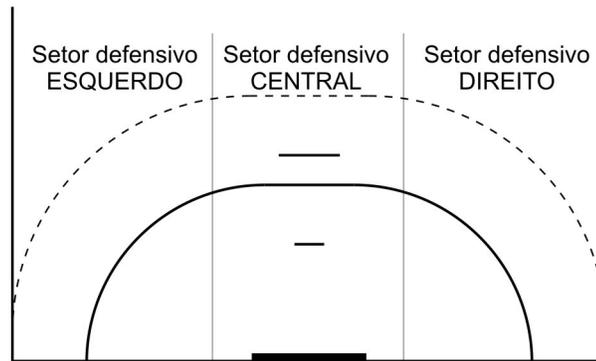
Para Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988a) este sistema também pode ser utilizado: a) para dificultar os deslocamentos em profundidade dos defensores e, dessa forma, dificultar as trocas de marcação; b) para evitar as ajudas entre os defensores que atuam na região central da quadra, zona mais favorável às finalizações; e c) em situações de superioridade numérica ofensiva.

## 5. OS SISTEMAS DEFENSIVOS DE JOGO

*“As defesas utilizadas pelas equipes de handebol podem se estruturar, basicamente, em defesas de estrutura fechada ou defesas de estrutura aberta. Sem dúvida alguma, os dois sistemas defensivos mais utilizados são o 6:0 como representante das estruturas fechadas e o 5:1 como característico dos sistemas abertos” (GUTIÉRREZ AGUILAR & FÉREZ RUBIO, 2009, p.114).*

Os sistemas defensivos buscam manter suas características de forma estável, apesar de estarem em contínuas modificações, durante todas as situações que são impostas por cada atacante e pelo sistema ofensivo adversário (ANTÓN GARCÍA et al., 2000).

Esses sistemas defensivos são classificados de três formas: individual, zonal e misto ou combinado (que agrega características dos sistemas individual e zonal). Esses sistemas serão divididos, didaticamente, de acordo com a idéia de “setorização” da quadra defensiva. Para isso a quadra defensiva será dividida em três setores (direito, esquerdo e central), que correspondem à zona de atuação dos defensores, e a sua lateralidade estará relacionada ao gol da equipe que se encontra na defesa, conforme indicado na Figura 16.



**Figura 16 - Divisão da quadra defensiva nos setores esquerdo, central e direito**

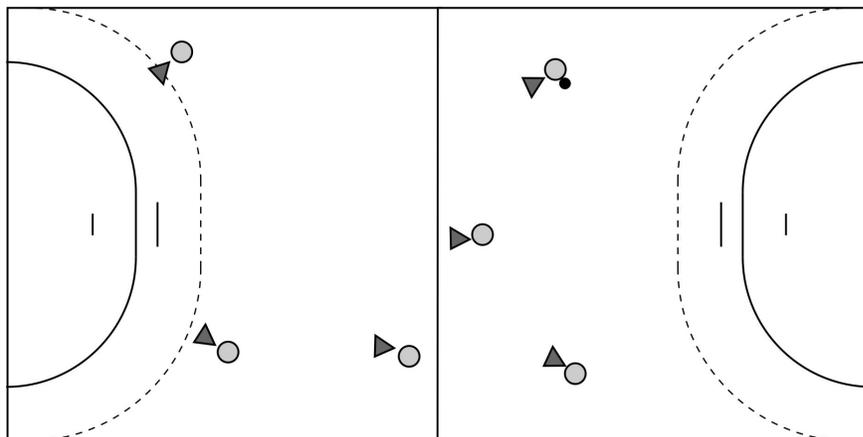
## **5.1. Sistemas defensivos individuais**

Nos sistemas defensivos individuais cada jogador tem responsabilidade sobre seu oponente, neles a marcação é executada muito próxima ao atacante, estando este em posse ou não da bola. Para Antón García (2002, p.54-55) é realizada a “marcação de cada defensor de forma permanente sobre o mesmo oponente, próximos da zona onde estes atuam ou se deslocam”.

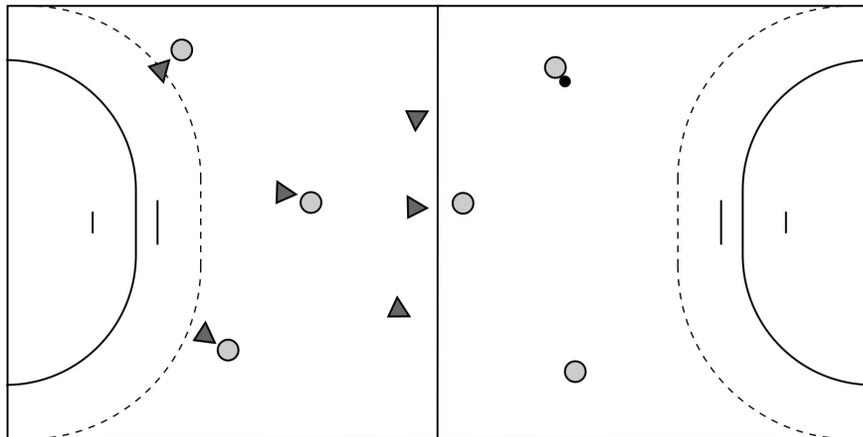
Ehret et al. (2002) afirmam que o sistema defensivo individual é um pré-requisito para um bom desenvolvimento dos demais sistemas, o que o torna, segundo a visão dos autores, como o primeiro sistema defensivo a ser apresentado aos jovens jogadores.

Esse sistema pode se manifestar de três formas (EHRET et al, 2002):

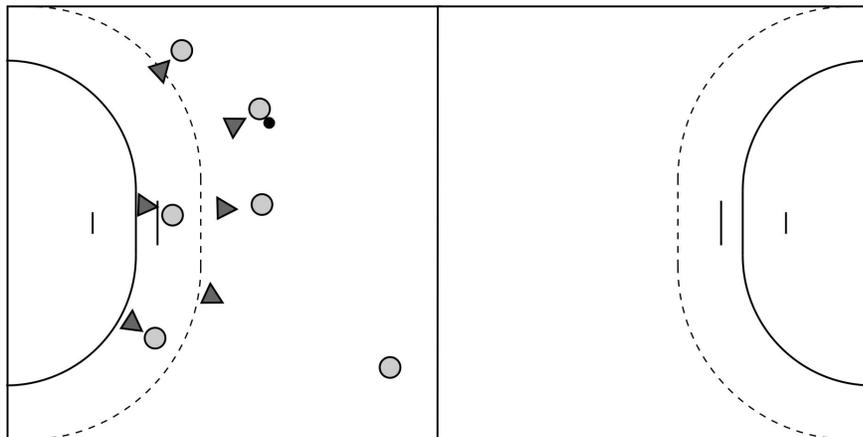
- **Em toda a quadra de jogo:** pressionando a equipe adversária já no instante da saída de bola. O objetivo é perturbar o ataque o quanto antes, provocando falhas que permitam a rápida recuperação da posse da bola. Este sistema está representado na Figura 17;
- **Na própria quadra de jogo (ou em metade da quadra):** os defensores pressionam efetivamente os atacantes apenas após a linha central da quadra. Em relação ao anterior, permite um número maior de ajudas entre os defensores. Na Figura 18 está representado o esquema com o posicionamento dos defensores na própria quadra;
- **Próxima à área a ser defendida:** todos os defensores posicionam-se próximos à linha dos 9 metros, região na qual são acompanhados os respectivos atacantes. Na Figura 19 está representado o esquema com este sistema defensivo.



**Figura 17 - Sistema defensivo individual em toda a quadra de jogo**



**Figura 18 - Sistema defensivo individual na própria quadra de jogo**



**Figura 19 - Sistema defensivo individual próximo à área defendida**

## 5.2. Sistemas defensivos zonais

*“Em todos ou quase todos os sistemas defensivos existem dois tipos de critérios empregados na definição ou no reconhecimento de um jogo defensivo continuado: os que definem a função de cada um dos defensores e os que definem se o sistema vai ganhar em largura e profundidade”. (SIMÕES, 2002, p.179)*

Antón García (2002, pp.55-56) afirma que nos sistemas zonais “todos os defensores são responsáveis pela zona defensiva que ocupam – ou posto específico”, o que

remete ao objetivo de evitar a consecução do gol pelo adversário, situação na qual todos os defensores que estão atuando em zona, seja marcando o seu atacante direto ou colaborando com seus companheiros, cumpram seus objetivos específicos no posto defendido.

### **5.2.1. Sistema defensivo 6:0**

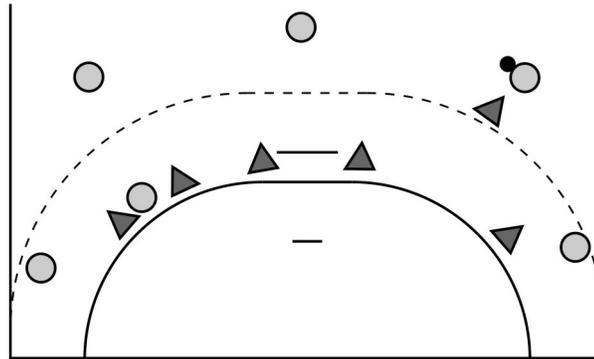
É caracterizado como um sistema fechado de defesa, devido aos 6 jogadores posicionarem-se próximos à linha de 6 metros, sendo também um dos sistemas defensivos mais utilizados. É considerado como o sistema defensivo padrão dos demais (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988b). Esse sistema pode se manifestar de duas distintas formas: na linha de arremesso ou em basculação ou bloco defensivo.

O sistema 6:0 na linha de arremesso tem como característica a aproximação do defensor em direção ao seu atacante quando este se encontra em posse de bola, sendo que cada defensor é responsável pelo seu setor na quadra. Para Simões (2002, p.180) “velocidade e marcação por aproximação se enquadram nesse mecanismo, com os defensores participando em movimentos de saída e retorno rápidos”.

Outra responsabilidade do defensor, no sistema defensivo 6:0 em linha de arremesso, é com relação ao seu oponente direto, estando esse com ou sem a posse da bola. Geralmente opta-se por esse tipo de sistema defensivo 6:0 quando:

- Um dos armadores apresenta boa capacidade de arremessos de longa distância, tendo como objetivo dificultar que esses progridam e alcancem uma distância eficaz de arremesso, sem que para isso se utilize de um sistema defensivo aberto;
- Deseja-se defender com um alto grau de agressividade (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988b).

Na Figura 20 está representado um esquema do sistema defensivo 6:0 atuando na linha de arremesso, no qual pode-se notar a proximidade do defensor com seu marcador direto em posse da bola.



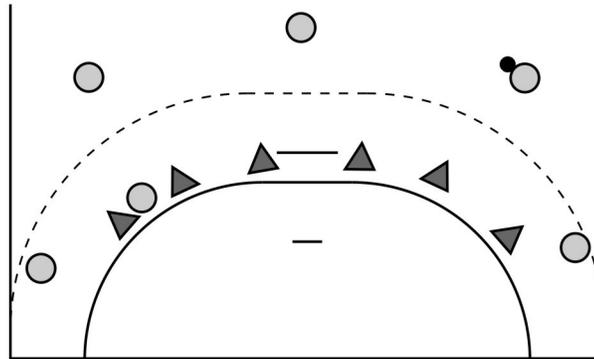
**Figura 20 - Sistema defensivo 6:0 atuando em linha de arremesso**

Já o sistema 6:0 em basculação ou bloco defensivo tem como característica a proximidade entre os defensores, o que proporciona melhor colaboração entre cada um desses. Os defensores devem possuir uma boa capacidade de executar bloqueios defensivos e deslocamentos laterais, sendo que esses deslocamentos são realizados na mesma direção da circulação da bola para formar o bloco defensivo naquele setor.

Opta-se por esse tipo de defesa 6:0 quando:

- Os jogadores da equipe adversária não apresentam boa capacidade de arremessos de longa distância ou apresentam uma boa qualidade nas infiltrações, tendo os defensores a função de reduzir os espaços para essas trajetórias;
- Quando os atacantes da segunda linha possuem boas qualidades técnico-táticas individuais, ocasionando em uma redução dos espaços para as movimentações do pivô e para os arremessos dos pontas

Na Figura 21 está representado o esquema do sistema defensivo 6:0 atuando em basculação ou bloco defensivo.



**Figura 21 - Sistema defensivo 6:0 em basculação ou bloco defensivo**

### 5.2.2. *Sistema defensivo 5:1*

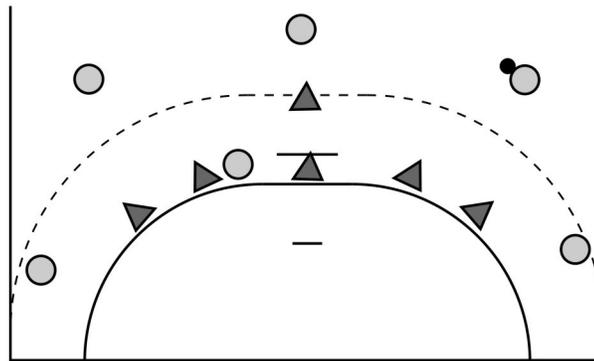
É atualmente, juntamente com o sistema defensivo 6:0, um dos sistemas mais utilizados no handebol. Caracteriza-se por possuir um jogador na segunda linha defensiva, cujo objetivo principal é dificultar que o armador central consiga atuar em profundidade, e que tem como desvantagem a possibilidade de espaços mais amplos para a atuação dos atacantes da segunda linha.

Para Simões (2002, p.197) “o sistema é hierárquico na medida em que um defensor é responsável pela cobertura da zona espacial central”. Para Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988b) as principais utilizações desse sistema defensivo são:

- Quando a equipe adversária possui ótimos arremessadores no setor central da quadra, objetivando diminuir os espaços para o desenvolvimento das ações do armador central;
- Quando a equipe adversária possui os armadores direito e esquerdo com trajetórias que ameacem o setor central da quadra, cabendo aqui o auxílio dos respectivos marcadores diretos desses jogadores;
- Para dificultar ou retardar a circulação de bola dos atacantes da primeira linha, perturbando constantemente esses jogadores a partir da utilização dos meios técnico-táticos defensivos individuais descritos posteriormente;

- Frente a equipes que não possuem boa qualidade na segunda linha ofensiva.

Na Figura 22 está representado o esquema de posicionamento dos defensores nesse sistema. É importante observar que no caso de o defensor da segunda linha ser vencido, há a possibilidade de ajudas por parte dos demais defensores da primeira linha.



**Figura 22 - Sistema defensivo 5:1**

### 5.2.3. *Sistema defensivo 4:2*

O sistema defensivo zonal 4:2 caracteriza-se por possuir quatro jogadores na primeira e dois jogadores na segunda linha, sendo esses responsáveis, inicialmente, pela marcação dos armadores direito e esquerdo. Neste sistema, em relação aos descritos anteriormente, há um “abandono” ainda maior da segunda linha ofensiva, o que sugere que possa ser utilizado contra equipes que possuem jogadores com baixa qualidade nessas funções.

Os defensores mais exteriores da primeira linha deslocam-se na direção da bola, com o objetivo de diminuir os espaços dos atacantes no setor no qual a bola está localizada. Para Simões (2002) a coordenação entre os defensores é muito importante para a eficácia do sistema, uma vez que as responsabilidades individuais nesse sistema também são bem definidas.

É utilizado contra equipes que possuem bons arremessadores da primeira linha ofensiva, principalmente quando suas trajetórias buscam o setor central da quadra, assim como

com o objetivo de romper o ritmo ofensivo, a partir da redução dos espaços dos atacantes da primeira linha.

Na Figura 23 está representado um esquema do posicionamento dos jogadores no sistema defensivo 4:2.

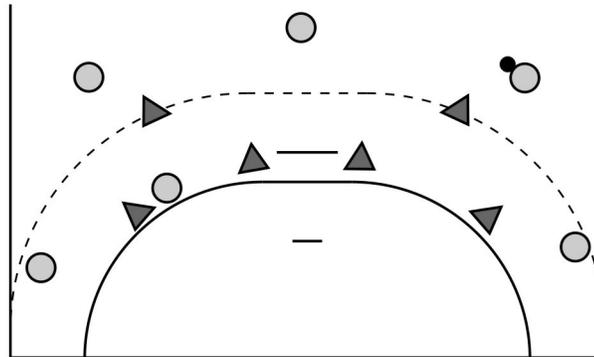
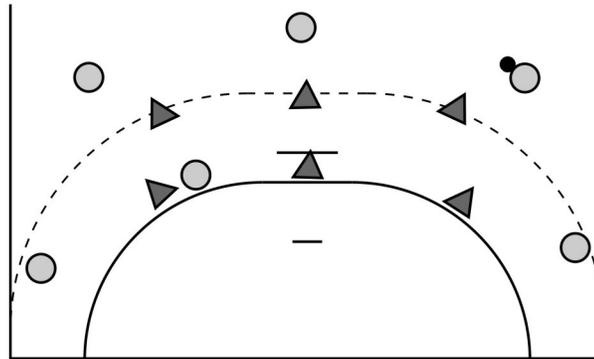


Figura 23 - Sistema defensivo 4:2

#### 5.2.4. Sistema defensivo 3:3

O sistema defensivo 3:3 é caracterizado por ser um sistema aberto de defesa, devido a seus jogadores não estarem alinhados na linha dos 6 metros como em outros sistemas. Simões (2002, p.236) o classifica como sendo o “mais arriscado dentro da modalidade handebol” e ainda que “exige condições físicas, técnicas e táticas altamente qualificadas por parte dos atletas”. Para Nagy-Kunsagi (1983), o sistema defensivo 3:3 permite uma fácil aproximação dos atacantes à linha de 6 metros.

O caráter da marcação individual é muito exigido neste sistema, dessa forma qualquer falha individual de posicionamento ou de marcação, por exemplo, poderão acarretar em situações favoráveis ao sistema ofensivo adversário, gerando espaços propícios para o arremesso. Esses espaços, muitas vezes, são de difícil cobertura, por se tratar de regiões centrais da quadra, por exemplo. Na Figura 24 está representado o posicionamento dos defensores no sistema 3:3.



**Figura 24 - Sistema defensivo 3:3**

Assim como os demais sistemas defensivos, o 3:3 apresenta vantagens como:

- Inibir arremessos de longas distâncias, perante equipes que possuam armadores com excelente efetividade de arremessos, devido à maior distância (em relação ao sistema defensivo 6:0) que o armador necessita para receber a bola e realizar o ataque;
- Reduzir a velocidade dos passes durante o ataque posicional da equipe em posse de bola, permitindo que o sistema defensivo busque sempre a superioridade ou igualdade numérica nos setores da quadra nos quais a bola está presente;
- A diminuição do raio de ação dos armadores, fazendo com que esses se executem as suas ações em distâncias longas em relação ao gol e dificultando a sua infiltração;
- Facilitar a transição para situações de contra-ataques, haja visto que 3 jogadores estão presentes na 2ª linha defensiva.

Algumas desvantagens estão relacionadas com esse sistema e merecem ressalvas, tais como:

- Permite aos pontas uma região maior para deslocamento e, por conseqüência, que estes possuam maiores espaços para a execução de suas ações ofensivas;

- Também possibilita ao pivô maior espaço para deslocamentos e, dependendo das características desse jogador, torna-se um incômodo permanente para os defensores.

### 5.2.5. *Sistema defensivo 3:2:1*

O sistema defensivo 3:2:1 é o único reportado na literatura que apresenta três linhas defensivas, sendo a primeira composta por três jogadores, a segunda por dois e a terceira por um jogador. É um sistema que atua em grande profundidade e que aparentemente é uma formação aberta. O principal objetivo é o combate à primeira linha ofensiva, principalmente frente às tentativas de infiltrações e de arremessos desses jogadores.

Simões (2002, p.210) afirma que esse sistema “deve ser empregado na medida em que todos os atletas tenham conhecimento teórico e prático estabelecido com a realidade do jogo defensivo continuado”. Para Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988b) esse sistema é uma variação do sistema defensivo 5:1, com a diferença de que há mais dois jogadores atuando em posição avançada. Tem como vantagem o ganho de profundidade, como nos sistemas 5:1, 4:2 e 3:3, além de um possível ganho na largura. Para os autores supracitados, esse sistema é utilizado:

- Quando a equipe adversária possui bons arremessadores de longa distância (citado também por SIMÕES, 2002);
- Quando a equipe adversária não possui boa qualidade na segunda linha ofensiva;
- Quando se pretende romper com o ritmo ofensivo, reduzindo os espaços de atuação dos atacantes da primeira linha.

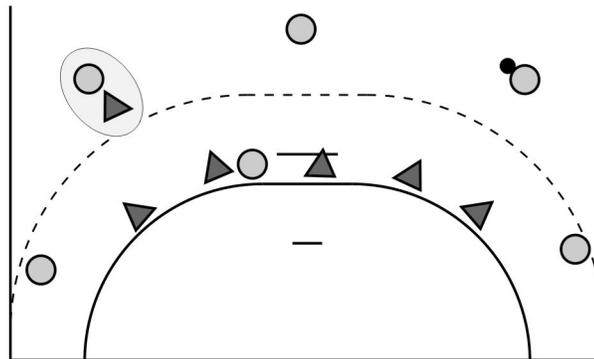
O conceito de deslocamento na mesma direção da circulação da bola também é utilizado neste sistema, possibilitando a formação de um bloco defensivo no mesmo setor no qual a bola se encontra, com a vantagem, em relação ao sistema defensivo 6:0, de que há um ganho também em profundidade. Na Figura 25 está representado um esquema do posicionamento dos jogadores no sistema defensivo 3:2:1.



executando marcação individual sobre um adversário (provavelmente o atacante mais habilidoso ou o melhor arremessador).

O sistema misto 5+1 também pode ser utilizado com o intuito de alterar o ritmo ofensivo, provocando uma pressão maior sobre um determinado atacante, impedindo que este receba a bola. Para Melendez-Falkowski & Enriquez-Fernández (1988b) a utilização deste sistema provoca na equipe adversária uma forma de jogo não habitual, criando novos problemas a serem resolvidos. Este sistema é utilizado, além dos fatores citados anteriormente, quando um jogador tem boa articulação ofensiva, ou mesmo quando a equipe atacante apresenta-se em inferioridade numérica.

Na Figura 26 está representado o esquema de posicionamento dos defensores no sistema misto 5+1, sendo que o armador direito está sendo marcado individualmente por um defensor, enquanto os demais defensores atuam em zona.



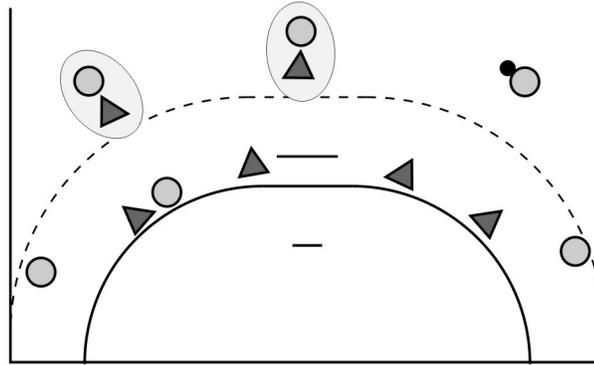
**Figura 26 - Sistema defensivo 5+1**

### **5.3.2. Sistema defensivo 4+2**

O sistema defensivo misto 4+2 é caracterizado pela presença de 4 jogadores posicionados em zona na primeira linha defensiva e 2 jogadores mais destacados dessa defesa fazendo a marcação individual sobre dois atacantes.

Os princípios são muito semelhantes ao sistema 5+1, com a ressalva de que para a utilização deste é necessário que haja dois atacantes que, por si só, desequilibrem a partida.

Na Figura 27 está representado o esquema do sistema 4+2, estando os armadores central e direito pressionados pela marcação individual.



**Figura 27 - Sistema defensivo 4+2**

### 5.3.3. *Sistema defensivo 3+3*

Mais raramente encontrado, o sistema misto 3+3 tem características semelhantes aos dois sistemas citados anteriormente, porém com 3 defensores executando a marcação individual. Esse sistema aproxima-se muito ao sistema individual, pois as responsabilidades de cada defensor e as distribuições dos jogadores na quadra possuem essas semelhanças.

Na Figura 28 está representado um esquema com o posicionamento dos defensores nesse sistema, sendo que os três atacantes da primeira linha estão submetidos à marcação individual.

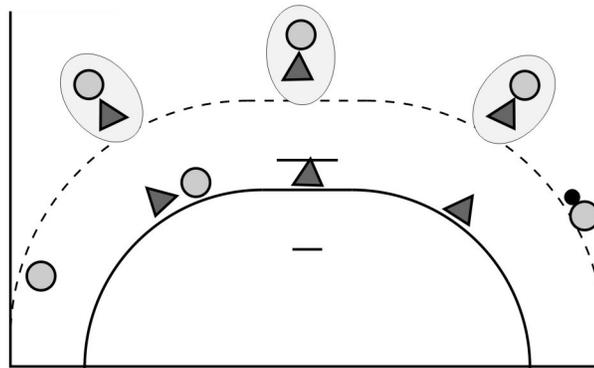


Figura 28 - Sistema defensivo 3+3

## 6. OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS

As situações de superioridade numérica, tais como o 3x2, o 2x1 e o 1x0, devem ser sempre um dos objetivos constantes e comuns dos atacantes e seus sistemas. Antón García (1998, p.28) afirma que:

*“as melhores possibilidades de conseguir o objetivo do jogo radicam na obtenção de situações finais de 1 contra 0, ou seja, aquelas nas quais um jogador enfrenta exclusivamente o goleiro. Isto se consegue se de forma consciente e organizada a equipe trata de atuar de tal maneira que cada jogador dificulte ou atrase a intervenção de um defensor sobre seu adversário direto, conseguindo situações de vantagem numérica em zonas parciais da quadra. [...] Este princípio também significa evitar situações de igualdade numérica em espaços reduzidos e muito especialmente as inferioridades numéricas.”*

Assim como em todos os meios técnico-táticos ofensivos, individuais e coletivos, a percepção das atitudes e movimentações dos defensores são de fundamental importância para a intervenção inteligente dos atacantes, a partir do desencadeamento de elementos que objetivem manter a posse da bola e gerar, posteriormente, uma situação de superioridade numérica, sempre favorável para a obtenção de êxito nessa fase de jogo.

Independente de sua conformação espacial, os jogadores buscam contemplar dentro dos sistemas ofensivos o principal objetivo de seu jogo, que é marcar o gol. Para isso esses

jogadores lançam mão de meios táticos ofensivos que, na tentativa de marcar o gol, têm como objetivos também a criação de situações de desequilíbrio defensivo e, conseqüentemente, proporcionar condições ótimas de finalização, tais como:

- O equilíbrio corporal do jogador em posse de bola durante o momento da finalização ou em uma situação de 2x1 com múltiplas possibilidades de fintas, passes e arremessos;
- A criação de uma situação de superioridade numérica nas regiões centrais da quadra, desde que seja criada a possibilidade de finalização.

García Calvo et al. (2004, p.53) afirma que a “variabilidade nas ações de ataque vai constituir um dos parâmetros essenciais na organização do jogo coletivo ofensivo nas equipes de alto nível”, o que possivelmente possa tornar um ataque mais eficaz devido às constantes perturbações que são impostas aos defensores, principalmente se essas ações apresentam-se de forma variada e que permitam possíveis mudanças durante o seu transcorrer.

Neste capítulo serão apresentadas as definições dadas por alguns autores para cada meio técnico-tático, suas formas de realização, algumas situações que são favoráveis ou desfavoráveis à realização desses e os desencadeamentos táticos resultantes das atitudes dos defensores e, conseqüentemente, dos atacantes. Para Antón García (1998) os meios táticos ofensivos coletivos são: o passa e vai, a troca de postos específicos, os cruzamentos, os bloqueios, as penetrações sucessivas e a cortina. Nesta pesquisa serão considerados outros meios táticos descritos na literatura, tanto individuais como coletivos.

## **6.1. Os meios técnico-táticos ofensivos individuais**

Os meios táticos individuais ofensivos são manifestados pelos jogadores das formas mais variadas, como é o exemplo da finta (que pode ser com um giro, finta de braço, finta de perna, finta de corpo, de passe ou de arremesso) e que também existe uma predominância de determinadas ações se comparadas às outras ações. Essa predominância varia de acordo com as características de cada posto específico, da individualidade do atacante, do comportamento e

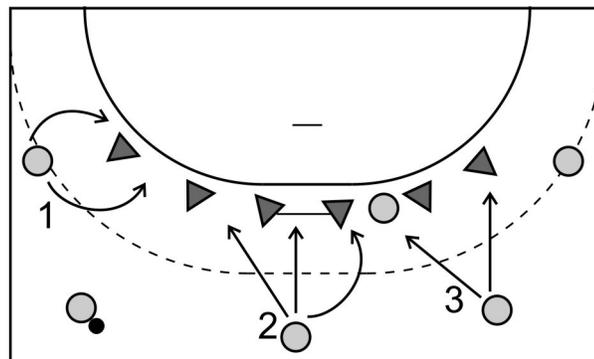
posicionamento do defensor frente a uma ação ofensiva e da característica dos sistemas ofensivo e defensivo.

### 6.1.1. Trajetórias

São as trajetórias efetuadas pelos jogadores que não estão em posse da bola e estão próximos ou não do atacante em posse da mesma, sempre na tentativa de aproximar-se do gol adversário em condições de dificultar as ações dos defensores.

Os objetivos são: a) chamar a atenção dos defensores; b) ser apoio ao atacante em posse da bola para que esse possua opções de dar continuidade ao jogo ofensivo; ou c) buscar um posicionamento que seja efetivo para receber a bola em condições de finalizar, progredir em direção ao gol ou dar continuidade ao jogo.

As trajetórias podem ser feitas de três formas: reta, em curva ou em diagonal. Na Figura 29 estão representados os três tipos de trajetórias dos atacantes citados anteriormente.



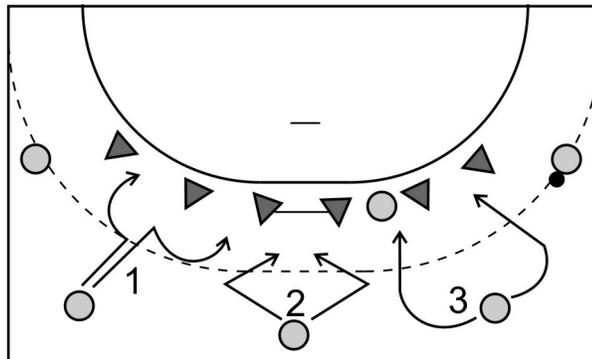
**Figura 29 - Trajetórias dos jogadores - 1: em curva para a direita e para a esquerda (respectivamente); 2: diagonal, reta e em curva para a esquerda (respectivamente); 3: em diagonal e reta (respectivamente)**

As trajetórias em diagonal e reta têm como característica uma maior velocidade dos jogadores em comparação com a trajetória em curva, que possui como característica a aproximação do gol adversário de forma mais distanciada em relação ao defensor.

### 6.1.2. *Mudanças de direção das trajetórias*

As mudanças de direção das trajetórias são caracterizadas por duas trajetórias executadas consecutivamente em direções diferentes, executadas sem a posse da bola. Ou seja, trata-se da combinação de duas trajetórias podendo ser, por exemplo: reta seguida de curva; diagonal para a direita seguida de diagonal para a esquerda; diagonal seguida de curva; diagonal seguida de reta, o que será determinado pela necessidade da situação na qual a equipe se encontra.

Os objetivos são: a) enganar o defensor e provocar um desequilíbrio momentâneo nesse, gerando superioridade numérica ou criando espaços; e b) buscar um posicionamento que promova melhores condições de arremesso ou continuidade do jogo ofensivo. Na Figura 30 estão representadas três possibilidades de mudança de direção das trajetórias, todas para os atacantes da primeira linha, o que não é um caráter exclusivo.



**Figura 30 - Mudanças de direção das trajetórias - em 1: diagonal para curva; em 2: diagonal para diagonal oposta; em 3: curva para reta**

Nas representações do caso 1 da Figura 30, o jogador faz uma trajetória em diagonal e na seqüência uma trajetória curva para a direita (ou para a esquerda), o que remete à

idéia de uma atração do seu marcador direto e aproveitamento do espaço criado<sup>27</sup>; no caso 2 utiliza-se o mesmo objetivo, porém com trajetórias diagonais sucessivas; já para o caso 3 o jogador efetua uma trajetória curva seguida de uma reta buscando uma distância eficaz para o arremesso ou mesmo a continuidade do jogo ofensivo.

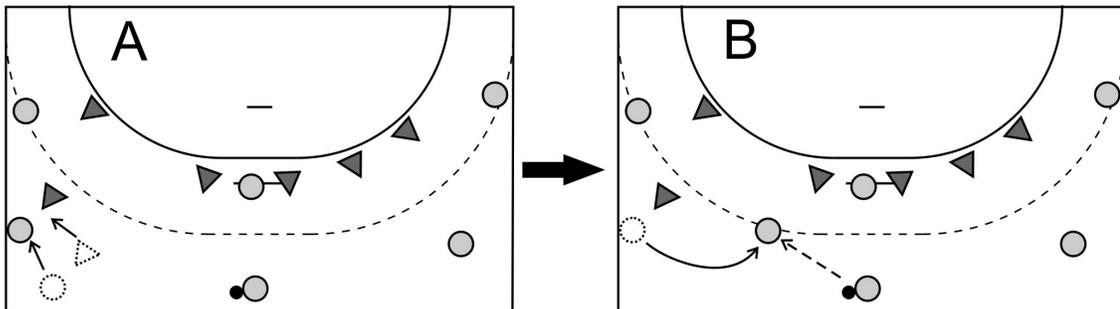
### **6.1.3. Desmarque**

O desmarque é caracterizado por sucessivas mudanças de direção das trajetórias com o objetivo de livrar-se de um marcador muito próximo, é semelhante a uma situação de marcação individual. Essa ação exige dos atacantes um bom domínio das mudanças de direção e das velocidades das trajetórias (GARCÍA CUESTA, 1991).

Para García Cuesta (1991, p.66) o desmarque é uma “ação surpresa que busca a ocupação de um espaço eficaz antes de um defensor, iludindo sua marcação”. Dessa forma o objetivo do atacante que necessita se desmarcar é o de conduzir seu marcador até uma determinada área da quadra para então ocupar de forma rápida e eficaz uma área onde possa executar suas ações. O desmarque pode ser feito tanto buscando uma profundidade na quadra de jogo e, conseqüentemente, aproximando-se do gol adversário, como no sentido lateral da quadra, para servir de apoio ao companheiro em posse da bola. Na Figura 31 está representada a situação de desmarque do armador esquerdo quando submetido à marcação individual no sistema defensivo misto 5+1.

---

<sup>27</sup> Ribeiro (19-, p.91) utiliza o termo “abrir espaços” para indicar a criação ou produção de espaços na defesa em decorrência do bom desenvolvimento do jogo ofensivo. O autor aponta que essa abertura de espaços tem como objetivos “propiciar arremessos após infiltração ou servir os jogadores de seis metros” (*ibidem*)

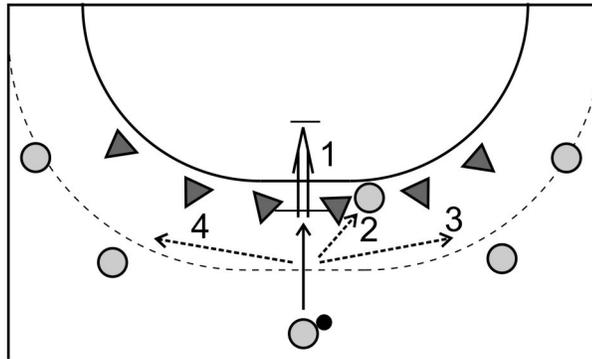


**Figura 31 - Desmarque realizado pelo armador esquerdo em uma situação de marcação individual**

Na Figura 31 o armador esquerdo, ao ser submetido à marcação individual, conduz seu marcador até uma zona mais próxima à lateral da quadra (e conseqüentemente mais distante dos demais defensores), realiza uma rápida mudança de direção e recebe a bola se deslocando para a região central da quadra. Seu marcador individual não consegue recuperar a sua posição e a ajuda dos demais defensores torna-se dificultada, devido à distância na qual o atacante recebe a bola.

#### **6.1.4. Progressões**

As progressões são os deslocamentos do atacante que possui a bola na direção do gol adversário. Os objetivos são: a) aproximar-se do gol para a finalização; b) aproximar-se da defesa oferecendo perigo; ou c) dar continuidade ao jogo ofensivo. Na Figura 32 está representado um exemplo de progressão do armador central e algumas possibilidades de intervenção no jogo ofensivo.



**Figura 32 - Progressão do armador central e quatro possibilidades de tomada de decisão**

Na figura apresentada anteriormente, o armador central tem quatro possibilidades de atuação, que dependerá da atitude dos defensores e seus possíveis deslocamentos, além da leitura que o atacante em posse de bola terá e das respostas dadas pelos possíveis apoios. As quatro possibilidades apresentadas são: 1 – arremesso para o gol, caso os defensores não ocupem a região central da quadra; 2 – passe para o pivô, caso este possua condições para a recepção; 3 e 4 – passe para um dos armadores, caso os defensores fechem a região central da quadra e impossibilitem o passe para o pivô.

### **6.1.5. Fintas**

São ações executadas por um jogador com a posse da bola, na qual esse jogador, freqüentemente no final de sua progressão, muda a direção do seu deslocamento para um dos lados com o objetivo de vencer a oposição de seu marcador. Após a mudança de direção o atacante deve aumentar a sua velocidade, encontrando-se em situação de superioridade numérica. Ainda assim, a primeira ação do jogador, ou progressão inicial, deve apresentar perigo iminente à defesa, fazendo com que o defensor tenha que executar alguma ação (resposta) para impedir sua progressão, sendo esse o momento propício para a execução da finta.

As fintas podem ser classificadas, segundo Bárcenas González & Román Seco (1991, p.172-173), de acordo com os seguintes critérios:

- *Em função do momento de recepção:* em contato com o solo ou em suspensão;
- *Em função da orientação do atacante:* de frente, de costas ou de lado para o defensor, ou essas combinadas;
- *Em função do número de mudanças de direção:* finta simples (uma mudança de direção) ou finta dupla (duas mudanças de direção);
- *Em função da trajetória de saída da finta:* normal ou falsa;
- *Em função do momento da mudança de direção depois de enganar o oponente:* no ponto zero, no primeiro, segundo ou terceiro passo.

Cabe ressaltar que a finta é executada em posse da bola, havendo uma discordância com os autores supracitados quando esses afirmam que a finta depende, também, do momento da recepção. Entende-se aqui que até o momento da recepção o atacante encontra-se em uma trajetória direcionada ou não ao gol e, estando esse em suspensão, provavelmente não tenha um raio de ação e apoio suficientes para executar o meio técnico-tático referido.

Para García Cuesta (1991, p.69) para que o atacante execute as fintas de forma eficaz torna-se indispensável “dominar as ações em espaços curtos sob pressão do adversário”, para que consiga aproveitar-se da situação de desequilíbrio do seu marcador. Oliver Coronado & Sosa González (1996) descrevem a finta de deslocamento, definindo-a como uma situação que permita ultrapassar o adversário ou criar opções que resultem, especificamente, em vantagens para o ataque como a superioridade numérica e a criação e ocupação de espaços vazios. Outros tipos de fintas também são notados, como as de giro ou as de braço, por exemplo.

Ibañez Coma (1996) divide a execução da finta em quatro fases:

1. Preparatória: movimento inicial do jogador até a recepção da bola (trajetória inicial);
2. Primária: abrange desde o momento em que o jogador recebe a bola até a ameaça do atacante;
3. Mudança da direção: abrange do final da ameaça do atacante até o final da ação produzida que pode ser mantida ou alterada, de acordo com a resposta dada pelo defensor à ameaça inicial;
4. Final: mudança de direção dada após a resposta do defensor à mudança de ação.

Para Antúnez Medina & Ureña Ortín (2002) as fintas apresentam três fases:

1. Fase de engano: objetiva provocar o desequilíbrio do defensor até uma determinada zona;
2. Fase de frenagem: o atacante realiza uma parada objetivando a análise do comportamento do adversário;
3. Fase de saída: após conseguir a vantagem espacial, o atacante realiza uma mudança de direção e de velocidade para obter êxito sobre o defensor.

Na Figura 33 está representado um exemplo de finta executado pelo armador central.

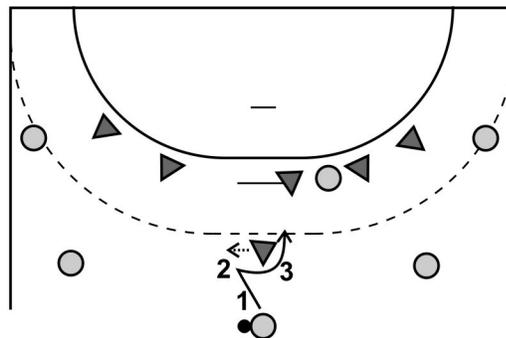


Figura 33 - Representação da finta executada pelo armador central tendo as fases propostas por Antúnez Medina & Ureña Ortín (2002) assim representadas: 1 – fase de engano; 2 – fase de frenagem; 3 – fase de saída

## 6.2. Os meios técnico-táticos ofensivos coletivos

### 6.2.1. Fixações

Há uma ação realizada pelos atacantes que merece atenção e que também fornece os parâmetros e informações espaciais e temporais necessários para a execução dos meios táticos ofensivos e mesmo para a continuidade do jogo ofensivo, que é a fixação.

Quanto à “fixação” Feu Molina (2006, p.56) afirma que o principal objetivo é o de “chamar a atenção de um defensor”, ou seja, o atacante deve fixar o marcador em uma determinada posição. Já para Fernández Romero et al. (1999) as fixações no jogo de handebol têm por finalidade a obtenção de superioridade numérica e devem possibilitar a penetração ou a progressão (quando não ocorre a penetração). Dessa forma, entende-se que, além do fato de o atacante buscar constantemente a atenção do defensor, tal ação deve estar inserida em um contexto técnico-tático, com uma finalidade bem definida que possibilite uma série de desencadeamentos grupais ou coletivos ofensivos (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Baseando-se nos autores citados, afirma-se que o principal objetivo das fixações é:

*“buscar situações favoráveis aos atacantes, provenientes de desequilíbrios temporários dos defensores, tendo como conseqüência a superioridade numérica ofensiva ou rápidas interações entre os atacantes que possibilitem ocupações inteligentes dos espaços gerados para a progressão em direção ao gol adversário ou para o arremesso”.*  
(MENEZES, 2011, p.40)

Sendo assim, as fixações, de forma sumária, devem ser relacionadas diretamente com os defensores (marcadores direto e indireto) atraídos pelo atacante que a realiza. Podem ser identificados três tipos básicos de fixação, representados na Figura 34, que são:

- Par: a qual o atacante atrai seu marcador direto (Figura 34A);
- Ímpar: a qual o atacante atrai seu marcador indireto (Figura 34B);
- Par-ímpar: a qual o atacante atrai os marcadores direto e indireto (ou ataque ao intervalo, Figura 34C).

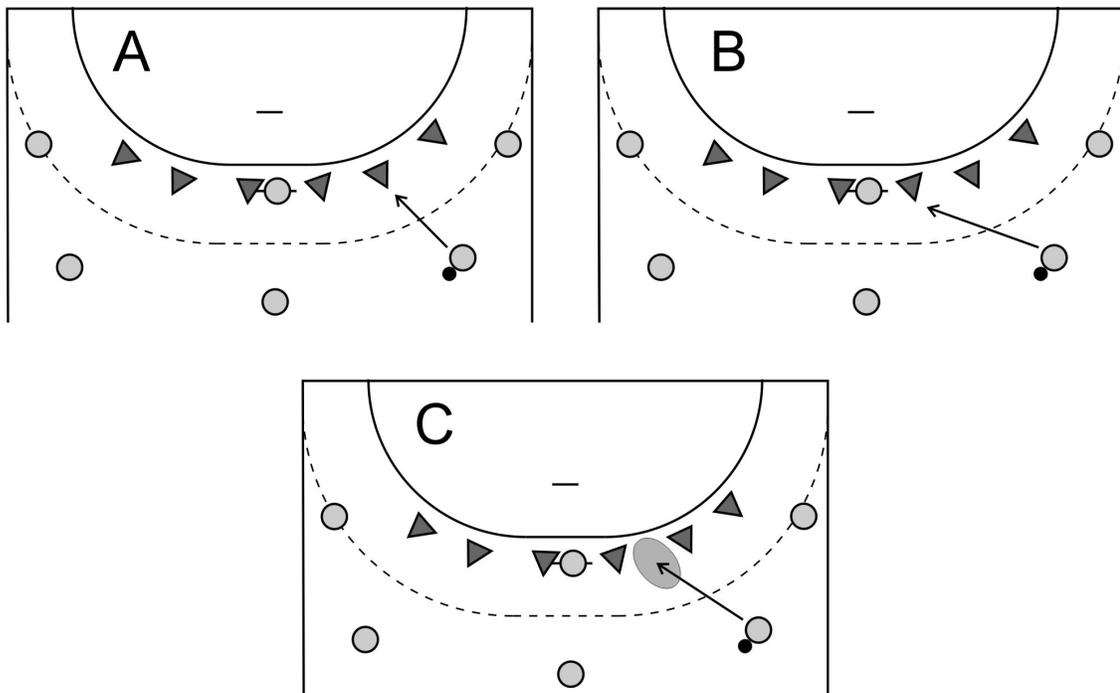


Figura 34 - Representação das fixações: par (A), ímpar (B) e par-ímpar (C, ou ataque ao intervalo)

### 6.2.2. *Passa e vai*

O passa e vai consiste em um jogador em posse de bola, que esteja com seu marcador direto próximo, passar a bola a um companheiro (que atuará como apoio), desmarcar-se e receber a bola novamente. Para Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.110) é uma “forma de jogo coletivo ofensivo no qual um jogador passa a bola a um companheiro que se encontra em posição normalmente mais profunda para, na seqüência, desmarca-se e voltar a receber a bola”. García Cuesta (1991, p.90) afirma que para que o passa e vai seja executado com eficácia “o jogador que inicia deve dominar as mudanças de ritmo e direção”.

O objetivo é alcançar uma posição mais favorável para a penetração ou o arremesso ao gol em uma situação de desequilíbrio defensivo ou dar continuidade ao jogo ofensivo, corroborando com a afirmação de Antón García (1998, p.152) de que o objetivo do passa e vai é “obter uma situação de superioridade numérica ou conseguir a progressão de um deles a uma distância eficaz de arremesso”. Na Figura 35 está representada a aplicação do passa e



contra-ataque apoiado, ainda que igualmente se mostre necessário e idôneo frente a defesas pressionantes, abertas, individualizadas, ou que tenham tendência a funcionar na linha de tiro”.

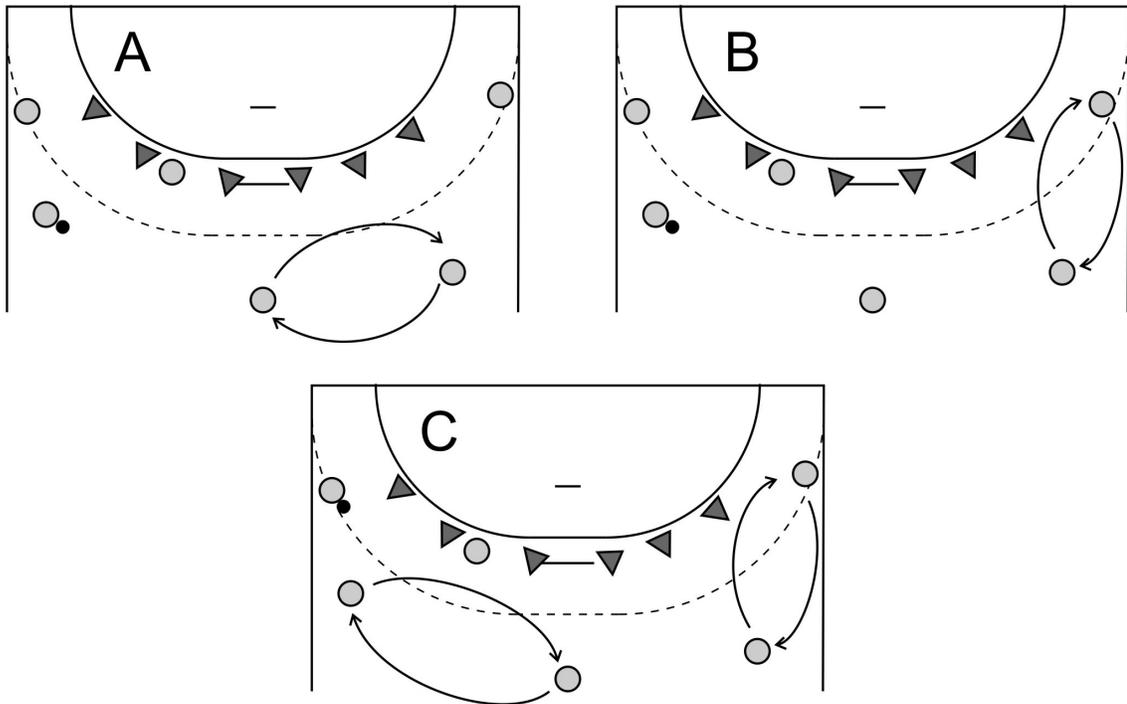
### **6.2.3. Troca de postos específicos (ou permuta)**

As trocas de postos específicos são um meio técnico-tático do ponto de vista funcional com vasto âmbito de aplicações e implicações. Para Antón García (1998, p.218):

*“as trocas de postos dão ao ataque uma grande mobilidade e obrigam os defensores a modificar constantemente seu posicionamento e responsabilidade, e a adaptar-se às distintas características dos diferentes atacantes que se vão apresentando diante deles, como por exemplo modificar sua posição ou situação de base, ou a forma de marcação que realizam em função do que os adversários que trocam entre si sejam esses destros ou canhotos.”*

Essas trocas são realizadas entre dois jogadores sem a posse da bola, podendo ser entre jogadores da mesma linha ofensiva, de diferentes linhas ofensivas ou simultâneas cujo objetivo, segundo Antón García (1998, p.220) é o de “repartir a atenção defensiva entre as trajetórias dos jogadores que trocam de posto e a situação da bola, de tal forma que se libera um espaço para que o beneficiário possa explorar com um arremesso a distância ou penetração nesse espaço”.

A sua aplicação pode ser verificada tanto contra sistemas defensivos zonais, em uma, duas ou três linhas, como contra sistemas defensivos mistos. Na Figura 36 (situações A, B e C) estão representadas três possibilidades de troca de postos específicos.



**Figura 36 - Troca de postos específicos - em A: entre dois jogadores da mesma linha ofensiva; em B: entre jogadores de diferentes linhas ofensivas; em C: simultâneas**

#### 6.2.4. Cruzamento

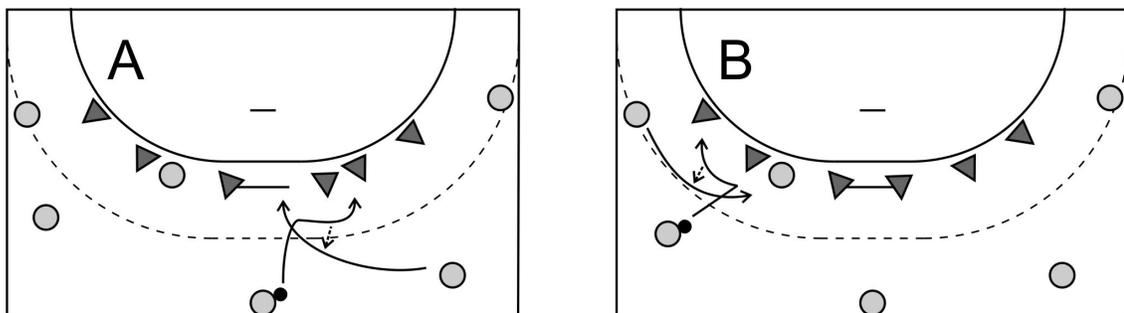
O cruzamento baseia-se principalmente na aplicação do conceito de ocupação de espaços ofensivos com racionalidade, pois consiste basicamente em uma troca de postos específicos em que o jogador que possui a bola atua como iniciador. Para Fernández Romero et al. (1999, p.121), o cruzamento é a “ação de intercambiar entre dois ou mais jogadores as suas zonas de jeito escalonado e de forma premeditada ou encontrada, para que, através de fixação, se possa originar o erro na defesa e assim um companheiro possa aproveitar essa circunstância”. Já para Antón García (2000, p.187-188) trata-se de:

*“uma interação entre dois atacantes que atuam frente a defesa e que realizam suas trajetórias em sentido contrário fazendo-as coincidir em um ponto, de tal maneira que o possuidor inicial fixa seu oponente direto, dificultando ou atrasando sua intervenção sobre o seguinte atacante que trata de explorar o espaço criado”.*

A partir dos conceitos trazidos pelos autores e pela representação tática do cruzamento, este será definido como uma troca de postos específicos na qual o jogador iniciador possui a bola e realiza uma fixação ímpar ou par-ímpar, para que o segundo atacante, que receberá a bola ao passar por trás do primeiro atacante (iniciador), tenha um espaço criado para realizar suas ações ofensivas em superioridade numérica momentânea. Para que o espaço criado seja aproveitado de forma eficaz, García Cuesta (1991, p.91-92) afirma que “o iniciador deve manter a fixação de seu oponente o máximo possível, para evitar ou retardar ao máximo sua resposta definitiva (troca de marcação)”. Antón García (1998, p.187) afirma que o princípio do cruzamento:

*“está baseado na exploração adequada dos espaços dentro do posto específico, e representa uma síntese do jogo encadeado em profundidade e largura no posto, o que implica utilizar oportunamente as trajetórias diretas ao gol, para a direita e para a esquerda e as mudanças de direção obrigadas pela busca dos espaços livres entre os defensores, atividade que deve ser desenvolvida nos cruzamentos tanto por parte do iniciador do meio tático como pelo beneficiário”.*

Para García Cuesta (1991, p.92) podem ser realizados entre jogadores da mesma linha ofensiva ou de diferentes. Na Figura 37 estão representadas duas possibilidades de cruzamentos (entre jogadores da mesma linha ofensiva – em A –, e entre jogadores de diferentes linhas ofensivas – em B), como citado por García Cuesta (1991).



**Figura 37 - Duas possibilidades de cruzamento: entre o armador central (iniciador) e o armador direito (em A); e entre o armador esquerdo (iniciador) e o ponta esquerda (em B)**

Como na utilização dos demais meios ou meios técnico-táticos ofensivos, o objetivo do cruzamento é o de gerar superioridade numérica a partir de um desequilíbrio momentâneo defensivo, ou mais pautadamente: conseguir a penetração; melhorar a distância e as condições de arremesso; fixar o oponente; buscar o erro ou atraso na ação defensiva visando a superioridade numérica (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Antón García (1998, p.189) afirma que o principal objetivo da utilização dos cruzamentos é:

*“obter uma situação de superioridade numérica momentânea que permita fundamentalmente a progressão a distâncias eficazes de arremesso, e em segundo lugar as penetrações até a linha de 6 metros, através da fixação do oponente par do possuidor inicial (ou do par e do ímpar) e o deslocamento imediato do companheiro próximo ao espaço criado.”*

Quanto às situações nas quais o cruzamento pode ser eficaz, Fernández Romero et al. (1999) cita que pode ser tanto contra defesas zonais como contra defesas individuais, desde que haja uma ocupação racional dos espaços da quadra com sincronia de tempo. Para Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.111) é utilizado “ante defesas abertas com pouca ou nenhuma basculação (descrito posteriormente nos meios técnico-táticos defensivos coletivos), ou com erros nas trocas de marcação”.

#### **6.2.5. Penetrações sucessivas (ou progressões sucessivas)**

Senão o principal, talvez um dos principais objetivos do jogo ofensivo que visa contemplar os três princípios do jogo ofensivo (BAYER, 1994) ou, como afirma Antón García (1998, p.169), o “cumprimento do princípio geral do jogo ofensivo de atacar permanentemente o gol adversário se manifesta através das intenções que os jogadores declaram no jogo através de suas ações técnico-táticas”.

Consiste em os atacantes realizarem fixações sucessivas e escalonadas, durante a fase de ataque posicional, com o objetivo de gerar e aproveitar os espaços “sempre correndo em

progressão” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.119). Para Antón García (1998, p.169) as penetrações sucessivas:

*“constituem um dos meios táticos coletivos básicos mais característicos de um ataque posicional contra uma defesa de zona que atue em bloqueio defensivo, e também é um meio tático que pode ser utilizado no jogo circulante através das circulações de jogadores a outros postos específicos e começar a atividade a partir do novo posto”.*

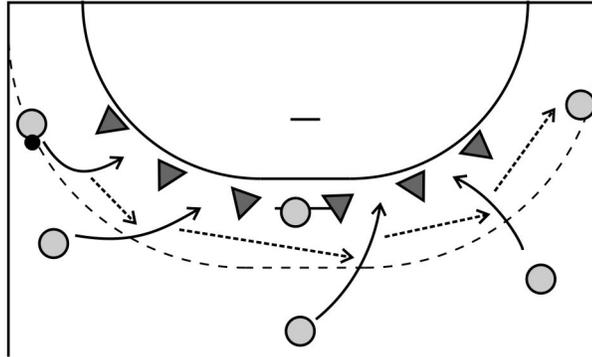
Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.108) denominam esse meio técnico-tático de *progressões sucessivas* e descrevem como “a forma de jogo coletivo ofensivo pela qual os jogadores tentam ocupar espaços livre, fixar seu oponente direto (par) e, na medida do possível, outro oponente não direto (ímpar)”. García Cuesta (1991, p.89) afirma que, para buscar o êxito na execução desse meio técnico-tático, “o final da trajetória será o mais próximo possível do oponente, cumprindo a exigência de obter êxito por si próprio (na tentativa de infiltrar e/ou arremessar)”.

Operacionalmente, Antón García (1998, p.169) afirma que “um jogador com bola e outro sem bola atacam sucessiva e escalonadamente até o gol buscando o espaço livre entre os defensores com trajetórias que têm certa similitude e paralelismo”. Já para Fernández Romero et al. (1999, p.119) “quando o jogador que possui a bola chega na metade de sua trajetória, o companheiro do posto específico próximo inicia sua corrida”.

Quanto aos objetivos das penetrações sucessivas estão envolvidos fatores como conseguir a penetração em igualdade de número e melhorar a distância de arremesso (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Para Antón García (1998, p.173) os objetivos são:

*“obter uma situação de superioridade numérica que permita fundamentalmente a penetração até a linha de 6 metros ou a progressão até uma distância eficaz, através da fixação ou atração de mais de um defensor por parte do jogador com bola que ataca o intervalo entre dois defensores, facilitando o desmarque de seu companheiro próximo”.*

Na Figura 38 está representada uma situação de penetrações sucessivas tendo como iniciador o ponta esquerda, na qual os demais jogadores buscam situações de desequilíbrio para que o ponta direita tenha condições favoráveis para o arremesso.



**Figura 38 - Situação de penetrações sucessivas sem mudanças de direção das trajetórias, iniciada pelo ponta esquerda com possível finalização do ponta direita**

#### **6.2.6. Bloqueio**

O bloqueio é uma ação realizada por um atacante que ocupa um determinado espaço na quadra e interrompe o deslocamento de um defensor. Para Fernández Romero et al. (1999, p.125) “trata-se da interrupção da trajetória de um defensor por um atacante com ou sem bola”, porém García Cuesta (1991, p.93) aponta para uma ação coletiva, tratando-se de uma “ação de um atacante interromper momentaneamente a trajetória de um defensor em benefício de um companheiro”, idéia compartilhada também por Oliver Coronado & Sosa González (1996).

Essa ação pode ser realizada por qualquer atacante (da primeira ou da segunda linha), sendo verificada maior utilização pelos pivôs devido ao seu posicionamento, e sobre qualquer defensor e “ante qualquer sistema defensivo” (OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996, p.113). Quanto ao seu funcionamento, García Cuesta (1991, p.93) afirma que:

*“o bloqueador deve chegar ao espaço no qual ocorrerá o bloqueio imediatamente antes do defensor, essa ação deverá ser feita de forma surpresa e tentando partir de fora do campo visual do bloqueado. O bloqueador não deve abandonar sua posição até que o beneficiado ultrapasse os limites do lugar onde se está produzindo o bloqueio”.*

Para Antón García (1998, p.235), a filosofia coletiva que rege a utilização dos bloqueios está baseada na:

*“intervenção de forma ativa no duelo do companheiro com seu oponente direto, interpondo o próprio corpo na trajetória que o defensor tenta seguir para defendê-lo é a base do bloqueio. [...] dois ou mais atacantes criam com sua cooperação a possibilidade de que um deles disponha de uma opção de arremesso ou de penetração sem interferências”.*

O autor supracitado ainda complementa que o bloqueio “constitui um modelo coletivo de colaboração ideal para proteger um arremessador ou para limitar o tempo e campo de ação do defensor sobre seu oponente direto” (ANTÓN GARCÍA, 1998, p.236).

Sendo assim, a principal intenção do bloqueio é a de dificultar a ação de um defensor e, conseqüentemente, do defensor próximo ao que está sendo bloqueado proporcionando uma situação de superioridade numérica ofensiva momentânea. Outros objetivos ainda são relacionados na literatura com esse meio técnico-tático, tais como:

- “conseguir a penetração; melhorar a distância de arremesso; romper a coordenação do sistema defensivo; buscar o erro ou o atraso na ação defensiva buscando a superioridade numérica em um posto específico” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.125);
- “restringir a liberdade de movimento do oponente neutralizando-o através de obstrução física com o próprio corpo, para conseguir uma situação de superioridade numérica momentânea” (ANTÓN GARCÍA, 1998, p.236);
- “conseguir situações de superioridade numérica” (OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996, p.113).

Os bloqueios podem ser caracterizados de duas formas:

- Quanto ao posicionamento: os bloqueios podem ser classificados em laterais, frontais, diagonal pela frente e diagonal por trás (GARCÍA CUESTA, 1991), como representados na Figura 39 (situações A, B, C e D);
- Quanto à forma (GARCÍA CUESTA, 1991): estático, no qual o bloqueador fica parado após o bloqueio; ou dinâmico, no qual o

bloqueador desloca-se após o bloqueio, conforme representados na Figura 40 (situações A e B).

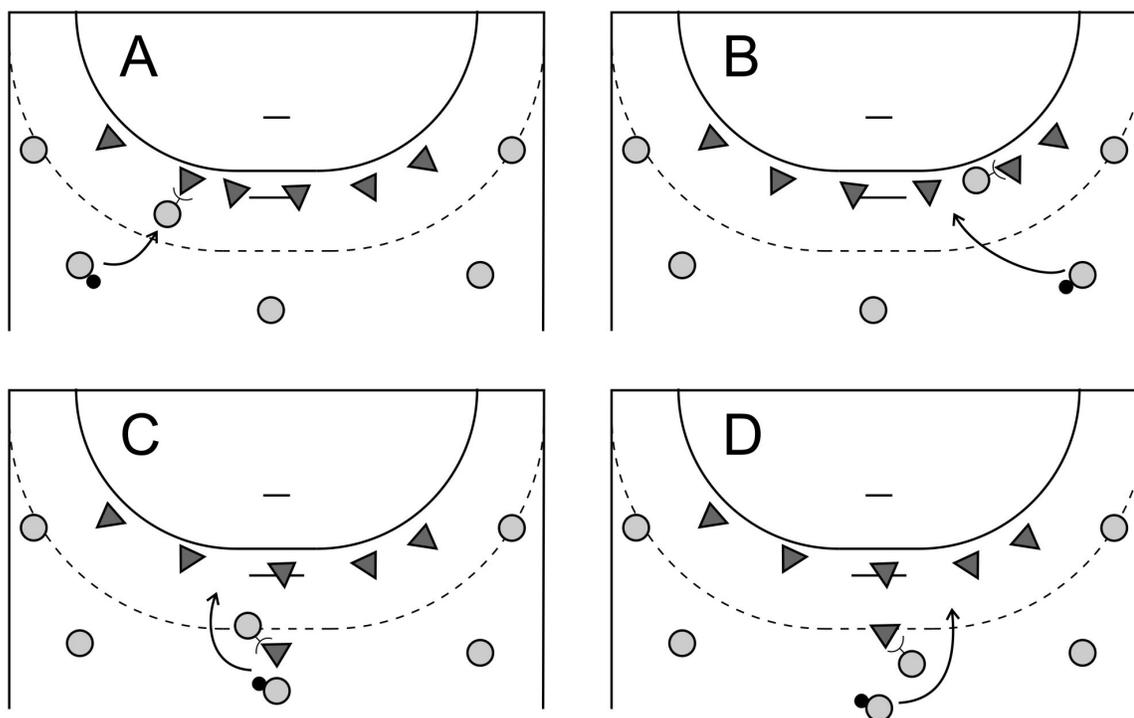


Figura 39 - Quatro tipos de bloqueios ofensivos quanto ao posicionamento. Em A: bloqueio frontal; em B: bloqueio lateral; em C: bloqueio em diagonal atrás; em D: bloqueio em diagonal na frente

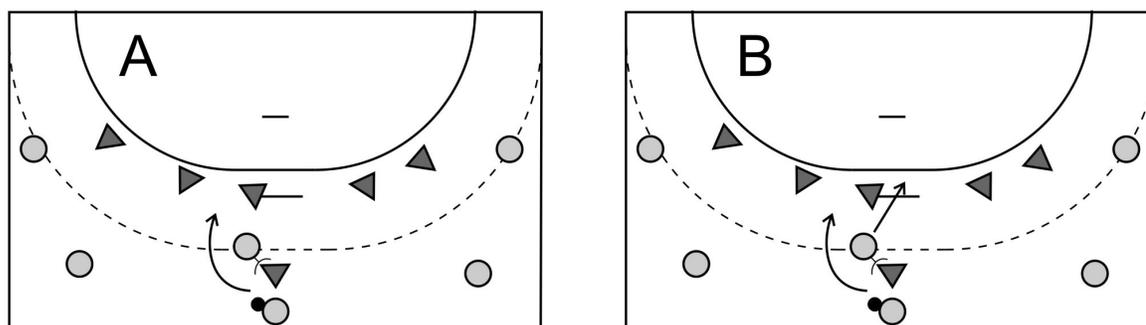


Figura 40 - Dois tipos de bloqueios ofensivos quanto à forma. Em A: bloqueio estático; em B: bloqueio dinâmico

### 6.2.7. *Pantalla*

É um meio técnico-tático decorrente da utilização do conceito de bloqueio frontal ou, segundo definição de García Cuesta (1991, p.96), são “bloqueios frontais efetuados por dois ou mais atacantes sobre outros tantos defensores”. Antón García (1998, p.265), afirma que a pantalla “se guia pelos princípios do bloqueio, mas pelo princípio específico de proteção agrupada do arremessador especialista”, e complementa afirmando que “constitui um meio tático claramente representativo do jogo a distância”.

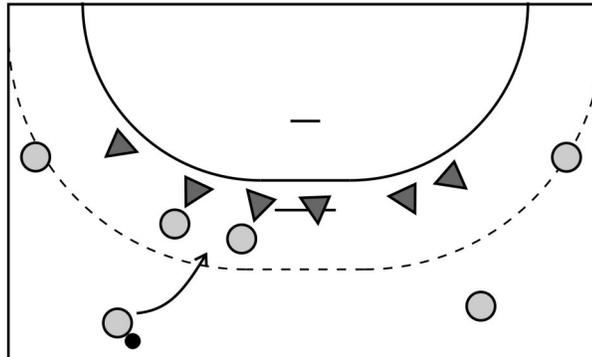
Já para Fernández Romero et al. (1999, p.129), trata-se de um:

*“meio tático coletivo pelo qual dois ou mais atacantes cortam simultaneamente a trajetória de um defensor ou defensores em profundidade para facilitar o arremesso por um companheiro. É um muro interposto entre os defensores e um atacante para facilitar a este o arremesso de longa distância, pode ser considerada também a soma de dois ou mais bloqueios frontais.”*

O principal objetivo relacionado à pantalla é que o atacante, que seja um bom arremessador em suspensão e de longa distância, possa arremessar sem a oposição da defesa e em condições de equilíbrio (GARCÍA CUESTA, 1991). Outros objetivos mais específicos também estão relacionados com a execução da pantalla, tais como:

- “conseguir uma situação ótima para um lançamento eficaz da primeira linha; buscar de forma secundária a penetração pela ruptura da pantalla, ou pela liberação de espaço do lado contrário” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.129);
- “evitar a marcação em proximidade sobre um arremessador, impedindo a progressão defensiva em profundidade sobre a trajetória do especialista para lhe permitir as melhores condições de arremesso à distância” (ANTÓN GARCÍA, 1998, p.268).

Na Figura 41 está representada uma situação de pantalla realizada pelo pivô e pelo armador central com o objetivo de proporcionar uma situação favorável à finalização do armador esquerdo.



**Figura 41 - Pantalla realizada pelo pivô e pelo armador central, possibilitando o arremesso do armador esquerdo**

#### 6.2.8. *Cortina*

Dentre todos os meios técnico-táticos ofensivos pesquisados na literatura, a cortina é o que apresenta menos definições. A idéia da cortina é a de um jogador passar, sem a posse da bola, pela frente de um companheiro e de seu marcador direto para dificultar a visão do seu marcador direto e favorecer seu companheiro em posse da bola.

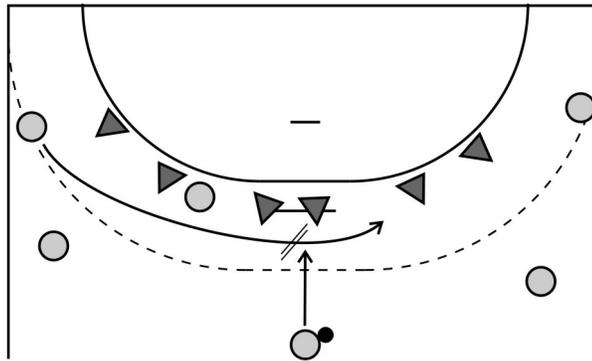
Para Antón García (1998, p.205) o jogador sem a posse da bola “realiza uma função protetora sobre o arremessador” além de “encobrir ou ocultar algo momentaneamente, distrair ou dificultar a visão do defensor em relação ao objetivo final do meio, que não é outro que a ação definitiva de um arremessador a distância”. Complementando o conceito do autor supracitado, García Cuesta (1991, p.98) afirma que “a trajetória do jogador que realiza a cortina e a do possuidor da bola devem ser praticamente simultâneas”, para gerar a devida proteção ao jogador com a posse da bola.

Para Antón García (1998, p.206) a cortina é:

*“uma ação coletiva entre dois jogadores na qual um deles protege o arremesso a distância do outro, realizando uma trajetória com ou sem a bola de uma forma oblíqua pela frente do companheiro e em frente a*

*defesa, tratando de distraí-la e perturbá-la, e o segundo realiza uma trajetória dirigida a esse espaço tentando arremessar a distância”.*

Caso o arremesso à distância não seja possível, o atacante em posse da bola deve optar, e ter as condições necessárias, em dar continuidade ao jogo ofensivo. Na Figura 42 está representado um exemplo de cortina realizada pelo ponta esquerda que passa em frente aos defensores centrais no momento em que o armador central entrar em posse da bola, fazendo com que os deslocamentos defensivos sejam dificultados e protegendo-o em uma eventual tentativa de arremesso de longa distância.



**Figura 42 - Cortina realizada pelo ponta esquerda em benefício do armador central**

## **7. OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS DEFENSIVOS**

Este tema será iniciado baseando-se em uma afirmação que será balizadora nas descrições dos meios técnico-táticos defensivos, individuais e coletivos.

*“As ações ofensivas, com amplo conteúdo e riqueza de possibilidades, possuem um privilégio sobre a iniciativa. Isso requer por parte dos defensores uma resposta obrigatória para evitar sua superação pelos atacantes utilizando como recurso uma ampla gama de gestos técnicos que permitam reduzir a eficácia do ataque”.* (BÁRCENAS GONZÁLEZ & ROMÁN SECO, 1991, p.209)

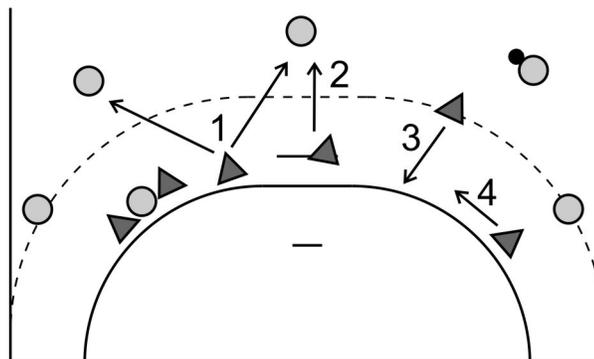
Assim sendo, os jogadores devem proporcionar, enquanto atuantes nos sistemas defensivos, a integração dos mais diferentes meios que os constituem, sendo que cada jogador deve “conhecer continuamente os diferentes níveis de agrupamento-dispersão [...] e a formação coletiva resultante orientada em profundidade e largura” (ANTÓN GARCÍA et al., 2000, p.101).

## 7.1. Meios técnico-táticos defensivos individuais

### 7.1.1. Deslocamentos

Constituem a base do jogo defensivo e, portanto, um conteúdo imprescindível para a execução dos demais meios técnico-táticos, sejam eles individuais ou coletivos. É importante destacar que os defensores devam possuir uma boa característica de deslocamentos em qualquer direção, incluindo as mudanças de direção e as mudanças de velocidades (ou ritmo).

Na Figura 43 estão representadas algumas das possibilidades de deslocamentos defensivos, tais como: para frente, para trás, para as laterais e para as diagonais.



**Figura 43 - Possibilidades de deslocamentos defensivos - 1: para as diagonais; 2: para frente; 3: para trás; 4: para a lateral**

### 7.1.2. *Flutuação*

Trata-se de um meio que se caracteriza pela tentativa de impedir que o atacante em posse da bola aproxime-se de setores onde possa ter melhores possibilidades de arremesso. Segundo a definição de Fernández Romero et al. (1999, p.133) a flutuação é uma “ação de aproximação-afastamento de um defensor frente ao seu oponente”. Já para Antón García (2002) a flutuação é entendida como uma rotação de postos específicos dos defensores, na tentativa de mudar as relações de oposição, sendo assim divergindo conceitualmente daqueles autores. Nesta pesquisa, o conceito de flutuação será utilizado com base na descrição dada por Fernández Romero et al. (1999).

Apesar de conceitualmente tratar a flutuação como um meio diferente da definição aqui adotada, a afirmação de Antón García (2002, p.314) será valiosa, por corroborar com o objetivo visualizado para a flutuação, que é utilizá-la “contra os atacantes da primeira linha ofensiva, como uma situação surpresa ou de emergência”.

Fernández Romero et al. (1999, p.133) afirmam que “a distância que os separa pode ser maior ou menor segundo o defensor atue ou não contra o oponente (em profundidade)”, o que nos remete à idéia de que os defensores devem atuar em detrimento das características dos atacantes, buscando tornar essa relação de oposição vantajosa para todo o sistema. Ou seja, diante de armadores que possuem uma boa capacidade de arremessos de longa distância os defensores devem optar por flutuações mais amplas (em profundidade), ao comparado com armadores que não possuem tal característica.

O principal objetivo, então, é o de limitar o raio de ação do atacante forçando-o a desenvolver suas ações frente a uma situação de pressão das variáveis tempo e espaço, ou segundo Fernández Romero et al. (1999, p.134) para que a flutuação seja eficaz, deve-se “buscar a ocupação antecipada de espaços livres e reduzir a zona de ação eficaz do atacante no arremesso de longa distância”. Na Figura 44 está representada uma situação de flutuação do segundo defensor direito em seu marcador direito (armador esquerdo) na tentativa de evitar o arremesso de longa distância e limitar sua zona de atuação.

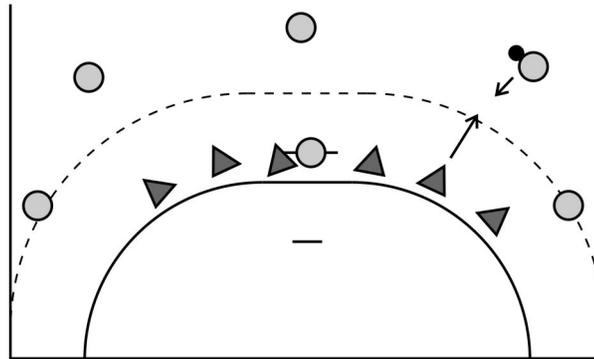


Figura 44 - Flutuação do segundo defensor direito na direção do seu respectivo par

### 7.1.3. Dissuasão

A dissuasão tem características funcionais semelhantes à flutuação, com a ressalva de que é realizada pelo defensor que marca um atacante sem a bola, mas que seja um receptor em potencial. A premissa de atuar sobre o atacante que não possui a bola é justificada pela tentativa de gerar dúvidas ao passador.

Para Bayer (1987, p.138) “dissuadir é mostrar ao passador como se pode recuperar a bola e, portanto, proibir a transmissão ao receptor em potencial”, defendendo a partir das possíveis trajetórias da bola e não apenas dos atacantes. Ainda para este “a dissuasão perturba, dificulta ou atrasa a circulação da bola, impedindo certas trajetórias do atacante, o que pode permitir orientar o jogo para outros lugares onde a defesa seja mais forte” (*ibidem*, p.139), o que nos aponta para a concepção da coletividade em cada uma das decisões tomadas pelos defensores.

Na Figura 45 está representada uma situação de dissuasão do defensor central (terceiro direito) no momento em que o armador esquerdo realizaria o passe ao armador central. A aproximação do defensor com o seu respectivo atacante antes da bola ser passada provoca no jogador com a bola a dúvida entre o passe ou a execução de qualquer outra ação, proporcionando ao sistema defensivo melhor posicionamento para as futuras ações. Esse movimento de dissuasão, além de retardar a velocidade do ataque, pode acarretar em uma interceptação do passe pelo jogador que dissuadiu.

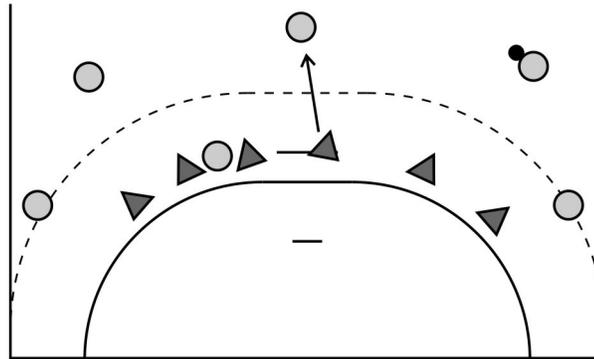


Figura 45 - Dissuasão do defensor que ocupa o posto vizinho ao que marca o par da bola

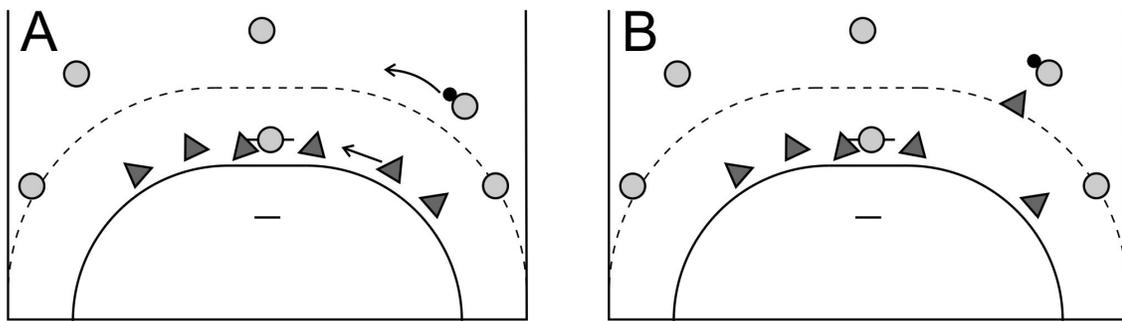
#### 7.1.4. *Marcação*

A marcação pode ser descrita como a atitude do defensor em relação ao seu marcador direto ou indireto na tentativa de obter êxito, e pode ser executada de duas formas:

- Marcação a distância: que significa, segundo Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.82), “controlar visualmente o atacante com ou sem bola, assim como estar preparado para atuar defensivamente com antecipação”. Para Antúnez Medina & Ureña Ortín (2002) é feito o controle visual da situação e das ações do atacante que se encontra longe. Dessa forma, esse tipo de marcação não busca o contato direto do defensor com seu oponente, apenas no caso desse atacante oferecer risco iminente ao gol;
- Marcação em proximidade: seguindo a definição dada por Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.84), trata-se de “evitar que o atacante receba a bola, assim como sua progressão para recebê-la”. Antúnez Medina & Ureña Ortín (2002, p.115) afirmam que esse tipo de marcação tem como objetivo “inutilizar as ações do atacante que se encontra próximo a ele com ou sem bola”. É um tipo de marcação que busca constantemente o contato corporal com o oponente direto. Sugere

a interferência direta nas ações a serem realizadas pelo atacante, respeitando obviamente as regras da modalidade. Abrange os objetivos de evitar passes, arremessos e progressões.

Na Figura 46A está representado um esquema de marcação a distância do armador esquerdo, enquanto que na Figura 46B está representado um esquema de marcação em proximidade do mesmo atacante.



**Figura 46 - Duas situações com diferentes marcações: em A - marcação a distância; em B - marcação em proximidade**

### 7.1.5. Cobertura

Trata-se da aplicação do conceito de ajudas mútuas defensivas no qual um defensor, implicando em colaboração (BAYER, 1987), ao perceber que seu companheiro foi vencido na relação individual de oposição, tenta ajudá-lo de forma rápida e eficaz. Antón García (2002, p.163) sugere que a cobertura trate de “proteger a zona específica da bola, determinada pelo espaço compreendido entre o ângulo de tiro de cada possuidor e o ângulo da ação ou do meio tático empreendido pelo atacante, ou zona de conflito imediato”.

Para Antón García (2002, p.166) o principal objetivo é:

*“criar densidade defensiva na zona da bola (e se possível superioridade numérica) fechando o espaço limitado pelo ângulo de arremesso dos sucessivos possuidores para que o oponente direto do possuidor se sinta respaldado”.*

Para Bayer (1987) a cobertura não é um elemento trivial manifestado espontaneamente, devido às condições vantajosas que os atacantes têm frente aos defensores e das desvantagens que estes apresentam de jogar em detrimento da posição da bola. A cobertura geralmente é feita na região onde há risco iminente de penetração nos espaços criados, sendo feita lateralmente ou em profundidade, conforme representado na Figura 47.

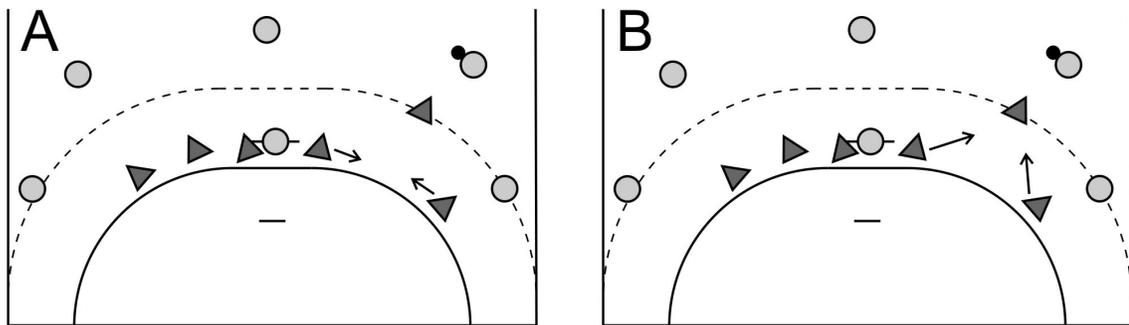


Figura 47 - Duas possibilidades de cobertura: lateralmente (em A) e em profundidade (em B)

#### 7.1.6. *Bloqueio*

O bloqueio defensivo é a tentativa dos defensores impedirem que a bola chegue até o gol após um arremesso. Para Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.91), o objetivo é “impedir que a bola, depois de um arremesso, chegue ao gol”, pela interceptação direta da trajetória da bola. Antón García (2002, p.207) afirma que o objetivo do bloqueio defensivo é “obstruir ou tapar as trajetórias de arremesso a distância, formando uma barreira humana [...] com o corpo ou com os braços”.

Pode ser observado em duas situações distintas:

- Como último recurso defensivo, em uma situação na qual os defensores não consigam executar uma marcação que impeça o atacante de arremessar;

- Como tática coletiva defensiva da equipe, que em virtude de fatores antropométricos, por exemplo, tenha seu sistema voltado para a atitude de basculação ou de formação do bloco defensivo.

## **7.2. Meios técnico-táticos defensivos coletivos**

Os defensores, ao terem como um dos princípios o de evitar que o adversário consiga marcar o gol, devem responder às tentativas ofensivas de forma coletiva organizada e evitar, ao mesmo tempo, ações individualizadas desordenadas. Segundo Antón García (2002, p.59), assim como no ataque, “a defesa exige uma boa colaboração entre os defensores para oferecer resistência às ações dos atacantes, e em seu funcionamento, os meios táticos grupais ocupam um lugar fundamental”.

Os meios táticos citados pelo autor são movimentações de respostas defensivas frente às incessantes tentativas de obtenção de êxito ofensivo, seja por ações individuais (como as fintas e mudanças de direção das trajetórias) seja pelo desencadeamento dos meios táticos ofensivos coletivos (como os cruzamentos, os bloqueios e as penetrações sucessivas, por exemplo).

Para que essas respostas ofensivas sejam eficazes na neutralização dos atacantes, torna-se necessário o conhecimento dos procedimentos a serem adotados em situações específicas de jogo, tais como seguem nas descrições dos meios táticos adiante.

### **7.2.1. Basculação (ou báscula)**

A basculação (ou báscula) é um movimento conjunto dos defensores em função da direção de circulação de bola. Antón García (2002, p.149) a define como “a atividade defensiva que se organiza em perfeita harmonia seguindo o estímulo que representa a bola, através de um deslocamento coletivo”, enquanto que Fernández Romero et al. (1999, p.133)

definem como uma “série de deslocamentos laterais defensivos determinados pela posição da bola e jogador” que visa “obter superioridade numérica defensiva na zona da bola”.

Para Antón García (2002, p.151) a obtenção de superioridade numérica defensiva é alcançada quando se tenta “aglomerar defensores na zona onde sucessivamente circula a bola para proteger os espaços diretos ao gol e fechar os caminhos para penetração dos atacantes na zona onde se encontra a bola.”

Para tanto, os objetivos da basculação estão relacionados com a possibilidade de impedir que os atacantes penetrem no sistema defensivo ou mesmo aproximem-se da linha de seis metros. Mais detalhadamente temos como objetivos relacionados:

- “os jogadores tentam evitar que existam espaços livres na zona na qual a bola está” (OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996, p.115);
- “impedir penetrações e progressões; reforçar as zonas defensivas nas quais se encontra a bola (buscar igualdade ou superioridade numérica defensiva); efetuar com maior precisão e efetividade a defesa do gol” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.134);
- “evitar que existam espaços livres em cada momento do jogo na zona onde se encontra a bola” (ANTÓN GARCÍA, 2002, pp.149-150)

O movimento de basculação pode ser feito por qualquer sistema defensivo zonal ou misto, porém é mais utilizado frente a ataques que tenham como característica principal as tentativas de penetrações sucessivas. Na Figura 48 está representado um esquema da báscula em dois momentos: durante um passe do ponta esquerda para o armador esquerdo (em A) e em uma possível circulação da bola do armador esquerdo para o armador direito. É interessante notar os deslocamentos dos defensores no sentido da bola.

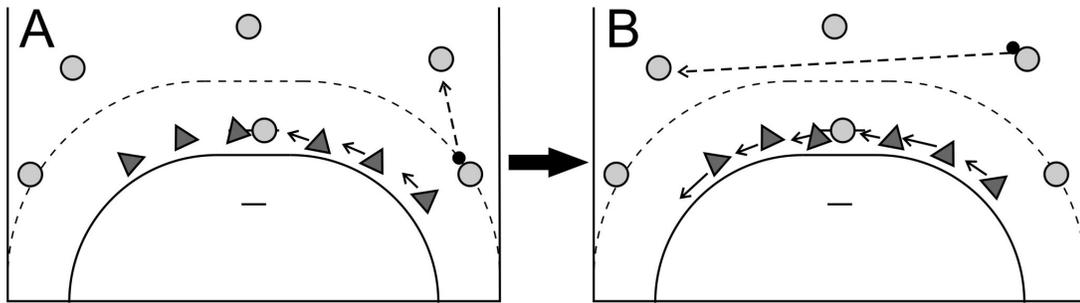


Figura 48 - Basculação dos defensores na direção da circulação da bola

### 7.2.2. *Dobra (ou dobragem)*

A dobra (ou dobragem) é um meio tático defensivo que tem como característica a atuação de dois defensores na tentativa de conter a ação de um atacante. Para Fernández Romero et al. (1999, p.137) trata-se de “um meio tático coletivo defensivo que se baseia em uma intenção de controle a distância que busca evitar a progressão de um atacante em posse de bola que superou um companheiro de um posto específico vizinho”. Sendo assim, “consiste em fechar o espaço-intervalo de penetração para o atacante possuidor vencedor da batalha anterior, mas na medida do possível, ganhar terreno e atacar o possuidor” (ANTÓN GARCÍA, 2002, p.179).

Ainda na definição deste meio técnico-tático, Antón García (2002, p.179) considera a dobra um:

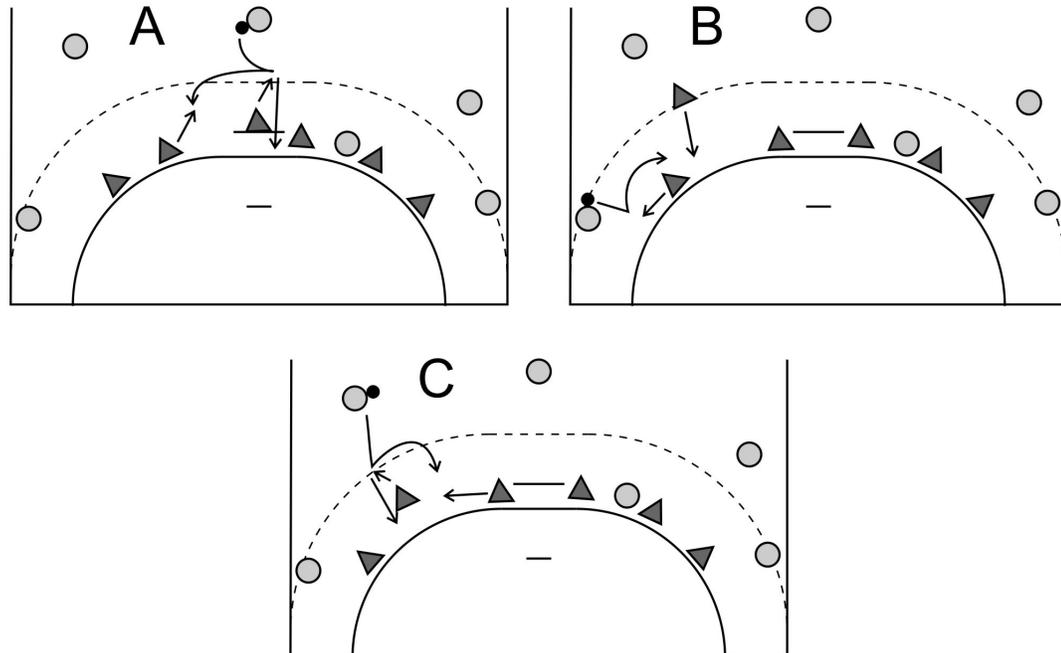
*“prolongamento da cobertura e representa o meio tático mais significativo da autêntica colaboração entre os jogadores, pois esta ajuda mútua não se produz de maneira preventiva, mas sim ativa e real, com aproximação, perseguição e contato físico com o adversário na maior parte dos casos, pois a defesa se encontra nesse instante em inferioridade numérica ao ter sido ‘eliminado’ um defensor”.*

Para o autor supracitado dobrar seria, então, um prolongamento de uma ação inicial de cobertura e, corroborando com tal idéia, significa “atuar sobre um adversário portador da bola e que não seja o seu oponente direto, o qual se torna perigoso por ter superado o seu defensor previamente designado na distribuição defensiva” (FERNÁNDEZ ROMERO et al. 1999, p.137).

O principal objetivo da dobra está relacionado com o controle de um atacante por um defensor que não seja o seu marcador direto, em detrimento de um desequilíbrio causado anteriormente. Outros objetivos estão relacionados, tais como:

- “ajudar a resolver as dificuldades de um companheiro ou ocupar seu lugar; neutralizar uma situação de superioridade numérica ofensiva com perigo iminente; permitir reorganizar as designações defensivas posteriormente” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.137);
- “substituir ou suprir o companheiro que foi desequilibrado, transpassado ou superado em seu duelo 1x1 com o oponente direto” (ANTÓN GARCÍA, 2002, p.181).

Na Figura 49 estão representadas as três possibilidades de dobra, segundo Antón García (2002), que são: em profundidade, para lateral ou para trás.



**Figura 49 - Dobragem dos defensores: A - em profundidade; B - para trás (ou em retrocesso); C - lateral**

### 7.2.3. Troca de marcação

Consiste em dois defensores manterem seus postos específicos, porém trocando os seus marcadores diretos em detrimento de trocas de postos específicos ofensivos. Fernández Romero et al. (1999, p.139) definem como “uma permuta das designações de marcação como consequência das ações dos atacantes com a finalidade de não romper uma estrutura espacial de organização defensiva”. Para García Cuesta (1991, p.98) trata-se da “atuação dos defensores para controlar dois oponentes que mudaram suas situações entre si, sem deformar o sistema defensivo”.

Para Antón García (2002, p.231) “a superfície de atuação dos defensores não pode ser ilimitada”, o que nos remete à idéia de que em um sistema defensivo zonal ou misto, os defensores frente a ações de trocas de postos específicos ofensivos ou de cruzamentos, por exemplo, limitem-se a defender em suas respectivas zonas e troquem as responsabilidades da relação 1x1 com os defensores vizinhos. Se os deslocamentos defensivos em um sistema zonal ou misto acompanhassem obrigatoriamente as trajetórias e progressões dos atacantes, possivelmente apontariam para a criação de grandes espaços para as penetrações destes. A recomendação é para que haja a troca de marcação para evitar a vulnerabilidade do sistema defensivo e que tal troca seja realizada por jogadores da mesma linha (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; GARCÍA CUESTA, 1991).

Desta forma, parte-se do princípio explanado por García Cuesta (1991, p.100) de que:

*“os defensores devem atuar de forma equilibrada e econômica, o que é conseguido a partir de uma organização coletiva do sistema defensivo. Ou seja, nos sistemas zonais os defensores são responsáveis pelos seus postos específicos, e só os abandonam em condições de extrema necessidade, nas quais haja perigo iminente de gol”.*

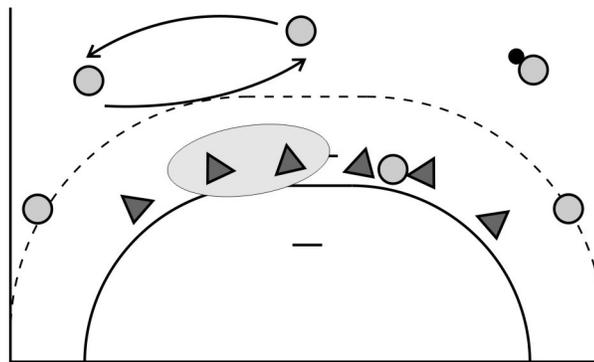
A opção pela troca de marcação dá-se frente à execução de um cruzamento entre dois atacantes (ou mais), às trocas de postos específicos ofensivos, ao deslocamento de um atacante que ultrapasse seus limites de atuação e “invada” a área de atuação de um atacante

vizinho, ou ao abandono do posto específico por um dos atacantes (GARCÍA CUESTA, 1991; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Porém algumas situações são particulares quando nos referimos às trocas de marcação defensiva, tais como:

- “não deve ser realizada quando um defensor está atuando decisivamente contra seu oponente com a bola” (GARCÍA CUESTA, 1991, p.99; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.141);
- “quando um dos atacantes possui a bola, decidirá a troca de marcação o defensor do jogador que não tem a bola” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.141).

O principal objetivo relacionado com a troca de marcação é “evitar a superação da linha defensiva ou a obtenção de superioridade numérica ofensiva, detendo a progressão e assumindo a responsabilidade de marcação sobre o novo oponente” (ANTÓN GARCÍA, 2002, p.234). Na Figura 50 está representada uma situação de troca de marcação pelos defensores da área hachurada em função de uma troca de postos específicos ofensivos (entre os armadores central e direito), ou seja, os defensores conservam seus postos específicos.



**Figura 50 - Troca de marcação dos defensores da área hachurada em resposta à troca de postos específicos dos atacantes**

#### 7.2.4. *Deslizamento*

O deslizamento é caracterizado como a troca de postos específicos defensivos mediante uma troca de postos específicos ofensivo na qual não é possível realizar a troca de marcação. Para García Cuesta (1991, p.100) essa é uma “atuação defensiva que consiste em um defensor se deslocar por trás do companheiro; nesse momento os defensores devem estar escalonados”. Corroborando com a afirmação do autor supracitado, Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.117) afirmam que “os defensores, frente a um cruzamento dos atacantes, realizam também um cruzamento deslizando um por trás do outro, permanecendo cada um com seu oponente original”. Agregando as duas afirmações anteriores, Antón García (2002, p.253) dá a seguinte definição para o deslizamento:

*“este meio, ao contrário da troca de marcação, implica continuar na marcação do mesmo oponente, mesmo que ele suponha trocar de posto específico momentaneamente. Este meio tático surge como consequência de um escalonamento prévio entre os defensores próximos aos quais as circunstâncias do jogo dificultam em grande medida conseguir o alinhamento que permita resolver o problema tático sem a necessidade de abandonar seu posto específico”.*

Enquanto que nas trocas de marcação os defensores devem estar na mesma linha para que ocorram, no deslizamento os defensores estão em linhas distintas, seja nos sistemas zonais ou mistos, dificultando a comunicação entre eles e uma possível troca. Para Fernández Romero et al. (1999, p.139) “quando os atacantes, frente às defesas zonais, cruzam e os defensores não estão na mesma linha, a resposta defensiva realiza-se com deslocamentos em forma de deslizamentos para evitar a superioridade da equipe adversária”. Oliver Coronado & Sosa González (1996, p.117) apontam para outra aplicação: “é utilizado em defesas individuais e frente a trajetórias muito amplas dos atacantes que cruzam”.

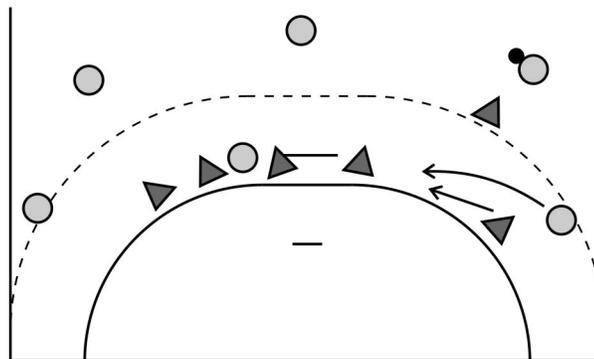
O deslizamento ainda é aplicado:

- “quando um dos defensores esteja atuando decisivamente contra seu oponente com bola” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.141; GARCÍA CUESTA, 1991, p.101);

- “quando existe um acordo estratégico prévio” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.141; GARCÍA CUESTA, 1991, p.101);
- “devido à periculosidade de algum dos atacantes” (GARCÍA CUESTA, 1991, p.101);
- “quando um atacante com bola conseguiu a fixação do oponente de seu companheiro” (GARCÍA CUESTA, 1991, p.101).

O objetivo do deslizamento, então, é evitar que um atacante esteja livre mediante trocas de postos específicos ofensivos, cruzamentos ou deslocamentos amplos, em condições de receber a bola e oferecer uma situação de risco à defesa. Para Antón García (2002, p.256) o objetivo é “dificultar as circulações e cruzamentos dos atacantes estando os defensores escalonados para evitar erros na realização da troca de oponente, pelas dificuldades de campo visual de pelo menos um dos defensores”. Sendo assim, cada defensor continua com a responsabilidade de marcar o oponente direto previamente estipulado.

Na Figura 51 está representado um exemplo de deslizamento do primeiro marcador direito na mesma direção da trajetória do ponta esquerda. Este busca a ocupação do espaço gerado no sistema defensivo pela flutuação do segundo marcador direito no armador esquerdo em posse da bola. Ocorrem, então, movimentações defensivas em duas linhas, sendo: a) a flutuação do segundo defensor direito para a segunda linha (defensiva) e b) o deslizamento do primeiro defensor direito, na primeira linha (defensiva) na mesma direção da trajetória do ponta esquerda.



**Figura 51 - Deslizamento do primeiro defensor direito em resposta à ocupação temporária do posto de pivô pelo ponta esquerda**

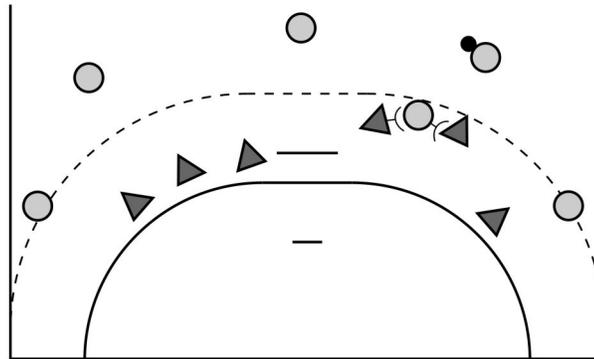
### 7.2.5. *Contrabloqueio*

O contrabloqueio é uma movimentação defensiva em resposta a uma tentativa de bloqueio ofensivo (GARCÍA CUESTA, 1991; OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996), ou seja, o atacante (bloqueador) realiza um bloqueio em um determinado defensor e, como resposta, outro defensor executa um bloqueio (denominado de contrabloqueio) nesse atacante. Para Fernández Romero et al. (1999, p.143) trata-se de “uma situação típica da troca de marcação como resposta defensiva à uma ação ofensiva de bloqueio”. Porém, segundo García Cuesta (1991, p.101) o contrabloqueio “não deve ser confundido com a ação que um defensor realiza para evitar o bloqueio” por ser realizada a troca de marcação.

O objetivo é dificultar a continuidade do jogo ofensivo especificamente nas situações derivadas dos bloqueios (executados principalmente pelo pivô), seja para a penetração do atacante em posse de bola ou para a realização de um passe para o pivô em um bloqueio dinâmico. Outros objetivos estão relacionados com a execução dos contrabloqueios, dentre eles o fato de permitir aos sistemas defensivos uma situação de igualdade numérica, frente à ação de bloqueio que visa a superioridade ofensiva, ou mesmo “abortar a utilização do jogo de bloqueios por parte dos atacantes; solucionar uma desigualdade numérica ou um acerto ofensivo” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.143). Antón García (2002, p.274) complementa afirmando que o objetivo geral do contrabloqueio é:

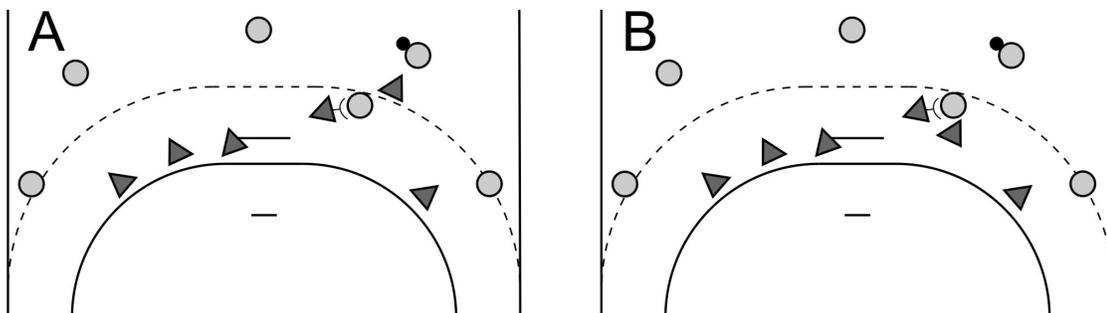
*“dificultar todas as formas de bloqueio da equipe atacante, impedindo a obtenção de superioridade numérica ou a consecução de uma situação favorável ao arremesso”. O que pode ser ampliado para os objetivos de “evitar o bloqueio”, obstruindo a trajetória do bloqueador; “recuperar os emparelhamentos com os oponentes”; e “romper o êxito do bloqueio já consumado, procurando o desequilíbrio ou o desajuste espaço-temporal do bloqueador”.*

Na Figura 52 está representada a situação na qual o pivô bloqueia o segundo defensor direito (que flutua para impedir a progressão do armador esquerdo) na tentativa de facilitar o acesso do armador à região central da quadra, ao mesmo tempo o terceiro defensor direito realiza um contrabloqueio no pivô, para impedir tal acesso.



**Figura 52 - Contrabloqueio do terceiro defensor direito no pivô, que bloqueia o segundo defensor direito**

O defensor bloqueado, segundo García Cuesta (1991) apresenta duas possibilidades de intervenção: a de deslocar-se para a frente do bloqueador ou para trás deste. Ao deslocar-se para frente o bloqueado diminui ainda mais a distância para seu marcador direto, reduzindo o tempo e espaço para a tomada de decisão deste, em contrapartida o defensor poderá atuar em desequilíbrio devido ao bloqueio inesperado. Ao deslocar-se para trás, o bloqueado dificulta o deslocamento do pivô em direção à área, dificultando suas ações em um bloqueio dinâmico. Ambas as situações estão representadas na Figura 53A (para a frente) e Figura 53B (para trás).



**Figura 53 - Situações de contrabloqueio na qual o bloqueado se desloca para frente (em A) ou para trás (em B)**

## 8. O CONTRA-ATAQUE

Contra-ataque é a denominação dada à fase de transição da defesa para o ataque, apresentando extrema relevância para o desenvolvimento do jogo atual de handebol. Com base nas estatísticas do Campeonato Mundial de Handebol de 2003, Oliver Coronado (2003, p.27) afirma que “o jogo de contra-ataque se confirma como um diferencial que qualquer equipe de alto nível deve dominar”. Para Cardoso (2003, p.15):

*“O contra-ataque é uma sequência de formas de jogo coletivo, que se inicia com a recuperação da bola e desenvolve-se por vagas [ondas], através de uma ação única e simultânea, criando condições favoráveis para finalizar com êxito”.*

Sendo assim, os jogadores devem suportar realizar um maior número de contra-ataques durante toda a partida, o que implica em um rápido retorno e organização do seu setor defensivo quando da perda da posse da bola, a fim de evitar esse tipo de ação adversária. Porém, nem toda a transição que ocorre entre defesa e ataque pode ser considerada um contra-ataque, como exemplo, podemos observar que algumas equipes no final da partida recuperam a posse de bola e não saem com o objetivo de marcar o gol, mas de conservar a posse dessa para que sejam feitas as trocas (entre defensores e atacantes) ou mesmo para a recuperação dos jogadores após um período de jogo em alta velocidade.

Como citado no Capítulo I, temos como princípios dessa fase a saída rápida de uma postura e posicionamento defensivos para ofensivos, a manutenção da posse da bola, a busca por zonas favoráveis ao arremesso e a busca pela finalização com o sistema defensivo desequilibrado. Trata-se, então, na opinião de Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a, p.59) de um “ataque rápido frente a uma defesa desorganizada e que favorece essa ação para a orientação dos jogadores”. Fernández Romero et al. (1999, p.183) definem o contra-ataque como “a ação ofensiva que se inicia quando a equipe contrária perde a posse de bola e que finaliza quando se produz um arremesso ou a defesa se organiza”.

O contra-ataque é desenvolvido a partir de uma sucessão de fatores que vão desde a recuperação a posse da bola até o momento da finalização ou do desenvolvimento do

ataque posicional, ou seja, depende não apenas de uma saída rápida, mas também de um trabalho defensivo coordenado e com atitudes que permitam a recuperação da bola.

Os objetivos associados ao contra-ataque, para Fernández Romero et al. (1999, p.183), são: “conseguir uma situação de superioridade numérica ou, ao menos, igualdade numérica em um espaço amplo” e ainda “aproveitar a desorganização defensiva na fase de transição para gerar uma situação ótima de finalização”. Para Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a), o primeiro objetivo é progredir até o gol adversário sem a bola (diante da marcação do adversário, em que os atacantes deverão desmarcar-se e continuar correndo para apoiar os companheiros) e/ou com a bola (passando e correndo, com trajetórias de desmarque, podendo ser um possível apoio para os companheiros). Sendo assim, busca-se uma situação ótima em superioridade numérica a partir do meio da quadra, para finalizar com êxito (*ibidem*).

Em linhas gerais, o êxito ofensivo durante o contra-ataque dependerá:

- de evitar uma falta dos defensores, que atrasa as ações ofensivas (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- da manutenção de parâmetros de profundidade e largura do espaço de jogo (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- da manutenção de uma sequência de desenvolvimento desta fase de jogo, assegurando várias linhas de passe (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- de evitar o drible excessivo, a não ser na situação 1x0 (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- de buscar os arremessos da zona central da quadra (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- de evitar os passes em suspensão (CZERWINSKI, 1976 *apud* FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999).

Sendo assim, Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a) afirmam que o contra-ataque é não dependente do sistema defensivo adotado ou, de forma mais abrangente:

*“A utilização do contra-ataque não está condicionada por nenhum tipo de sistema defensivo. Adota-se sua utilização quando a equipe adversária possui uma boa defesa posicional ou tem um balanço defensivo deficiente. Existem sistemas que favorecem o desenvolvimento dos contra-ataques, quanto mais profundo é o sistema defensivo, maior a possibilidade de contra-ataque” (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p.187)*

## **8.1. Fases do contra-ataque**

O contra-ataque pode ser dividido em três fases: primeira onda (contra-ataque simples ou primeira leva), segunda onda (contra-ataque ampliado ou segunda leva) e terceira onda (ou início da fase organizada do ataque). A primeira e segunda ondas referem-se ao contra-ataque propriamente dito, que tem como objetivo deslocar-se o mais rápido possível da defesa para o ataque, independentemente do número de jogadores.

### **8.1.1. Primeira onda**

Trata-se da situação mais simples, sendo composta pelos jogadores que iniciam o contra-ataque (geralmente com os pontas e mais um jogador – geralmente o mais avançado do sistema defensivo), sendo esta fase caracterizada por, no máximo, dois passes. Geralmente esses jogadores saem antes do resultado do arremesso. Na Figura 54 está representado um esquema da primeira onda.

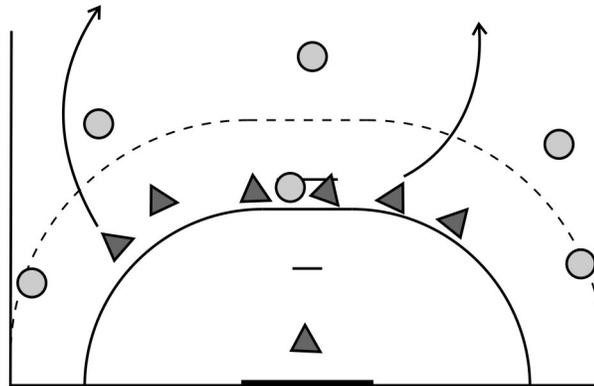


Figura 54 - Representação da primeira onda do contra-ataque (adaptado de FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p. 186)

Preferencialmente a bola é lançada para os jogadores que saem na primeira onda, devido à completa desestruturação do sistema defensivo adversário, causada pelo não retorno de seus jogadores. Para Cardoso (2003, p.17) “o contra-ataque direto é quando o goleiro ou outro jogador realiza apenas um passe para um jogador que finaliza”.

### 8.1.2. Segunda onda

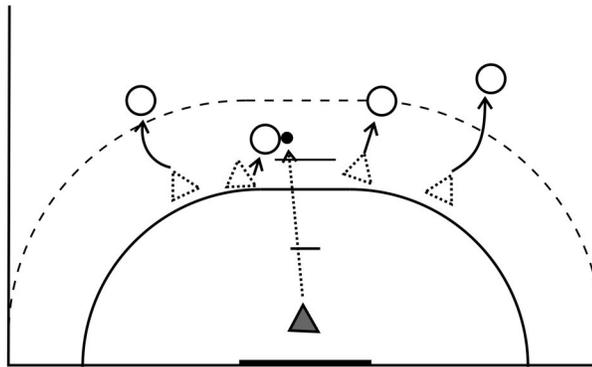
Ocorre simultaneamente à primeira onda e, pelo fato de a equipe possuir a bola, os jogadores da segunda onda correm para servir de apoio à primeira onda. Dessa forma:

- Após a saída dos primeiros defensores (direito e esquerdo) e/ou dos jogadores mais avançados, esses passam a ser receptores em potencial da bola e devem preparar-se para receberem-na, correndo com o tronco voltado para a região central da quadra (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);
- O goleiro pode passar a bola para a primeira ou segunda onda. A segunda onda é um apoio para a primeira, principalmente quando a bola chega a qualquer jogador da primeira que não tenha conseguido finalizar. Neste caso, o jogador da segunda onda se torna um potencial

finalizador, seja em situação de igualdade ou de superioridade numérica (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999);

- Quando as condições e circunstâncias não são favoráveis para o contra-ataque, a equipe tem duas possibilidades: a segunda onda ou a transição executada de forma mais lenta (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a).

Na Figura 55 está representado um esquema do contra-ataque com a participação da segunda onda.



**Figura 55 - Representação da segunda onda do contra-ataque após a partida da primeira onda (adaptado de FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999, p. 186)**

Entende-se, então, que nesse contra-ataque (ampliado) deve haver o envolvimento de todos os jogadores (CARDOSO, 2003) pelo fato da possibilidade de ataque rápido organizado (terceira onda).

### **8.1.3. Terceira onda**

Ocorre ainda em ritmo acelerado quando a primeira e segunda onda não apresentaram êxito, sendo que a equipe não conseguiu arremessar em boas condições, porém ainda nota-se certa desorganização defensiva. Para Fernández Romero et al. (1999, p.187) “o ritmo do jogo ofensivo continua em uma linha ascendente, entendendo que cada vez mais as

equipes unem o contra-ataque com o jogo posicional”. As razões para esse tipo de postura justificam-se pelo não estabelecimento por completo do sistema defensivo e ainda pela não realização das trocas entre os atacantes e os defensores (especialistas). Todos os jogadores são protagonistas e podem dar continuidade ao jogo ofensivo (*ibidem*):

- de forma livre (onde as decisões são tomadas de acordo com o cenário técnico-tático oferecido por tais situações);
- a partir do jogo pré-fabricado (jogadas que tenham sido planejadas anteriormente – “jogadas ensaiadas”).

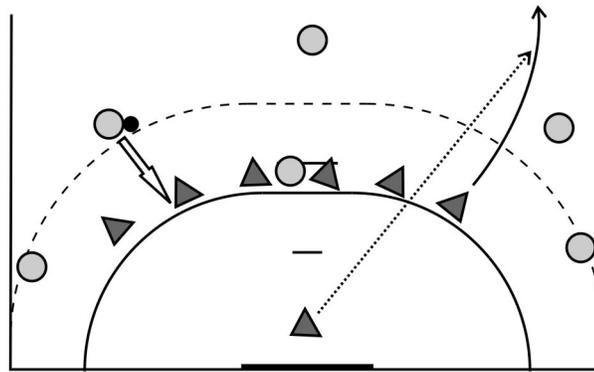
## **8.2. Tipos de contra-ataque**

Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a) apresentam os seguintes tipos de contra-ataques: tradicional, iugoslavo, polonês e tcheco.

### **8.2.1. Tradicional**

Inicia-se do lado contrário de onde a bola é arremessada, com o extremo (ou primeiro defensor) ligeiramente adiantado, desmarcando-se para que seja capaz de receber a bola. É o tipo de contra-ataque mais utilizado pelas equipes brasileiras no nível amador.

Para os autores, os jogadores mais rápidos devem ser posicionados como primeiros defensores, e o passe para esses deve ser “forte, preciso e seguro” (*ibidem*, p. 65). Na Figura 56 é representado um esquema do contra-ataque tradicional.

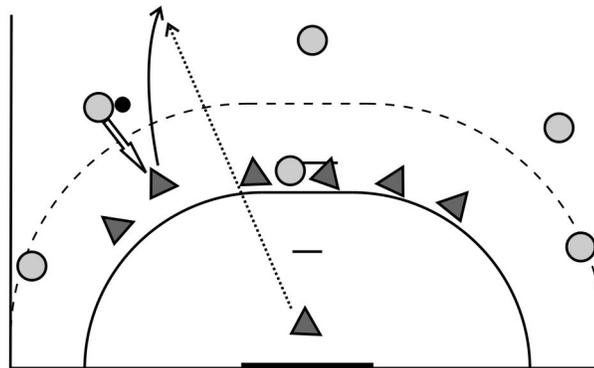


**Figura 56 - Representação do contra-ataque tradicional (adaptado de MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988a)**

### 8.2.2. *Iugoslavo*

Inicia-se com o defensor que está na região da quadra de onde a bola foi arremessada (este defensor encontra-se na frente do atacante que arremessou). É justificado pelo fato de que, se o atacante conseguiu arremessar, então aquele defensor não exerce influência sobre o resultado da ação, sendo designado a ele iniciar o contra-ataque.

Para o defensor que se encontra na segunda linha (seja por uma flutuação ou pela configuração do próprio sistema), caso ele não consiga evitar o arremesso, nada o impede de iniciar o contra-ataque pela posição mais avançada em que se encontra. Na Figura 57 está representado um esquema do contra-ataque iugoslavo.

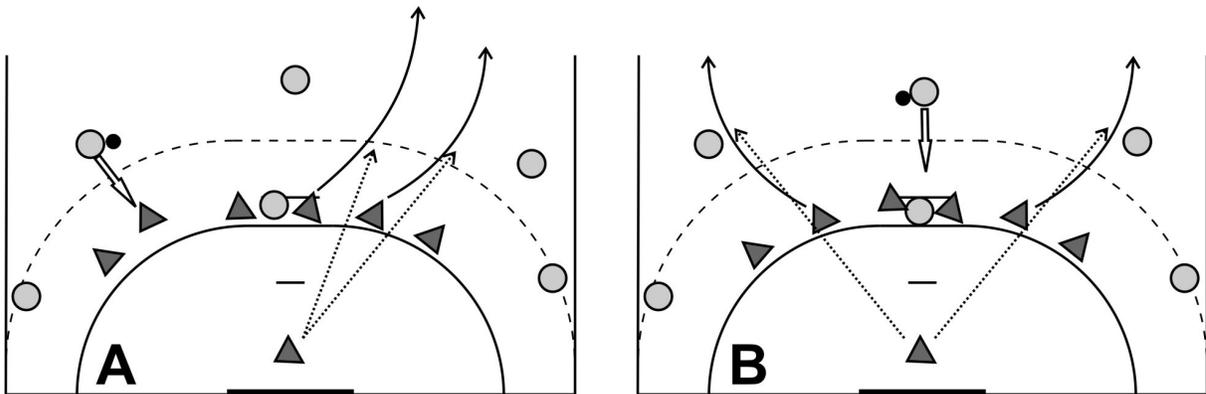


**Figura 57 - Representação do contra-ataque iugoslavo (adaptado de MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a)**

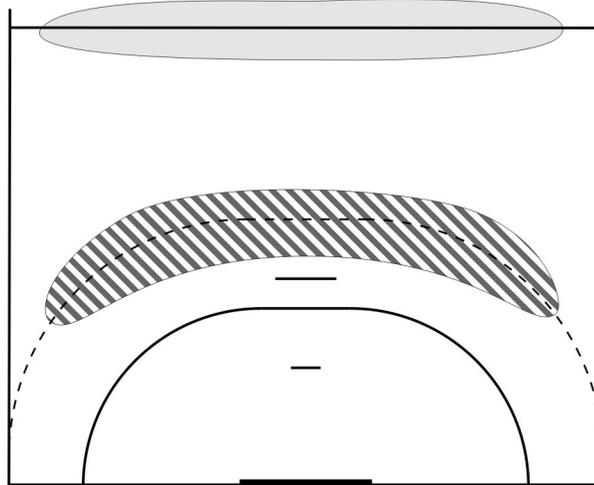
### 8.2.3. Polonês

Consiste em observar a zona da quadra de onde a bola foi arremessada, e a partir daí o passe deverá ser efetuado ao lado contrário sobre o segundo ou terceiro defensor desse lado. Ocorre apenas após a confirmação do controle da bola pelo goleiro, sendo que o atacante deverá receber a bola em movimento (ainda na quadra defensiva em uma zona não muito distante da sua área defensiva).

O atacante que recebe a bola não deve driblar e deve optar por passes curtos e pela manutenção do seu deslocamento em alta velocidade (nessa fase os atacantes encontram-se próximos à metade da quadra). Esse jogador poderá se tornar um apoio e deve visar a superioridade numérica no final do contra-ataque. Na Figura 58 estão representadas duas situações de saída em contra-ataque no modelo polonês: a primeira a partir de um arremesso do armador direito e a segunda após um arremesso do armador central. Na Figura 59 estão representadas duas importantes zonas para o contra-ataque polonês.



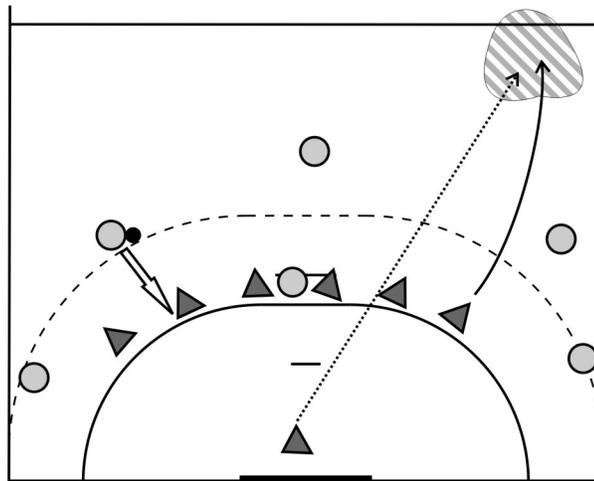
**Figura 58 - Representação do contra-ataque polonês. Em A: situação de arremesso do armador direito; em B: situação de arremesso do armador central (adaptado de MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a)**



**Figura 59 - Zonas de grande relevância para o contra-ataque polonês. Hachurada: zona de passe do goleiro para o primeiro atacante; zona cinza (metade da quadra): desenvolvimento do jogo em maior velocidade (adaptado de MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a)**

#### **8.2.4. Tcheco**

A bola é lançada pelo goleiro para uma determinada zona da quadra, e sempre em função da zona de onde a bola foi arremessada (preferencialmente no lado oposto de onde saiu o arremesso, semelhante ao contra-ataque tradicional). Essa zona pode variar dependendo do sistema defensivo e deve levar em consideração a situação do jogador mais rápido. Na Figura 60 está representada a estruturação do contra-ataque tcheco.



**Figura 60 - Representação do contra-ataque tcheco (área hachurada: zona de lançamento da bola – adaptado de MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988a)**

Após a descrição dos meios técnico-táticos (individuais e coletivos), sistemas de jogo e postos específicos ofensivos e defensivos, bem como da análise da contextualização desses, será apresentada no Capítulo III a metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa, dividida em dois tópicos:

- a) caracterização das entrevistas e dos sujeitos;
- b) caracterização do sistema de análise de situações de jogo e dos períodos analisados.

## **9. O JOGO EM ASSIMETRIA NUMÉRICA**

Caracteriza-se pela diferença entre o número de jogadores das equipes, provocada pela exclusão por dois minutos de um jogador de qualquer equipe. Observa-se que essas situações são cada vez mais frequentes no decorrer dos jogos de handebol, muitas vezes provocadas pelos excessos cometidos pelos defensores e que, invariavelmente, acarretam neste tipo de punição. Mesquita (2005) indica estudos que constataam que as equipes de handebol

passam em torno de 1/6 do jogo em situação de desigualdade numérica que corresponde, ao pensarmos em um jogo da categoria adulta, a 10 minutos do jogo.

Essas situações de assimetria numérica devem ser contempladas, segundo Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a), devido a fatores como a busca pela efetividade, a variação das relações espaciais (embora se mantenham os sistemas de jogo) e o favorecimento da adaptação frente à situação (a partir de uma análise inteligente das circunstâncias). Essa forma de jogo apresenta duas nuances: a superioridade numérica ofensiva (6x5) e a inferioridade numérica ofensiva (5x6).

## 9.1. Assimetrias numéricas ofensivas

### 9.1.1. Superioridade numérica ofensiva

Algumas possibilidades de sistemas de jogo ofensivo são apontadas por Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a), como o 3:3 e o 2:4 apresentados na Figura 61 (A e B, respectivamente). Os autores afirmam ainda que quando há esta relação numérica os atacantes devem buscar situações que, embora possam demorar, possibilitem arremessos de zonas de maior eficácia, evitando que haja precipitação e conseqüente perda da posse da bola.

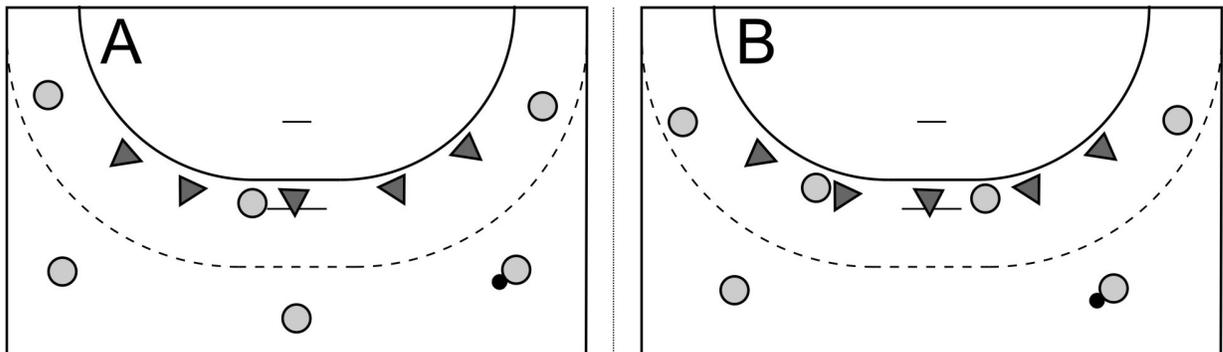


Figura 61 - Sistemas ofensivos em situação de superioridade numérica: 3:3 (em A) e 2:4 (em B)

Torna-se importante também considerar a distribuição espacial dos atacantes que, diante da ausência de um defensor, devem desenvolver o jogo em largura para que os defensores desloquem-se por distâncias maiores, além da manutenção do conceito de profundidade (oferecendo perigo ao sistema defensivo durante todo o tempo).

### **9.1.2. Inferioridade numérica ofensiva**

É uma situação que também deve ser treinada, na qual a estrutura ofensiva pode ser mantida, porém algumas variações são apontadas como decorrência da ocupação espacial dos jogadores. Uma das questões a ser considerada é a manutenção do pivô em detrimento da preferência por maior consistência na primeira linha ofensiva. Deve ser considerado o provável fator de relaxamento defensivo (pela superioridade numérica) e, ainda assim, evitar a precipitação nas finalizações e em passes mais arriscados.

Para Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a) o sistema ofensivo em inferioridade numérica pode variar de acordo com o sistema defensivo adversário, tal como citado pelos autores:

- diante do sistema defensivo 6:0 opta-se pelos sistemas ofensivos 3:2, 3:2 com variação para o 2:3;
- diante do sistema defensivo 5:1 ou misto opta-se pelo sistema ofensivo 3:2 com bloqueios no marcador avançado (5:1) ou no marcador que atua individualmente (5+1).

Na Figura 62 estão representadas duas possibilidades de sistemas ofensivos (2:3 em A e 3:2 em B) diante do mesmo sistema defensivo (6:0) que se encontra em superioridade numérica.

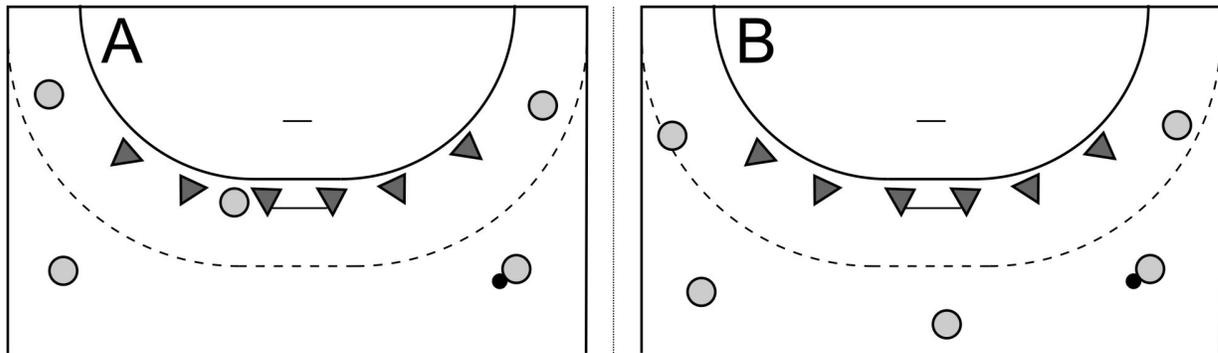


Figura 62 - Sistemas ofensivos em situação de inferioridade numérica: 2:3 (em A) e 3:2 (em B)

Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a) apontam ainda a necessidade de apoios curtos e contínuos, além da necessidade dos constantes desmarques, provocados pela tentativa de diminuição de espaços pelos defensores. Mesquita (2005) reporta o aumento da mobilidade e da atenção apresentados pelas equipes em inferioridade numérica, bem como a busca pela conservação da posse da bola, para evitar defender em situação de inferioridade numérica.

## 9.2. Assimetrias numéricas defensivas

### 9.2.1. Superioridade numérica defensiva

Para Simões (2002) a superioridade numérica defensiva deve pautar-se na rápida recuperação da posse da bola, a partir da criação de situações que induza os atacantes ao erro. Gutiérrez Aguilar (2006) afirma que nas situações de superioridade numérica há uma tendência em manter o sistema defensivo que já era utilizado antes da exclusão do jogador adversário, e que tal conduta defensiva soa como um desperdício quanto às possibilidades de recuperação da posse da bola. Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988b) indicam a

possibilidade de desenvolvimento de sistemas como o 6:0, o 5:1 e o 5+1, principalmente quando a equipe adversária joga sem o pivô.

Os defensores devem evitar cometer faltas sucessivamente, pois permite aos atacantes permanecerem mais tempo com a posse da bola (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988b; SIMÕES, 2002), atentando-se ainda para o fato de que os defensores devem manter os níveis de atenção, além de evitar saídas precipitadas para recuperar a posse da bola (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, 1988b).

Simões (2002) afirma que os defensores devem se deslocar de forma rápida para provocar o desequilíbrio ofensivo e manter a superioridade numérica nas diferentes regiões da quadra. Outro fator a ser destacado é a possibilidade de alterar o sistema defensivo durante esse período de jogo, como passar de um sistema zonal para um sistema misto.

### **9.2.2. Inferioridade numérica defensiva**

Defender em inferioridade numérica implica na tentativa de dificultar os arremessos da zona central da quadra ou dos jogadores mais eficazes, que traz como exigência a manutenção de altos níveis de concentração por parte dos defensores. Simões (2002) afirma que a capacidade de superação individual deve ser ressaltada.

Para Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988b) e Simões (2002) o principal sistema defensivo a ser empregado nesta situação é o 5:0. Román Seco (2006) apresenta três possibilidades de sistemas defensivos em inferioridade numérica: 5:0 (com dissuasões dos primeiros defensores), 5:0 (com dissuasões dos segundos defensores) e 4:1. Gutiérrez Aguilar (2006) aponta para a predominância dos sistemas defensivos estruturados em apenas uma linha (5:0), afirmando que o sistema 4:1 tem baixa incidência. O autor afirma ainda que, em inferioridade numérica, os sistemas defensivos em duas linhas causam nos jogadores um desgaste físico ainda maior.

Outros fatores a serem ressaltados são a marcação do pivô na linha do passe (com o intuito de evitar que a bola chegue até este), a importância da basculação e dos deslocamentos rápidos dos defensores (MELENDEZ-FALKOWSKI & ENRÍQUEZ

FERNÁNDEZ, 1988b; SIMÕES, 2002). A marcação deve priorizar a região mais efetiva do ataque (ou onde se posicionam os atacantes mais perigosos), enquanto o ataque é direcionado para que os jogadores com menor efetividade finalizem das regiões menos efetivas.

## CAPÍTULO III – METODOLOGIA

### 10. PESQUISA QUALITATIVA: ENTREVISTAS

#### 10.1. Introdução

*“No espaço educativo, os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis. Estas são mais fáceis de manipular metodologicamente, porque a tradição científica sempre privilegiou o tratamento mensurado da realidade, avançando, por vezes, de maneira incisiva em algumas disciplinas sociais, como a economia e psicologia. Todavia, não se pode transferir a limitação metodológica a uma pretensa redução do real. Este é mais complexo e abrangente do que sua face empírica”. (DEMO, 2005, p.108)*

A presença de um caráter qualitativo em uma pesquisa que sugere um campo quantitativo de trabalho, como ocorre nesta com o desenvolvimento de uma ferramenta de análise de jogo em tempo real, funda-se na premissa de que são necessários diversificados parâmetros, oriundos de fontes nas quais a confiabilidade seja alta, sejam essas de cunho bibliográfico ou referentes à consulta de *experts*, que apontem as possibilidades de análise das variáveis.

Tanto a pesquisa em educação como aquela realizada quando levamos em consideração os JCE's, não naquela em que se analisam fatores inerentes à quantificação de suas técnicas, mas na compreensão dos fatores relacionados com problemas táticos, apresentam desafios inerentes às suas concepções, à busca do conhecimento ou mesmo no apontamento de alterações que considerem o fator tempo.

Para Lüdke & André (1986, p.5) “um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente o de tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo”, o que nos remete também às características dinâmicas do jogo, como as constantes interações entre os jogadores e seus complexos e simultâneos desdobramentos, e aos

fatores relacionados com a concepção das táticas pelos técnicos e jogadores, inseridos em um processo de construção em um ambiente educacional e, porque não, competitivo. Corroborando com essa justificativa os autores citados anteriormente afirmam que inúmeras variáveis agem e interagem ao mesmo tempo, e “ao tentar isolar algumas dessas variáveis está-se optando, necessariamente, por uma redução do enfoque do estudo a uma parte do fenômeno” (*ibidem*, p.5).

A pesquisa de caráter qualitativo, segundo Triviños (1987, p.138), considera

*“a participação do sujeito como um dos elementos do seu fazer científico, apóia-se em técnicas e métodos que reúnem características sui generis, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece informações”.*

Essa afirmação torna explícita a importância do pesquisador, e de sua experiência, nos procedimentos de coleta e análise dos dados, tal como citado por Lüdke & André (1986, p.4) de que “os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador”, ou seja, dependem do minucioso processo de investigação deste que não “os enfrenta desarmado de todos os seus princípios e pressuposições” (*ibidem*, p.4).

A participação do sujeito tal como supracitada, pode revelar informações que por muitas vezes não estão explícitas, ou sequer cogitadas, quando da realização de pesquisas quantitativas. É nesse argumento que a principal essência da pesquisa qualitativa se revela, no que se refere ao acesso ao pensamento humano, pois segundo Lefèvre & Lefèvre (2003), para os pensamentos serem acessados esses precisam exteriorizar-se a partir da consciência humana. Esse acesso aos pensamentos “só pode se dar através de pesquisas qualitativas, de base indutiva, capazes de recuperar e resgatar os pensamentos contidos nessa consciência” (*ibidem*, p.9).

Richardson (1999) afirma que a pesquisa qualitativa tem larga utilização quando deseja-se compreender a natureza de um fenômeno social. Justificando tal opção para esta pesquisa é utilizada, como apoio, a afirmação de Garganta (1995, p.15), que uma equipe deva ser entendida como “um microsistema social e complexo” e que representa algo, como as situações e interações entre os jogadores, “qualitativamente novo, cujo valor global não pode ser traduzido pelo somatório dos valores individuais” (*ibidem*, p.15).

Para Lüdke & André (1986), assim como para Triviños (1987), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características: a) a fonte de dados é seu ambiente natural e o pesquisador é o instrumento; b) os dados coletados são descritivos; c) preocupa-se mais com o

processo do que com o produto; d) os significados dos entrevistados às coisas assumem uma atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados segue um processo de indução.

Para Richardson (1999) a pesquisa qualitativa agrega em si a tentativa, e a possibilidade, de compreender de forma detalhada os significados do teor das entrevistas, e não apenas basear-se em medidas quantitativas de determinadas características como fonte de produção de dados. O autor menciona as entrevistas como um instrumento diretamente relacionado à pesquisa qualitativa, porém não se trata da única forma de obtenção de dados relativos a esse campo de pesquisa, ainda sendo citados os questionários, os relatos de observação, o estudo de caso e a observação livre (TRIVIÑOS, 1987).

Para Triviños (1987), concordando com a citação anterior de Richardson (1999), um dos mais importantes meios de obtenção de dados na pesquisa qualitativa é por intermédio da entrevista. Ao realizar a entrevista o pesquisador tem como principal objetivo “conseguir informações ou coletar dados que não seriam possíveis somente através de pesquisa bibliográfica e da observação” (BONI & QUARESMA, 2005, p.71), que se refere ao fato de os sujeitos entrevistados poderem expressar suas opiniões, tornando possível a extração de dados subjetivos dos relatos, sendo o entrevistado a fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave no processo (TRIVIÑOS, 1987). Uma vantagem das entrevistas se relaciona com a possibilidade de “captação imediata e corrente da informação desejada” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.34)

A aquisição de dados subjetivos, segundo Boni & Quaresma (2005), poderá apenas ser desenvolvida por intermédio das entrevistas, uma vez que os entrevistados possam exprimir seus pontos de vista e suas possíveis restrições ou afinidades com determinados conceitos, ou, como sugerem os autores, os dados podem ser relacionados diretamente com “os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados” (*ibidem*, p.72). Além de tais características essa técnica permite, ao entrevistado e ao entrevistador, realizar “correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.34) e, se comparada com os questionários, pode proporcionar um maior aprofundamento nos dados (*ibidem*).

Dentre as técnicas de entrevista, caracterizadas como estruturada, não-estruturada e semi-estruturada (RICHARDSON, 1999), optou-se nesta pesquisa pela entrevista semi-estruturada, devido às características das informações a serem coletadas e pelas implicações

trazidas por essas informações para o desenvolvimento das ferramentas de análise de jogos. Para Triviños (1987, p.146) a entrevista semi-estruturada

*“parte de certos questionamentos básicos , apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. [...] o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências [...] começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.”*

As vantagens apresentadas pela entrevista semi-estruturada fundam-se: na possibilidade de o entrevistado discorrer sobre o assunto; na possível “informalidade” entre entrevistador e entrevistado, fazendo com que este sinta-se à vontade para explorar o tema proposto (que pode possibilitar um melhor acesso aos dados subjetivos); no direcionamento das respostas e de eventuais alterações nas perguntas para que sejam acessadas as informações mais relevantes ao tema; na possibilidade de delimitação do volume de informações; na facilidade para coletar os depoimentos de pessoas que apresentam dificuldades para responder por escrito ou mesmo que não sejam alfabetizadas (BONI & QUARESMA, 2005).

A aplicação, então, da entrevista semi-estruturada enquanto metodologia de uma pesquisa qualitativa, no que tange à identificação de parâmetros técnico-táticos do jogo (e dos jogadores) de handebol, objetiva a descrição desse ambiente complexo e ainda:

*“analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.”* (RICHARDSON, 1999, p.80)

Entende-se, desta forma, que a justificativa da aplicação de tal método funda-se no preceito da compreensão desse microsistema social dinâmico e complexo (GARGANTA, 1995) e, dentro das particularidades das fases do jogo, identificar os comportamentos grupais e coletivos.

O objetivo da realização dessas entrevistas pauta-se na possibilidade de compreender algumas questões que apenas os fatores estatísticos de jogo não revelam e que

permitam averiguar os parâmetros considerados importantes para esses na concepção do jogo. Espera-se que posteriormente esses parâmetros identificados nas entrevistas poderão vir a ser analisados quantitativamente durante os jogos e serem utilizados como informações adicionais aos jogadores e comissão técnica para atuação e planejamento dos treinamentos das equipes.

## **10.2. Elaboração do instrumento da entrevista**

A elaboração do instrumento da entrevista (etapa de coleta de dados) ocorreu, num primeiro momento, a partir da discussão entre pesquisador e orientador, resultando em um modelo, composto por inicialmente por dez questões (sendo quatro referentes aos dados pessoais, duas ao jogo ofensivo, duas ao jogo defensivo e duas ao jogo na transição).

Esse modelo inicial foi submetido a dois especialistas no tema da pesquisa (Professores Doutores de conceituadas Universidades Nacionais, sendo ambos pesquisadores na temática do handebol) que sugeriram adequações de algumas questões e inclusão de outras. Foi concebido um segundo modelo, obtido a partir da discussão entre pesquisador e orientador, onde foram consideradas as sugestões dadas pelos especialistas.

## **10.3. Procedimentos das entrevistas**

Os procedimentos para a realização das entrevistas foram pautados na metodologia proposta por Triviños (1987) e seguindo as etapas descritas posteriormente, apresentados sequencialmente em sua cronologia:

1. definição dos critérios para a seleção da amostra;
2. a partir da definição dos sujeitos, realização do primeiro contato via e-mail ou telefone, para apresentar o pesquisador, o orientador e a Universidade, além de explicar ao sujeito o objetivo da pesquisa e a importância da participação desse na amostra;

3. havendo concordância do sujeito na participação, verificou-se a disponibilidade de horários para a entrevista sendo, preferencialmente, em local e horário que não concorresse com as atividades profissionais do mesmo;
4. realização da entrevista no horário, local e data previamente combinados;
5. gravação da entrevista na íntegra e, complementarmente, realização de notações pelo pesquisador de alguns pontos relevantes durante a entrevista;
6. transcrição da entrevista, iniciada geralmente no mesmo dia da sua realização.

Na seleção do local de entrevista foi preconizada a atenção exclusiva dada pelo entrevistado ao entrevistador, em locais preferencialmente distantes de ruídos que prejudicassem a concentração do entrevistado e a aquisição do áudio, mas que favorecesse à interação entre ambos. Automaticamente, então, houve exclusão do ambiente da quadra (ou dos ginásios) e, concomitantemente, as entrevistas foram marcadas em horários diferentes daqueles dedicados pelo técnico ao treinamento de sua equipe.

As informações foram gravadas por intermédio de um dispositivo de MP3 para que todos os detalhes (ou discurso) fornecidos pelo entrevistado fossem arquivados. Concomitantemente à entrevista, o pesquisador efetuou registros (anotações em folhas de papel) que continham informações referentes ao discurso dos entrevistados e também com esquemas representativos (como as táticas grupais e coletivas, sistemas ofensivos e defensivos), permitindo melhor compreensão por parte dos entrevistados quanto às dúvidas surgidas durante os questionamentos. Apesar de nesse registro não serem armazenadas as informações do discurso em sua totalidade, adotou-se tal prática seguindo os apontamentos de Lüdke & André (1986, p.37), de onde tais registros

*“já representam um trabalho inicial de seleção e interpretação das informações emitidas. O entrevistador já vai percebendo o que é suficientemente importante para ser tomado nota e vai assinalando de alguma forma o que vem acompanhado com ênfases, seja do lado positivo ou negativo”.*

As perguntas iniciais do instrumento de entrevista (Anexo A) referiam-se aos dados pessoais dos entrevistados, como a idade, o tempo de atuação como técnico e a sua formação acadêmica (graduação e pós-graduação). Essa seqüência (ou estratégia) foi adotada com duas finalidades: a) traçar um perfil do entrevistado; e b) diminuir a inibição do entrevistado mediante a presença do gravador (TRIVIÑOS, 1987). As demais perguntas foram subdivididas em blocos temáticos, tendo como principal referência as fases do jogo (ofensiva, defensiva e transições) e a última pergunta referiu-se às variáveis relevantes para uma análise de jogo interessante durante as partidas.

Ao final de cada bloco temático o sujeito tinha a possibilidade de suas considerações finais, o que permitiu a conclusão de seu raciocínio bem como a complementação das ideias anteriores. Ao final da entrevista foi adotado um procedimento semelhante, fornecendo a possibilidade de argumentar livremente sobre os questionamentos anteriores.

No decorrer da entrevista, a partir dos questionamentos originados no pesquisador mediante as respostas fornecidas pelos entrevistados, a troca de informações colaborou para o direcionamento da entrevista em função dos objetivos propostos. Sobre a importância dessas trocas de experiências Triviños (1987, p.149) afirma que “o investigador, ao mesmo tempo que se ajuda, deve apoiar o informante”, e ainda assim o informante “deverá ter a sensação de sua utilidade, de sua importância para manter as metas que se procura dirigir” (*ibidem*), sempre estabelecendo as relações necessárias com os objetivos da pesquisa. Dessa forma, “o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.35), proporcionando ao entrevistado um ambiente que o permita expressar-se livremente.

O procedimento de transcrição das entrevistas foi iniciado no mesmo dia da sua coleta, com a principal prerrogativa de que o discurso do entrevistado ainda estaria latente e, ao ser analisado juntamente com as anotações feitas pelo pesquisador, manteria a fidedignidade das informações coletadas. Este procedimento, na visão de Lüdke & André (1986), apresenta-se como de grande dificuldade, pois trata-se de uma operação trabalhosa e que consome um vasto tempo do pesquisador. Nesta pesquisa, como resultado do processo inicial de avaliação das entrevistas, para cada 5 minutos de gravação o tempo gasto, aproximadamente, para a transcrição dos dados foi de 30 minutos, o que representa uma proporção de 1:6.

O instrumento de entrevista semi-estruturada utilizado nesta pesquisa teve como ponto de partida metodológico o modelo desenvolvido e aplicado por Santana (2008) que, a partir de entrevistas realizadas com técnicos bem-sucedidos de futsal e das caracterizações estratégico-táticas da modalidade, utilizou a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo para a tabulação e interpretação dos dados coletados qualitativamente.

#### **10.4. Caracterização da amostra**

Seguindo um protocolo de definição de critérios para a seleção da amostra, inicialmente idealizada nesta pesquisa como sendo de técnicos de handebol de sucesso, será adotada a definição apontada por Santana (2008). O autor indica que um técnico de sucesso é aquele que apresenta reconhecimento na comunidade esportiva, é experiente e possui resultados expressivos.

Assim sendo, a amostra desta pesquisa é constituída por técnicos de handebol considerados de sucesso que ocupam ou ocuparam posto de destaque em âmbito nacional. Neste critério estão incluídos:

- a) Os técnicos, ou os membros de comissão técnica da Seleção Brasileira feminina, que participaram de pelo menos um dos três últimos ciclos Olímpicos, e que atuam ou atuaram como técnico em seus respectivos clubes;
- b) Os técnicos que obtiveram resultados expressivos (finalistas) com seus clubes na Liga Nacional de Handebol ou no Campeonato Brasileiro de Handebol (sendo ambas as competições promovidas pela CBHb).

Com base nos critérios delimitadores para a constituição da amostra, foram elencados os nomes de oito técnicos, dos quais seis foram contatados. Dos seis técnicos contatados, dois não retornaram os e-mails e telefonemas, passando a amostra a constituir-se de quatro técnicos, a partir de um universo de oito desses.

Na Tabela 1 está apresentado um sumário dos entrevistados nesta pesquisa, desenvolvido a partir das informações pessoais e no histórico enquanto profissionais fornecidos por esses, a partir dos dados obtidos na entrevista no bloco de “dados pessoais” (APÊNDICE A).

**Tabela 1 - Caracterização da amostra**

<b>Sujeito</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Formado em Educação Física</b>	<b>Pós-graduado</b>	<b>Tempo (anos) como técnico</b>	<b>Participações na Liga Nacional ou Campeonato Brasileiro</b>	<b>Finais disputadas</b>
S1	40	Sim, há 8 anos	Não	14	4	2
S2	46	Sim, há 26 anos	Sim	25	-	-
S3	46	Não	Sim	24	-	-
S4	53	Sim	Sim	31	10	9

A Tabela 1 indica que em 50% das ocasiões nas quais o sujeito S1 participou da Liga Nacional ou do Campeonato Brasileiro, teve sua equipe como uma das finalistas; S4 participou de 10 Ligas Nacionais ou Campeonatos Brasileiros, sendo finalista em 9 dessas ocasiões (90%); enquanto os sujeitos S2 e S3 não participaram dessas competições. Quanto ao tempo de atuação como técnicos os sujeitos apresentaram média de 23,5 ( $\pm 7$ ) anos. Na Tabela 2 está apresentada uma caracterização dos sujeitos enquanto sua participação no meio do handebol, a partir dos dados obtidos na entrevista no bloco de “dados pessoais” (APÊNDICE A).

Tabela 2 - Caracterização da atuação dos sujeitos

Sujeito	Categorias dirigidas	Técnico da categoria adulta (atual)	Técnico de equipes de formação (atual)	Comissão Técnica Nacional
S1	<u>Masculino:</u> adulto <u>Feminino:</u> infantil, cadete, juvenil, júnior e adulto	Sim (feminina)	Sim (juvenil e júnior, ambas femininas)	Não
S2	<u>Masculino:</u> cadete e juvenil <u>Feminino:</u> todas	Sim (feminina)	Sim (cadete e juvenil femininas)	Sim
S3	<u>Masculino:</u> todas <u>Feminino:</u> todas	Sim (feminina)	Não	Sim
S4	<u>Masculino:</u> mirim, infantil, cadete, júnior e adulto <u>Feminino:</u> todas	Sim (feminina)	Sim	Sim

A partir dos dados apresentados na Tabela 2, atenta-se para o fato de que todos os sujeitos entrevistados dirigem atualmente equipes adultas, sendo que três desses (S1, S2 e S4) dirigem atualmente equipes femininas nas categorias de formação. Nota-se, também, a diversidade de categorias femininas com as quais todos os sujeitos já trabalharam, fato relevante principalmente quando se pensa no ensino do handebol enquanto um processo (de EAT), que ocorre de forma contínua.

## 10.5. Aspectos éticos da pesquisa

No primeiro contato com os técnicos foi mencionado, juntamente com os objetivos da pesquisa e da importância da contribuição dos mesmos, sendo que em hipótese alguma haveria menção de seus nomes. Para garantir tal acordo, os mesmos receberiam um documento assinado pelo pesquisador que garantisse tal confidencialidade. Sendo assim, após o primeiro contato foi enviado um e-mail a cada um dos sujeitos contendo um resumo da pesquisa, seus objetivos e uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No momento da realização das entrevistas foi entregue ao técnico entrevistado uma cópia do TCLE (apresentado no ANEXO A).

O Projeto de Pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, onde foi aprovado (parecer CEP 094/2011, apresentado no ANEXO A).

## 10.6. Interpretação dos dados: o Discurso do Sujeito Coletivo

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica de organização, tabulação e interpretação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos a partir das entrevistas (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003; SANTANA, 2008). Tal técnica tem sido amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento nas quais se desejam obter informações de caráter qualitativo, conforme pesquisas apresentadas adiante.

Essa técnica, descrita detalhadamente na obra de Lefèvre & Lefèvre (2003), baseia-se em perguntas abertas realizadas com os sujeitos das pesquisas a partir de questionamentos de caráter discursivo, de onde se pretende coletar as informações referentes aos pensamentos e às opiniões que são expressas através do discurso sobre um determinado assunto. Ou ainda:

*“busca justamente dar conta da discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, buscando preservá-la em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração das perguntas, passando pela*

*coleta e pelo processamento dos dados até culminar com a apresentação dos resultados” (ibidem, p.11)*

A partir da agregação de pedaços isolados dos discursos individuais gerados a partir das informações coletadas, busca-se uma expressão do pensamento de uma comunidade (ou coletividade), de forma a manter a coerência e a constituição de cada uma das partes que o compõe. Assim sendo, o material verbal (oriundo das entrevistas) é analisado de forma a extrair de cada um daqueles discursos algumas variáveis, como as ideias centrais e as expressões-chave (figuras metodológicas criadas para a confecção do DSC) que, a partir de seus possíveis agrupamentos e reconstruções, expressarão um discurso coletivo (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003).

As figuras metodológicas são assim definidas:

- Ideias centrais (IC): trata-se da descrição sucinta, fidedigna e objetiva do sentido de um determinado discurso sobre uma temática. A IC “não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos” (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003, p.17), que proporcionam reduzir a polissemia produzida nos discursos;
- Expressões-chave (ECH): representam as transcrições literais de trechos do discurso, revelando a essência do depoimento ou “do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento” (*ibidem*, p.17);
- DSC: “discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular” (*ibidem*, p.17), que é composto pelas ECH que possuem a mesma IC.

Considerando as inter-relações entre essas figuras metodológicas, Santana (2008) indica que temos as IC surgindo a partir das ECH, sendo que estas dão teor a essas. O DSC, então, é construído a partir das ECH de todos os sujeitos que remetem à mesma IC. Sendo assim, “o encadeamento discursivo das ECH gerará um DSC, isto é, um discurso de todos como se fosse o discurso de um apenas” (*ibidem*, p.171).

A construção do DSC tem como objetivo central “reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quanto se julgue necessários para expressar [...] um dado pensar” (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003, p.19), e não a

redução de todos os discursos a uma categoria única, tal qual a classificação baseada em uma quantificação simplista dos discursos.

Dentre as pesquisas de diferentes áreas que apontam para a utilização desta técnica, algumas serão destacadas como o estudo de Lefèvre & Simioni (1999), que aplicaram o DSC para avaliar as respostas de um fórum aberto na Internet cujo foco do debate era o tema relacionando o uso da maconha à saúde do indivíduo. Os autores encontraram seis tipos de discursos, desde aqueles a favor do uso deliberado ao que são contra, chamando a atenção para o tema relacionado à educação em saúde.

Oliveira & Rodrigues (2006) utilizaram a técnica do DSC para avaliar os procedimentos de três tipos de profissionais da educação (um professor de educação física, um coordenador pedagógico e um diretor) de uma escola específica em Osasco quanto à participação de crianças com deficiências do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental.

Costa & Massa (2006) compararam o processo de detecção e seleção de talentos no handebol que é desenvolvido nas quadras daquele que é proposto pela literatura. Os autores concluíram, a partir da análise do discurso (DSC) de técnicos de handebol, que apesar dos pontos semelhantes quanto às metodologias de detecção de talentos, existem divergências como o fato de a literatura apontar para a mensuração de características psicológicas e físicas, enquanto os técnicos apontam para indivíduos inteligentes e que cooperem socialmente.

Ferretti & Knijnik (2007) investigaram o contexto dos esportes de luta entre integrantes do sexo feminino, com o objetivo de apreender as “representações que um grupo de lutadoras forma e constrói a respeito de sua própria prática” (*ibidem*, p.66), a partir de entrevistas com sete universitárias. Após a transcrição das entrevistas estas foram submetidas à avaliação pelo método do DSC.

Assim, objetiva-se nesta pesquisa a construção de um discurso que não aponte para as diferenças relevantes entre os sujeitos, mas que expressem independentemente de convergências ou divergências de concepções um discurso da coletividade, ou do universo de sujeitos pesquisados.

## 11. DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA DE ANÁLISE DE JOGO

Paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e do modelo de entrevista semi-estruturada (qualitativa) desta pesquisa, o qual objetivou coletar dados de técnicos sobre a importância das variáveis de jogo a serem analisadas, foi dado o desenvolvimento de uma ferramenta de análise do jogo voltada para o handebol. O desenvolvimento dessa ferramenta de análise de jogo buscou extrapolar o sentido de quantificar as variáveis de um cenário técnico-tático, abrangendo também o contexto do treinamento da equipe, principalmente pela facilitação ao acesso às informações por jogadores e técnicos durante o processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

O sistema, denominado de *Tactical Pad*, está em desenvolvimento em parceria com a Clansoft (empresa situada em Campinas, fundada por Engenheiros da Computação provindos da UNICAMP), tendo como principal objetivo viabilizar a análise dos meios técnico-táticos ofensivos e defensivos em tempo real. O projeto é financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) a partir do programa de Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (PIPE) e conta com o apoio do CIATEC (Cia. de Desenvolvimento do Polo de Alta Tecnologia em Campinas<sup>28</sup>) e do FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos – Ministério da Ciência e Tecnologia<sup>29</sup>).

Para facilitar o procedimento de coleta e visualização dos dados, o *Tactical Pad* é desenvolvido em uma interface *pen-based*, funcionando em um Tablet PC, sendo programado “na plataforma Windows .NET, incluindo Windows Forms, WPF e Tablet PC” (CLANSOFT, 2010).

---

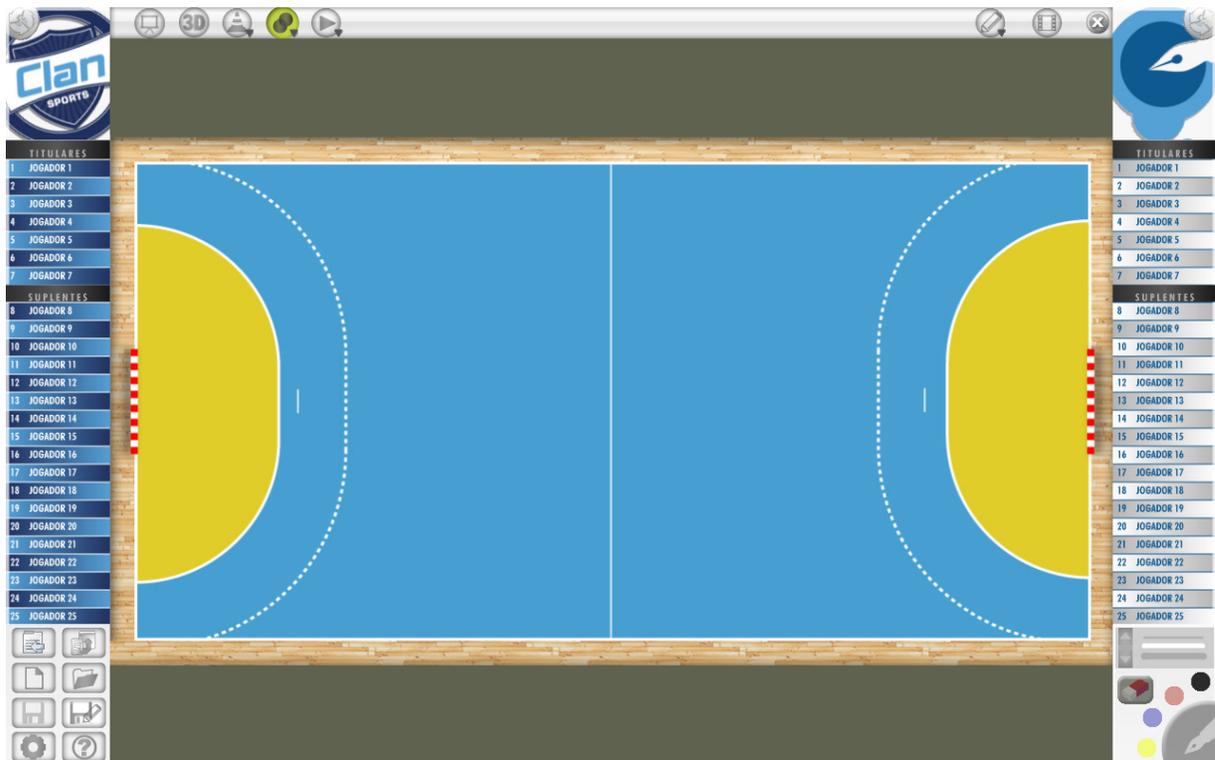
<sup>28</sup> Para maiores informações: <http://www.ciatec.org.br>.

<sup>29</sup> Para maiores informações: <http://www.finep.gov.br>.

## 11.1. Interfaces

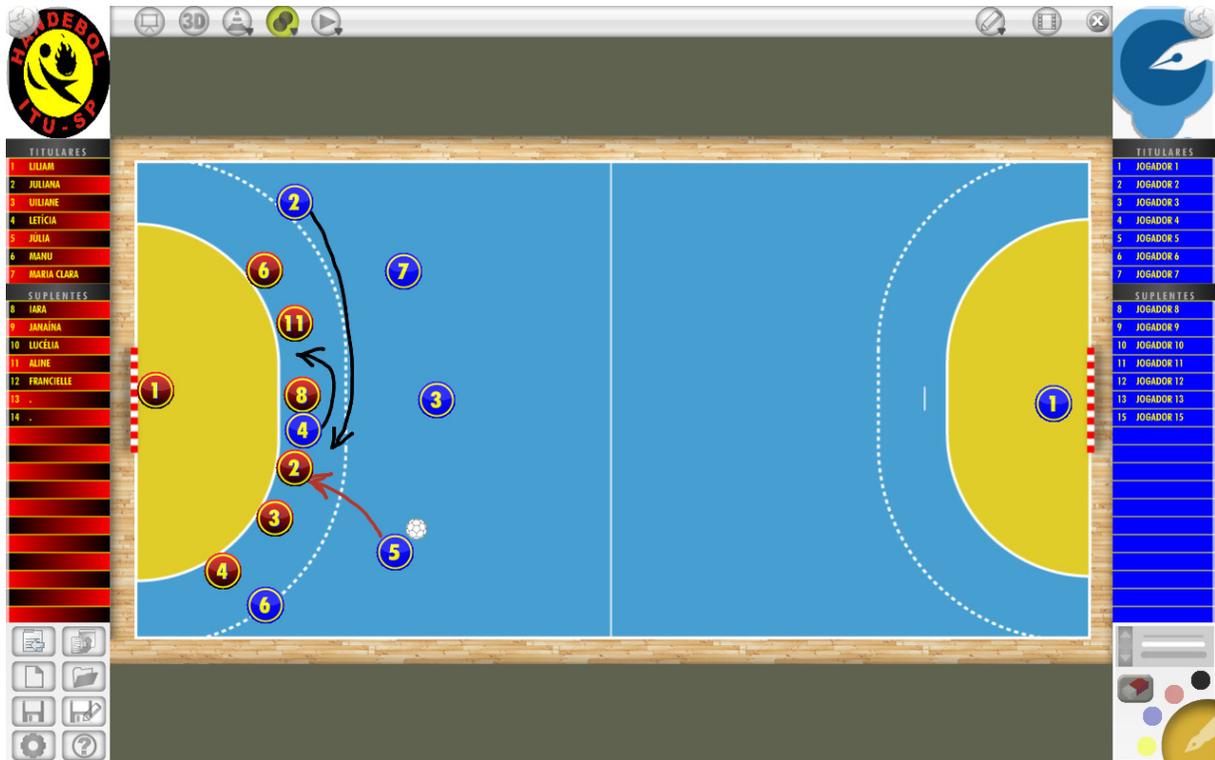
Na Figura 63 está representada uma imagem da tela que permite a inserção de jogadores (em forma de botões). Essa interface permite também o desenvolvimento de animações que representem, por exemplo, possíveis combinações de deslocamentos dos jogadores, execuções dos meios técnico-táticos ou mesmo a íntegra de seqüências ofensivas e defensivas.

Nas barras laterais da tela estão contidos os nomes e números dos jogadores de cada equipe (diferenciados por cores específicas) e abaixo dessas barras estão localizados os comandos para salvar, carregar ou cancelar a animação (barra lateral inferior esquerda) e os comandos de edição, como as cores da caneta, a espessura do traço e a borracha (barra lateral inferior direita).



**Figura 63 - Interface que permite produzir animações dos meios técnico-táticos bem como movimentações dos jogadores em uma situação específica do jogo**

A Figura 64 apresenta uma possível representação da movimentação dos jogadores de uma determinada equipe. Nota-se a possibilidade de anotações em diferentes cores, facilitando a visualização de deslocamentos de diferentes jogadores, ou mesmo a partir de representação de diferentes cores para equipes adversárias.



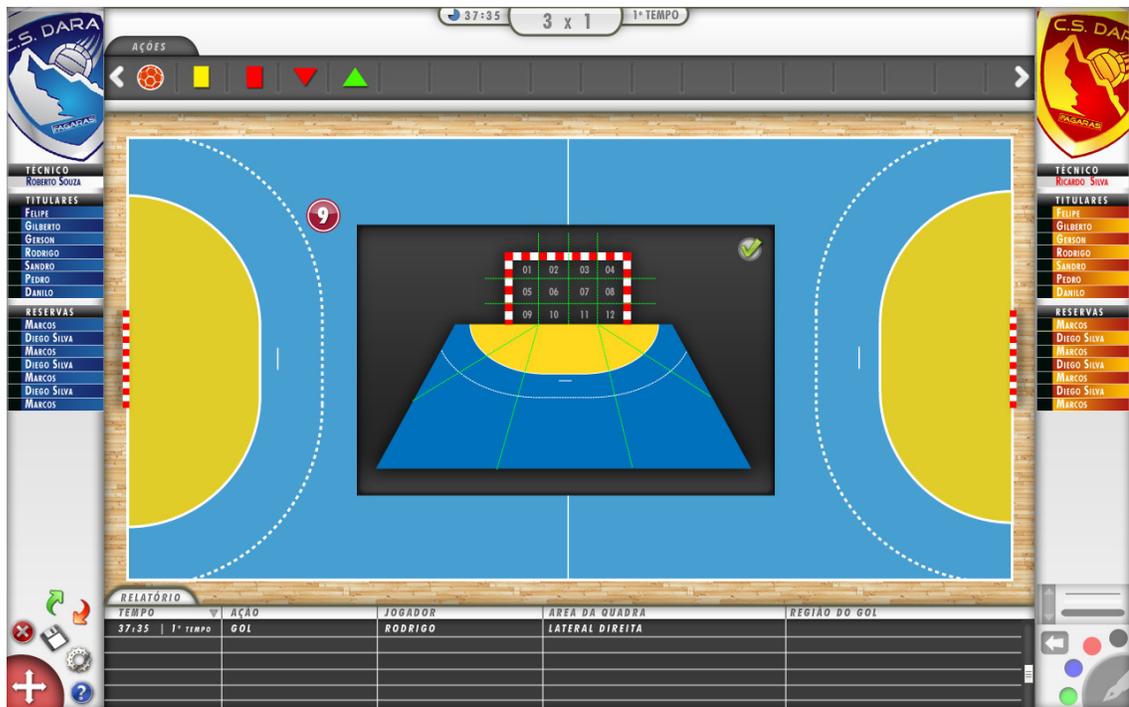
**Figura 64 - Representação de possíveis movimentações dos atacantes de uma determinada equipe**

Na Figura 65 está representada a interface utilizada durante a coleta de dados, na qual a imagem da quadra é disponibilizada em tela cheia e a pequena imagem contendo o gol é aberta apenas nos casos em que há alguma ação relacionada com o gol, como um arremesso.

As ações realizadas pelos jogadores são marcadas diretamente nos locais da quadra onde ocorreram, buscando uma correspondência entre o local de anotação e o local de ocorrência.

Nas barras laterais estão representados os jogadores de cada equipe e suas numerações correspondentes; na barra superior estão representados o tempo e o placar do jogo,

bem como uma barra para seleção das ações; na barra inferior estão representados os dados coletados durante o jogo em forma de planilha, contendo informações como o tempo de jogo em que ocorreu a ação, a ação realizada, o jogador que a realizou, a região da quadra de ocorrência e, em caso de arremesso, a região do gol acionada.



**Figura 65 - Interface na qual são inseridas as informações técnico-táticas coletadas durante o jogo**

Na Figura 66 está representada a interface de edição de vídeo, que permite apontar, por exemplo, possíveis falhas de posicionamentos, deslocamentos dos jogadores para as regiões de maior ou menor vulnerabilidade ofensiva ou defensiva, possíveis opções de passe do jogador em posse da bola ou mesmo alternativas de lançamentos de contra-ataque pelo goleiro.

Na barra lateral esquerda são apresentadas as características do vídeo em edição, bem como as ferramentas de avanço ou retrocesso do vídeo, e os comandos para salvar ou ler determinado arquivo de vídeo; na barra lateral direita estão as ferramentas de edição do vídeo, como as cores e as espessuras do pincel, a ferramenta de borracha e o tempo de permanência do

traço no vídeo; na barra inferior estão representados os trechos já editados para a mesma seqüência de imagens.

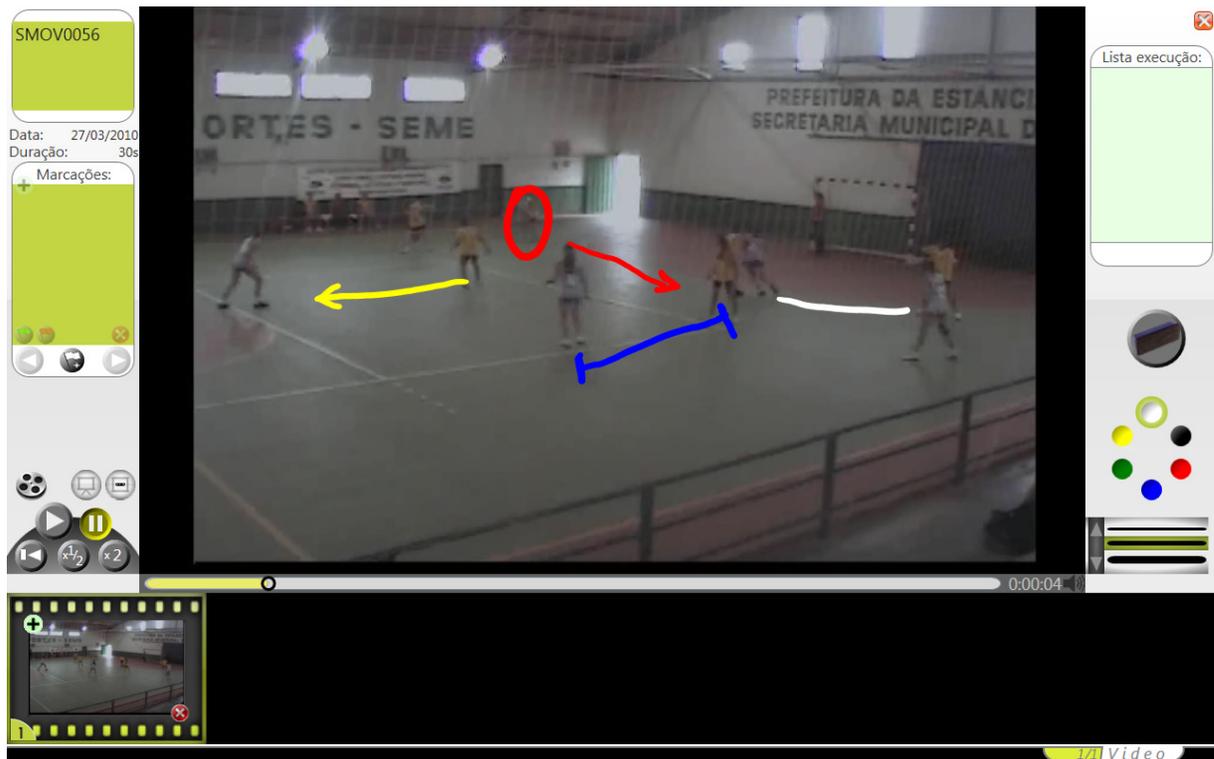


Figura 66 - Interface que permite a edição de vídeos como a inserção de marcadores no mesmo

## 11.2. Seleção das variáveis de análise

A seleção das variáveis consideradas relevantes para a análise do jogo de handebol tem como ponto de partida dois diferentes, e complementares, aspectos:

- os meios técnico-táticos individuais e coletivos (tanto os ofensivos como os defensivos), e o jogo de transição;
- o DSC construído a partir da visão que os técnicos selecionados possuem em relação ao jogo de handebol na três fases do jogo (ofensiva, defensiva e transição) e o que foi considerado relevante para esses.

### 11.3. Caracterização do jogo analisado

Seguindo com a aplicação da ferramenta de análise de jogo e suas possibilidades, alguns períodos foram selecionados de uma partida feminina. O objetivo dessa análise é apresentar as características desses períodos, a partir de situações que apontem a utilização dos meios técnico-táticos ofensivos e defensivos (individuais e coletivos) conforme apresentados no Capítulo II.

A seleção do jogo foi intencional, que coincide com a equipe coordenada pelo pesquisador, principalmente pela viabilidade na aplicação e no teste da ferramenta. Outro aspecto relevante está no fato de se tratar de uma final, portanto sendo analisado um jogo com equipes de bons níveis. Na Tabela 3 estão apresentadas as características do jogo analisado:

**Tabela 3 - Caracterização dos jogos analisados na qual é apresentada: a descrição das categorias, as equipes envolvidas, o nível competitivo e a competição disputada**

	<b>Categoria</b>	<b>Equipes</b>	<b>Nível</b>	<b>Competição</b>
<b>Jogo 1</b>	Cadete feminino	Equipe A (local, uniforme amarelo) Equipe B (visitante, uniforme preto)	Amador, regional	Liga de Handebol (final)

Para cada período selecionado, são apresentadas as imagens iniciais do jogo com o posicionamento dos jogadores (configurando o cenário técnico-tático) e com as relações de oposição, e as imagens da sequência ofensiva nas quais são apresentadas as interações entre os jogadores e o desenvolvimento dos meios técnico-táticos (ofensivos e defensivos, individuais e coletivos).

Após a exposição da metodologia da pesquisa serão apresentados, no Capítulo IV, os resultados e as análises das tabulações das entrevistas com os técnicos em questões referentes às variáveis técnico-táticas ofensivas, defensivas, de transição e de análise de jogo.

## **CAPÍTULO IV – RESULTADOS: ENTREVISTAS**

Neste capítulo serão apresentadas as tabulações dos dados e as análises das entrevistas a partir da metodologia proposta.

Nos APÊNDICES B1, B2, B3 e B4 estão apresentados, na íntegra, os dados obtidos a partir das entrevistas com os Sujeitos 1, 2, 3 e 4 (S1, S2, S3 e S4, respectivamente), porém corroborando com o Instrumento de Análise do Discurso, aplicado no futsal por Santana (2008), de onde são selecionadas as Expressões-chave (ECH) e as Ideias Centrais (IC's), conforme metodologia descrita por Lefèvre & Lefèvre (2003).

A exemplo do trabalho de Santana (2008) os dados referentes às ideias centrais (IC), ao número de sujeitos (N) e à discriminação desses, serão apresentados em forma de tabelas. Na sequência será apresentado um quadro com as IC's e com a construção do discurso do sujeito coletivo (DSC), seguido da discussão dos resultados.

A apresentação e análise dos resultados serão divididas em: variáveis ofensivas, variáveis defensivas, variáveis de transição e análise de jogo, nessa ordem.

### **12. VARIÁVEIS REFERENTES AO SISTEMA OFENSIVO**

O principal objetivo de ouvir os técnicos em relação às variáveis ofensivas centra-se no propósito de enumerar, ou identificar, as principais premissas para a construção de um jogo ofensivo eficaz.

Sendo assim, o discurso obtido com relação aos principais parâmetros ofensivos fornece informações para a concepção da construção da dinâmica de jogo, tal como evidenciada pelos sujeitos a partir da identificação dos parâmetros individuais e coletivos (como a preferência pela execução dos meios técnico-táticos) diante dos diferentes sistemas defensivos.

## 12.1. As ações ofensivas individuais

Na Tabela 4 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 6 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 4 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: O que seus atacantes devem fazer taticamente e individualmente para que o ataque seja eficaz?**

	IC	N	Sujeitos
1	Aproveitar os espaços produzidos	3	S1, S2, S4
2	Trocar de setores	1	S1
3	Fintar	4	S1, S2, S3, S4
4	Mudar de direção na trajetória	1	S1
5	Variabilidade de ações	3	S2, S3, S4
6	Circulação de bola	2	S2, S4
7	Realizar fixações	1	S4

No Quadro 2 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 4 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B1.

**Quadro 2 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: O que seus atacantes devem fazer taticamente e individualmente para que o ataque seja eficaz?**

<b>Ideia Central 1:</b> Aproveitar os espaços produzidos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Eu trabalho muito com trajetórias (trajetória curta e longa). Vamos produzir o máximo de espaço possível através das trajetórias. Ser efetivo e eficaz no conceito ímpar para atrair e começar a busca pela superioridade numérica. Deve observar a ocupação e criação de espaço também. Nessa questão da ocupação e criação de espaços você vai entrar em relação com os cruzamentos e com outras ações que eu já não sei se entrariam aí
<b>Ideia Central 2:</b> Trocar de setores	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Através de deslocamentos saindo dos setores (no mesmo setor não cria isso aí [ <i>produção de espaços</i> ]).
<b>Ideia Central 3:</b> Fintar	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> A parte individual no caso, como as fintas. Eu acho que tem que trabalhar muito o jogo de 1x1, entender como jogar 1x1, o que significa o 1x1; pra um jogador que tem 2 metros o 1x1 funciona de um jeito para o outro que tem 1,78 metro pode ser que funcione de outro jeito. Bom, aqui na parte individual eu coloquei o 1x1 e não coloquei a finta, e entra a questão da finta. O atacante deve jogar no 1x1.
<b>Ideia Central 4:</b> Mudar de direção na trajetória	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> As trocas de direção (bastante) eu acho isso importantíssimo.
<b>Ideia Central 5:</b> Variabilidade de ações	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> De não criar nele [ <i>no jogador</i> ] situações estereotipadas, ser criativo, que ele não comece e termine uma ação porque foi treinado aquilo. Então ele tem que poder

	tomar decisões sem ser aquela de padrão tático, enfim aquela tomada de decisão momentânea e exigente para aquele momento. Jogar 2x1 e jogar 2x2, então é importante isso, principalmente para uma filosofia/cultura que é daqui. Tem que jogar o 2x2, tem que observar o posicionamento do pivô.
<b>Ideia Central 6:</b> Circulação da bola	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> O atacante hoje precisa muito enxergar o ponto futuro né, pôr a bola no tempo, aquele um passe a mais, dar continuidade. Trabalho de continuidade.
<b>Ideia Central 7:</b> Realizar fixações	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Tem que fixar – fazer um trabalho de fixação do seu oponente.

O desenvolvimento do jogo tático individual tem como base, segundo o SC, uma boa compreensão e atuação na situação de 1x1, principalmente baseando-se nas fintas e ainda considerando o biotipo como uma preocupação (*“pra um jogador que tem 2 metros o 1x1 funciona de um jeito para o outro que tem 1,78 metro pode ser que funcione de outro jeito”*). A compreensão do jogo 1x1 tendo a finta como principal recurso apóia-se na possibilidade de produção de espaços ou de situações vantajosas em diferentes regiões da quadra, como a superioridade numérica e a ocupação de espaços vazios (OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996) alcançados após o atacante transpassar seu marcador direto.

A produção de espaços também é uma preocupação recorrente do SC que vai ao encontro de princípios como a progressão em direção ao gol adversário (BAYER, 1994) e a anotação de gols (BAYER, 1994; GARCÍA CALVO, 2004). As situações mais vantajosas para o ataque, contudo, podem ser oriundas de superioridades numéricas sucessivas, como na sequência  $2x2 \rightarrow 2x1 \rightarrow 1x0$ , ou segundo o SC *“Ser efetivo e eficaz no conceito ímpar para atrair e começar a busca pela superioridade numérica”*. Há ainda a preocupação, significativa, com a variabilidade das ações desenvolvidas pelos atacantes, na tentativa de evitar a estereotipagem do sistema ofensivo e mesmo em um sistema baseado no jogo pré-fabricado. Buscam-se as variabilidades técnicas e táticas, tendo o jogador autonomia suficiente para alterar o cenário do jogo de acordo com as respostas dadas pelos seus companheiros e adversários (*“ele tem que poder tomar decisões sem ser aquela de padrão tático, enfim aquela tomada de decisão momentânea e exigente para aquele momento”*).

Essa variabilidade do cenário técnico-tático pode ser verificada, de acordo com o SC, diante de outras colocações, como o deslocamento com diferentes trajetórias e as mudanças de direção das trajetórias (ambas, assim como as fintas, enquadram-se na categoria de meios técnico-táticos ofensivos individuais). As trocas de setores têm como principal objetivo permutar os atacantes entre seus postos para que a “referência” que os defensores têm com relação ao seu

possível padrão de ataque, ou repertório de ações, seja perdida. Essa troca repentina de setor pode acarretar em falhas na execução dos meios técnico-táticos defensivos, como a marcação, a cobertura e a flutuação, otimizando a produção de espaços pelos atacantes. Outro fator associado à variabilidade das ações refere-se ao jogo com o pivô e seus possíveis desdobramentos.

Já a circulação de bola está diretamente relacionada com a qualidade do jogo ofensivo no seu caráter coletivo: se a bola circula facilmente, com boa qualidade e continuidade dos passes, há a tendência de aumento da velocidade do ataque. Para Antón García (1988, p.122) os principais objetivos dessa circulação são: “conservar a bola”, “mobilizar a defesa até algumas zonas para ampliar os espaços em zonas opostas”, “explorar os desequilíbrios de ocupação espacial que se produzem na defesa”, além do aproveitamento das linhas de passe para perturbação dos deslocamentos (basculação) defensiva. Atenta-se ainda para o fato de haver uma menção (nas entrevistas) das fixações enquanto meio técnico-tático ofensivo individual, enquanto essas são classificadas como um meio técnico-tático ofensivo coletivo.

Ao mesmo tempo, quando nos atentamos às vantagens trazidas por uma boa circulação de bola para o desenvolvimento da tática ofensiva individual, entendemos que as ações dos atacantes podem ser facilitadas devido à exigência imposta aos defensores de deslocarem-se com maiores velocidades e por maiores distâncias, gerando desequilíbrios momentâneos nesses defensores e maior instabilidade coletiva defensiva. Porém esses desequilíbrios momentâneos, seja do defensor (em sua postura), seja do sistema defensivo como um todo (pelo atraso nos seus deslocamentos e diminuição dos espaços, só ocorrerá de forma eficaz se os atacantes tiverem a premissa do ataque em continuidade.

## **12.2. As ações ofensivas coletivas**

Na Tabela 5 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 7 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 5 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do ataque coletivo?**

	IC	N	Sujeitos
1	Cruzamento	4	S1, S2, S3, S4
2	Deslocar-se com trajetórias diferentes	2	S1, S3
3	Bloqueio ofensivo	2	S1, S4
4	Adaptabilidade às situações	1	S2
5	Passa e vai	2	S2, S4
6	Mudança de direção das trajetórias	1	S2
7	Troca de postos específicos	3	S2, S3, S4
8	Ocupação temporária do posto de pivô	2	S2, S3
9	Penetrações sucessivas	1	S4

No Quadro 3 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 5 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B1.

**Quadro 3 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do ataque coletivo?**

<b>Ideia Central 1:</b> Cruzamento	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> O cruzamento não é tão eficaz, porque você acaba trabalhando 1x1. Nos meios táticos eu enxergo o meu padrão de jogo os cruzamentos. Então a dinâmica pra mim de um cruzamento, de um bom cruzamento, um atleta que ocupe bem o espaço que ofereça bem o perigo, puxe a linha do cruzamento para atrair perigo ele precisa ter um bom passe, como um cruzamento que pode ser com bola. Cruzamentos.
<b>Ideia Central 2:</b> Deslocar-se com trajetórias diferentes	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Então você vai mais para uma trajetória longa e somada com uma longa e uma curta, uma longa e uma curta, para que dê encaixe para esse espaço produzido. Eu acho que precisa de bastante movimento com bola e sem bola
<b>Ideia Central 3:</b> Bloqueio ofensivo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Depende muito do bloqueio do pivô, tem que jogar o centro em função do pivô e organizado pelo central.
<b>Ideia Central 4:</b> Adaptabilidade às situações	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> A minha linha de trabalho é a de que ele saiba resolver o 1x1, na seqüência ele consiga resolver o 2x2, e esse 2x2 com os defensores em uma mesma linha ou linhas diferentes.
<b>Ideia Central 5:</b> Passa e vai	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Tabela quando a gente tá trabalhando com uma defesa mais avançada (mais alta). Passa e vai, faltou aqui.
<b>Ideia Central 6:</b> Mudança de direção das trajetórias	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Nas questões dos meus centrais e dos meus armadores a troca de sentido.
<b>Ideia Central 7:</b> Troca de postos específicos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> E isso vai me dar alguns processo interessantes táticos, daí vêm as permutas (cruzamento sem a bola). Circulação de jogadores. Permutas.
<b>Ideia Central 8:</b> Ocupação temporária do posto de pivô	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> As ações de desdobrar no tempo certo, aí vêm as opções do ponta circular culminando com um ponto ideal de troca de passe com o armador do lado

	contrário. Temos um que cai, com bola e sem bola.
<b>Ideia Central 9:</b> Penetrações sucessivas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Penetrações sucessivas ou engajamento.

O cruzamento é apontado pelo SC como um importante meio técnico-tático ofensivo quando nos referimos ao desempenho de tal sistema em um panorama coletivo, embora haja, para esta questão, diferentes ponderações: *“O cruzamento não é tão eficaz, porque você acaba trabalhando 1x1”* e *“a dinâmica pra mim de um cruzamento [...], um atleta que ocupe bem o espaço que ofereça bem o perigo”*. Fernández Romero et al. (1999), em consonância com Antón García (1998), apresentou como características dos cruzamentos a obtenção de superioridade numérica, que favorece aspectos como a melhoria das distâncias para arremesso, a fixação do oponente direto, a possibilidade de penetração no sistema defensivo e o atraso nas ações ofensivas. Tais características vão de encontro à ineficácia atribuída aos cruzamentos na parte inicial do discurso (*“O cruzamento não é tão eficaz, porque você acaba trabalhando 1x1”*).

Os deslocamentos com diferentes trajetórias, juntamente com as trocas de postos específicos e a ocupação temporária do posto de pivô também são recorrências do SC no acesso ao bom jogo ofensivo coletivo. A ocupação temporária do posto de pivô tem como premissa a mudança do sistema ofensivo, por exemplo, de 3:3 para 4:2 ou 2:4, sendo que o deslocamento rápido de um armador ou ponta tende a atrair a atenção dos defensores, enquanto o sistema ofensivo se reorganiza, buscando uma distribuição espacial equalizada que favoreça o desenvolvimento de ações inteligentes em todas as regiões da quadra (*“aí vêm as opções do ponta circular culminando com um ponto ideal de troca de passe com o armador do lado contrário”*). A relação de ocupação racional das regiões da quadra é citada por Garganta (1995) como um indicador de jogo de bom nível.

As trocas de postos específicos (ou permutas) têm, igualmente às trocas de setores entre os jogadores<sup>30</sup>, importância sobre a mudança nas relações entre atacantes e defensores, que para o SC *“vai me dar alguns processo interessantes táticos”*. Trata-se, também, de uma via de acesso ao bom jogo ofensivo por permitir variabilidades técnicas e táticas,

<sup>30</sup> Cabe aqui uma consideração sobre a troca de postos específicos (ou permutas) e a troca de setores de jogadores. Ambas estão relacionadas com mudanças nas referências defensivas, na relação com seus marcadores diretos, porém as permutas ocorrem durante a circulação da bola, com a premissa de gerar espaços para as penetrações e arremessos. As trocas de setores referem-se às mudanças, não repentinas, dos postos específicos de alguns jogadores, ainda durante a transição defesa-ataque (como a troca entre armador central e armador direito durante todo o processo ofensivo que se inicia).

diferentes circulações de bola e constantes mudanças no pensamento tático coletivo ofensivo, que exige dos companheiros uma rápida adaptabilidade às situações de jogo, e do pensamento tático defensivo (individual e coletivo), dando mobilidade ofensiva e dificultando as atribuições de responsabilidades dos defensores (ANTÓN GARCÍA, 1998). Há ainda a possibilidade das permutas serem sucedidas, ou mesmo combinadas, por/com ocupações temporárias do posto de pivô pelos armadores e pontas.

Os deslocamentos em diferentes trajetórias e as mudanças de direção das trajetórias não são caracterizados como meios técnico-táticos ofensivos coletivos (como exposto no Capítulo II), porém constituem a base do jogo ofensivo de bom nível (GARGANTA, 1995) e, a partir de seus desdobramentos, outras formas de jogo passam a ser facilitadas, como o passa e vai (citado pelo SC, “*quando a gente tá trabalhando com uma defesa mais avançada*”) e os bloqueios, que facilitam as penetrações (FERNANDEZ ROMERO, 1999), restringem a liberdade de movimento dos defensores (ANTÓN GARCÍA, 1998) e buscam a superioridade numérica ante qualquer sistema defensivo (OLIVER CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996).

### 12.3. As ações ofensivas contra defesas fechadas

Na Tabela 6 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 8 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 6 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Diante de adversários que adotam sistemas defensivos fechados (como o 6:0), o que você espera que seus jogadores façam?**

	IC	N	Sujeitos
1	Trajetoárias	2	S1, S2
2	Engajamentos eficazes	1	S1
3	Arremessos de longa distância	2	S1, S2
4	Realizar cruzamentos	3	S1, S2, S4
5	Realizar bloqueios ofensivos	3	S1, S2, S4
6	Fintar	1	S1
7	Realizar pantallas	1	S2

8	Mudanças de direção das trajetórias	1	S2
9	Mudança temporária de sistema ofensivo <sup>31</sup>	1	S2
10	Realizar a circulação de jogadores	1	S4
11	Realizar permutas	1	S4

No Quadro 4 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 6 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B1.

**Quadro 4 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Diante de adversários que adotam sistemas defensivos fechados (como o 6:0), o que você espera que seus jogadores façam?**

<b>Ideia Central 1:</b> Trajetórias	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Movimentação o tempo todo. Se tiver uma dissuasão de 2º eu gosto de provocar o central a ir nesse espaço.
<b>Ideia Central 2:</b> Engajamentos eficazes	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Para que a bola chegue embaixo para os pontas (que deve ser um ponto forte das equipes que jogam contra o 6:0. Então a gente trabalha muito para que a defesa feche bastante o meio e que produza esses espaços lá embaixo nas pontas. E pra isso você tem que fazer ir e voltar, ir e voltar a bola, vai pra direita, vai pra esquerda.
<b>Ideia Central 3:</b> Arremessos de longa distância	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Se você tem um jogador chutador em cima contra o 6:0, a defesa vai estar muito fechada no meio. Com a defesa em linha de tiro eu acredito que um jogo forte de longa e meia distância vai ser importante. Procura trabalhar mais com os jogadores da primeira linha ofensiva com chutes de fora.
<b>Ideia Central 4:</b> Realizar cruzamentos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Aí já entra um pouco de cruzamento também. Então eu tenho que trabalhar aí com cruzamentos. Eu gosto muito dos cruzamentos meia com meia pra ver aí como se movimentam os dois 3ºs, se saem ou se ficam. E ter uma continuidade a partir de um cruzamento (A com B). Cruzamentos.
<b>Ideia Central 5:</b> Realizar bloqueios ofensivos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Pivô seguindo a bola, conseqüentemente ele seguindo a bola, a defesa vai seguir ele também, quando tem o retorno dessa bola ele vai fazer o bloqueio para que a bola sobre embaixo. O 6:0 dá uma possibilidade de você fazer uma leitura de quem tá dissuadindo, você trabalhar nas costas desse jogador com o pivô. Bastante trabalho com o pivô.
<b>Ideia Central 6:</b> Fintar	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Eu acho que a ação individual é importantíssima, o trabalho de finta, o 1x1, esse tipo de coisa
<b>Ideia Central 7:</b> Realizar pantallas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Pantallas.
<b>Ideia Central 8:</b> Mudanças de direção das trajetórias	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> As trocas de sentido com o pivô saindo da 2 para a 3.
<b>Ideia Central 9:</b> Mudança temporária	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Quando da ação de uma dissuasão ou de um ataque ao ímpar [ <i>defensor ímpar</i> ]

<sup>31</sup> A mudança temporária de sistema ofensivo implica, entre outros aspectos, na ocupação temporária do posto de pivô por um dos armadores ou por um dos pontas. Por exemplo, o início do ataque no sistema 3:3 e, após tais ocupações, transforma-se em 4:2, em 2:4, ou mesmo em 3:3 com dois pivôs.

de sistema ofensivo	<i>dissuadindo]</i> aí sim eu desdobro sim os meus armadores, principalmente o central, pra ver o que vai resolver a defesa adversária. Ah, faltou a circulação dos pontas.
<b>Ideia Central 10:</b> Realizar a circulação de jogadores	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 10:</b> Trabalho de circulação de jogadores também.
<b>Ideia Central 11:</b> Realizar permutas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 11:</b> Permutas.

O SC entende que, diante de sistemas defensivos fechados (como o 6:0), são necessárias intervenções no jogo ofensivo que insiram e articulem nesse contexto:

- os meios técnico-táticos coletivos (como os cruzamentos e os bloqueios, conforme citados com maior frequência, seguidos pelas pantallas);
- os meios técnico-táticos individuais (trajetória, citada com maior frequência, seguida pelas fintas e mudanças de trajetórias);
- e os fundamentos, como os arremessos, em uma situação específica (longa distância) e os passes (manifestados indiretamente quando da citação da circulação da bola).

A execução das trajetórias justifica-se, segundo o SC, frente a atitudes específicas de alguns defensores (“*Se tiver uma dissuasão de 2º eu gosto de provocar o central a ir nesse espaço*”). Esse deslocamento do armador central (em posse da bola, denominado de progressão, conforme descrito no Capítulo II) até o seu marcador ímpar, neste caso o segundo defensor (direito ou esquerdo), proporciona ao ataque a continuidade a partir de penetrações sucessivas, cruzamentos ou bloqueios.

Algumas considerações, portanto, são importantes quando da caracterização do sistema defensivo 6:0, principalmente ao considerarmos as vantagens e desvantagens da sua aplicação. Esse sistema tem como premissas básicas gerar maior dificuldade para as infiltrações dos atacantes da primeira linha ofensiva (armadores) e dificultar os arremessos dos atacantes da segunda linha ofensiva (pontas e pivô). Em contrapartida, os arremessos de longa e média distâncias tornam-se ações preocupantes para esse sistema, principalmente para o sistema 6:0 em linha de tiro (descrito no Capítulo II). Os cruzamentos e os bloqueios ofensivos, frente a esses sistemas, buscam no desequilíbrio dos defensores alcançar a situação de superioridade numérica. Para o sistema defensivo 6:0 que atua em linha de tiro, os arremessos de longas e médias distâncias aparecem como uma alternativa interessante (“*contra o 6:0, a defesa vai estar muito fechada no meio. Com a defesa em linha de tiro eu acredito que um jogo forte de longa e meia*”).

*distância vai ser importante*”), inclusive em cobranças de tiros livres próximas ao gol adversário. A combinação dessa possibilidade com o desenvolvimento das pantallas (bloqueios frontais na mesma região da quadra, segundo GARCÍA CUESTA, 1991) pode ser uma alternativa eficaz para o jogo ofensivo de longa e média distância, principalmente pelo número frequente de faltas que ocorrem próximo à linha dos 9 metros e ainda, dentro dessa perspectiva, há a possibilidade do trabalho com dois pivôs na continuidade do jogo ofensivo.

A utilização de outros meios técnico-táticos ofensivos passa a ser interessantes, principalmente ao se deparar com um sistema 6:0 que atua em basculação (ou bloco defensivo – descrito no Capítulo II) como as mudanças de direção das trajetórias associadas aos deslocamentos do pivô (*“As trocas de sentido com o pivô saindo da 2 para a 3”*), que são dependentes diretamente de uma boa qualidade na circulação de bola (*“E pra isso você tem que fazer ir e voltar, ir e voltar a bola, vai pra direita, vai pra esquerda”*) na circulação de jogadores e nas trocas de postos específicos (permutas), objetivam a produção de espaços que possam ser rapidamente aproveitados.

#### 12.4. As ações ofensivas contra defesas abertas

Na Tabela 7 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 9 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 7 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Diante de adversários que adotam sistemas defensivos abertos (como o 3:3, 4:2 ou 5:1), o que você espera que seus jogadores façam?**

	IC	N	Sujeitos
1	Mudança temporária de sistema ofensivo	4	S1, S2, S3, S4
2	Desmarque	1	S1
3	Jogar em função do pivô	2	S1, S2
4	Bloquear os defensores da 2ª linha	1	S1
5	Mudança de direção da trajetória	2	S1, S3
6	Buscar a superioridade numérica	2	S1, S2
7	Prevalência do jogo dos armadores	2	S1, S2
8	Realizar passa e vai	2	S2, S4
9	Buscar a finalização dos pontas	1	S2

No Quadro 5 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 7 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B1.

**Quadro 5 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Diante de adversários que adotam sistemas defensivos abertos (como o 3:3, 4:2 ou 5:1), o que você espera que seus jogadores façam?**

<p><b>Ideia Central 1:</b> Mudança temporária de sistema ofensivo</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Sempre que um jogador da armação, preferencialmente, faça a transição de segundo pivô. Sempre os armadores vão fazer a função de segundo pivô. Além dos desdobramentos. Nós vamos cair aqui. Situações de circulação de jogador sem bola, as mais eficientes sem bola geralmente são as contrárias à bola, então a bola vem da esquerda para a direita, o jogador circula do lado contrário. Ali eu gosto de ver bastante desdobrar o central sem bola pra ver o que acontece com o avançado, se vai pra direita, se vai pro meio, se vai pra esquerda. Eu gosto que o central desdobre pra onde está o pivô e o pivô troca de posição. Nós vamos cair aqui. Situações de circulação de jogador sem bola, as mais eficientes sem bola geralmente são as contrárias à bola, então a bola vem da esquerda para a direita, o jogador circula do lado contrário.</p>
<p><b>Ideia Central 2:</b> Desmarque</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Individualmente o desmarque. Acho que o desmarque sem bola é importantíssimo, não tanto com a bola na mão. O desmarque sem bola é mais importante.</p>
<p><b>Ideia Central 3:</b> Jogar em função do pivô</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> O pivô sempre do lado oposto da bola, sempre correndo do lado oposto da bola, se ele for no sentido da bola com certeza vai fechar os espaços. Ainda nesse 5:1 eu gosto que elas observem se o base lateraliza ou não conforme o posicionamento do pivô. Então aí nós já sabemos que repartiu um pouco a defesa, e é uma outra situação. Então o avançado se está alto ou baixo e o pivô se está carregando ou não o base para um dos lados.</p>
<p><b>Ideia Central 4:</b> Bloquear os defensores da 2ª linha</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Com bloqueio só nos jogadores avançados.</p>
<p><b>Ideia Central 5:</b> Mudança de direção da trajetória</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> A mudança de direção de trajetória é importantíssima, porque quando você tem uma defesa avançada, ela segue muito o setor da bola, soma o máximo de defensores possível na linha da bola. Quando é mais aberta nós vamos ter muito mais deslocamentos.</p>
<p><b>Ideia Central 6:</b> Buscar a superioridade numérica</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Eu acho que se você conseguir seguir essa bola e mudar essa direção um pouco mais rápido, com certeza você vai ter um espaço maior produzido. O ataque ao ímpar, do central, então o central tem uma profundidade importante deixando o seu avançado e trabalhar no 2º da direita e no 2º da esquerda, que a gente chama de ataque ao ímpar ou ataque ao 2.</p>
<p><b>Ideia Central 7:</b> Prevalência do jogo dos armadores</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Você leva bastante a bola para as laterais, não aprofunda na ponta. Então você tem esses armadores potentes aí. E de novo é um espaço muito importante no 5:1, e no 6:0 com basculação também aparece, que é o armador direito e esquerdo aproveitarem o espaço entre 1 e 2.</p>
<p><b>Ideia Central 8:</b> Realizar passa e vai</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> Então uma coordenação muito legal entre passador e receptor, atacar os espaços interdefensivos né, essa é uma outra situação que deve acontecer, aparecem ali as tabelas, eu gosto muito de fazer quando a bola está em um setor que circule o</p>

	setor contrário, e em resposta disso aconteça a ocupação de espaço pelo posto mais próximo, então um equilíbrio dos postos específicos e sempre mantendo a profundidade e a largura. Além de trabalhar o 1-2 com o pivô. Então são situações de passa e vai.
<b>Ideia Central 9:</b> Buscar a finalização dos pontas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Sabemos que o 3:3 provoca um espaço muito produtivo nas laterais, então o jogo para fora entre armadora e ponta também deve aparecer, com o 2x2 nas laterais com os pontas. Trabalhar o 2x2 para fora.

Diante de sistemas defensivos abertos há a opção, pelo SC, na mudança temporária do sistema ofensivo (a partir da ocupação do posto de pivô pelos armadores e pontas), com o principal intuito de provocar mudanças bruscas nos sistemas defensivos adversários (*“eu gosto de ver bastante desdobrar o central sem bola pra ver o que acontece com o avançado, se vai pra direita, se vai pro meio, se vai pra esquerda”*) e, diante dessas, buscar situações que favoreçam a superioridade numérica (*“O ataque ao ímpar, do central, então o central tem uma profundidade importante deixando o seu avançado e trabalhar no 2º da direita e no 2º da esquerda, que a gente chama de ataque ao ímpar ou ataque ao 2”*) e os arremessos de zonas favoráveis. As mudanças de direção das trajetórias também aparecem como um importante meio a ser utilizado contra esse tipo de defesa, segundo o SC, *“porque quando você tem uma defesa avançada, ela segue muito o setor da bola, soma o máximo de defensores possível na linha da bola”*. Sendo assim, no início da circulação da bola os atacantes podem induzir os defensores à aglomeração em uma zona distante daquela pretendida para o arremesso. A partir da circulação rápida da bola e das mudanças repentinas e sucessivas das trajetórias dos atacantes, esses poderão surpreender os defensores com ocupações espaciais inteligentes e finalizações da zona oposta da quadra, sendo uma das possibilidades apontadas por Antón García (1998) para o desenvolvimento dessa forma de jogo.

Há a preferência, pelo SC, por manter um jogo mais centrado nos armadores principalmente com a prevalência de um jogo que tende para as pontas (*“E de novo é um espaço muito importante no 5:1, e no 6:0 com basculação também aparece, que é o armador direito e esquerdo aproveitarem o espaço entre 1 e 2”*), verificado também quando o SC cita a busca pela finalização dos pontas (*“Sabemos que o 3:3 provoca um espaço muito produtivo nas laterais, então o jogo para fora entre armadora e ponta também deve aparecer, com o 2x2 nas laterais com os pontas. trabalhar o 2x2 para fora.”*). Essa preocupação é justificável, tendo em vista que a disposição espacial dos defensores dentro de cada sistema adotado prioriza algumas ações

ofensivas. Dessa forma, quanto maior o número de linhas defensivas, mais espaços disponíveis terão os pontas para arremessarem ao gol.

Essa distância maior entre os defensores gera outras possibilidades de interações entre os atacantes a partir de fixações (par, ímpar e par-ímpar), tais como o desenvolvimento do passa e vai (“*atacar os espaços interdefensivos [fixação par-ímpar] né, essa é uma outra situação que deve acontecer, aparecem ali as tabelas*”) e dos bloqueios (“*só nos jogadores avançados*”), conforme citado pelo SC.

Frente aos sistemas defensivos abertos o SC espera que, como importante princípio do jogo ofensivo, haja uma ocupação temporária do posto de pivô a partir da circulação dos jogadores<sup>32</sup> da 1ª linha ofensiva (armadores), com a premissa de produzir espaços preferencialmente na zona central da quadra: “*gosto de ver bastante desdobrar o central sem bola pra ver o que acontece com o avançado, se vai pra direita, se vai pro meio, se vai pra esquerda*”, local este que é mais propício aos arremessos.

A constante busca dos armadores pelo posto (temporário) de pivô justifica-se ainda pela tentativa brusca de mudança de conformação do sistema defensivo adversário ou ainda, caso tal situação não se concretize, que o armador que ocupou esse posto tenha liberdade suficiente para receber a bola em condições de finalização. O mesmo objetivo é posto, então, quando os pontas buscam essa ocupação temporária do posto de pivô. Contudo, frente aos sistemas abertos espera-se que em alguns momentos o marcador direto do ponta o acompanhe quando este ocupa o posto de pivô. Esse deslocamento do defensor (chamado de deslizamento) produz um importante espaço na ponta para ser aproveitado pelo armador mais próximo. Quando o SC aponta em “*trabalhar o 2x2 para fora*”, que seria a atuação do ponta e do armador contra seus dois marcadores, a busca pela eficácia nessa situação dependerá do fato de o ponta desenvolver suas ações sem a posse da bola, como o deslocamento referido anteriormente para a ocupação temporária do posto de pivô.

Outro aspecto importante destacado pelo SC funda-se no jogo dependente da posição do pivô e das suas possibilidades de intervenção no jogo, seja pelo fato de alguns defensores acompanhá-lo (“*eu gosto que elas observem se o base lateraliza ou não conforme o*

---

<sup>32</sup> Para Antón García (1998, p.135) a circulação de jogadores tem como objetivo “surpreender o adversário no novo espaço ou colaborar com seus companheiros facilitando as penetrações ou ações perigosas de arremesso”, além de permitir a coordenação “de qualquer outro meio [...] coletivo (cruzamentos, passa e vai, bloqueio, etc.) com companheiros situados em postos não vizinhos” (*ibidem*, p.136)

*posicionamento do pivô*”) ou mesmo na sua intervenção direta com a posse da bola, como da realização de um passa e vai aliado às ocupações temporárias de pivô descritas anteriormente (“*gosto muito de fazer quando a bola está em um setor que circule o setor contrário, e em resposta disso aconteça a ocupação de espaço pelo posto mais próximo*”).

## 12.5. As ações ofensivas contra defesas mistas

Na Tabela 8 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 10 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 8 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Diante de adversários que adotam sistemas defensivos mistos (como o 5+1 e o 4+2), o que você espera que seus jogadores façam?**

	IC	N	Sujeitos
1	Atuação em situações reduzidas <sup>33</sup>	4	S1, S2, S3, S4
2	Posicionamento centralizado do pivô	1	S1
3	Leitura e adaptabilidade às situações do jogo	2	S2, S4
4	Posicionamento lateralizado do pivô	1	S2
5	Realizar cruzamentos	3	S2, S3, S4
6	Realizar bloqueios ofensivos	3	S2, S3, S4
7	Prevalência do jogo com engajamento	3	S2, S3, S4
8	Desmarques	2	S3, S4
9	Trocar o jogador de posição	1	S3
10	Enfatizar o jogo com o pivô	1	S4

No Quadro 6 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 8 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B1.

**Quadro 6 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Diante de adversários que adotam sistemas defensivos mistos (como o 5+1 e o 4+2), o que você espera que seus jogadores façam?**

Ideia Central 1:	Discurso do Sujeito Coletivo 1:
Atuação em situações reduzidas	Normalmente, se isola 1, deixa esse jogador fora do jogo e acredita-se no que é mais treinado, que é o jogo de 4x4, 5x5. Quando a gente encara esse “+1” eu

<sup>33</sup> A atuação em situações reduzidas se configura a partir do momento em que o técnico opta pela não participação do jogador que recebe a marcação individual nas ações ofensivas, na qual teremos uma relação numérica de 5x5, ou ainda 4x4 (caso haja dois jogadores recebendo a marcação individualizada)

	gosto muito de reposicionar os pontas, os pontas quando precisam chegar na bola eles não vêm da linha de fundo, eles já estão mais ou menos ali nos 9m, pra poder não trabalhar em trajetória curva, porque ele vai levar a defesa, e nesse posicionamento ele quase que vira um armador, eles vão procurar atacar entre 1 e 2. Eu reposiciono os armadores direito e esquerdo, e isolo realmente quem está marcado individual. Eu prefiro jogar 5x5. De acordo com o jogador, você orienta que a equipe jogue 5x5 e ele fique fora.
<b>Ideia Central 2:</b> Posicionamento centralizado do pivô	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> O pivô participa mais centralizado (no meio).
<b>Ideia Central 3:</b> Leitura e adaptabilidade às situações do jogo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Quando o adversário provoca essa situação, ou durante um período, sei lá 10-15 primeiros minutos, depois ele muda, daí ele volta, a ideia é a de que a gente priorize as bases de ataque e o padrão de jogo que a gente já vem treinando. Então a primeira atitude é a atenção, a compreensão do jogador e analisar a proposta que está sendo formatada pela equipe adversária. Sem fazer uma análise específica, porque jogar 5+1 contra uma equipe A é uma coisa, jogar 5+1 contra uma equipe B é outra coisa. Depende muito de quem está te marcando. Sempre depende do seu adversário, porque você sofrer marcação individual quadra toda ou meia quadra, ou próximo à zona de ataque, uma equipe fazendo isso é uma coisa, outra equipe é outra coisa. Depende muito do adversário.
<b>Ideia Central 4:</b> Posicionamento lateralizado do pivô	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Daí eu lateralizo bastante o pivô, coloco ele entre 1 e 2, pra ter um 2x2 na ponta.
<b>Ideia Central 5:</b> Realizar cruzamentos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Daí os cruzamentos vão sair. Tem várias saídas, pode ser um cruzamento. Cruzamento.
<b>Ideia Central 6:</b> Realizar bloqueios ofensivos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Aproveitando o bloqueio do pivô entre 2 e 3. Eu até treinava pro pivô sair, fazer o bloqueio no marcador individual. Bloqueio.
<b>Ideia Central 7:</b> Prevalência do jogo com engajamento	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Gosto nessa hora de pular postos com passes mais largos, por exemplo com o pivô entre 2 e 3 com um ponta fazendo um passe largo para o outro armador. Jogo de engajamento. Jogaria com mais largura, com mais criação de espaços.
<b>Ideia Central 8:</b> Desmarques	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> Desmarque. Ou você orienta que ele participe do jogo, daí vai ter que usar desmarques. Desmarque.
<b>Ideia Central 9:</b> Trocar o jogador de posição	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Trocas de posições: pôr ele na ponta. Brincar com ele nas posições
<b>Ideia Central 10:</b> Enfatizar o jogo com o pivô	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 10:</b> Possibilidade do jogo com o pivô.

A atuação dos jogadores em situações reduzidas parece ser uma preocupação recorrente do SC, em um primeiro momento atrelado à “retirada” do jogador que recebe a marcação individual do jogo posicional (“normalmente, se isola 1, deixa esse jogador fora do jogo e acredita-se no que é mais treinado, que é o jogo de 4x4, 5x5”), que pode proporcionar mais espaços para os jogadores nessa situação reduzida. Sendo assim, há a possibilidade de

desenvolvimento do jogo ofensivo a partir de um sistema 3:2 (sem pivô) ou 2:3 (com dois armadores). Em ambas as situações há uma descentralização do jogo em relação ao jogador que recebe a marcação individual (“*eu reposiciono os armadores direito e esquerdo, e isolo realmente quem está marcado individual; eu prefiro jogar 5x5*”).

A execução dos meios técnico-táticos ofensivos coletivos, como os cruzamentos, os bloqueios e o engajamento (ou penetrações sucessivas), também é adotado pelo SC como possibilidades de jogo. A utilização dos bloqueios de forma combinada com o engajamento (penetrações sucessivas) pode proporcionar aos atacantes situações vantajosas, como a superioridade numérica ou os desequilíbrios corporais dos defensores. Tais situações são ainda facilitadas pelo fato de que, quando um defensor é designado para marcar individualmente um atacante, seu respectivo espaço no setor defensivo fica “desguarnecido”, devendo assumir tal responsabilidade os demais defensores que constituem o sistema na sua forma zonal.

Há que ressaltar, ainda, a divergência de ideias quanto ao posicionamento do pivô (DSC 2 E DSC4). Ambas as possibilidades são tangíveis e passíveis de êxito quando se joga contra sistemas defensivos mistos, principalmente quando do encadeamento com os demais meios técnico-táticos apontados pelo SC, como os bloqueios ofensivos e os cruzamentos.

O SC aponta ainda, em dois momentos (quando da sugestão da possibilidade de desmarque e quanto à possibilidade de trocar esse de posição – “*Trocas de posições: pôr ele na ponta. Brincar com ele nas posições*”), para a possibilidade de inclusão do(s) jogador(es) que está(ão) sendo marcado(s) individualmente de participar(em) do jogo, porém essa opção tática deve ser tomada de acordo com o cenário técnico-tático do jogo, considerando os adversários, companheiros, situação no campeonato, prós e contras da inclusão desse jogador em um sistema posicional. Em outra possibilidade utiliza-se esse jogador em momentos onde haja a cobrança de um tiro livre próximo à área da equipe adversária, para que haja preocupação excessiva com este na cobrança e, ao mesmo tempo, permita que outros jogadores possam se livrar da marcação e alcançar boa situação para o arremesso. Em ambas as situações aparecem o pivô, como elemento imprescindível do jogo ofensivo, e suas inúmeras possibilidades de ação.

## 13. VARIÁVEIS REFERENTES AO SISTEMA DEFENSIVO

A obtenção das informações sobre o discurso dos técnicos em relação às variáveis defensivas objetiva a identificação das principais premissas para a construção de um sistema defensivo coeso e eficaz.

Desta forma, o discurso obtido com relação às principais variáveis defensivas visa o fornecimento de informações para a concepção da construção dessa dinâmica de jogo, tal como evidenciada pelos sujeitos a partir da identificação dos parâmetros individuais e coletivos (como a preferência pela execução dos meios técnico-táticos) diante dos diferentes sistemas e variações ofensivos.

### 13.1. As ações defensivas individuais

Na Tabela 9 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 13 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 9 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: O que seus defensores devem fazer taticamente e individualmente para que a defesa seja eficaz?**

	IC	N	Sujeitos
1	Manter a responsabilidade individual	2	S1, S2
2	Realizar a marcação	4	S1, S2, S3, S4
3	Realizar a troca de marcação	1	S1
4	Realizar a flutuação	3	S1, S2, S4
5	Realizar a basculação	1	S1
6	Realizar a cobertura	4	S1, S2, S3, S4
7	Deslocar-se rapidamente	2	S2, S4
8	Adaptação prévia e específica aos adversários	1	S3
9	Realizar o bloqueio defensivo	1	S4
10	Realizar a dissuasão	1	S4

No Quadro 7 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 9 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B2.

**Quadro 7 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: O que seus defensores devem fazer taticamente e individualmente para que a defesa seja eficaz?**

<b>Ideia Central 1:</b> Manter a responsabilidade individual	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Individualmente vai ter sempre que guardar um raio ali próximo de 2m. Individualmente, assumir a responsabilidade pelo setor. Taticamente cada um deve saber: sou responsável por isso, isso e isso. Isso é tática e técnica individualmente.
<b>Ideia Central 2:</b> Realizar a marcação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Eu acho que isso aí é importantíssimo, se você não cuidar desse raio de 2m de cada jogador a produção de espaço é muito grande. Ter um bom controle do adversário com e sem bola, para que não seja uma jogadora excluída ou advertida. A marcação por contato, por ser feminino, é mais difícil. É claro que a defesa tem que pensar muito no seguinte ponto: não pode perder o 1x1. Se ela perde o 1x1 o jogo acaba com um passe só. A própria marcação com as suas variações (contato, aproximação, por deslizamento, por observação).
<b>Ideia Central 3:</b> Realizar a troca de marcação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Estando bem cuidado esse raio, troca de marcação. Eu acho que não pode ficar preso em bloqueio, principalmente, você tem que fazer a troca o mais rápido possível.
<b>Ideia Central 4:</b> Realizar a flutuação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Quando avançado marcando a linha de passe do atacante. O gostar de defender agressivamente. Em termos de ações, antecipação.
<b>Ideia Central 5:</b> Realizar a basculação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Quando for defesa baixa no sentido da bola.
<b>Ideia Central 6:</b> Realizar a cobertura	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Cobertura também eu acho que é uma coisa que não tem como ser ruim. Colaboração defensiva, faço muitos jogos de cooperação, solidariedade e ajuda. Então a colaboração faz com que a gente tenha muita ajuda e coberturas. O apoio ajuda, como segundo homem. O segundo homem tem que saber quando ele vai ter apoio do primeiro homem e quando ele vai ter apoio do terceiro. Quando acontece isso eu posso esperar que venha ajuda. A questão da ajuda, que alguns colocam como cobertura.
<b>Ideia Central 7:</b> Deslocar-se rapidamente	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Eu vejo hoje uma mobilidade de pernas tremenda, muita agilidade, muita prontidão, cobro muito delas de evitar ficar com os pés paralelos, utiliza o mecanismo ântero-posterior. Os deslocamentos defensivos.
<b>Ideia Central 8:</b> Adaptação prévia e específica aos adversários	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> Outra coisa taticamente que podia ser feita é: hoje vamos jogar contra esse cara aí, se você ficar baixo, vai acabar perdendo. Então vamos treinar como receber esse cara.
<b>Ideia Central 9:</b> Realizar o bloqueio defensivo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> O bloqueio defensivo.
<b>Ideia Central 10:</b> Realizar a dissuasão	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 10:</b> Dissuasão.

Segundo a descrição do SC as principais exigências relacionadas, individualmente, para que todo o sistema defensivo obtenha êxito, centram-se nos aspectos referentes à manutenção, de uma forma geral, das responsabilidades dos defensores com seus respectivos marcadores, na marcação efetiva dos atacantes (em posse ou não da bola) e na realização da cobertura pelos demais companheiros.

Para o SC a marcação (que pode ser à distância – a partir do controle visual –, ou em proximidade – com maior contato corporal –, ambas descritas no item 11.1.4 do Capítulo II) é um meio técnico-tático individual importante na busca pelo princípio operacional que se refere à evitar a progressão dos atacantes (BAYER, 1994), inclusive com atenção ao regulamento da modalidade (*“Ter um bom controle do adversário com e se bola, para que não seja uma jogadora excluída ou advertida” e ainda “que a defesa tem que pensar muito no seguinte ponto: não pode perder o 1x1”*).

Tendo a célula inicial do jogo defensivo o controle da situação 1x1, a cobertura aparece como um meio imprescindível, na visão do SC, quando considerada a eficácia do sistema, com a importância do princípio da ajuda mútua relevante para o fechamento dos espaços e dificuldade do desenvolvimento do jogo ofensivo, seja este a partir de situações individuais (como as fintas bem sucedidas) ou mesmo da execução dos meios técnico-táticos coletivos. Para o SC a cobertura é vista como uma base solidária e que traz aos defensores confiança coletiva, ou coesão grupal, nesse setor (*“Então a colaboração faz com que a gente tenha muita ajuda e coberturas. O apoio ajuda, como segundo homem. O segundo homem tem que saber quando ele vai ter apoio do primeiro homem e quando ele vai ter apoio do terceiro”*). Surge ainda a atenção com a dissuasão, que visa, entre outros objetivos, a quebra do ritmo ofensivo e diminuição da velocidade dos atacantes, a partir das possíveis dúvidas a serem geradas.

É importante ressaltar, ante à possibilidade de cobertura, a responsabilidade setorial que cada jogador possui e que, naquela região o defensor deverá lançar mão de todo o seu repertório de ações e de meios técnico-táticos individuais para que não ocorram possíveis desequilíbrios que possam aumentar a probabilidade de produção de espaços para o jogo ofensivo (*“Individualmente vai ter sempre que guardar um raio ali próximo de 2m [...], assumir a responsabilidade pelo setor. Taticamente cada um deve saber: sou responsável por isso, isso e isso”*). Juntamente com essa responsabilidade o SC aponta a importância das flutuações, que tendem a distanciar os atacantes da zona a ser protegida, principalmente frente à possibilidade de

arremessos dos armadores ou mesmo na tentativa de reduzir a velocidade da circulação de bola (“Quando avançado marcando a linha de passe do atacante”).

A basculação e a troca de marcação também aparecem como tática individual defensiva, na opinião do SC, porém como descrito no Capítulo II (itens 11.2.1 e 11.2.3, respectivamente) ambas são classificadas como meios técnico-táticos defensivos coletivos, o que não deprecia a importância que ambas apresentam para o êxito coletivo defensivo, por fatores como a ideia que a basculação traz da “defesa baixa no sentido da bola” e o importante princípio da troca de marcação apontado pelo SC (“Eu acho que não pode ficar preso em bloqueio”) na tentativa de minimizar algumas potencialidades do jogo coletivo ofensivo.

### 13.2. As ações defensivas coletivas

Na Tabela 10 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 14 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 10 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do sistema defensivo?**

	IC	N	Sujeitos
1	Realizar a marcação	1	S1
2	Realizar a cobertura	3	S1, S2, S4
3	Realizar a basculação	2	S1, S4
4	Priorizar regiões da quadra na especificidade dos sistemas	2	S1, S3
5	Realizar a dobra (ou dobragem)	1	S2
6	Realizar o deslizamento	1	S2
7	Realizar o contrabloqueio	1	S2
8	Variabilidade defensiva	1	S4
9	Realizar a troca de marcação	1	S4

No Quadro 8 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 10 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B2.

**Quadro 8 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do sistema defensivo?**

<b>Ideia Central 1:</b> Realizar a marcação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Que se tenha sempre o jogador combatente, o defensor, na bola, no contato sempre.
<b>Ideia Central 2:</b> Realizar a cobertura	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Nesse setor da bola sempre jogadores somados defensivamente com mais jogadores, pra sempre sobrar defensor e não atacante. Ajuda, cobertura. Nessa parte de deslocamentos defensivos, entraria a parte da saída e retorno.
<b>Ideia Central 3:</b> Realizar a basculação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> E através desse fechamento do setor, que chegue também o bloco de defensores do outro lado senão você fecha um lado e o outro lado fica meio aberto. Basculação, né. Dentro da basculação, a parte de sincronismo, você estar sincronizando os jogadores.
<b>Ideia Central 4:</b> Priorizar regiões da quadra na especificidade dos sistemas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Isolar o setor mais fraco [ <i>do ataque</i> ], tem que ter uma leitura do jogo e ver quais os atacantes adversários que são mais ofensivos. Eu acho que em qualquer defesa o negócio é fechar o meio. Mas é possível levar o adversário a chutar de uma zona menos favorecida. No 3:2:1 é claro que você quer evitar que eles chutem dos 9; e a questão é: esse chute se está desequilibrado deixa chutar, mas se está com o meio livre, aí nós vamos discutir. Quando marcar o 3:2:1 e pode permitir o chute do ponta, mas eu tenho um goleiro que é muito bom.
<b>Ideia Central 5:</b> Realizar a dobra (ou dobragem)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Eu gosto de fazer o 2x1 (a dobragem) e tenho jogadoras que me ajudam muito a consolidar essa tarefa.
<b>Ideia Central 6:</b> Realizar o deslizamento	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Os deslizamentos, os deslocamentos. O deslizamento, quando a gente marca alto, a gente tem que ter essa noção muito forte, seja no 3:3 ou mesmo no 5:1 quando pode acontecer.
<b>Ideia Central 7:</b> Realizar o contrabloqueio	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> O contrabloqueio nas defesas altas acaba aparecendo, apesar de a gente não vir utilizando defesas altas nos jogos mais parelhos.
<b>Ideia Central 8:</b> Variabilidade defensiva	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> Uma coisa que eu acho importante é a variabilidade defensiva, independente do sistema ou da ação tática que você está utilizando. Na técnica individual o jogador ter essa liberdade, essa variabilidade, para eventualmente ele tirar o passe do jogador, ele antecipar eventualmente, ele tentar realizar sua ação de forma diferente.
<b>Ideia Central 9:</b> Realizar a troca de marcação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Entra aqui a troca de marcação. Até onde eu marco? Como vai ser feita essa troca?

Para o SC, prioritariamente, deve-se jogar de acordo com as características dos atacantes, tendo como princípio dificultar o jogo do setor ofensivo mais forte e ainda dificultar os arremessos e o jogo na região central da quadra, que é constante alvo das trajetórias e progressões dos atacantes (“*Isolar o setor mais fraco [do ataque], tem que ter uma leitura do jogo e ver quais os atacantes adversários que são mais ofensivos. Eu acho que em qualquer defesa o negócio é fechar o meio. Mas é possível levar o adversário a chutar de uma zona menos favorecida*”).

A escolha do sistema, então, está atrelada aos indicadores do jogo ofensivo adversário: se há um grande potencial para arremessos de longa e média distâncias adota-se um sistema defensivo em duas ou três linhas; se as potencialidades concentram-se nos jogadores da segunda linha ofensiva, como os arremessos dos pontas e do pivô, e nas tentativas de penetrações dos armadores, adota-se um sistema defensivo que minimize essas possibilidades (*“No 3:2:1 é claro que você quer evitar que eles chutem dos 9; e a questão é: esse chute se está desequilibrado deixa chutar, mas se está com o meio livre, aí nós vamos discutir. Quando marcar o 3:2:1 e pode permitir o chute do ponta, mas eu tenho um goleiro que é muito bom”*).

A marcação – *“Que se tenha sempre o jogador combatente, o defensor, na bola, no contato sempre”* – e a cobertura – *“Nesse setor da bola sempre jogadores somados defensivamente com mais jogadores, pra sempre sobrar defensor e não atacante”* – aparecem aqui, segundo o SC, como meios coletivos que possuem importância para o êxito defensivo. Vale ressaltar, aqui, a importância de ambos os meios para o êxito defensivo coletivo, porém ambos são classificados como meios técnico-táticos defensivos individuais (Capítulo II).

Como complementos aparecem os meios técnico-táticos coletivos de deslizamento, dobragem, basculação, contrabloqueio e troca de marcação (já apresentados no Capítulo II). A combinação desses meios coletivos com os individuais busca a máxima eficácia em todos os setores da quadra, a fim de minimizar as ações dos atacantes e as combinações ofensivas. Meios como a basculação (deslocamentos defensivos laterais que são determinados pela posição da bola e dos atacantes; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), a dobragem (que consiste em fechar o espaço que um atacante tem, após vencer uma situação de 1x1, e fazer a marcação desse atacante em posse da bola; ANTÓN GARCÍA, 2002) e o deslizamento (troca de posição entre dois defensores, como em um cruzamento do ataque, onde cada defensor se mantém com seu marcador inicial; CORONADO & SOSA GONZÁLEZ, 1996) têm como prioridade a manutenção da coesão do sistema defensivo, colocado de forma estruturada e constante, com atenção direta aos princípios defensivos, que culminam em evitar o gol (BAYER, 1994). As trocas de marcação, também citadas pelo SC, são desenvolvidas durante o jogo defensivo com o intuito de minimizar os espaços produzidos pelas ações dos atacantes (atuação dos defensores com o objetivo de controlar dois atacantes que trocaram seus postos específicos, entre si, sem que haja mudança no sistema defensivo; GARCÍA CUESTA, 1991), diante de

permutas ou cruzamentos, meios já contemplados pelo SC quando das variáveis técnico-táticas relevantes, coletivamente, para o bom desempenho do ataque.

O deslizamento (“quando a gente marca alto, a gente tem que ter essa noção muito forte, seja no 3:3 ou mesmo no 5:1 quando pode acontecer”) e o contrabloqueio (“O contrabloqueio nas defesas altas acaba aparecendo”) aparecem, segundo o SC, como meios que devem ser desenvolvidos pelo sistema defensivo para evitar que espaços sejam produzidos e para que haja a manutenção das estruturas básicas do sistema que, dentro do exposto, permitem melhor posicionamento e maiores possibilidades de intervenções eficazes frente aos atacantes.

### 13.3. As ações defensivas contra o sistema ofensivo clássico

Na Tabela 11 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 15 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 11 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Diante de adversários que adotam o sistema ofensivo clássico (3:3), de que forma você espera que seus defensores atuem?**

	IC	N	Sujeitos
1	Redução da velocidade do ataque	1	S1
2	Anular a atuação dos pontas	1	S1
3	Alternância entre os sistemas defensivos	3	S1, S2, S3
4	Realizar a dissuasão	2	S1, S2
5	Realizar a flutuação	3	S1, S2, S4
6	Trabalho conjunto defensor-goleiro	1	S2
7	Variabilidade defensiva	2	S2, S3
8	Realizar a basculação	2	S2, S4
9	Realizar cobertura	1	S4
10	Dificultar a atuação do pivô	1	S4
11	Continuidade do jogo defensivo	1	S4

No Quadro 9 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 11 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B2.

**Quadro 9 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Diante de adversários que adotam o sistema ofensivo clássico (3:3), de que forma você espera que seus defensores atuem?**

<b>Ideia Central 1:</b> Redução da velocidade do ataque	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Vai priorizar sempre os setores mais fortes, eu acho que se tiver que avançar um jogador, por exemplo, pra tirar um passe da esquerda ou da direita pro jogo ficar mais lento.
<b>Ideia Central 2:</b> Anular a atuação dos pontas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Outra coisa que é bastante feita é que você induza que os jogadores de 1 não deixem a bola chegar nos pontas, pra que só os armadores movimentem a bola e o jogo fique mais lento... se torna mais fácil para a defesa.
<b>Ideia Central 3:</b> Alternância entre os sistemas defensivos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Normalmente começa no 6:0, daí vai pro 5:1 se tiver que ir, ou pro misto. Se tiver dois jogadores que desequilibram o jogo marca os dois individual. Pode até ser transformada numa defesa, por exemplo, 5:1 quando o jogador vai marcar mais, no caso, matando a linha de passe. Na verdade é conhecer, mapear e escaltar o adversário pra poder compor esse sistema. Mas na verdade é respeitar o que a gente preconiza diante desse ataque: com a ofensividade de média e longa distância e com o perigo pela busca da continuidade para sobrar as laterais. Se não der certo talvez seja a hora de mudar o sistema. Você pode ir para o 6:0, 3:2:1.
<b>Ideia Central 4:</b> Realizar a dissuasão	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Ou só dificulta a bola de chegar nele. Tem que analisar quanto precisa de espaço e profundidade para essa jogadora. Então tem que sair, tirar o espaço, iludir. O que eu preconizo também é que nós temos que atacar o ataque.
<b>Ideia Central 5:</b> Realizar a flutuação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Uma meia-pressão. Essa parte de flutuar. Tem que quebrar essa dinâmica de conforto para esses espaços, então essa é a primeira situação. O que eu preconizo também é que nós temos que atacar o ataque. Em profundidade [flutuação/cobertura].
<b>Ideia Central 6:</b> Trabalho conjunto defensor-goleiro	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> O lado forte da central: normalmente a armadora central tem o vício de jogar para o lado do braço, se ela é destra ela busca o lado direito e vice-versa; se tem esse domínio do arremesso com apoio, principalmente na altura do quadril, tem que ter uma parceria entre as duas terceiras e a goleira.
<b>Ideia Central 7:</b> Variabilidade defensiva	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Nós temos a questão de perceber se o trabalho ofensivo dessa equipe está dentro dos 9m ou fora e daí trabalhar essa composição de defesa, ora indo na linha de tiro, ora em basculação. Ora dissuadindo, ora atacando o ímpar. Se o meu modelo não está dando certo hoje, eu troco um pelo outro para ver o que funciona; não funciona: posso mexer um pouco de novo taticamente.
<b>Ideia Central 8:</b> Realizar a basculação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> Então a gente tem que analisar muito, e aí sim muito deslocamento lateral, muita basculação. Eu tenho estudado um pouquinho, gosto, e as meninas estão pegando também: os deslocamentos não são só laterais, são laterais e frontais. A gente está conseguindo chegar a tempo, chegar no espaço, conseguindo ganhar falta de ataque, o que está sendo uma coisa proveitosa pra gente também. Com basculação.
<b>Ideia Central 9:</b> Realizar cobertura	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Com ajudas.
<b>Ideia Central 10:</b> Dificultar a atuação do pivô	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 10:</b> A marcação do pivô, a gente tem que estar sempre definindo dois jogadores, em função do que o meu adversário tiver, daí você mantém os dois jogadores, ou sai no último momento. Então essa marcação para o pivô e todas as situações ela é fundamental, porque no meu modo de ver, fazer gol com o pivô é a forma mais fácil, e marcar o pivô é a coisa mais difícil que você tem. A gente tem que saber

	aproveitar isso, tanto ofensivamente como defensivamente. Defender pivô não é fácil, e fazer gol com o pivô é fácil. Conseguiu colocar a bola no pivô, ou é gol ou 7 metros. Ou ele inicia um jogo de continuidade excelente. Destacar dois jogadores para marcar o pivô, priorizar.
<b>Ideia Central 11:</b> Continuidade do jogo defensivo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 11:</b> Importante defensivamente, de que o entendimento, tanto da defesa como do ataque é um jogo coletivo principalmente, e é um jogo de continuidade. A gente fala muito de continuidade do jogo de ataque, mas o jogo defensivo é um jogo de continuidade.

Frente aos adversários que desenvolvem seu jogo ofensivo dentro do sistema clássico (3:3), o SC considera de grande importância a alternância entre os sistemas defensivos, o que é dado de acordo com as características dos atacantes. Essa adequação do jogo defensivo visa a conservação de seus princípios operacionais (BAYER, 1994), de forma a manter situações favoráveis (como a superioridade numérica defensiva) diante das ações ofensivas, verificado nas ideias do SC (*“Normalmente começa no 6:0, daí vai pro 5:1 se tiver que ir, ou pro misto. Se tiver dois jogadores que desequilibram o jogo marca os dois individual. Pode até ser transformada numa defesa, por exemplo, 5:1 quando o jogador vai marcar mais, no caso, matando a linha de passe”. [...]“Mas na verdade é respeitar o que a gente preconiza diante desse ataque: com a ofensividade de média e longa distância e com o perigo pela busca da continuidade para sobrar as laterais. Se não der certo talvez seja a hora de mudar o sistema. Você pode ir para o 6:0, 3:2:1, não sei”*).

Agregado à alternância entre os sistemas, o SC cita a importância da variabilidade defensiva (*“Nós temos a questão de perceber se o trabalho ofensivo dessa equipe está dentro dos 9m ou fora e daí trabalhar essa composição de defesa, ora indo na linha de tiro, ora em basculação. Ora dissuadindo, ora atacando o ímpar”*). Ambos constituem um fator de plasticidade que os sistemas (defensivos e ofensivos) devem apresentar diante das exigências impostas pelo cenário técnico-tático do jogo.

A preocupação na execução dos meios técnico-táticos defensivos para conter os atacantes adversários também fica evidenciada, principalmente ao se reportar (o SC) à dissuasão (*“Então tem que sair, tirar o espaço, iludir. O que eu preconizo também é que nós temos que atacar o ataque”*) e à flutuação (*“Tem que quebrar essa dinâmica de conforto para esses espaços, então essa é a primeira situação”*), e ainda sugerindo a necessidade de jogar *“em profundidade”*), o que aponta para um fator já discutido anteriormente, referente à responsabilidade individual e à proteção de cada setor da quadra. Juntando-se a esses fatores,

aparece a importância da basculação, também com o objetivo de diminuir as possibilidades dos atacantes de produzirem grandes espaços entre os defensores durante a circulação de bola (*“a gente tem que analisar muito, e aí sim muito deslocamento lateral, muita basculação”*).

Objetivos citados pelo SC, como dificultar a atuação dos pontas (*“induza que os jogadores de I não deixem a bola chegar nos pontas, pra que só os armadores movimentem a bola e o jogo fique mais lento”*) e reduzir a velocidade do ataque (*“eu acho que se tiver que avançar um jogador, por exemplo, pra tirar um passe da esquerda ou da direita pro jogo ficar mais lento”*), estão diretamente relacionados com a execução dos meios técnico-táticos citados anteriormente. A flutuação e a dissuasão têm como objetivos a limitação do raio de ação dos atacantes e, por conseguinte, visam diminuir a velocidade com que esses se deslocam ou mesmo passam a bola, haja visto que a dissuasão gera dúvidas ao possuidor da bola por ser realizada pelo defensor que marca um atacante sem a posse da bola, mas que seja um potencial receptor dessa.

Já o trabalho conjunto entre defensor e goleiro tem como objetivo levar o atacante a arremessar, preferencialmente, das zonas laterais da quadra (e não sendo possível, desequilibrar o atacante ao máximo) e, em conjunto com essa ação, há uma coordenação dos bloqueios defensivos (que dificultam os arremessos em zonas específicas do gol) enquanto o goleiro se posiciona na zona oposta (*“se [a armadora central] tem esse domínio do arremesso com apoio, principalmente na altura do quadril, tem que ter uma parceria entre as duas terceiras e a goleira”*).

#### **13.4. As ações defensivas contra sistemas ofensivos diferentes do clássico**

Na Tabela 12 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 16 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 12 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Diante de adversários que adotam sistemas ofensivos diferentes do clássico, de que forma você espera que seus defensores atuem?**

	IC	N	Sujeitos
1	Realizar a dobra (ou dobragem)	1	S1
2	Não flutuar no jogador com a bola	1	S1
3	Dificultar a produção de espaços	4	S1, S2, S3, S4
4	Alternância entre os sistemas defensivos	3	S1, S2, S3
5	Realizar a flutuação	1	S2
6	Diminuir a velocidade ofensiva	3	S2, S3, S4
7	Leitura e adaptabilidade às situações do jogo	3	S2, S3, S4
8	Realizar a troca de marcação	1	S4
9	Realizar a marcação	1	S4

No Quadro 10 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 12 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B2.

**Quadro 10 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Diante de adversários que adotam sistemas ofensivos diferentes do clássico, de que forma você espera que seus defensores atuem?**

<b>Ideia Central 1:</b> Realizar a dobra (ou dobragem)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Trabalhando muita dobra nos pivôs, faz a dobra quando tiver jogando contra 2 pivôs. Não prioriza tirar o jogador de cima, mas dobra no pivô e marca o lado da bola, por exemplo, vem um ataque do lado esquerdo, vai fazer o combate a 3ª (a 3ª combate) e a 2 marca o pivô. Então o principal é a dobra (uma para o arremesso e a outra para o pivô).
<b>Ideia Central 2:</b> Não flutuar no jogador com a bola	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> É priorizado não flutuar no jogador da bola, se você flutuar no jogador da bola vai sobrar muito pivô.
<b>Ideia Central 3:</b> Dificultar a produção de espaços	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Quando um jogador atacante vir o espaço ele vai atacar, se ele não vir essa produção de espaço ele vai ficar transitando bola até que produza. Então se eu lateralizo eu acabo deixando aberta a zona central. Quando eu tenho o desdobramento ou eu vou na bola ou no lado mais forte, geralmente do lado mais forte, ou eu fico com um avançado mesmo na zona central. Que joga já com os dois pivôs ou que cai com segundo pivô, isso tem que ser treinado. Estamos treinando em várias saídas, vamos pressionar uma zona, com muito apoio. É importante essa parte de você estar quebrando o ritmo do adversário, seja por uma falta, seja por uma tirada de passe, e saber dentro dessa leitura de jogo que a gente deve fazer, para jogar handebol de qualquer forma, que as ações táticas são feitas para dar certo, e que se eu permitir que essa ação seja realizada, vai ser muito mais difícil eu marcar o final do que na construção dela.
<b>Ideia Central 4:</b> Alternância entre os sistemas defensivos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Se um jogador arremessa de longe com certeza ele vai ser tirado [ <i>individual</i> ]. Mesmo com 2 pivôs tem a possibilidade de fazer uma marcação individual [ <i>mista</i> ]. Quando os dois pivôs já estão plantados, diferente de quando eles desdobram, eu procuro trabalhar 4:2. Gosto do 4:2, não muito aberto e não muito alto, mas um 4:2 clássico, gosto do 4:2 no setor que está a bola. Se esse 4:2 que já está instalado, ou definido, possui jogadoras lá fora na linha de 9m com bastante importância nos arremessos de média e longa distância, eu procuro

	fazer um 5+1, tirar uma armadora. E tenho treinado muito, nesse desdobramento [ <i>ocupação temporária do posto de pivô por um armador ou ponta, com a mudança temporária do sistema ofensivo</i> ], a gente ficar no meio, porque a gente vem analisando, vem estudando, que as equipes fazem o desdobramento e acabam vindo jogar pela zona central.
<b>Ideia Central 5:</b> Realizar a flutuação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> O central passou a bola, um marcador vai no central e o outro vai na bola. Então eu faço um deslocamento dos dois defensores avançados no armador que está com a bola e no seu vizinho.
<b>Ideia Central 6:</b> Diminuir a velocidade ofensiva	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Porque vai tirar um pouco a movimentação, vai tirar os passes. Na verdade o bico não marca ninguém, o bico marca a bola. Ainda temos mais um que nós estamos largando a base e jogando um lá em cima, no bico [ <i>avançado</i> ]. Tem que ser uma defesa mais ofensiva, mais forte para dificultar, atrapalhar, parar, as ações do adversário. o que a gente busca, defensivamente, você estar criando situações onde o adversário pare, que ele não tenha a posse de bola por um período longo, para que as ações táticas não tenham uma construção longa, para que você possa concentrar novamente.
<b>Ideia Central 7:</b> Leitura e adaptabilidade às situações do jogo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Quando esse sistema acaba tendo origem de um desdobramento ou de uma circulação e vira um 4:2, eu procuro ir para o lado mais forte, não ir na bola, mas ficar com o lado mais do ataque adversário com mais chegada de gol. Então nem sempre eu acompanho a bola, eu acompanho a jogadora. Eu espero delas uma leitura de jogo. Eu faço com as minhas atletas no treinamento uma leitura de qual jogadora pode receber a bola: quem vai receber a bola? Qual a possibilidade dessa menina receber a bola? Qual a possibilidade da bola chegar ao pivô? E ali antecipar. E outra que não tem muito apoio, joga o 2x2. Porque se jogamos contra equipes muito fortes, se você dá o apoio aí o inteligente lá solta a bola rápido e acaba do outro lado da quadra com um a menos. O importante é que os jogadores, de uma maneira geral, eles tenham conhecimento das possibilidades que o adversário tem, independente se eles vão realizar as ações ou não. Tem que ter o conhecimento que o adversário efetuou um passa e vai, qual é o objetivo da execução? Ele fez para que? E ele sempre estar buscando defensivamente a ação do adversário. O jogador circulou, o objetivo do adversário naquela situação? O jogador ter esse entendimento e procurar fazer essa leitura.
<b>Ideia Central 8:</b> Realizar a troca de marcação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 8:</b> Envolve muito mais conceito de troca de marcação.
<b>Ideia Central 9:</b> Realizar a marcação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 9:</b> Marcação.

Diante de sistemas ofensivos diferentes do 3:3 (ou clássico), o SC entende que, assim como diante do sistema clássico, deve-se dificultar a produção de espaços pelos atacantes, obviamente com o intuito de conseguir êxito defensivo, seja por provocar erros dos adversários (“Quando um jogador atacante vir o espaço ele vai atacar, se ele não vir essa produção de espaço ele vai ficar transitando bola até que produza”) ou por precipitação dos arremessos de zonas desfavoráveis.

Dificultar a produção de espaços pelos atacantes implica na execução dos diferentes meios técnico-táticos defensivos individuais, primando pela responsabilidade dos setores, em combinação com os coletivos, como a dobragem (citada pelo SC) e a basculação, por exemplo. seja para trabalhar a defesa de forma mais avançada ou pressionando o setor mais forte do ataque (*“Quando eu tenho o desdobramento ou eu vou na bola ou no lado mais forte, geralmente do lado mais forte, ou eu fico com um avançado mesmo na zona central. Que joga já com os dois pivôs ou que cai com segundo pivô, isso tem que ser treinado”*). A importância da dobragem é evidenciada para o SC quando afirma que *“Trabalhando muita dobra nos pivôs, faz a dobra quando tiver jogando contra 2 pivôs. Não prioriza tirar o jogador de cima, mas dobra no pivô e marca o lado da bola, [...] Então o principal é a dobra (uma para o arremesso e a outra para o pivô)”*.

Alternar os sistemas defensivos é uma opção considerada pelo SC na tentativa de obtenção de êxito frente a esse tipo de sistema ofensivo. Essa alternância visa surpreender os atacantes e, ao mesmo tempo, dificultar a criação de um padrão defensivo que demonstre possibilidades para a produção de espaços. Essa opção é evidenciada no discurso quando o SC afirma que *“Se um jogador arremessa de longe com certeza ele vai ser tirado [individual]. Mesmo com 2 pivôs tem a possibilidade de fazer uma marcação individual [mista]”*. Porém essa alternância entre os sistemas defensivos passa a ser dependente da forma com que o sistema ofensivo se diferenciara do clássico, de onde emergem duas opções: adota-se inicialmente, sem transição do clássico, o 4:2 ou o 2:4; ou mediante o desenvolvimento dos meios técnico-táticos ofensivos um jogador (da primeira ou segunda linhas ofensivas) ocupa temporariamente o posto de pivô. Essa passa a ser uma preocupação recorrente do SC, como apresentado: *“Quando os dois pivôs já estão plantados, diferente de quando eles desdobram, eu procuro trabalhar 4:2. Gosto do 4:2, não muito aberto e não muito alto, mas um 4:2 clássico, gosto do 4:2 no setor que está a bola. Se esse 4:2 que já está instalado, ou definido, possui jogadoras lá fora na linha de 9m com bastante importância nos arremessos de média e longa distância, eu procuro fazer um 5+1, tirar uma armadora”*.

Os aspectos relacionados com a alternância entre os sistemas defensivos e a busca por dificultar a produção de espaços vazios é corroborada pelo SC ao citar, também como objetivos quando atuam contra esse tipo de sistema ofensivo, a tentativa de diminuir a velocidade do jogo ofensivo e a adaptabilidade às situações de jogo (esta, intimamente relacionada com a

alternância do sistema). Essa preocupação também é apontada quando do confronto com o sistema ofensivo clássico. A relação entre essas variáveis é evidenciada quando o SC afirma que *“Quando esse sistema acaba tendo origem de um desdobramento ou de uma circulação e vira um 4:2, eu procuro ir para o lado mais forte, não ir na bola, mas ficar com o lado mais do ataque adversário com mais chegada de gol. Então nem sempre eu acompanho a bola, eu acompanho a jogadora. Eu espero delas uma leitura de jogo”*. A preocupação é evidente quando o SC afirma que *“ações táticas [ofensivas] são feitas para dar certo, e que se eu permitir que essa ação seja realizada, vai ser muito mais difícil eu marcar o final do que na construção dela”*, o que supõe a demanda pela antecipação, pelos defensores, das ações ofensivas.

A marcação e as trocas de marcação também são preocupações evidenciadas pelo SC, na qual a troca de marcação assume um papel central na busca pela igualdade numérica constante. Quando da adoção do sistema ofensivo 4:2, por exemplo, ficam claramente conectadas duas relações de 3x3 quando consideramos a largura da quadra (2 armadores e 2 pivôs em cada setor – esquerdo e direito –, contra 3 defensores nesses) com a região central da quadra desguarnecida, em função da dupla marcação sobre ambos os pivôs.

Há uma divergência no posicionamento do SC quanto à realização de flutuação diante desse tipo de sistema ofensivo. Ora prioriza-se não flutuar pela possibilidade dessa ação produzir espaços para o jogo do pivô (*“se você flutuar no jogador da bola vai sobrar muito pivô”*); ora a flutuação passa a ser necessária para diminuir a velocidade do jogo ofensivo e, ao mesmo tempo, limitar o raio de ação dos armadores (*“eu faço um deslocamento dos dois defensores avançados no armador que está com a bola e no seu vizinho”*).

### **13.5. A indução ao contra-ataque**

Na Tabela 13 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 17 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 13 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: O que você faz ou treina para que o contra-ataque seja induzido?**

	IC	N	Sujeitos
1	Induzir o adversário ao erro (precipitação de arremesso)	2	S1, S2
2	Recuperar o rebote defensivo	4	S1, S2, S3, S4

No Quadro 11 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 13 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B3.

**Quadro 11 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: O que você faz ou treina para que o contra-ataque seja induzido?**

<b>Ideia Central 1:</b> Induzir o adversário ao erro (precipitação de arremesso)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Se você efetuar uma defesa bem objetiva, dificultando todos os arremessos e marcando bem com certeza esse contra-ataque vai sobrar. Eu gosto de induzir o adversário à precipitação, por isso que eu gosto muito da defesa agressiva. É induzir o adversário a arremessar rápido, a passar errado, a tomar decisões precipitadas até conseguir uma andada
<b>Ideia Central 2:</b> Recuperar o rebote defensivo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Já tem os jogadores destinados para pegar o rebote... Eu procuro fazer a proteção e o rebote defensivo com 4 jogadoras. Treinar a inteligência, o que fazer com a bola, por a bola em qual zona e porque. Tem algumas [opções] que deixam o primeiro homem sair um pouco antes, isso é possível, mas é um risco. Desde a recuperação de bola, quando a equipe passa a ser atacante, o adversário perdeu a bola e ele passa a ser atacante, desde esse momento ele tem que estar jogando handebol e o objetivo é o gol. Então eu recuperei a bola e tenho que buscar o gol, e não buscar passe.

As IC's apresentadas pelo SC com relação a esta questão possuem íntima relação, inclusive, no domínio tempo. Para o SC uma das formas de induzir sua equipe a sair em contra-ataque se dá a partir da ideia de provocar erros dos adversários, seja por precipitação dos arremessos ou dos passes (*“dificultando todos os arremessos”*; *“induzir o adversário a arremessar rápido, a passar errado, a tomar decisões precipitadas até conseguir uma andada”*). Ambas serão determinantes para que os trabalhos defensivos (em conjunto com o goleiro) possuam eficácia e proporcionem a recuperação da posse da bola.

A recuperação do rebote defensivo passa a ser um fator determinante para a rápida saída em contra-ataque (*“o objetivo é o gol; então eu recuperei a bola e tenho que buscar o gol”*), pois como citado no capítulo I, sem a posse da bola torna-se impossível a transição entre a fase defensiva e a ofensiva.

## 14. VARIÁVEIS REFERENTES À FASE DE TRANSIÇÃO

A obtenção das informações do discurso dos técnicos em relação às importantes variáveis contidas nas fases de transição tem como objetivo a identificação das principais premissas para uma fase de transição defesa → ataque que seja eficaz na criação de situações de finalização, bem como para uma fase de transição ataque → defesa que minimize os possíveis prejuízos de um contra-ataque.

A obtenção de tal discurso visa a agregação de informações para a concepção da construção da dinâmica de transição, tal como a identificação dos parâmetros individuais e coletivos, as ocupações de espaços e as possibilidades de sincronismo entre os jogadores.

### 14.1. A indução ao contra-ataque

Na Tabela 14 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 11 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 14 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Você é a favor ou contra de induzir sua equipe ao contra-ataque? Por quê?**

	IC	N	Sujeitos
1	A favor, porque chego mais rápido (vantagem espacial)	3	S1, S2, S4
2	A favor, porque posso ter vantagem numérica	2	S1, S2
3	A favor, por ser uma tendência facilitada pelas regras	2	S3, S4
4	A favor, evolução da preparação física dos jogadores	1	S4

No Quadro 12 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 14 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B3.

**Quadro 12 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Você é a favor ou contra de induzir sua equipe ao contra-ataque? Por quê?**

<p><b>Ideia Central 1:</b> A favor, porque chego mais rápido (vantagem espacial)</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Sou a favor. Porque é o meio mais rápido de chegar ao gol adversário. A favor. O jogo está cada vez mais rápido. Sou a favor. É um jogo de velocidade, é um jogo que evoluiu muito.</p>
<p><b>Ideia Central 2:</b> A favor, porque posso ter vantagem numérica</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Eu acho que o primeiro objetivo é sair para contra-ataque direto, mas tem que ter sempre sustentação, principalmente o armador direito e o armador esquerdo. Eu acho que assim que a bola foi arremessada esses dois jogadores têm que se posicionar já nas posições de ataques deles e ver se a bola vai ser direta ou não. As possibilidades de você chegar ao gol em contra-ataque são maiores do que quando você está em um ataque posicionado contra uma defesa posicionada.</p>
<p><b>Ideia Central 3:</b> A favor, por ser uma tendência facilitada pelas regras</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> É o perfil do handebol hoje, com as novas regras então. Já era um jogo de contra-ataque, agora com as novas regras puxou mais ainda. Esse jogo de transição evoluiu demais, com algumas mudanças de regras.</p>
<p><b>Ideia Central 4:</b> A favor, evolução da preparação física dos jogadores</p>	<p><b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Com a evolução da parte física do jogador (os jogadores estão mais rápidos).</p>

Com relação à indução do jogo em contra-ataque o SC mostra-se totalmente favorável, apresentando diferentes nuances no suporte desse parecer. Dentre os destaques encontra-se a vantagem obtida na relação de domínio de espaço, a partir da rápida conquista da quadra do adversário, antes mesmo que esse tenha completado o processo de transição ataque → defesa (“*é o meio mais rápido de chegar ao gol adversário. [...] O jogo está cada vez mais rápido*”). Para Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a) o contra-ataque é o caminho mais curto para conseguir anotar um gol após a recuperação da posse da bola.

Essa rápida saída tende a ocorrer sem o retorno dos defensores em sua totalidade numérica, que permite uma progressão dos atacantes em alta velocidade na direção do gol adversário em superioridade numérica (“*as possibilidades de você chegar ao gol em contra-ataque são maiores do que quando você está em um ataque posicionado contra uma defesa posicionada*”), tornando-se uma forma vantajosa e eficaz para conduzir suas ações ofensivas.

As alterações no regulamento da modalidade também são apresentadas pelo SC, pois essas fizeram do handebol uma modalidade com transição ainda mais veloz. Tal fato ocorre pela possibilidade de o tiro de saída poder ser dado sem que a equipe que marcou retorne completamente para sua quadra defensiva, mas com a obrigatoriedade de que a equipe que dará o tiro de saída esteja com todos os jogadores em sua quadra defensiva. Outro aspecto apontado pelo SC é a “*evolução da parte física do jogador*”, com jogadores cada vez mais rápidos e que

desempenham a função de iniciar o contra-ataque antes mesmo do resultado da ação ofensiva adversária.

## 14.2. A tentativa de dificultar contra-ataques dos adversários

Na Tabela 15 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 12 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas.

**Tabela 15 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: O que você faz ou treina para que o contra-ataque do adversário seja ineficaz?**

	IC	N	Sujeitos
1	Arremessar em condições adequadas	1	S1
2	Retorno antecipado de alguns jogadores	2	S1, S4
3	Pressionar a saída de bola	4	S1, S2, S3, S4
4	Rápida organização do sistema defensivo	2	S2, S3
5	Parar o contra-ataque com a falta	2	S2, S4

No Quadro 13 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 15 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B3.

**Quadro 13 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: O que você faz ou treina para que o contra-ataque do adversário seja ineficaz?**

<b>Ideia Central 1:</b> Arremessar em condições adequadas	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Primeiro tem que ter um ataque efetivo. Você não pode precipitar o ataque, esperar o momento certinho para você executar. O arremesso tem que ser preciso, independente se você vai fazer o gol ou vai errar, você tem que ter uma precisão. Ver onde vai trabalhar o ataque pra que você não deixe o adversário sair em contra-ataque. O jogador tem que ter a consciência de que ele vai ter que entrar só na bola boa
<b>Ideia Central 2:</b> Retorno antecipado de alguns jogadores	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Você tem que ter uma prévia do que vai acontecer no contra-ataque, então a gente já tem esses jogadores encarregados de retornar antecipadamente (ele não estando no arremesso). Esses jogadores, praticamente, eles deixam um pouco de jogar até, ofensivamente... O jogador sempre do lado oposto da bola, e os armadores. Então de uma maneira geral, antecipar a saída do adversário, porque alguns jogadores não esperam o resultado, a definição, eles já estão antecipando. Tem equipes que eu jogo que o jogador sai antes. Os jogadores de velocidade saem antes, e se você ficar esperando, não dá. Então a primeira coisa é isso.
<b>Ideia Central 3:</b> Pressionar a saída de	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Normalmente a gente deixa o pivô pra pressionar esse lançamento do goleiro,

bola	essa saída rápida. Tirando esse lançamento do goleiro, e que já saia marcando os dois laterais (o direito e o esquerdo). Aquela que participa do arremesso e a pivô que está ali nos 6m, elas têm que fazer a pressão, primeiramente no goleiro para atrapalhar um pouquinho a visualização dele e retardar um pouco a tomada de decisão do goleiro, e logo na seqüência aquela primeira diretora que leva o contra-ataque. Modelo totalmente contrário do sueco que já na hora da perda da bola “abre”, muito agressivo para evitar contra-ataque. Dificultar a ação ofensiva no início da construção da transição do adversário, que é dificultar o início da transição. Algumas são pelo goleiro, outras por esses jogadores que alguns falam que são os diretores, outros falam que são os organizadores, são aqueles que recebem o primeiro ou segundo passe, no caso.
<b>Ideia Central 4:</b> Rápida organização do sistema defensivo	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Na seqüência eu procuro treinar e organizar que a gente venha marcando em linhas de 3, quem tem que voltar para os 6m volta o mais rápido possível. É preciso organizar o retorno do seu time.
<b>Ideia Central 5:</b> Parar o contra-ataque com a falta	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> A ideia é fazer a falta no lugar mais importante que é no setor da meia-quadra ou 14-15m. Buscar nessa de dificultar não só a construção, você conseguir parar a transição do adversário, através de ações que às vezes não são permitidas, fazer a falta. Não são permitidas, mas elas são possíveis e fazem parte do jogo. Uma falta leal, visando a bola, realmente para você parar e dar tempo de se organizar.

Impedir as ações de contra-ataque das equipes adversárias é um desafio constante, principalmente diante do exposto pelo SC no Quadro 12 onde são verificadas algumas possibilidades de saída em contra-ataque. Uma das principais formas de contenção dos contra-ataques dos adversários, apontado pelo SC, é a execução de uma pressão sobre os possíveis receptores da bola (“já na hora da perda da bola “abre”, muito agressivo para evitar contra-ataque”), que objetiva a diminuição da velocidade de saída do contra-ataque e a tentativa de recuperação da posse de bola ou “dificultar a ação ofensiva no início da construção da transição do adversário”.

Essa pressão pode ser executada por jogadores pré-determinados (“normalmente a gente deixa o pivô pra pressionar esse lançamento do goleiro, essa saída rápida; tirando esse lançamento do goleiro, e que já saia marcando os dois laterais – o direito e o esquerdo”), por jogadores que participaram do momento do arremesso (“Aquela que participa do arremesso e a pivô que está ali nos 6m, elas têm que fazer a pressão, primeiramente no goleiro para atrapalhar um pouquinho a visualização dele e retardar um pouco a tomada de decisão”) ou mesmo pelo goleiro da própria equipe, se antecipando a possíveis lançamentos do goleiro e jogadores adversários.

Juntamente, ou após, a tentativa de pressão nos atacantes em regiões próximas à meta adversária, há a preocupação com o rápido retorno defensivo e com o reposicionamento dos

defensores em seu sistema, assim evidenciado pelo SC: *“Na seqüência eu procuro treinar e organizar que a gente venha marcando em linhas de 3, quem tem que voltar para os 6m volta o mais rápido possível. É preciso organizar o retorno do seu time”*. Retornar rapidamente implica na tentativa de reduzir os espaços que possivelmente sejam aproveitados pelos atacantes na fase de transição, bem como estruturar o sistema para o desenvolvimento do ataque posicional.

O retorno estruturado pode ser associado, segundo o SC, ao retorno antecipado de alguns jogadores, preferencialmente nas zonas que possuem os atacantes mais velozes e que se antecipam para a saída em contra-ataque (*“Você tem que ter uma prévia do que vai acontecer no contra-ataque, então a gente já tem esses jogadores encarregados de retornar antecipadamente (ele não estando no arremesso)”*). Outra possibilidade apresentada pelo SC é a de parar o contra-ataque com uma falta em uma zona específica (*“no lugar mais importante que é no setor da meia-quadra ou 14-15m”*) e que, embora não permitidas, *“elas são possíveis e fazem parte do jogo. Uma falta leal, visando a bola, realmente para você parar e dar tempo de se organizar”*.

## **15. VARIÁVEIS REFERENTES À ANÁLISE DE JOGO**

Obter as informações do discurso dos técnicos em relação à relevância das variáveis contidas nas diferentes fases do jogo permite revelar as necessidades de identificação e tabulação dessas variáveis, no sentido de apresentar possíveis fragilidades, individuais e coletivas, dos sistemas defensivos e ofensivos (da própria equipe ou do adversário), assim como das fases de transição. A obtenção das informações contidas nesses discursos pode apontar para necessidades reais no desenvolvimento de uma ferramenta de análise de jogo, considerando fatores como a aplicabilidade em tempo real e a facilidade de acesso aos dados.

### **15.1. As variáveis para análise do jogo ofensivo**

Na Tabela 16 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 18 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas para os indicadores interessantes na análise do jogo ofensivo.

**Tabela 16 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números (*indicadores ofensivos*)**

	<b>IC</b>	<b>N</b>	<b>Sujeitos</b>
1	Posicionamento dos jogadores	1	S1
2	Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial)	2	S1, S2
3	Padrões de movimentação	3	S1, S2, S4
4	As combinações coletivas em função das ações individuais	3	S1, S2, S3
5	Efetividade dos arremessos e correspondência com a ação e o posicionamento do goleiro	2	S2, S3
6	Correspondência espaço-temporal	1	S3
7	Vulnerabilidade individual dos defensores	1	S4

No Quadro 14 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 16 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B4.

**Quadro 14 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números (*indicadores ofensivos*)**

<b>Ideia Central 1:</b> Posicionamento dos jogadores	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Tem que consertar mais o posicionamento dele inicialmente [ <i>definição dos postos específicos e táticas individuais</i> ].
<b>Ideia Central 2:</b> Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> Se ele está cometendo erros, primeiramente ele está mal posicionado ou está sendo muito pressionado o setor dele. O aproveitamento de arremessos também é interessante, por setor de quadra e jogador.
<b>Ideia Central 3:</b> Padrões de movimentação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> O adversário observa muito os seus atacantes. Se você fizer o mesmo movimento, a mesma coisa, se você não diversificar no caso os seus movimentos de ataque, eu acho que para o adversário fica muito fácil. Então você comete muitos erros por que insiste no mesmo movimento. As bases de ataque criadas entre a primeira linha e a segunda linha, seja ela de cruzamento, de tabela, de desdobramento. Nas questões que a gente colocou também de bloqueio, no jogo ofensivo você analisar a questão de estatura ela é importante, mas tem jogadores que não têm boa estatura e são bons no bloqueio, você procura tirar o seu jogo de lançamento. É uma equipe que bascula, não bascula, acompanha a bola, de que maneira marca.
<b>Ideia Central 4:</b> As combinações coletivas em função das ações individuais	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Se para muito para orientar a forma que tem que se atacar, você vai forçar mais do lado esquerdo para atacar do lado direito, ou vai atacar com bloqueio de pivô no centro. A ideia coletiva: você faz uma ação individual do lado de cá e sobra um coletivo do outro lado. A ação coletiva nada mais é do que ações individuais, porque sem a ação individual você não tem coletividade. Mas quais ações táticas básicas ou primárias estão dando certo e em qual setor (meu e dos adversários) e quais jogadores são protagonistas dessas ações. É importante ver como estamos

	conseguindo abrir a defesa deles. Isso é interessante.
<b>Ideia Central 5:</b> Efetividade dos arremessos e correspondência com a ação e o posicionamento do goleiro	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> Acho isso muito importante porque a jogadora que está num lugar arremessa em um determinado local, tendo a trajetória da jogadora com a correspondência do arremesso. Mas por que o goleiro está aí? Está lendo a trajetória, ou porque nosso jogador não tem bom nível. Nossos arremessos e a posição do goleiro.
<b>Ideia Central 6:</b> Correspondência espaço-temporal	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Então você vai ver a zona (local) e quem: da ponta direita um chute, da ponta esquerda dois chutes. Ou não teve nenhum passe para o pivô em vinte minutos, ou teve um passe para a ponta direita em 20 minutos.
<b>Ideia Central 7:</b> Vulnerabilidade individual dos defensores	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> O jogador que tem erro de conceito, vai numa troca de marcação que ele deveria acompanhar e aí ele quer trocar, ou ele teria que trocar e daí ele acompanha. Então é você detectar algumas deficiências, onde o adversário é vulnerável e tentar utilizar isso de acordo com as suas possibilidades. Avaliar, por exemplo, que tem determinados jogadores que na parte defensiva, na marcação do pivô, eles não marcam bem e é onde a equipe consegue muito tiro de 7m, muita exclusão, você consegue jogar de maneira mais eficaz.

Quando há o questionamento sobre os indicadores a serem analisados no jogo ofensivo, o SC aponta como importantes para a compreensão dessa fase de jogo os aspectos referentes a efetividade dos arremessos e as combinações coletivas que ocorrem em detrimento das ações individuais dos jogadores. A efetividade dos arremessos é um objeto de constante preocupação por refletir um panorama das zonas de maior aproveitamento da quadra, relacionadas diretamente com os postos específicos (*“Se ele está cometendo erros, primeiramente ele está mal posicionado ou está sendo muito pressionado o setor dele. O aproveitamento de arremessos também é interessante, por setor de quadra e jogador”*).

Identificar as combinações coletivas e as ações individuais, que originam tais combinações, torna-se um objeto de investigação pela possibilidade de fornecer indicativos sobre alguns padrões do jogo ofensivo (*“A ideia coletiva: você faz uma ação individual do lado de cá e sobra um coletivo do outro lado. A ação coletiva nada mais é do que ações individuais, porque sem a ação individual você não tem coletividade. Mas quais ações táticas básicas ou primárias estão dando certo e em qual setor (meu e dos adversários) e quais jogadores são protagonistas dessas ações”*). Essa identificação das combinações coletivas culmina, no que é apresentado pelo SC como os padrões de movimentação (*“Se você fizer o mesmo movimento, a mesma coisa, se você não diversificar no caso os seus movimentos de ataque, eu acho que para o adversário fica muito fácil. Então você comete muitos erros por que insiste no mesmo movimento”*).

A mesma preocupação ocorre com a possibilidade de identificação dos padrões de movimentação dos jogadores, sejam seus atacantes (*“O adversário observa muito os seus atacantes. Se você fizer o mesmo movimento, a mesma coisa, se você não diversificar no caso os seus movimentos de ataque, eu acho que para o adversário fica muito fácil”*) ou dos defensores adversários (*“É uma equipe que bascula, não bascula, acompanha a bola, de que maneira marca”*), que por vezes podem revelar atitudes e posicionamentos dos quais uma das equipes pode tirar proveito.

Outra preocupação, quanto à efetividade dos arremessos, se refere à atitude e ao posicionamento do goleiro nos arremessos (*“Acho isso muito importante porque a jogadora que está num lugar arremessa em um determinado local, tendo a trajetória da jogadora com a correspondência do arremesso. Mas por que o goleiro está aí?”*), o que torna importante na identificação de possíveis padrões de movimentos do goleiro e identificação de zonas mais vulneráveis durante os arremessos. Todas as informações referentes aos posicionamentos, possíveis padrões ofensivos e efetividade por setores devem possuir, segundo o SC, uma correspondência temporal (*“Ou não teve nenhum passe para o pivô em vinte minutos, ou teve um passe para a ponta direita em 20 minutos”*).

O SC aponta, ainda, para a possibilidade de identificação de possíveis vulnerabilidades individuais dos adversários, como forma de exploração do cenário técnico-tático do jogo, privilegiando o jogo com o pivô, ou com os pontas, ou dos armadores (*“detectar algumas deficiências, onde o adversário é vulnerável e tentar utilizar isso de acordo com as suas possibilidades”*).

## **15.2. As variáveis para análise do jogo defensivo**

Na Tabela 17 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 18 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas para os indicadores interessantes na análise do jogo defensivo.

**Tabela 17 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números (indicadores defensivos)**

	IC	N	Sujeitos
1	Falhas na flutuação ou dissuasão	1	S1
2	Relação marcador x atacante	1	S1
3	Situações de inferioridade numérica	1	S1
4	Efetividade dos bloqueios ofensivos	1	S1
5	Ideia de padrões de movimentação	2	S2, S4
6	Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial)	3	S2, S3, S4
7	Correspondência espaço-temporal	1	S3, S4

No Quadro 15 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 17 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B4.

**Quadro 15 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números (*indicadores defensivos*)**

<b>Ideia Central 1:</b> Falhas na flutuação ou dissuasão	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> Essa orientação do jogador sair e perder o tempo da saída da bola é uma produção de espaço pro adversário que não tem que cometer.
<b>Ideia Central 2:</b> Relação marcador x atacante	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> O jogador tem que estar sempre combatendo o atacante de forma ofensiva, quanto mais pressão o atacante tiver, defensivamente, com certeza ele vai errar mais. Pras goleiras seria a questão dos arremessos.
<b>Ideia Central 3:</b> Situações de inferioridade numérica	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Somar um jogador nesse setor porque está sobrando muito espaço.
<b>Ideia Central 4:</b> Efetividade dos bloqueios ofensivos	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Se o bloqueio do pivô está saindo, não pode, tem que trocar mais rápido.
<b>Ideia Central 5:</b> Ideia de padrões de movimentação	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 5:</b> As bases de ataque criadas entre a primeira linha e a segunda linha, seja ela de cruzamento, de tabela, de desdobramento. O mapeamento dos sinais visuais (feitos pelos jogadores) e suas possíveis bases de ataque. Se há uma construção coletiva, ela vem através de um envolvimento 2x2 ou de um trabalho de continuidade ou de uma tática pré-trabalhada? Dessa maneira você sabe se é uma construção individual ou coletiva. Uma ação tática pequena, por exemplo, um meia com um ponta, é uma volta de bola, é uma quebra de ritmo, ou se ela vem construída da direita e finaliza no ponta.
<b>Ideia Central 6:</b> Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 6:</b> Acho isso muito importante porque a jogadora que está num lugar arremessa em um determinado local, tendo a trajetória da jogadora com a correspondência do arremesso. Mas você não percebeu que mais de 50% dos gols foram feitos na zona do segundo homem do lado esquerdo. Isso pode virar um problema que você precisa resolver. Primeiro, maior zona de eficácia. Fizeram 50 arremessos da ponta esquerda, tá bom, e daí? Desses 50 arremessos, qual foi a eficácia desses? Nenhum, ótimo, vão continuar fazendo arremessos lá da ponta esquerda. Da zona de finalização do adversário, e nessa zona de finalização a eficácia deles.
<b>Ideia Central 7:</b> Correspondência	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 7:</b> Você levou x gols após 20 minutos e pode ser que você esteja até bem, pode ser

espaço-temporal	que esteja ok. As informações por tempo, da zona [da quadra] e pode ser do tipo também: dos 9, dos 6, é por fora, é por dentro, é do seu goleiro. E o que a gente buscaria na construção de uma análise seriam essas variáveis, que partem do individual (1x1), de ações coletivas menores, que seriam um 2x2, e vamos colocar a partir do 3x3 como ações maiores. Então não adianta ter apenas o resultado, mas ter o processo a equipe conseguiu para chegar naquele resultado, se foi individual, se foi uma combinação pequena ou se foi uma construção coletiva. Quem fez essa construção, onde iniciou.
-----------------	---

Sobre as variáveis relevantes do sistema defensivo que podem ser avaliadas durante o jogo, o SC aponta a efetividade dos arremessos adversários com suas respectivas correspondências espaciais e com a zona correspondente do gol (*“a jogadora que está num lugar arremessa em um determinado local, tendo a trajetória da jogadora com a correspondência do arremesso”*). Essas informações fornecem parâmetros sobre as zonas de maior vulnerabilidade defensiva (*“Mas você não percebeu que mais de 50% dos gols foram feitos na zona do segundo homem do lado esquerdo. Isso pode virar um problema que você precisa resolver”*) e, conseqüentemente, sobre os setores ofensivos mais fortes, permitido que o técnico busque soluções para aquele setor. Torna-se importante, além da informação espacial, a correspondência temporal, que indicará parâmetros sobre os momentos do jogo nos quais determinadas falhas ocorreram com maior freqüência (*“As informações por tempo, da zona [da quadra] e pode ser do tipo também: dos 9, dos 6, é por fora, é por dentro, é do seu goleiro”*).

Sendo assim, o SC aponta ainda para a preocupação com a construção do jogo ofensivo adversário, tendo em vista os processos utilizados para que a situação obtivesse êxito ou a identificação dos motivos que levam uma determinada equipe a lançar mão de algumas combinações em determinadas zonas da quadra (*“Então não adianta ter apenas o resultado, mas ter o processo a equipe conseguiu para chegar naquele resultado, se foi individual, se foi uma combinação pequena ou se foi uma construção coletiva. Quem fez essa construção, onde iniciou”*).

Associando-se à observação por setores, podem ser identificados e quantificados os meios técnico-táticos defensivos que apresentam falhas, como a flutuação e a dissuasão, que dão a ideia da *“orientação do jogador sair e perder o tempo da saída da bola é uma produção de espaço pro adversário”*, da relação da marcação do defensor com seu atacante (*“O jogador tem que estar sempre combatendo o atacante de forma ofensiva, quanto mais pressão o atacante tiver, defensivamente, com certeza ele vai errar mais”*) e da contagem de

defensores e atacantes por zona, relacionadas com as superioridades e inferioridades numéricas (“Somar um jogador nesse setor porque está sobrando muito espaço”).

Outra possibilidade se refere aos padrões de movimentação dos adversários na execução dos meios técnico-táticos ofensivos coletivos, como o bloqueio (“Se o bloqueio do pivô está saindo”) e os demais meios (“As bases de ataque criadas entre a primeira linha e a segunda linha, seja ela de cruzamento, de tabela, de desdobramento”).

### 15.3. As variáveis para análise do jogo de transição

Na Tabela 18 estão apresentadas as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a discriminação desses para a questão 18 (APÊNDICE A), em consonância com as ECH rotuladas para os indicadores interessantes na análise da fase de transição.

**Tabela 18 - Caracterização das ideias centrais, número de ocorrências de cada ideia central (N) e sujeitos que compartilham de tais ideias. Questão: Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números (indicadores de transição)**

	IC	N	Sujeitos
1	Efetividade dos arremessos (jogador e correspondência espacial)	2	S1, S3
2	Erros de posicionamento (jogador e correspondência espacial)	2	S1, S3
3	Erros de lançamento do goleiro (com a correspondência espacial)	2	S1, S3
4	Ocupações espaciais	4	S1, S2, S3, S4

No Quadro 16 estão apresentadas as construções dos DSC de acordo com as IC apresentadas na Tabela 18 e em conformidade com as ECH identificadas no APÊNDICE B4.

**Quadro 16 - Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números (indicadores de transição)**

<b>Ideia Central 1:</b> Efetividade dos arremessos (jogador e correspondência espacial)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 1:</b> É importante saber os erros de contra-ataque, qualquer tipo de erro, principalmente os individuais (finalização). O que não pode no contra-ataque é perder a bola cinco vezes. Quem erra? São cinco diferentes; daí é uma coisa. Mas eu tenho um mesmo menino ou menina que errou três passes.
<b>Ideia Central 2:</b> Erros de posicionamento (jogador e correspondência)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 2:</b> O posicionamento – se você já estava posicionado no setor devido quando executou esse contra-ataque. O que não pode no contra-ataque é perder a bola cinco vezes. Quem erra? São cinco diferentes; daí é uma coisa. Mas eu tenho um mesmo menino ou menina que errou três passes.

espacial)	
<b>Ideia Central 3:</b> Erros de lançamento do goleiro (com a correspondência espacial)	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 3:</b> Erros de lançamento do goleiro.
<b>Ideia Central 4:</b> Ocupações espaciais	<b>Discurso do Sujeito Coletivo 4:</b> Jogador daquele setor defensivo já tinha antecipado o seu retorno. Se é no início, se é perto [ <i>do gol adversário</i> ]. Quem é (ou quem são) o diretor desse contra-ataque, para saber em qual setor no contra-ataque é feito o primeiro passe, se a bola sai na zona direita ou sai na zona esquerda, porque ali já sai fazendo uma pressão, ou até inventar uma troca de ataque-defesa. Você sabe qual é o jogador de velocidade, qual é o jogador que serve de apoio, para quem vai ser o primeiro passe, quem seria a possibilidade do segundo.

As variáveis de desempenho durante a fase de transição também assumem um grau de importância, para o SC, que merece ser destacado. A principal preocupação se refere às ocupações espaciais dos adversários e dos jogadores de mesma equipe que se dão durante essa fase. Fato este que pode ser verificado quando o SC aponta para a possibilidade de um jogador ter um retorno antecipado (“*Jogador daquele setor defensivo já tinha antecipado o seu retorno*”) ou mesmo quem são os jogadores responsáveis pela organização das ações de contra-ataque e estabelecer relações de suas progressões e trajetórias durante tais ações até culminarem no ataque posicional (“*Quem é (ou quem são) o diretor desse contra-ataque, para saber em qual setor no contra-ataque é feito o primeiro passe, se a bola sai na zona direita ou sai na zona esquerda*”; “*Você sabe qual é o jogador de velocidade, qual é o jogador que serve de apoio, para quem vai ser o primeiro passe, quem seria a possibilidade do segundo*”), para que sejam desenvolvidas ações efetivas na tentativa de evitar o sucesso do contra-ataque (“*ali já sai fazendo uma pressão, ou até inventar uma troca de ataque-defesa*”).

Outro ponto destacado pelo SC se refere às possibilidades de identificação e quantificação de falhas nas diferentes fases do contra-ataque: em seu início, na sua condução ou no arremesso, sendo que em todas se apresenta como necessária uma correspondência espacial. As falhas iniciais interessantes de serem identificadas se referem à atuação do goleiro, tais como a efetividade de seus lançamentos (“*Erros de lançamento do goleiro. O que não pode no contra-ataque é perder a bola cinco vezes*”), que são determinantes para que o contra-ataque seja iniciado.

Quanto à condução do contra-ataque, o SC aponta para características como a falha no posicionamento dos jogadores, principalmente se a equipe possui uma saída estruturada

para contra-ataque, na qual cada jogador deverá ocupar uma zona específica da quadra (“*O posicionamento – se você já estava posicionado no setor devido quando executou esse contra-ataque*”). E, por último, a importância em se quantificar os erros técnicos individuais, principalmente referentes aos arremessos (“*É importante saber os erros de contra-ataque, qualquer tipo de erro, principalmente os individuais (finalização)*”) e aos passes (“*Quem erra? São cinco diferentes; daí é uma coisa. Mas eu tenho um mesmo menino ou menina que errou três passes*”), relatados pelo SC, por ser uma fase em que o ataque apresenta vantagens espaciais e numéricas frente ao sistema defensivo. Para Melendez-Falkowski & Enríquez Fernández (1988a, p.60) os principais erros que aparecem nas situações de contra-ataques estão relacionados à precipitação dos jogadores, “à falta de observação do goleiro, à falta de qualidade técnica e à falta de concentração”, que são preocupações demonstradas pelo SC.

## 16. SÍNTESE DOS RESULTADOS

Com relação à construção do discurso do sujeito coletivo, que expressa as opiniões dos técnicos em relação a um determinado pensar, destaca-se que:

- a) Para boa efetividade na fase ofensiva, as ações individuais importantes para o bom desenvolvimento do jogo são aquelas que buscam a produção de espaços, tais como as fintas e as mudanças de direção das trajetórias, utilizando-se da variabilidade do repertório motor dos jogadores;
- b) Considerando a efetividade do jogo coletivo ofensivo, em linhas gerais, é necessário que se produzam espaços a partir de fixações, penetrações sucessivas, cruzamentos, trocas de postos específicos e variações no sistema ofensivo a partir da ocupação temporária do posto de pivô;
- c) Diante de sistemas defensivos fechados, o desenvolvimento dos meios técnico-táticos ofensivos utilizados deve ser variado, como a circulação de jogadores, a mudança de sistema ofensivo pela ocupação temporária do posto específico de pivô (pelas pontas e armadoras), e abranger

- desde os meios técnico-táticos individuais (como as trajetórias, as mudanças de direção das trajetórias e as fintas), até os coletivos (como os cruzamentos, os bloqueios ofensivos, as trocas de postos específicos e as pantallas);
- d) O ataque contra sistemas defensivos abertos traz uma dinâmica de ocupações espaciais maior ao comparado com os sistemas fechados, no qual é verificada também a constante busca pela superioridade numérica e a figura do pivô como sendo fundamental para o desenvolvimento desse jogo, seja pela presença em bloqueios ou pela ocupação temporária dessa região pelos demais jogadores;
  - e) Diante de sistemas defensivos mistos opta-se, frequentemente, pelo jogo em situações reduzidas, apresentando a preferência pela rápida circulação de bola que culmina nas penetrações sucessivas, além da ênfase dada à importância da participação do pivô. Destacam-se, ainda, as possibilidades: 1) de jogar em um sistema ofensivo em que o jogador que esteja sendo marcado individualmente não participa do jogo (e os demais atuam em 5x5); e 2) de desenvolver meios técnico-táticos como os cruzamentos e bloqueios ofensivos para que esse jogador participe ativamente do jogo;
  - f) Quanto às ações individuais defensivas tornam-se imprescindíveis, para o êxito do sistema defensivo, o desenvolvimento de meios técnico-táticos como a marcação, a flutuação e a dissuasão, além de deslocamentos rápidos objetivando as coberturas e os bloqueios;
  - g) Coletivamente, a defesa deve priorizar a proteção à região central da quadra, e para isso apresentam-se meios técnico-táticos como a basculação, o deslizamento, a dobragem e as trocas de marcação. Há ainda a preocupação com a variabilidade das ações dos defensores para surpreender os atacantes;
  - h) Diante do sistema ofensivo clássico (3:3) há a preocupação quanto à alternância entre os sistemas e à variabilidade de ações, com a premissa de neutralizar permanentemente as investidas ofensivas. Ainda assim, a

- dissuasão, a cobertura e a flutuação apontam para a tentativa de evitar a aproximação dos atacantes em relação ao gol defendido e, ainda, a prioridade com a marcação do pivô e a continuidade do jogo defensivo;
- i) Frente aos sistemas ofensivos diferentes do clássico (como o 4:2, o 2:4 e o 3:3 com dois pivôs) espera-se dos sistemas defensivos, além da possibilidade de serem modificados, que desenvolvam-se de forma a reduzir a velocidade e as produções de espaços provenientes dos deslocamentos dos atacantes, com atenção para a troca de marcação;
  - j) Quanto ao contra-ataque, este apresenta-se como uma “forma” imprescindível de desenvolvimento de jogo, por fatores como a vantagem espacial (de conquistar a quadra adversária antes desses), a vantagem numérica e as características dos jogadores relacionadas às capacidades físicas (em especial a velocidade). Ressalta-se, ainda, que para que essa fase de jogo seja consistente, é necessário que a defesa recupere rapidamente a posse da bola atuando ofensivamente (seja induzindo o atacante adversário ao erro ou recuperando o rebote defensivo). Aponta-se, ainda, para a importância de uma saída sistematizada;
  - k) Dentre as preocupações que cercam a tentativa de dificultar que os adversários tenham a possibilidade de jogar em contra-ataque, estão as ideias de pressionar a saída adversária (após perder a bola) e de organizar o retorno ao sistema defensivo (mesmo que, para tal, haja o retorno antecipado de alguns jogadores);
  - l) Para o desenvolvimento da ferramenta de análise de jogo as informações relevantes referem-se: 1) ao posicionamento dos jogadores (seja no ataque, na defesa ou na transição); 2) à possibilidade de mapear possíveis padrões de movimentos ou combinações dos meios técnico-táticos; 3) à efetividade dos arremessos; 4) às relações espaço-temporais das ações desenvolvidas nesses sistemas; 5) às atitudes do goleiro dependentes das relações espaço-temporais.

A partir da análise dos dados dos técnicos, quando da abordagem de temas como os meios técnico-táticos ofensivos e defensivos, os sistemas e as interações e expectativas desses em relação à postura de seus jogadores, torna-se possível identificar necessidades de aquisição de dados e de formas adequadas de representação das situações do jogo.

No Capítulo V serão apresentados os resultados das análises de dois períodos de um jogo, com informações mapeadas a partir da revisão de literatura e do DSC para as fases de ataque, defesa e transições.



## CAPÍTULO V – RESULTADOS: ANÁLISE DE JOGO

A partir do modelo desenvolvido em software para o arquivamento e análise dos dados será apresentada a análise de duas situações de jogo distintas. Para isso, foram selecionados 2 períodos de um jogo (chamado de jogo 1) da categoria cadete feminina (conforme apresentado no Capítulo III – Metodologia), correspondentes ao primeiro tempo, conforme seguem as características (duração do período e imagens capturadas na sequência) no Quadro 17:

**Quadro 17 - Caracterização dos períodos analisados do jogo 1, com a duração e o número de imagens extraídas**

<b>Período</b>	<b>Duração</b>	<b>Imagens da sequência</b>
<b>1</b>	11 segundos (de 0:08min a 0:19min)	7
<b>2</b>	6 segundos (13:02min a 13:08 min)	6

### 17. ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DO JOGO 1

A análise aqui apresentada visa descrever, sequencialmente, os eventos técnico-táticos ocorridos nesse período do jogo. Corroborando com a afirmação de Lasierra Aguilá (1993) que aponta para uma crítica sobre as análises apenas das técnicas de execução dos fundamentos nas modalidades coletivas. O autor ainda aponta que:

*“É suficientemente evidente que as situações sócio-motoras que determinam a estrutura de duelo dos esportes coletivos são muito*

*diferentes com relação a outras práticas, como as de tipo individual” (ibidem, p. 37)*

Sendo assim, o autor ainda aponta, sumariamente, para algumas considerações que devem ser feitas, quando da análise dos esportes coletivos, tais como:

- O ajuste entre companheiros e adversários;
- As combinações gestuais;
- A capacidade de adaptação dos jogadores.

### 17.1. Período 1

Identificamos prontamente, a partir das imagens e dos esquemas apresentados (Figura 67A e Figura 67B), que o sistema ofensivo adotado pela equipe A é o 3:3 (clássico), enquanto o sistema defensivo adotado pela equipe B é o 5:1. Nessa primeira imagem da sequência está representado o tempo de 8 segundos, que marca o tempo inicial desse período analisado.



**Figura 67 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 8 segundos**

Nota-se uma progressão da ponta direita desfavorável à continuidade do jogo ofensivo, que resultou em uma fixação não eficaz de sua marcadora direta (fixação par), por ser seguida de um deslocamento para trás, distante de uma área que pudesse oferecer risco iminente à equipe adversária.

Nesse instante, a armadora direita adota uma trajetória em diagonal para o centro da quadra, na direção da defensora avançada. Essa poderia ser uma opção proveitosa caso a armadora central ocupasse a região atrás da defensora avançada, que poderia causar um desequilíbrio da terceira defensora e ter a possibilidade de jogar com a pivô, conforme apresentado na Figura 68).



**Figura 68 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 8 segundos**

Conforme os dados inseridos na Figura 68 (A e B), são feitas as seguintes considerações:

- Em B, a área hachurada azul deveria ser ocupada pela ponta direita na tentativa de desenvolver suas ações (progressão representada em A pela seta azul), permitindo uma continuidade do jogo com penetrações sucessivas;
- Com a ocupação dessa área hachurada azul cria-se um espaço propício para o desenvolvimento das ações da armadora direita (área hachurada amarela em A), para a qual essa jogadora poderia se deslocar (seta vermelha em A) e evitar a marcação por proximidade da defensora avançada (círculo amarelo em B);

- A seta tracejada preta (em A) indica a trajetória da bola, em um passe executado na área hachurada, caso a armadora direita ocupasse esse espaço.

Na Figura 69 está representado o instante seguinte (9 segundos), após o passe da ponta direita para a armadora direita.



**Figura 69 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 9 segundos**

A armadora direita recebe a marcação por proximidade da defensora avançada, que limita seu raio de ação e provoca seu desequilíbrio corporal. Com a progressão dessa armadora na região central da quadra, as demais atacantes deslocaram-se para o mesmo setor ofensivo (esquerdo), causando um “desbalanço” desse sistema.

As demais defensoras fazem uma marcação à distância dessas atacantes (que não possuem a bola), pelo fato destas estarem posicionados distantes do gol adversário. Nota-se uma desestruturação do sistema ofensivo da equipe A. Na Figura 70 estão representadas algumas possibilidades de jogo ofensivo para minimizar esse desbalanceamento.



**Figura 70 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 9 segundos**

Estão representados na Figura 70 os seguintes eventos:

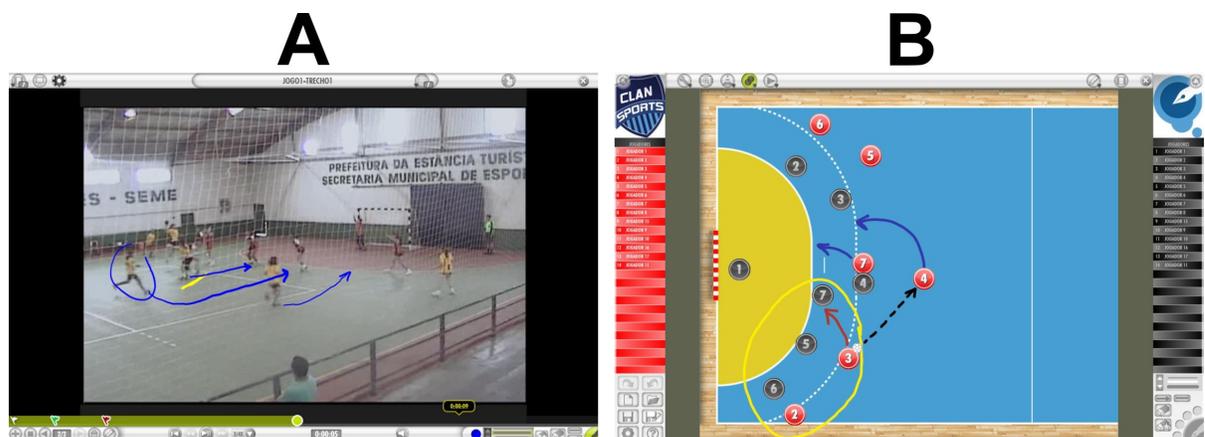
- A barra amarela (em A) apresenta a proximidade entre a armadora direita e a defensora avançada do sistema 5:1, ação que limita a progressão da atacante. Com esse deslocamento, a armadora central (circulada em vermelho em A e B) tem uma redução do seu espaço para desenvolver as ações ofensivas (individuais e possibilidades coletivas);
- Uma alternativa apresentada é o deslocamento da pivô para a região central da quadra (representado pelas setas azuis em A e B), que “levaria” consigo uma marcadora para aquela região. Também há a possibilidade de uma ocupação temporária do posto de pivô pela ponta esquerda.

Na Figura 71 está representado o instante de 13 segundos no qual a bola, após um passe da armadora direita para a armadora central, chega à armadora esquerda.



**Figura 71 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 13 segundos**

O passe da ponta esquerda chega à armadora esquerda e, nesse instante, a pivô realiza um bloqueio ofensivo na marcadora avançada para que a armadora central tenha a possibilidade de fazer uma infiltração. Porém a armadora esquerda opta por arremessar da região dos nove metros, tendo duas defensoras na sua frente e o sistema ofensivo, naquela região da quadra, em inferioridade numérica (2x3). Na Figura 72 estão apresentadas as alternativas para que o jogo ofensivo se desenvolvesse a partir das possibilidades criadas.



**Figura 72 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 13 segundos**

A descrição das alternativas nesse cenário técnico-tático está apresentada a seguir:

- Em B está representado o local do arremesso (seta vermelha), onde é possível notar que há inferioridade numérica ofensiva (2x3 – apresentado no círculo amarelo) provocada pela progressão da armadora esquerda na direção da região central;
- Ao mesmo tempo a pivô desloca-se até a defensora avançada e realiza um bloqueio (traço amarelo em A), que impede que essa defensora retorne para o lado esquerdo de seu setor;
- A possibilidade do passe na armadora central (seta tracejada preta, em B) provocaria uma situação de superioridade numérica no setor ofensivo direito (4x2), com os deslocamentos da pivô e da armadora central (representados pelas setas azuis em A e B) para uma zona mais propícia ao arremesso.

Na Figura 73 está representado o início do jogo de transição das equipes, no instante de 15 segundos, com a recuperação da posse de bola pela equipe B após o arremesso da armadora esquerda da equipe A.



Figura 73 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 15 segundos

Após o arremesso a bola bate na trave, sendo recuperada pela primeira defensora esquerda. Nesse momento é iniciada a primeira onda do contra-ataque pela defensora avançada e, simultaneamente, as demais jogadoras também se deslocam para a quadra ofensiva,

com o intuito de possibilitar o contra-ataque apoiado (segunda onda) ou mesmo a terceira onda. Juntamente com o arremesso há o retorno da equipe que perdeu a bola para o setor defensivo para evitar as ações de contra-ataque.

Na Figura 74 estão apresentadas as relações configuradas no início da transição, e as direções dos deslocamentos das jogadoras.



**Figura 74 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 15 segundos**

A jogadora em posse da bola, após o rebote defensivo, recebe a marcação da adversária mais próxima na tentativa de impedir o passe que inicia o contra-ataque (relação de oposição representada pelo círculo amarelo em ambas as imagens).

É possível notar o rápido retorno de quatro defensoras que já se encontram mais próximas do seu setor defensivo (sendo esses deslocamentos representados pelas setas azuis em ambas as imagens) e a saída de três atacantes para o contra-ataque (representadas pelas setas pretas nas imagens).

Na Figura 75 está representado o instante de 16 segundos, com a continuidade da fase de contra-ataque da equipe B.



Figura 75 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 16 segundos

O passe é efetuado para uma atacante próxima, que se encontra em maior velocidade e sem a presença de uma marcadora direta, na tentativa de chegar rapidamente ao setor ofensivo em superioridade numérica ou aproveitando o desequilíbrio do sistema defensivo. Na Figura 76 está representado, para o instante de 16 segundos, o cenário configurado na saída em contra-ataque.



Figura 76 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 16 segundos

É possível apontar os seguintes aspectos:

- A atacante que se encontra nessa fase do contra-ataque com a posse da bola não recebe uma marcação com proximidade, devido ao retorno antecipado da adversária daquele setor;

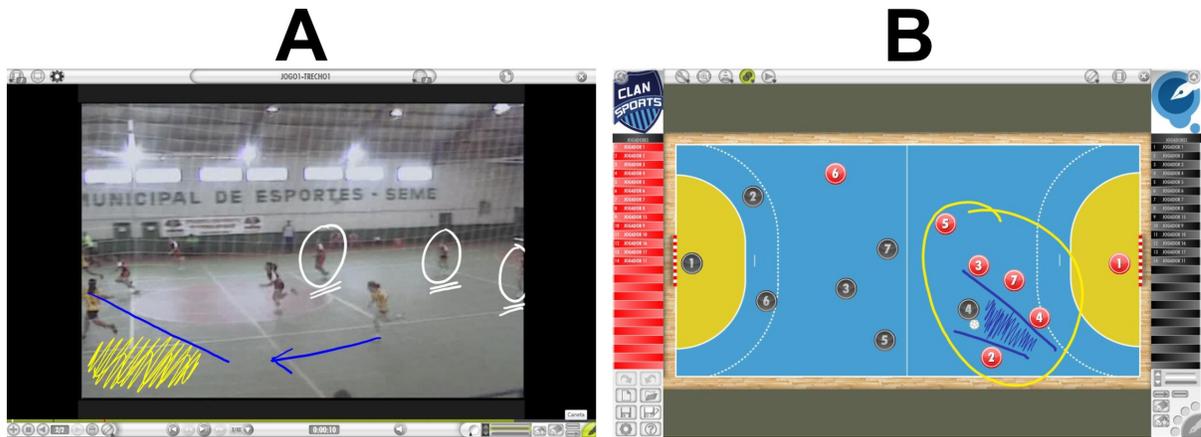
- As quatro atacantes que saem em contra-ataque se deslocam para a mesma região da quadra;
- A área amarela hachurada mostra uma região da quadra, durante a transição, que não é ocupada por qualquer atacante, restringindo a área de desenvolvimento do contra-ataque;
- Essa aglomeração de jogadoras em uma mesma região da quadra possibilita o retorno defensivo em uma diagonal (representada pela linha azul em B), que “afunila” o ataque para um setor defensivo mais vantajoso.

Na Figura 77 está representado o instante de 18 segundos, no qual a equipe B continua a fase de contra-ataque.



**Figura 77 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 18 segundos**

As defensoras, durante o retorno para a quadra defensiva, conseguem alcançar a superioridade numérica logo após a metade da quadra, na qual temos uma relação de 1x3 quando contadas as defensoras mais próximas à bola, chegando a 1x5 quando contadas as defensoras já na sua quadra defensiva. Essa relação está representada na Figura 78, com as devidas marcações.



**Figura 78 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 18 segundos**

A partir da situação apresentada, é possível observar (em A) que três jogadoras da equipe B (circuladas em branco) não participam do contra-ataque, que continua com uma região da quadra sem a ocupação por atacantes (área hachurada amarela, em A) e que passará a ser ocupada pela última defensora no seu retorno (seta azul em A).

A relação de superioridade numérica defensiva também é apresentada na Figura 78B (pelo círculo amarelo), sendo que na região numérica essa relação é de 1x4. É possível perceber o “afunilamento” ofensivo (representado pela área hachurada azul), provocado pela aglomeração das defensoras em uma região da quadra e pela não ocupação racional do setor oposto à bola pelas demais atacantes. Trata-se de uma situação extremamente vantajosa para as defensoras, pois caso haja um arremesso, este ocorrerá de uma zona mais propícia à defesa da goleira.

Na Figura 79 está representado o instante de 19 segundos, que corresponde ao final do contra-ataque.

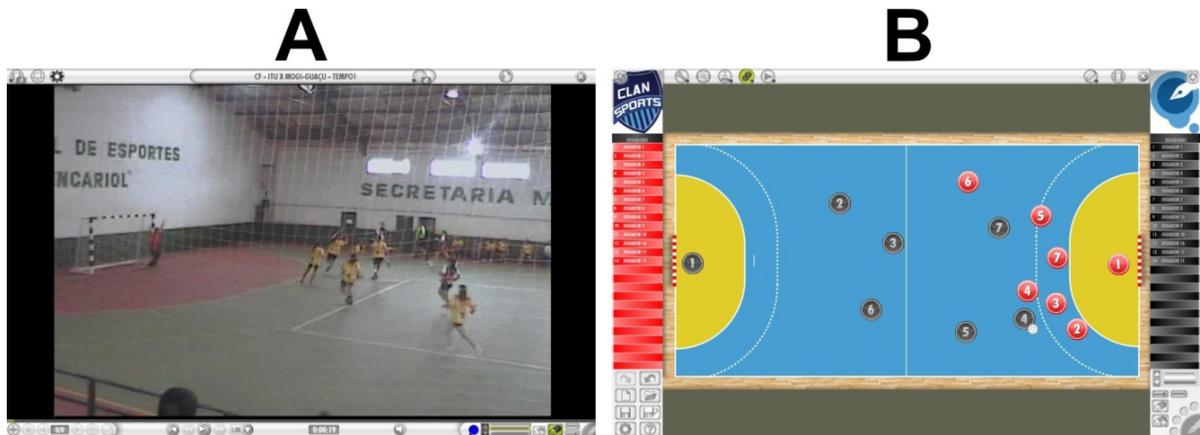


Figura 79 - Período 1 do jogo 1: imagem aos 19 segundos

Com os deslocamentos apresentados pelas defensoras, a atacante em posse da bola foi “direcionada” para a região da lateral da quadra. Ao se adentrar na linha dos 9 metros, correndo para uma região desfavorável (principalmente em uma situação de contra-ataque) e próxima à ponta, a atacante arremessa a bola ao gol, que é defendida pela goleira.

Na Figura 80 está representada a relação numérica entre atacantes e defensoras no instante da finalização.



Figura 80 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 19 segundos

É possível notar a superioridade numérica conseguida pelas defensoras no instante do arremesso. As cinco setas azuis apontam para o posicionamento das defensoras; a seta vermelha aponta para a atacante que possui a bola e que arremessa ao gol; e as duas setas brancas apontam para as atacantes que chegam ao setor ofensivo apenas no instante em que a bola é arremessada ao gol, dificultando a continuidade do contra-ataque em 2ª onda e, conseqüentemente, da 3ª onda.

Este período traz uma seqüência interessante de jogo, com sucessões de fases (ofensiva, defensiva e transições) e o desenvolvimento de alguns meios técnico-táticos nessas fases. Verifica-se, portanto, nesta seqüência de imagens com 11 segundos de duração (período 1 do jogo 1) o desenvolvimento de diversos indicadores técnico-táticos, conforme apontados no Quadro 18.

**Quadro 18 - Variáveis técnico-táticas identificadas no período 1 do jogo 1**

<b>Equipe A</b>		<b>Equipe B</b>	
<b>Fase ofensiva</b>	<b>Transição ataque-defesa</b>	<b>Fase defensiva</b>	<b>Transição defesa-ataque</b>
Sistema ofensivo 3:3	Rápido retorno defensivo	Sistema defensivo 5:1	Rebote defensivo
Fixação par	Superioridade numérica na quadra defensiva	Flutuação	Saída da 1ª onda
Fixação ímpar	Basculação	Marcação por proximidade	Saída da 2ª onda
Finta (tentativa)		Marcação à distância	Inferioridade numérica na finalização
Fixação par-ímpar		Dissuasão	
Arremesso de longa distância (na trave)		Bloqueio defensivo (tentativa)	
Bloqueio ofensivo (não aproveitado)			

A Figura 81 apresenta um diagrama da seqüência de eventos ocorridos no período 1 do jogo. No retângulo cinza claro estão representados os eventos da fase ofensiva da equipe A e defensiva da equipe B, enquanto que no retângulo amarelo estão representados os

eventos referentes à fase de transição, sendo a fase de retorno defensivo da equipe A e a fase de contra-ataque da equipe B.

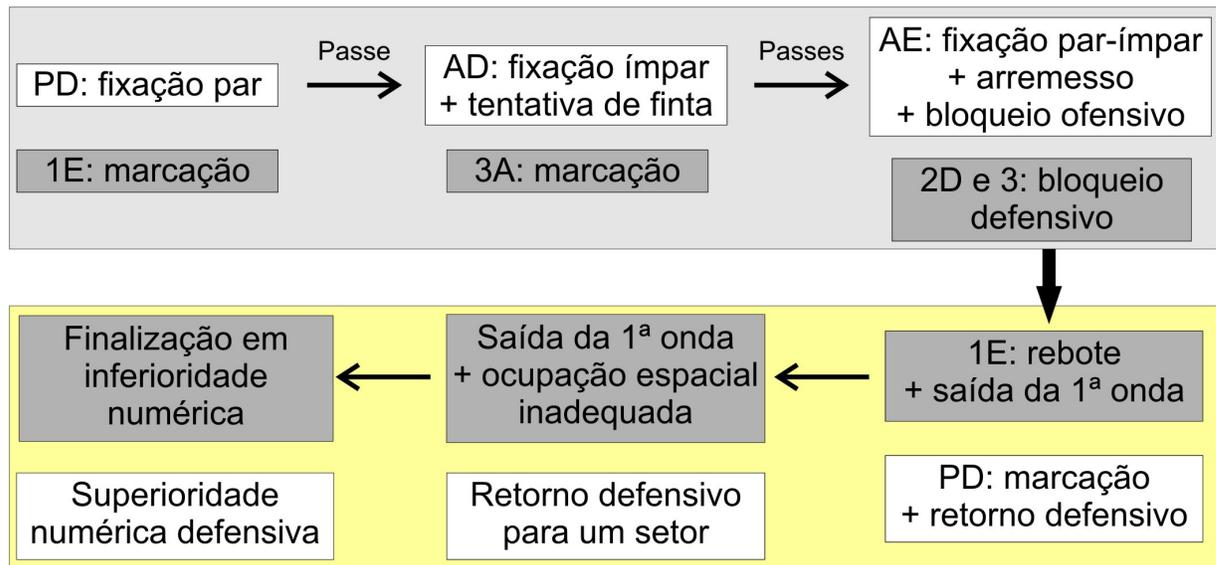


Figura 81 - Eventos das equipes A (retângulos brancos) e B (retângulos cinzas escuro) durante o período 1. As siglas correspondem a: PD – ponta direita; 1E – primeira defensora esquerda; AD – armadora direita; 3A – terceira defensora avançada; AE – armadora esquerda; 2D – segunda defensora direita; 3: terceira defensora

## 17.2. Período 2

O início do período 2 do jogo 1 é marcado por uma cobrança de falta da equipe A no setor ofensivo direito. Na Figura 82 está representado o posicionamento das jogadoras no instante inicial da análise (correspondente aos 13:02 minutos de jogo).

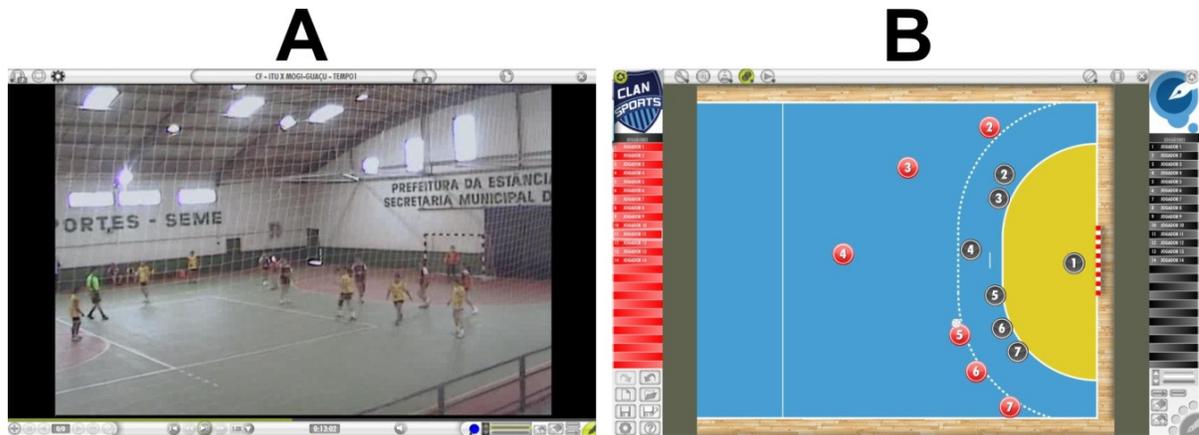


Figura 82 - Período 2 do jogo 1: imagem aos 13:02 minutos

É possível notar que as relações entre os pares está muito bem definida, com três atacantes no setor da bola sendo marcadas por três defensoras, e do setor central ao esquerdo, nos quais há três atacantes, também há três defensoras.

Na Figura 83 está representado o instante da cobrança da falta, com a bola sendo passada da pivô para a armadora central da equipe A (com o tempo de jogo em 13:03 minutos).



Figura 83 - Período 2 do jogo 1: imagem aos 13:03 minutos

A partida da Figura 83 (A e B) é possível observar que o sistema defensivo é modificado do 6:0 no instante da falta para o 5:1, com a terceira defensora avançando na região central da quadra, mantendo o sistema utilizado no começo da partida (período 1). Nota-se,

simultaneamente, o reposicionamento das jogadoras do setor ofensivo direito (armadora e ponta) para possibilitar uma possível sequência do jogo ofensivo, bem como a busca por maior proximidade da área pela pivô (equipe A), sendo esta marcada com proximidade pela terceira defensora. Na Figura 84 estão representadas algumas anotações pertinentes a esse instante.



**Figura 84 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 13:03 minutos**

É possível notar a relação de igualdade numérica, tanto no setor da cobrança da falta como no setor oposto. Nota-se, ainda, que a pivô recebe um acompanhamento da terceira defensora.

Na Figura 85 está representado o instante em que a bola chega até a ponta esquerda, após um passe da armadora central para a armadora esquerda, cujo tempo de jogo é de 13:05 minutos.



Figura 85 - Período 2 do jogo 1: imagem aos 13:05 minutos

Nesse instante é possível observar que, ao receber a bola, a ponta esquerda não busca uma fixação do seu marcador, tampouco a aproximação do gol adversário (manutenção da sua progressão na linha dos 9 metros), o que facilita às defensoras o deslizamento e as possibilidades de cobertura. Nota-se, ainda, a marcação de duas defensoras da equipe B sobre a pivô da equipe A.

Na Figura 86 está representada a análise desse instante do jogo.

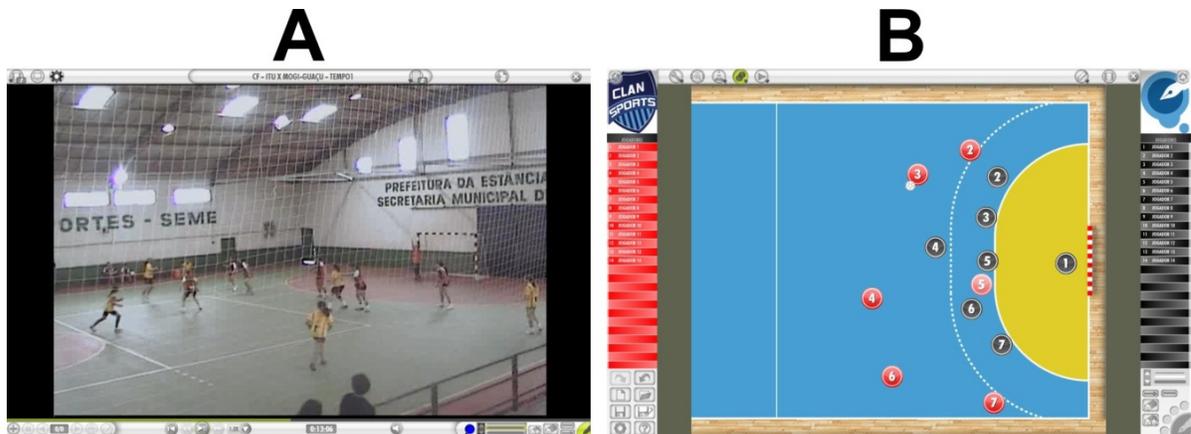


Figura 86 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 13:05 minutos

Percebe-se uma região (amarela hachurada) na qual a armadora esquerda poderá desenvolver suas ações. Ao mesmo tempo a defensora avançada está de costas para a armadora central da equipe A, que proporciona a essa jogadora a possibilidade de infiltração

nesse espaço (seta azul em A e B). Nota-se, ainda, que no setor no qual a bola se encontra a defesa tem superioridade numérica (2x3).

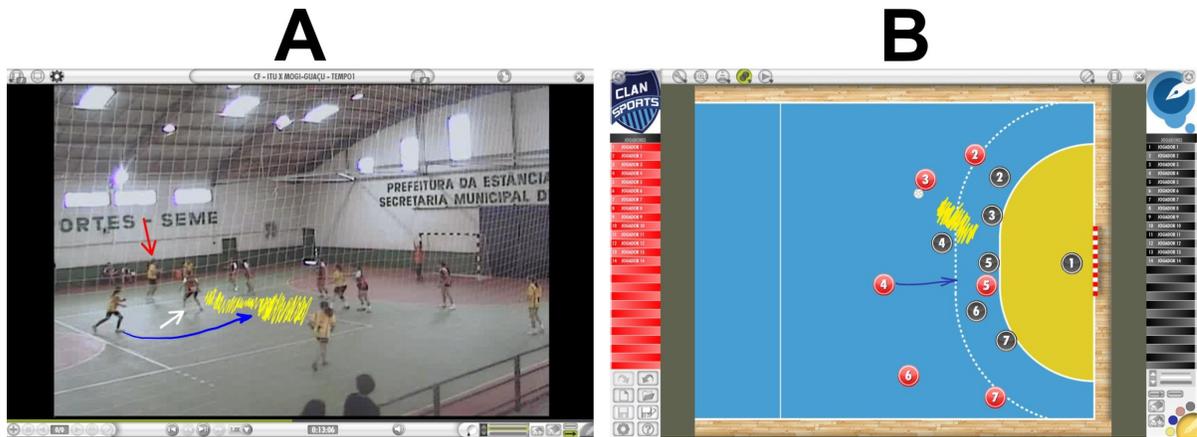
Após a progressão da ponta esquerda, a bola é passada por esta para a armadora esquerda, conforme representado na Figura 87 (tempo de jogo de 13:06 minutos).



**Figura 87 - Período 2 do jogo 1: imagem aos 13:06 minutos**

Ao receber a bola a armadora esquerda adota uma postura extremamente ofensiva, progredindo rapidamente na direção do gol (em uma diagonal, buscando a região central da quadra), com o intuito de arremessar, uma vez que é possível notar que sua marcadora direta (segunda defensora direita) faz uma marcação a distância.

Nesse momento, a armadora esquerda salta para realizar o arremesso e, diante da possibilidade (e do movimento) de bloqueio defensivo de duas defensoras (segunda direita e terceira) passa a bola para a pivô. Na Figura 88 está representado o esquema com as possibilidades para esse instante de jogo.



**Figura 88 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 13:06 minutos**

Nota-se a ocupação, pela armadora esquerda, do espaço produzido pelas ações ofensivas coletivas (área hachurada amarela, em A e em B). Da mesma forma, há a possibilidade de infiltração da armadora central na região indicada pela seta azul. Outro fator relevante é o fato de que a segunda defensora direita marca a armadora esquerda à distância, permitindo a aproximação desta neste espaço.

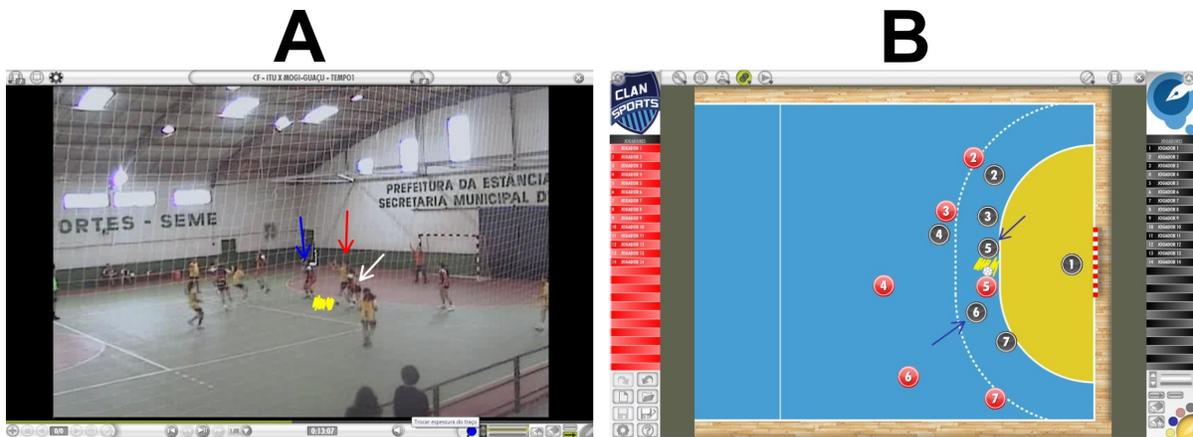
Na Figura 89 está representado o posicionamento das jogadoras no instante em que a pivô da equipe A recebe a bola, na região central da quadra, cujo tempo de jogo é de 13:07 minutos.



**Figura 89 - Período 2 do jogo 1: imagem aos 13:07 minutos**

Neste instante é possível perceber que a segunda defensora esquerda não possui tempo hábil para impedir que a bola chegue à pivô e, muito menos, que essa faça o giro para arremessar ao gol.

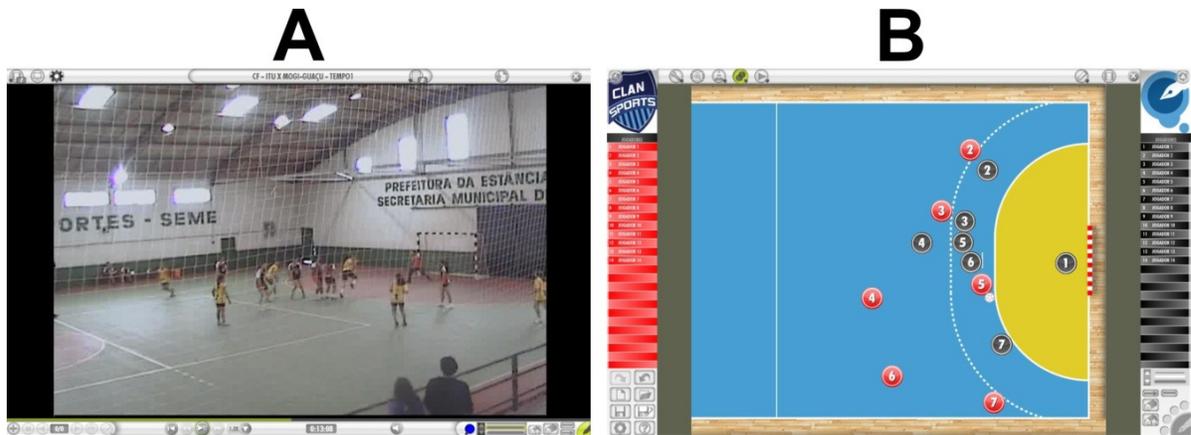
Cria-se, assim, uma situação vantajosa para o ataque pela atração de quatro defensoras para o setor ofensivo esquerdo (gerando uma relação de 2x4), enquanto no setor ofensivo direito, caso a bola fosse passada para a armadora central, a equipe A possuiria uma situação de superioridade numérica (4x2). Na Figura 90 está representado um esquema desse instante.



**Figura 90 - Marcações pertinentes ao cenário técnico-tático configurado aos 13:07 minutos**

Percebe-se que a pivô, além de receber a bola na linha de 6 metros (indicada pela seta vermelha em A), entre duas defensoras, apontadas em B pelas setas azuis (e em A pelas setas azul e branca) possui espaço suficiente (área hachurada amarela em A e em B) que a permita arremessar ao gol em condições de equilíbrio corporal.

Na Figura 91 está representado o tempo de jogo de 13:08 minutos, instante no qual a pivô arremessa a bola para o gol, livre de marcação.



**Figura 91 - Período 2 do jogo 1: imagem aos 13:08 minutos**

É possível notar o sequencial desbalanço defensivo iniciado em seu setor direito, com a rápida progressão da armadora esquerda, que culmina em uma situação muito vantajosa para o ataque na região central da quadra.

Esse período traz um rápido processo ofensivo da equipe A, iniciado a partir da cobrança de uma falta. Verifica-se nessa sequência de imagens, com duração de 7 segundos, o desenvolvimento de poucos indicadores técnico-táticos, apontados no Quadro 19, devido às falhas defensivas cometidas.

**Quadro 19 - Variáveis técnico-táticas identificadas no período 2 do jogo 1**

<b>Fase ofensiva (equipe A)</b>	<b>Fase defensiva (equipe B)</b>
Sistema ofensivo 3:3	Sistema defensivo 5:1
Fixação par	Flutuação
Fixação par-ímpar	Marcação em proximidade
Passe em suspensão	Marcação à distância
Inferioridade numérica no setor da bola	Basculação
Superioridade numérica no setor oposto ao da bola	

Na Figura 92 está representado o diagrama com a sequência de eventos ocorridos no período 2, referente à fase ofensiva da equipe A (cujas ações estão apresentadas nos retângulos brancos) e à fase defensiva da equipe B (cujas ações estão apresentadas nos retângulos cinzas).



**Figura 92 - Eventos das equipes A (retângulos brancos) e B (retângulos cinzas escuro) durante o período 2. As siglas correspondem a: PV – pivô; PE – ponta esquerda; 1D – primeira defensora direita; AE – armadora esquerda; 2D – segunda defensora direita; 3 – terceira defensora**

### 17.3. Aplicabilidade atual das interfaces

Atualmente a ferramenta de análise de jogo está sendo aplicada durante as aulas/treinamentos de equipes das categorias de base e da equipe adulta em um município do Estado de São Paulo. A aplicação desses recursos computacionais com as categorias menores (ou de formação) baseia-se na possibilidade de fornecimento de informações provenientes de um meio (digital) ao qual os alunos estão ambientados. Na categoria adulta essa ferramenta é utilizada durante os treinamentos (para o aprimoramento tático individual e coletivo) e durante os jogos (para a identificação de regiões vulneráveis defensivas e ofensivas).

A aplicação desses recursos nas categorias de base dos JCE's ainda é uma novidade uma vez que, parte dos estudos que relacionam os recursos tecnológicos com os esportes, o faz com equipes ou atletas de alto nível de rendimento. Para Menezes et al. (2010) a perspectiva de aplicar tais recursos às categorias de base não deve se restringir apenas à quantificar os acertos ou erros na execução dos fundamentos pelos jogadores (corroborando com o trabalho de LASSIERA AGUILÁ, 1993), mas auxiliar na compreensão das situações-problemas inerentes ao jogo, ou ainda, como uma nova perspectiva na visualização das situações do jogo.

Baseando-se na Teoria das Inteligências Múltiplas e suas relações com os JCE's, Balbino & Paes (2005) apontam que, no processo de ensino-aprendizagem desses, devem ser criados ambientes estimuladores para que os jogadores desenvolvam suas competências e habilidades e, dessa forma

*“permitir, ao técnico ou professor, a identificação de vários acessos para o relacionamento pedagógico com o indivíduo, e a conseqüente exploração desses acessos. [...] e] desenvolver estratégias de soluções de problemas que permitam ao indivíduo vencer os desafios presentes nos Jogos Desportivos Coletivos, das mais variadas dimensões e necessidades” (ibidem, p.138)*

São utilizadas, na apresentação das situações de jogo para os jogadores das categorias de base, primordialmente duas interfaces:

- a de esquemas estáticos: que permite uma apresentação rápida de táticas individuais e grupais, seja a partir da inserção de traços (para representar a movimentação dos jogadores e da bola) ou pela movimentação dos botões referentes aos jogadores (semelhante à prancheta magnética);
- a de animação: que permite apresentar aos jogadores (individualmente ou coletivamente) situações previamente programadas, como algumas variações nos sistemas ofensivos ou defensivos, ou a execução dos meios técnico-táticos (ofensivos e defensivos).

A importância da observação de jogos, seja pelos membros da comissão técnica ou pelos jogadores, apresenta dois sentidos (GARCIA, 1989 *apud* MOUTINHO, 2006, p.8):

*“um é a ação do observador, a sua experiência, o procedimento ao verificar detalhadamente, ou seja em sentido amplo, o processo de submeter condutas de alguma coisa a condições manipuladas de acordo com certos princípios para levar a cabo a observação; mas a observação é também o conjunto de coisas observadas, o conjunto de dados e o conjunto de fenômenos”.*

Assim sendo, tal aplicabilidade busca atender um entendimento básico de um sistema (como o defensivo), contemplando a capacidade de organização coletiva para o

desenvolvimento das ações defensivas (MENEZES, 2010) e da dinâmica de deslocamentos e posicionamentos de cada jogador. Dessa forma, submeter as situações impostas pelo jogo, bem como apresentar o cenário técnico-tático configurado, à observação dos jogadores tem como preceito a busca de maior compreensão do jogo e das possibilidades desses nas suas tomadas de decisão.

Na Figura 93 e na Figura 94 estão representadas duas imagens com a utilização do sistema durante uma partida amistosa como fonte de informação tática para os jogadores. Na Figura 93 é apresentada uma abordagem da aplicação coletiva durante uma parada técnica, enquanto na Figura 94 é apresentada uma abordagem da aplicação individualizada no decorrer do jogo.



**Figura 93 - Aplicabilidade das interfaces durante uma parada técnica (pedido de tempo técnico) para instruções de ordem coletiva**



**Figura 94 - Aplicabilidade das interfaces durante a partida para instruções de ordem individual**

A aplicação dessas interfaces, conforme apresentado anteriormente, permite aos jogadores iniciantes na modalidade visualizar o cenário técnico-tático configurado durante as suas tomadas de decisão. Quando pensamos na sua aplicabilidade com categorias consideradas mais experientes, nos remetemos diretamente à quantificação de variáveis que possam ser relevantes para maior rendimento individual e coletivo.

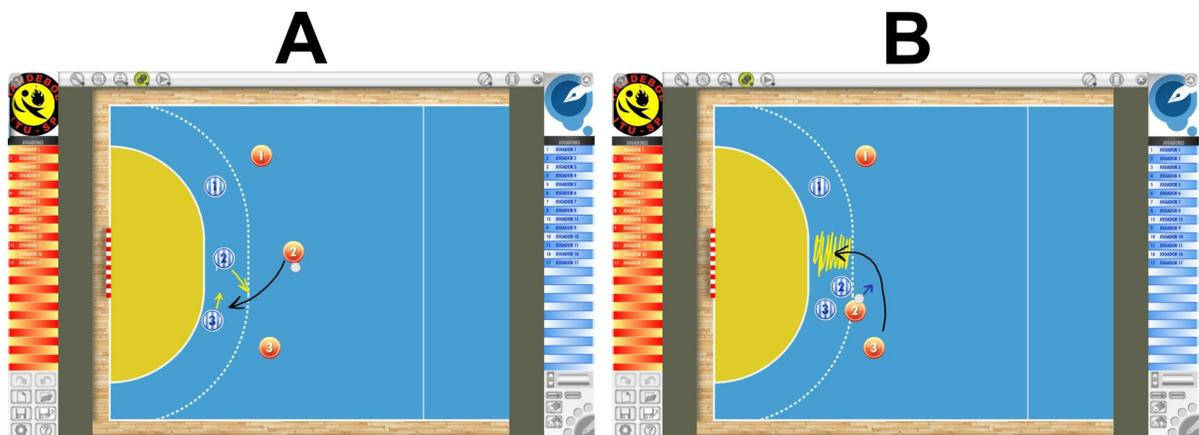
A identificação de zonas mais vulneráveis do setor defensivo adversário, por exemplo, pode fornecer parâmetros para que o jogo ofensivo sobrecarregue outra região defensiva (mais forte) e deixe a região de interesse ainda mais vulnerável às ações individuais e coletivas ofensivas. Outra aplicabilidade pode ser dada a partir da observação de equipes adversárias durante outras partidas da competição, que permitirá um mapeamento dos principais meios técnico-táticos individuais e coletivos (ofensivos e defensivos) e as regiões nos quais esses foram desenvolvidos, e um posterior treinamento baseado num possível padrão de jogo adversário.

### 17.3.1. *Treinamento: ensino do cruzamento e do contrabloqueio*

Nesta seção serão apresentados os recursos utilizados para o ensino dos meios técnico-táticos coletivos, ofensivos e defensivos, dentre os quais serão exemplificados o cruzamento e o contrabloqueio.

#### 17.3.1.1. *O ensino do cruzamento*

Na Figura 95 estão representadas duas imagens utilizadas para o ensino do cruzamento para a categoria cadete feminina.



**Figura 95 - Esquemas utilizados para o ensino do cruzamento (categoria cadete feminina)**

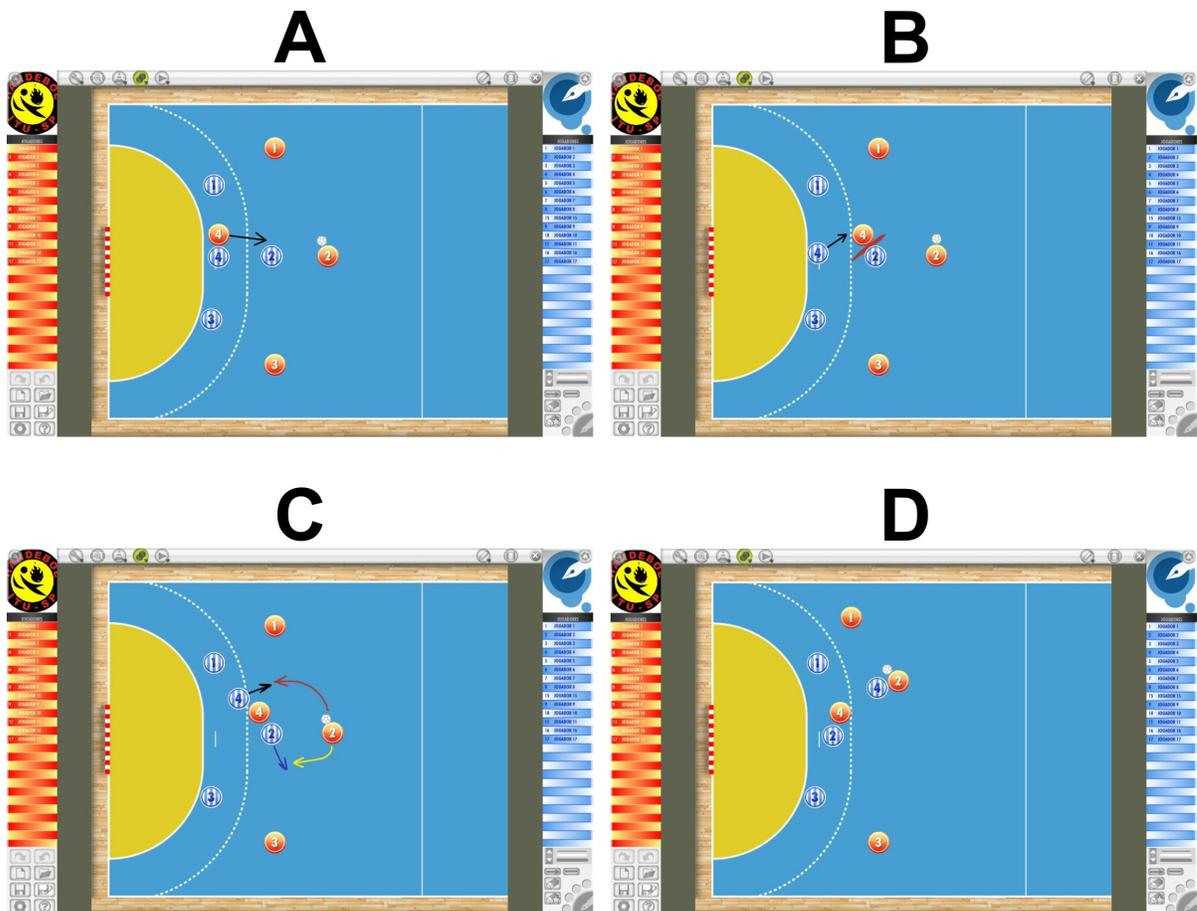
Em A é possível observar a ocupação, pela armadora central, da região de ataque da armadora esquerda, sendo a trajetória preta referente ao deslocamento da armadora central e as setas amarelas referentes aos deslocamentos das defensoras. É importante perceber que, ao tentar uma fixação par-ímpar ou ímpar, tanto a marcadora direta como a indireta

deslocam-se para tentar minimizar uma possível produção de espaços pela atacante em posse da bola.

Dessa forma, uma região da quadra torna-se livre (hachurada amarela, em B) para a infiltração da jogadora que receberá a bola no cruzamento (trajetória da bola indicada pela seta azul). Esse passe deve ser próximo ao corpo para reduzir as possibilidades de interceptação da bola pelos defensores. A apresentação dessa situação reduzida, representada em um grande espaço da quadra, possibilita aos jogadores perceberem os espaços produzidos, mesmo após o cruzamento.

#### **17.3.1.2. O ensino do contrabloqueio**

Para o ensino do contrabloqueio foi utilizada uma sequência com quatro imagens, que representam a dinâmica defensiva em detrimento da dinâmica ofensiva, conforme representadas na Figura 96 (A, B, C e D).



**Figura 96 - Esquemas utilizados para o ensino do contrabloqueio (categoria cadete feminina)**

Na Figura 96, observa-se o deslocamento da pivô até a segunda linha defensiva, com o objetivo de bloquear a defensora que se encontra avançada para que a armadora central possa ter mais liberdade no desenvolvimento do jogo ofensivo.

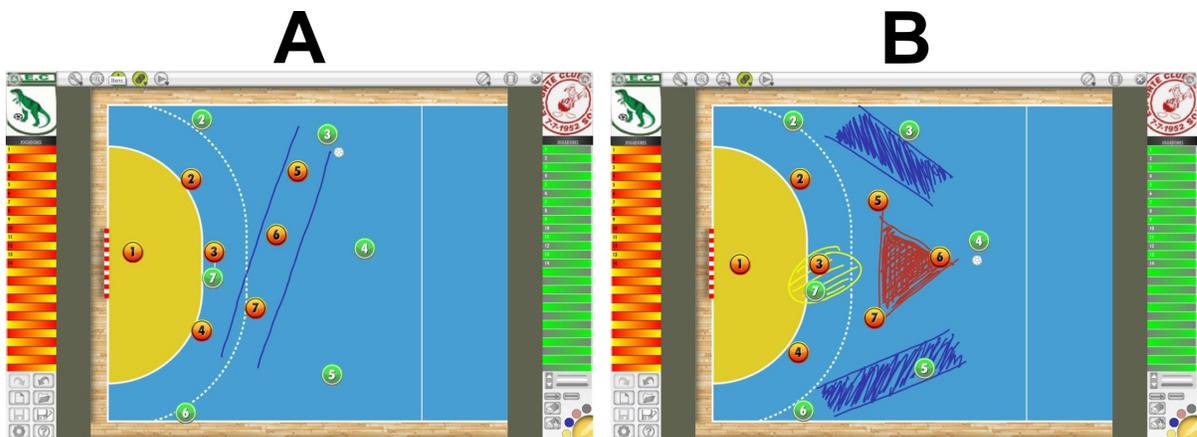
Na continuidade da sequência (em B) está representado o bloqueio da pivô (traço vermelho) e, simultaneamente, o deslocamento da terceira defensora (da primeira linha defensiva) na direção da pivô.

Em C está representado o instante em que a defensora que deslocou-se para a segunda linha consegue efetuar o contrabloqueio. Sendo assim, a armadora central possui duas opções: tentar a infiltração pela direita (seta vermelha) ou pela esquerda (seta amarela). Sugere-se que a marcação seja feita pela defensora mais próxima ao deslocamento da armadora: caso esta tente a infiltração pela direita, a defensora responsável pela sua marcação (em proximidade) é

aquela cujo deslocamento está representado pela seta preta (troca de marcação seguida por flutuação); caso tente a infiltração pela esquerda, a marcadora correspondente desloca-se conforme a seta azul.

### 17.3.2. *Treinamento: ensino do sistema defensivo 3:3 para a categoria cadete*

Para o ensino do sistema defensivo 3:3 e, principalmente, da sua dinâmica de funcionamento, dependente da posição da bola, foi apresentada para as jogadoras da categoria cadete uma sequência de esquemas conforme será descrito abaixo. A primeira imagem (Figura 97, A e B) corresponde ao posicionamento das defensoras de acordo com a posse da bola.

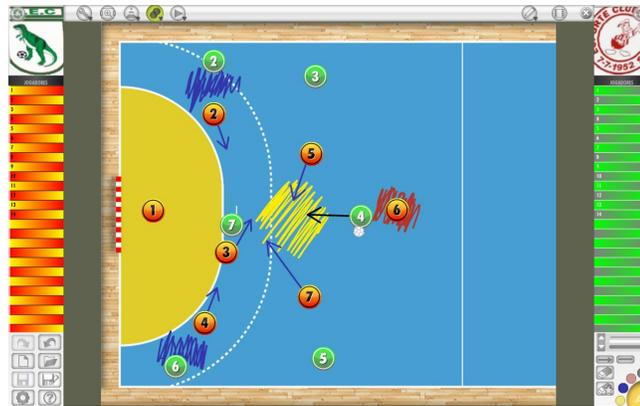


**Figura 97 - Imagens apresentadas para as jogadoras da categoria cadete durante o ensino do sistema defensivo 3:3. Em A: posicionamento das defensoras com a posse da bola da armadora direita; em B: das defensoras com a posse da bola da armadora central**

É importante observar, em A, que foi solicitado às jogadoras um posicionamento em diagonal (indicado pelas duas linhas azuis) quando a bola estivesse em posse da armadora direita (ou da esquerda), de modo a facilitar as coberturas caso alguma defensora fosse fintada ou caso alguma atacante tentasse ocupar temporariamente o posto de pivô.

Em B está representado o posicionamento das defensoras quando a armadora central possui a bola. Nota-se que o sistema defensivo 3:3, neste instante, passa a ser, transitoriamente, um sistema defensivo 3:2:1, devido à flutuação da terceira defensora (que tem como objetivo aumentar a distância da armadora central em relação ao gol. A área hachurada vermelha corresponde à região que deve ter prioridade em ser protegida (“proibida” para as atacantes); as duas áreas hachuradas azuis correspondem às regiões permitidas para o desenvolvimento do jogo ofensivo (por encontrarem-se próximas às laterais); e a região hachurada amarela corresponde à marcação de proximidade entre a terceira defensora e a pivô.

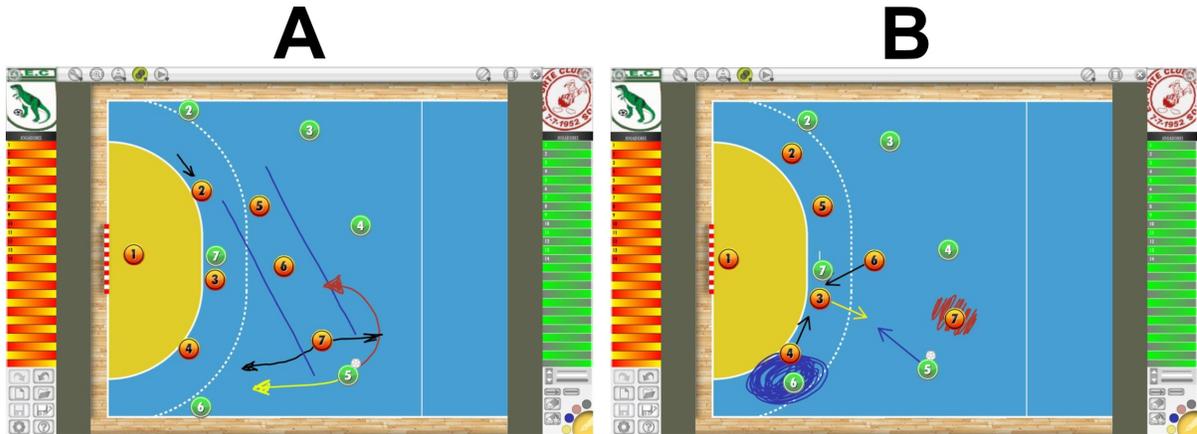
Na Figura 98 estão apresentados os posicionamentos das jogadoras em uma situação de finta da armadora central.



**Figura 98 - Posicionamentos e sistema de cobertura no sistema defensivo 3:3 para a situação de finta da armadora central**

A área hachurada amarela, na Figura 98, corresponde à região que deve ser coberta pelas segundas defensoras (esquerda e direita). Simultaneamente, a terceira defensora, responsável pela marcação da pivô, toma a sua frente para evitar que a bola seja passada a essa, enquanto as primeiras defensoras (direita e esquerda) aproximam-se ligeiramente do centro da quadra. Os deslocamentos defensivos estão representados pelas setas azuis. Com a prioridade apresentada de proteger a região central da quadra, duas regiões ficarão desprotegidas (áreas hachuradas azuis), correspondentes às pontas direita e esquerda.

Outra situação apresentada, ainda para o sistema defensivo 3:3, é a finta realizada pela armadora esquerda (ou direita), como indicado na Figura 99.



**Figura 99 - Posicionamentos e atitudes defensivas da segunda marcadora direita (em A) e sistema de cobertura no sistema defensivo 3:3 para a situação de finta da armadora esquerda (em B)**

Ao receber a bola a armadora esquerda terá duas possibilidades de progredir com a bola para o gol: uma buscando a região central da quadra (seta vermelha em A) e outra buscando a região lateral (seta amarela em A).

A segunda defensora direita, diante da tentativa da armadora esquerda de deslocar-se para a região central, deverá marcar por proximidade; enquanto que se a armadora esquerda buscar a região da lateral da quadra, a defensora deverá marcar à distância. Nota-se, também, a preocupação com a cobertura (indicada pelas linhas azuis em A) das demais defensoras da segunda linha e com a aproximação da primeira defensora do lado oposto, neste caso o direito.

Em B está representada a situação na qual a armadora esquerda consegue fintar a sua marcadora direita (hachurada vermelha). Solicita-se às defensoras mais próximas à essa região que façam a cobertura necessária para que não haja arremesso de longa distância e para que a pivô seja impossibilitada de receber a bola. Sendo assim, a região permitida para o desenvolvimento do jogo ofensivo é a área hachurada azul, correspondente à ponta.

### 17.3.3. *Pré-jogo: apresentação das táticas defensiva e ofensiva para a equipe adulta*

Nos instantes que antecedem aos jogos são apresentados para as jogadoras os sistemas (defensivo e ofensivo) a serem adotados durante a partida e as possibilidades de variações desses. Na Figura 100 (A e B) estão apresentados os posicionamentos de cada jogadora em dois sistemas defensivos.



**Figura 100 - Em A: posicionamentos das jogadoras no sistema defensivo 6:0, adotado para o início do jogo. Em B: posicionamento das jogadoras para variação defensiva (sistema 3:3)**

Dentro dessa interface são apresentadas possíveis variações de acordo com o perfil das atacantes adversárias e com os sistemas ofensivos adotados pela equipe adversária. Na Figura 100A está representado o sistema defensivo 6:0, adotado como padrão para o início daquela partida, com as devidas jogadoras nomeadas em suas posições. Na Figura 100B está representado o sistema defensivo 3:3 como opção a ser adotada no decorrer da partida, também com as respectivas nomeações e posicionamentos.

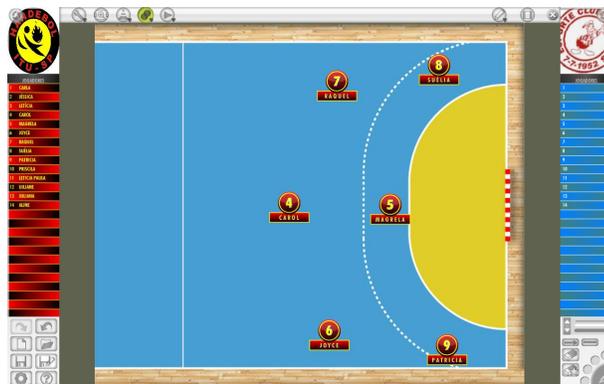
Na Figura 101A e B estão representadas as trajetórias da transição defesa-ataque das jogadoras para ambos os sistemas.



**Figura 101 - Em A: deslocamentos das jogadoras na transição defesa-ataque quando no sistema defensivo 6:0 (em amarelo: pivô). Em B: deslocamentos das jogadoras na transição defesa-ataque quando no sistema defensivo 3:3 (em amarelo: jogadoras que se deslocarão para a segunda linha ofensiva)**

Esse tipo de representação se torna importante por mapear possíveis dificuldades a serem apresentadas na fase de contra-ataque, como uma jogadora que cruzará a quadra, por exemplo, do setor esquerdo ao direito. Na Figura 101A está representada em amarelo a direção do deslocamento da pivô, enquanto na Figura 101B as setas amarelas representam os deslocamentos das defensoras para a segunda linha ofensiva.

Na Figura 102 está representado o sistema ofensivo (3:3 clássico) a ser adotado, com o posicionamento das respectivas jogadoras.



**Figura 102 - Posicionamentos das jogadoras no sistema ofensivo 3:3**



## CONCLUSÕES

A dificuldade em analisar o jogo de handebol reside em sua complexidade, associada à dinamicidade que está expressa em cada um de seus detalhes, que é percebida pelo jogador e, diante de seu conhecimento prévio da modalidade e das experiências adquiridas durante seu treinamento, interpreta o cenário (técnico-tático) e toma a sua decisão (que é regida pelos sistemas e pelo regulamento do jogo). Para os técnicos, então, surge a necessidade de fornecimento de dados que sejam palpáveis e acessíveis, que favoreçam à interpretação do jogo e de suas situações de forma rápida, simples e interativa, contemplada por esta pesquisa.

Entende-se, a partir da pesquisa realizada, que a necessidade de compreender um JCE como o handebol, em seus aspectos estratégicos e técnico-táticos, leva à investigação minuciosa de fatores de diferentes âmbitos, viabilizada nesta pesquisa de três formas:

- a partir da vasta riqueza de material bibliográfico, voltado especificamente para o handebol, seja esse produzido por técnicos ou pesquisadores;
- a partir das entrevistas com técnicos de sucesso que permitiu, dentre outras especificidades, identificar algumas variáveis relevantes para a compreensão do jogo como um todo, e não apenas a partir das ações ou movimentos isolados dos jogadores;
- a partir da experiência do pesquisador enquanto técnico das categorias de formação e da categoria adulta, possibilitando uma proximidade entre os testes do método de análise de jogo e sua aplicabilidade em situações competitivas e de treinamento.

A partir da revisão bibliográfica apresentada, foram identificadas muitas convergências quanto à nomenclatura adotada para a classificação dos meios técnico-táticos e, notadamente, apenas uma divergência nesse aspecto (neste caso, a flutuação).

A partir dos resultados obtidos nas entrevistas com os técnicos de renome no cenário nacional e internacional, objetivou-se a identificação dos fatores, a partir dos dados qualitativos, que permitisse uma melhor compreensão do jogo em sua dinamicidade, atentando ao

fato da interação entre as variáveis ofensivas e defensivas, por exemplo. Trata-se, portanto, de dados obtidos a partir de fontes de alta confiabilidade, e que fazem emergir questões que, por muitas vezes, podem ficar ocultas nas análises puramente quantitativas, “mascarando” as razões de possíveis falhas e acertos, dependentes do cenário técnico-tático momentâneo.

Foram percebidas algumas diferenças entre o DSC e os meios técnico-táticos apresentados pela literatura, nas quais muitas das variáveis foram reportados pelo DSC (da mesma forma que aparecem na literatura); outras variáveis foram reportadas de forma inconsistente com a literatura (como a determinação de um meio técnico-tático coletivo como individual e vice-versa); enquanto outras sequer foram mencionadas. O fato de os sujeitos entrevistados não relacionarem algumas das variáveis pode estar relacionada com o esquecimento dessas durante a entrevista ou ao desconhecimento dessas enquanto meios técnico-táticos.

O avanço dos recursos tecnológicos aparece como um fator relevante e preponderante para o surgimento de métodos que visam a quantificação de um grande volume de informações técnico-táticas. O desenvolvimento de uma ferramenta de análise de jogo, que permite a obtenção e apresentação de variáveis em tempo real, seja em situações de iniciação à modalidade ou mesmo em equipes de treinamento, constitui em possibilitar o acesso a uma maior variedade de dados a serem arquivados e, posteriormente, processados e analisados.

A quantificação e armazenamento dessas informações ocorrem devido ao número de jogadores (que desempenham suas funções e executam as suas ações simultaneamente e em diferentes regiões da quadra) e das infinitas possibilidades de interação entre esses (companheiros e adversários). Nota-se, por vezes, a preocupação na obtenção de informações sobre possíveis erros defensivos, porém nem sempre são associadas ao padrão do jogo ofensivo do adversário. A importância da leitura das informações da própria equipe torna-se justificável pela “conversão” de possíveis falhas que ocorram em situações de jogo para situações mais sistemáticas durante os treinamentos, ou mesmo na possibilidade de cruzamento dos dados defensivos do adversário com os dados ofensivos da própria equipe.

A partir de determinadas convicções do jogo, que tanto técnicos como jogadores possuem, a análise do jogo torna possível a exploração das variáveis envolvidas no jogo, no tocante do cenário técnico-tático, na qual as hipóteses levantadas pelo técnico e pelos jogadores são testadas. A partir da exploração e análise dos resultados desses testes, são permitidas novas hipóteses, que retroalimentam as convicções que técnicos e jogadores possuem

do jogo. Esse panorama de revisita às convicções de jogo pode ser apontado de forma relevante durante o processo de EAT, no qual há a tentativa de construir a dinâmica dos sistemas ofensivos e defensivos, ou mesmo no handebol de alto nível, aludindo ao aperfeiçoamento das táticas (ofensivas, defensivas ou de transição) diante do cenário do jogo.

A obtenção das informações do discurso do sujeito coletivo (DSC) em relação à relevância das variáveis contidas nas diferentes fases do jogo revela as necessidades impostas a esses durante o jogo. A identificação e tabulação das variáveis (ofensivas, defensivas e de transição), no sentido de apresentar suas fragilidades, individuais e coletivas, desses sistemas, permite aos técnicos visualizar possíveis ajustes de forma mais geral (sistema como um todo) ou mais específica (por setor da quadra ou por jogador). As informações contidas nesses discursos podem apontar para necessidades reais no desenvolvimento da ferramenta de análise de jogo, considerando fatores como a aplicabilidade em tempo real e a facilidade de acesso aos dados já arquivados.

Outro fator relevante apontado tanto pela revisão de literatura como pelo DSC é a compreensão da transição como um sistema de jogo, que possui em sua concepção as trajetórias e os posicionamentos pré-definidos, assim como qualquer outro sistema (ofensivo e defensivo) e que possui adaptações em decorrência das alterações no cenário técnico-tático do jogo. Destacase, ainda, a contribuição desta pesquisa quanto ao método de análise de jogo, por considerar a integração dos pensamentos de duas importantes classes de protagonistas do jogo, sendo o técnico e os jogadores, e não apenas quantificações de erros e acertos técnicos. Essa proximidade trazida pela ferramenta de análise de jogo possibilita melhores vias de acesso a um jogo de bom nível, no qual a compreensão do cenário técnico-tático se torna imprescindível, seja este nas categorias de formação ou mesmo no esporte profissional.

Conclui-se, portanto, a partir da revisão de literatura, da análise dos discursos dos técnicos e dos testes com a ferramenta de análise de jogo, que o handebol é uma modalidade que apresenta extrema complexidade técnico-tática que deve ser considerada quando são ponderados aspectos como seu processo de ensino-aprendizagem-treinamento e possíveis análises das situações. A interação entre companheiros e adversários, mesmo em situações reduzidas como um 3x3, pode apresentar, senão todas, a maioria dos elementos técnico-táticos aqui apresentados. Sendo assim, quando há o objetivo de compreender o cenário técnico-tático do jogo de handebol, não devem ser considerados apenas os elementos técnicos do jogo apresentados de

forma descontextualizada, mas sim as situações do jogo, as interações entre os jogadores e a dinâmica dos sistemas.

Considera-se, ainda, a importância desta pesquisa enquanto material bibliográfico para a área de Educação Física, em específico às suas sub-áreas da Pedagogia do Esporte, da Análise de Jogo e do Ensino do Handebol, principalmente a partir da síntese do material bibliográfico consultado, com vistas à escassez de publicações sobre os meios técnico-táticos na literatura nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉS, F.; RODRÍGUEZ, A.; GALLEGO, Q.; DE LA VARGA, D.; ARILLA, L.; GROS, G.; PERISÉ, E. Balonmano: análisis de cuatro equipos de la Bundesliga: T.H.W. Kiel, V.F.L. Gummersbach, Düsseldorf, S.G. Wallau. **Apuntes: Educación Física y Deportes**, 1997, n.47, pp.52-57.

ANTÓN GARCÍA, J.L. **Balonmano: táctica grupal ofensiva. Concepto, estructura y metodología**. Madrid: Gymnos Editorial, 1998.

ANTÓN GARCÍA, J.L.. **Balonmano: perfeccionamiento e investigación**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2000.

ANTÓN GARCÍA, J.L.; JAVIER CHIROSA, L.; MANUEL ÁVILA, F.; FRANCISCO OLIVER, J.; IRENE SOSA, P. **Balonmano: alternativas y factores para La mejora del aprendizaje**. Madrid: Gymnos Editorial, 2000.

ANTÓN GARCÍA, J.L. **Balonmano: táctica grupal defensiva. Concepto, estructura y metodología**. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2002.

ANTÚNEZ MEDINA, A.; UREÑA ORTÍN, N. **Guía didáctica de balonmano**. Murcia: Diego Marín Librero-Editor, 1ª edição, 2002.

ARAÚJO, D. A auto-organização da acção táctica: comentário a Costa, Garganta, Fonseca e Botelho (2002). **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2003, v.3, n.3, pp.87-93.

ARDÁ SUÁREZ, T.; ANGUERA ARGILAGA, M.T. Evaluación prospectiva en programas de entrenamiento de fútbol a 7 mediante indicadores de éxito en diseños diacrónicos intensivos retrospectivos. **Psicothema**, v.12, n.2, pp.52-55, 2000.

ARGUDO ITURRIAGA, F.; LLORET RIERA, M. **Modelo de evaluación táctica en deportes de oposición con colaboración. Estudio práxico del waterpolo**. In: VI Seminario Internacional Praxiológico, INEF Madrid, 2001, pp.1-16.

ARIAS ESTERO, J.L. Estructuración del sistema de ataque 2-4 en balonmano. **E-balonmano: Revista Digital Deportiva**, 3(1), 2007, pp.1-8.

BALBINO, H.F.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e os Jogos Desportivos Coletivos na ótica as Inteligências Múltiplas. In: **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, pp.137-155.

BÁRCENAS GONZÁLEZ, D.; ROMÁN SECO, J.D. **Balonmano: técnica y metodología**. Madrid: Gymnos Editorial, 1991.

BAYER, C. **Técnica del balonmano: la formación del jugador**. Barcelona: Editorial Hispano Europea S.A., 1987.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1 (3), pp.68-80, 2005

CARDOSO, E.R.P. **Caracterização do contra-ataque no andebol: estudo em equipas seniores masculinas portuguesas de alto rendimento**. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Tese de Doutoramento, 2003, 151 págs.

CBHb – Confederação Brasileira de Handebol – Regulamento: Seção III – Das categorias e faixas etárias. <http://cbhb.mundozero.com.br/regulamento.html>. Último acesso em 02/05/2010.

CLANSOFT – Seção de serviços, disponível em: <http://www.clansoft.com.br/port/index.html>. Último acesso em 10/05/2010.

COSTA J.M.; MASSA, M. O processo de detecção e seleção de talentos no handebol. **Revista Mackenzie de Educação Física**, 5(2), pp.85-93, 2006.

CUNHA, A.; LIBERATO, A.; IRENEU, J. O ensino do andebol. In: **O ensino dos jogos desportivos colectivos**. GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J.(eds.), CEJD/FCDEF, 1995, pp.49-60.

DEMO, P. Teoria e prática da avaliação qualitativa. **Perspectivas**, v.4, n.7, pp.106-115, 2005.

EHF – European Handball Federation. [www.eurohandball.com](http://www.eurohandball.com). Último acesso em 22/02/2008.

EHRET, A.; SPÄTE, D.; SCHUBERT, R.; ROTH, K. **Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

ERDMANN, W.S. Quantification of games – preliminary kinematic investigations in soccer. In: **Science and Football II**, published by E & FN SPON, Great Britain, 1993, pp.174-179.

FARIA, R.; TAVARES, F. O comportamento estratégico. Acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos. In: **Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos**. OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Eds.). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Universidade do Porto, 1996, pp.33-38.

FERNÁNDEZ ROMERO, J.J.; CASAS MARTÍNEZ, L.; VILA SUÁREZ, H.; CANCELA CARRAL, J.M. **Balonmán: manual básico**. Santiago: Edicións Lea, 1999.

FERRETTI, M.A.C; KNIJNIK, J.D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**, v.13, n.1, pp.57-80, 2007.

FEU MOLINA, S. Organización didáctica del proceso de enseñanza-aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. **E-balonmano**, 2006, vol.2, n.4, pp.53-66.

FIGUEROA, P.J.; LEITE, N.J.; BARROS, R.M.L. Tracking soccer players aiming their kinematical motion analysis. **Computer Vision and Image Understanding**, v. 101, 2006, p. 122-135.

FPH – Federação Paulista de Handebol – Regulamento: Paulistão 2010. Disponível em: <http://www.fphand.com.br/fphand/dados/anexos/1054.pdf>. Último acesso em 02/05/2010.

GALATTI, L.R.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas – SP. **Conexões**, 2007, vol. 5, n.2, pp.31-44.

GALATTI, L.R.; FERREIRA, H.B.; SILVA, Y.P.G.; PAES, R.R. Pedagogia do Esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, v.6, pp.397-408, jul., 2008.

GARCÍA CALVO, T.; GARCÍA HERRERO, J.A.; ANIZ LEGARRA, I. Análisis de la estructura del ataque de equipos de alto nivel de balonmano. **Apunts: Educación Física y Deportes**, 2004, n.76, pp.53-58.

GARCÍA CUESTA, J. **Balonmano**. Madrid: Comitê Olímpico Espanhol, 1991.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Universidade do Porto, 1995, 2ª edição, pp.11-25.

GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. In: **Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos**. OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (eds.). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Universidade do Porto, 1996, pp.7-24.

GARGANTA, J. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.1, n.1, 2001, pp.57-64.

GRAÇA, A.S.; MESQUITA, I.R. A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, 2002, vol. 2, n.5, pp.67-79.

GRECO, P.J. La formación de jugadores inteligentes. **Revista Stadium**, ano 26, v.22, n.128, pp.22-31, 1988.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRECO, P.J. (org.). **Caderno de rendimento do atleta de handebol**. Belo Horizonte: Editora Health, 2000.

GRECO, P.J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. Belo Horizonte: Saúde Ltda., 2001, Cap.3, pp.48-72.

GUTIÉRREZ AGUILAR, O. **Los sistemas defensivos en situaciones de desigualdad numérica**. Federación de Balonmano de la Región de Murcia, Comunicación técnica n.164, 2006.

GUTIÉRREZ AGUILAR, O.; FÉREZ RUBIO, J.A. Cuantificación y valoración de la eficacia de los sistemas defensivos empleados en el marco situacional de igualdad numérica en los equipos de balonmano de alto nivel. **Kronos**, 2009, v.VIII, n.14, pp.113-116.

GUTIÉRREZ AGUILAR, O.; FÉREZ RUBIO, J.A.; FERNÁNDEZ ROMERO, J.J.; SÁNCHEZ BARBIE, A. **Variación de la eficacia defensiva en las situaciones asimétricas de balonmano en función del sistema de juego aplicado**. In: II Congreso Internacional de Deportes de Equipo, Coruña, maio, 2009, pp.1-10.

GUTIÉRREZ-DÁVILA, M.; DAPENA, J.; CAMPOS, J. The effect of muscular pre-tensing on the sprint start. **Journal of Applied Biomechanics**, v.22, 2006, pp.194-201.

GUTIÉRREZ DELGADO, M.A. El contragol. **Real Federación Española de Balonmano**, Comunicacion Técnica 226, 2004, pp. 14-20.

HENNIG, E.M.; BRIEHLE, R. **Game analysis by GPS satellite tracking of soccer players**. In: XI Congress of the Canadian Society of Biomechanics. Canadá, 2000, p.44.

HUGHES, M.D.; BARTLETT, R.M. The use of performance indicators in performance analysis. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, 2002, pp.739-754.

HUGHES, M.D.; FRANKS, I.M. **Notational analysis of sport**. London: E & FN SPON, 1997.

IBAÑEZ COMA, J. Aplicación de un método para el entrenamiento de una acción de uno contra uno: la finta en balonmano. **Apunts: Educación Física y Deportes**, 1996, n.46, pp.72-80.

LAGO PEÑAS, C.; ANGUERA ARGILAGA, M.T. Utilización del análisis secuencial en el estudio de las interacciones entre jugadores en el fútbol de rendimiento. **Revista de Psicología del Deporte**, v.12, n.1, pp.27-37, 2003.

LAMES, M. Modelling the interaction in game sports - relative phase and moving correlations. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 5, 2006, pp.556-560.

LASIERRA AGUILÁ, G. Aproximación a una propuesta de aprendizaje de los elementos tácticos individuales en los deportes de equipo. **Apunts: Educació Física i Esports**, 1990, n.24, pp.59-68.

LASIERRA AGUILÁ, G. Análisis de la interacción motriz en los deportes de equipo. Aplicación del análisis de los universales ludomotores al balonmano. **Apunts: Educación Física y Deportes**, 1993, n.32, pp.37-53.

LATISKEVITS, L.A. **Balonmano: deporte & entrenamiento**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 1991.

LEFÈVRE, F.; SIMIONI, A.M.C. Maconha, saúde, doença e liberdade: análise de um fórum na Internet. **Caderno de Saúde Pública**, 15 (sup.2), pp.161-167, 1999.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 1ª edição, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAHLO, F. **O acto táctico no jogo**. Lisboa: Editora Compendium, 1997.

MARIOT, J. Hándbal: el aprendizaje perceptivo. **Revista Stadium**, v.162, 1993, pp.3-8.

MELLENDEZ-FALKOWSKI, M.M.; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, E. **Los sistemas de juego ofensivos**. Madrid: Editorial Esteban Sanz Martinez, 1988a.

MELLENDEZ-FALKOWSKI, M.M.; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, E. **Los sistemas de juego defensivos**. Madrid: Editorial Esteban Sanz Martinez, 1988b.

MENEZES, R.P. Das situações do jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz**, v.17, n.1, p. 39-47, 2011.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para a sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, v.16, n.2, p.458-467, 2010.

MENEZES, R.P.; ALMEIDA, P.; LACERDA, D.; CLOSS, F. **O uso de recursos computacionais no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol na categoria cadete**. In: Anais do 14º Congresso Paulista de Educação Física, Jundiaí (SP), p.63, 2010.

MENEZES, R.P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13, n.1, p.1-16, 2010.

MENEZES, R.P. **Análise cinemática das trajetórias de jogadores de handebol obtidas por rastreamento automático**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Dissertação de mestrado, 2007, 131 págs.

MENEZES, R.P.; MISUTA, M.S.; FIGUEROA, P.J.; CUNHA, A.S.; BARROS, R.M.L. **Variabilidade da Representação por Componentes Principais das Posições de Jogadores de Futebol**. In: Anais do XI Congresso Brasileiro de Biomecânica, 2005.

MERCADANTE, L.A.; MENEZES, R.P.; MARTINI, T.P.; TRABANCO, J.L.A.; BARROS, R.M.L. **Análise cinemática tridimensional do lançamento do martelo em treinamento e competição.** In: Anais do XII Congresso Brasileiro de Biomecânica, 2007, pp.901-906.

MESQUITA, P.A.L.P. **Ataque em inferioridade numérica: estudo comparativo das ações ofensivas em inferioridade numérica das equipas seniores masculinas.** Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Trabalho Monográfico, 2005, 103 págs.

MISUTA, M.S. **Rastreamento automático de trajetórias de jogadores de futebol por videogrametria: validação do método e análise dos resultados.** Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Dissertação de Mestrado, 2004, 74 págs.

MOREIRA, I.; TAVARES, F. Configuração do processo ofensivo no jogo de andebol pela relação cooperação/oposição relativa à zona da bola. Estudo em equipas portuguesas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2004, v.4, n.1, pp.29-38.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 7ª edição, 2003.

MOUTINHO, S.C.T. **Caracterização do contra-ataque no andebol: estudo em equipas seniores femininas.** Universidade do Porto, Faculdade de Desporto. Monografia, 2006, 77 págs.

MÜLLER, M.; GERTSTEIN, H.; KONZAG, I.; KONZAG, G. **Balonmano entrenarse jugando: el sistema de ejercicios completo.** Barcelona: Editorial Paidotribo, 1996.

NAGY-KUNSAGI, P. **Handebol.** Rio de Janeiro: Palestra Edições Esportivas, 1983.

NÉ, R.; BONNEFOY, G.; LAHUPPE, H. **Enseñar balonmano para jugar em equipo.** Barcelona: INDE Publicaciones, 1ª edição, 2000.

OHASHI, J.; TOGARI, H.; ISOKAWA, M.; SUZUKI, S. **Measuring movement speeds and distances covered during soccer match-play.** I World Congress of Science and Football, Liverpool, 1987, pp.329-333.

OSLIN, J.L.; MITCHELL, S.A.; GRIFFIN, L.L. The Game Performance Assessment Instrument (GPAI): development and preliminary validation. **Journal of Teaching in Physical Education**, 17, 1998, pp.231-243.

OLIVEIRA, A.F.; RODRIGUES, G.M. Intervenção profissional na inclusão de crianças com deficiências no ensino regular: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 5 (especial), pp.31-38, 2006.

OLIVER CORONADO, J.F.; SOSA GONZÁLEZ, P.I. **La actividad física y deportiva extraescolar en los centros educativos: Balonmano.** Ministerio de Educación y Cultura, Consejo Superior de Deportes, Barcelona, 1996.

OLIVER CORONADO, J.F. **Peculiaridades específicas en el juego del ataque del balonmano femenino de alto nivel.** I Congresso Nacional de Técnicos Especialistas en Balonmano, Extremadura, 2000.

OLIVER CORONADO, J.F. **Análisis del Campeonato del Mundo de Balonmano Masculino. Portugal 2003.** I Congresso Internacional de Treinamento Esportivo, São Paulo, 2003.

OLIVER CORONADO, J.F. **Juegos de la XXVIII Olimpiada: Atenas 2004 – Análisis de la Competición Femenina de Balonmano.** Jornadas Internacionales de Balonmano “Veranos de Oro”, Málaga, 2005.

PARTRIDGE, D.; MOSHER, E.; FRANKS, I.M. **A computer assisted analysis of technical performance – a comparison of the 1990 World Cup and Intercollegiate Soccer.** In Science and Football II, published by E & FN SPON, Great Britain, 1993, pp.221-231.

PAULA, P.F.A.; GRECO, P.J.; SOUZA, P.R.C. Tática e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: **Temas Atuais V em Educação Física e Esportes.** GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. Belo Horizonte: Saúde Ltda., 2000, Cap.1, pp.11-27.

PERS, J.; KOVACIC, S. **Computer vision system for tracking players in sports games.** In: I International Workshop on Image and Signal Processing and Analysis. Croácia, 2000.

PRUDENTE, J.; GARGANTA, J.; ANGUERA, M.T. Desenho e validação de um sistema de observação no andebol. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, 2004, v.4, n.3, pp.49-65.

QUIÑONERO, L.; MARTÍN, A.; JAVIER CHIROSA, L. Desarrollo de un soporte informático como organizador del control del entrenamiento en deportes colectivos: balonmano. In: **Tecnología y metodología científica aplicada al control y evaluación del rendimiento deportivo.** ZABALA DÍAZ, M.; CHIROSA RÍOS, I.J.; CHIROSA RÍOS, L.J.; VICIANA RAMÍREZ, J; (eds.). Granada: Reprografia Digital Granada, 2002, pp.341-352.

REIS, H.H.B. **O ensino dos Jogos Coletivos Esportivizados na escola.** Universidade Federal de Santa Maria, Dissertação de Mestrado, 1994, 75 págs.

REIS, H.H.B. **O handebol como um esporte contemporâneo.** Apostila, 2006a.

REIS, H.H.B. O ensino do handebol utilizando-se do método parcial. **Lecturas: Educación física y deportes**, año 10, n.93, fev., 2006b.

RIBEIRO, L.C. **Brasil: Futebol e Identidade Nacional.** Buenos Aires, 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm> Acesso em: 26 nov. 2009.

RIBEIRO, W.C.G. **Manual de handebol.** Araçatuba: Leme Empresa Editorial Ltda, 19-.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 3ª edição, 1999.

RIERA RIERA, J. Estrategia, táctica y técnica deportivas. **Apunts: Educación Física y Deportes**, 1995, n.39, pp.45-56.

ROMÁN SECO, J.D. Los **conceptos modernos de las defensas en inferioridad numérica, 5:6**. Federación de Balonmano de la Región de Murcia, Comunicación técnica n.161, 2006.

SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, pp.1-23.

SANTANA, W.C. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Tese de Doutorado, 2008, 260 págs.

SANTOS, F.M.; FERNANDEZ, J.; OLIVEIRA, M.C.; LEITÃO, C.; ANGUERA, T.; CAMPANIÇO, J. The pivot player in handball and patterns detection – instrument. **Motricidade**, 5 (3), 2009, pp.29-36.

SANTOS, L.R. **Tendências Evolutivas do Jogo de Andebol. Estudo centrado na análise da performance táctica de equipas finalista em Campeonatos do Mundo e Jogos Olímpicos**. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Tese de Doutorado, 2004, 181 págs.

SCHMIDT, R.; WRISBERG, C. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SIMÕES, A.C. **Táticas Ofensivas e Defensivas**. São Paulo: Editora Parma Ltda, 1978.

SIMÕES, A.C. **Handebol Defensivo: Conceitos Técnicos e Táticos**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

SOARES, A.J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. ALABARCES, P. (ed.). Clacso-Grupo de Trabajo Deporte e Cultura. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003, pp.145-162.

SOLÁ SANTESMASES, J. Caracterización funcional de la táctica deportiva. Propuesta de clasificación de los deportes. **Apunts: Educación Física y Deportes**, 2005, 4º trim., pp.36-44.

SOUZA, M. A **'Nação em chuteiras': raça e masculinidade no futebol brasileiro**. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. Dissertação de Mestrado, 1996, 62 págs.

TAVARES, F. Bases teóricas da componente táctica nos jogos desportivos colectivos. In: **Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos**. OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (eds). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Universidade do Porto, 1996, pp.25-32.

TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1ª edição, 1987.

VALADÉS, D.; HERNÁNDEZ, E.; LOZANO, C.; UREÑA, A. El control y análisis del oponente antes y durante la competición como base del entrenamiento de pre-partido y toma de decisiones durante la competición. In: **Tecnología y metodología científica aplicada al control y evaluación del rendimiento deportivo**. ZABALA DÍAZ, M.; CHIROSA RÍOS, I.J.; CHIROSA RÍOS, L.J.; VICIANA RAMÍREZ, J. (eds.). Granada: Reprografia Digital Granada, 2002, pp.223-244.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Editora Manole, 9ª edição, 1999.



# ANEXOS

## ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

[www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa](http://www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa)

CEP, 22/02/11  
(Grupo III)

**PARECER CEP:** N° 094/2011 (Este n° deve ser citado nas correspondências referente a este projeto).  
**CAAE:** 0060.0.146.000-11

### I - IDENTIFICAÇÃO:

**PROJETO:** “ANÁLISE ESTRATÉGICO-TÁTICA DE JOGADORES E EQUIPES DE HANDEBOL: NECESSIDADES, PERSPECTIVAS E IMPLICAÇÕES DE UM MODELO DE INTERPRETAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE JOGO EM TEMPO REAL”.

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Rafael Pombo Menezes

**INSTITUIÇÃO:** Faculdade de Educação Física/UNICAMP

**APRESENTAÇÃO AO CEP:** 11/02/2011

**APRESENTAR RELATÓRIO EM:** 22/02/12 (O formulário encontra-se no *site* acima).

### II – OBJETIVOS.

Mapear, a partir das entrevistas com treinadores de handebol com renome nacional e internacional, as variáveis mais importantes de serem quantificadas durante uma partida; Desenvolver um modelo de análise de jogo baseado nas ações táticas dos jogadores e nos sistemas adotados pelas equipes, que seja eficaz na quantificação de variáveis técnico-táticas para aplicação em tempo real

### III – SUMÁRIO.

Trata-se de um estudo prospectivo, qualitativo, utilizando entrevista semi-estruturada, com registro eletrônico, para posterior transcrição; a técnica do "Discurso do Sujeito Coletivo" será utilizada para interpretação dos dados. Como critério de inclusão serão considerados treinadores ou membros da comissão técnica da seleção brasileira feminina que participaram, de pelo menos um, dos três últimos ciclos olímpicos e atuam ou atuaram como treinadores; também treinadores que obtiveram resultados expressivos pelos clubes que atuam na Liga Nacional ou no Campeonato Brasileiro de Handebol

### IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES.

O estudo vem preencher uma lacuna no conhecimento sobre as estratégias de jogos utilizadas, na prática de handebol, por treinadores bem sucedidos, há cronograma, quanto ao orçamento o autor afirma que arcará com os custos dos trabalhos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está claro, contempla os itens da Resolução CNS/MS 196/96.

### V - PARECER DO CEP.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e



**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

[www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa](http://www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa)

atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, bem como todos os anexos incluídos na pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

#### **VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.**

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e).

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

#### **VII – DATA DA REUNIÃO.**

Homologado na II Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 22 de fevereiro de 2011.

**Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner**  
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
FCM / UNICAMP

## **ANEXO B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Campinas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Prezado Colaborador da Pesquisa

O tema escolhido para a minha tese de doutorado é **“Análise estratégico-tática de jogadores e equipes de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real”**, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação *“Strictu Sensu”* da Universidade Estadual de Campinas, na Faculdade de Educação Física, sob a orientação da Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis, na área de concentração *Educação Física e Sociedade*.

Você foi um dos profissionais selecionados para fazer parte da amostra desta pesquisa por ser um técnico com experiência em clubes profissionais e membro de comissão técnica das Seleções Nacionais de handebol. Dessa forma, consideramos que há uma influência relevante de sua parte nos aspectos referentes ao ensino-aprendizagem dos aspectos técnico-táticos dos jogadores de handebol. Este estudo tem como característica a identificação de indicadores técnico-táticos que possam permitir uma análise do jogo de handebol em sua totalidade, servindo como ferramenta de utilização de outros professores e técnicos brasileiros.

Esta pesquisa objetiva: a) mapear, a partir das entrevistas com técnicos de handebol com renome nacional e internacional, as variáveis técnico-táticas mais importantes de serem quantificadas durante uma partida; b) desenvolver uma metodologia eficaz na quantificação de variáveis técnico-táticas para aplicação em tempo real. Esperamos que o seu depoimento possa servir como balizador para a identificação dessas variáveis que compõem o jogo de handebol na sua dimensão estratégico-tática.

Para tanto, esta entrevista conta com um total de 18 questões, com o tempo de duração estimado em 60 minutos. A entrevista será arquivada em um gravador de áudio. Salientamos que não vai haver nenhum reembolso de dinheiro, uma vez que com a participação na pesquisa você não terá qualquer tipo de custo.

Para evitar transtornos e desconfortos, realizaremos a entrevista apenas uma vez, de acordo com a disponibilidade de sua agenda, assim como o conteúdo será preservado de forma anônima e confidencial. Uma cópia deste TCLE lhe será entregue no ato da entrevista e, assim que transcrita, lhe será enviada uma cópia na íntegra do conteúdo. Negar-se a responder qualquer uma das perguntas não implicará em riscos ou represálias para você. Desta forma, contamos com sua relevante colaboração como respondente e pedimos sua autorização para publicarmos as respostas, comprometendo-nos a retornar os resultados da pesquisa ao final da mesma.

Cordialmente,

---

Rafael Pombo Menezes

Pesquisador e aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNICAMP

Telefone: (11) 9431-2631. E-mail: rafael.pombo@yahoo.com.br

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo o pesquisador a me entrevistar e publicar os dados desta pesquisa, desde que o anonimato (confidencialidade) das respostas me seja garantido.

Dados do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP

Endereço: Faculdade de Ciências Médicas

Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

Cidade Universitária “Zeferino Vaz”

Campinas – SP – Brasil – CEP: 13.083-970

Caixa Postal: 6111

Telefone: (19) 3521-8936

E-mail: cp@fcm.unicamp.br

# APÊNDICES

## APÊNDICE A: Instrumento da entrevista semi-estruturada

<b><u>DADOS PESSOAIS</u></b>
1. Qual a sua idade?
2. Possui curso de Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?
3. Possui curso de Pós-Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?
4. Há quanto tempo você atua como técnico? Em quais categorias?
5. Dirigiu equipes masculinas e femininas por quanto tempo cada?
<b><u>INDICADORES DO JOGO OFENSIVO</u></b>
6. O que seus atacantes devem fazer taticamente e individualmente para que o ataque seja eficaz?
7. Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do ataque coletivo?
8. Diante de adversários que adotam sistemas defensivos fechados (como o 6:0), o que você espera que seus jogadores façam?
9. Diante de adversários que adotam sistemas defensivos abertos (como o 3:3, 4:2 ou 5:1), o que você espera que seus jogadores façam?
10. Diante de adversários que adotam sistemas defensivos mistos (como o 5+1 ou 4+2), o que você espera que seus jogadores façam?
<b><u>INDICADORES DO JOGO DE TRANSIÇÃO</u></b>
11. Você é a favor ou contra de induzir sua equipe ao contra-ataque? Por quê?
12. O que você faz ou treina para que o contra-ataque do adversário seja ineficaz?
<b><u>INDICADORES DO JOGO DEFENSIVO</u></b>
13. O que seus defensores devem fazer taticamente e individualmente para que a defesa seja eficaz?
14. Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do sistema defensivo?
15. Diante de adversários que adotam o sistema ofensivo clássico (3:3), de que forma você espera que seus defensores atuem?
16. Diante de adversários que adotam sistemas ofensivos diferentes do clássico, de que forma você espera que seus defensores atuem?
17. O que você faz ou treina para que o contra-ataque seja induzido?
<b><u>FERRAMENTA DE ANÁLISE DE JOGO</u></b>
18. Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores: <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Na fase ofensiva?</li> <li>b) Na fase defensiva?</li> <li>c) Na fase de transição?</li> </ol>

## APÊNDICE B1: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

### Instrumento de Análise do Discurso referente aos indicadores do jogo ofensivo

<b>O que seus atacantes devem fazer taticamente e individualmente para que o ataque seja eficaz?</b>		
Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	
S1	<p>No meu sistema de trabalho eu trabalho muito com trajetórias (trajetória curta e longa) (1ª), aproveitamento de espaço produzido (2ª) (eu acho que é uma coisa que é excelente), sempre trabalhando assim. Vamos produzir o máximo de espaço possível através das trajetórias (2ª), através de deslocamentos saindo dos setores (no mesmo setor não cria isso aí) (3ª), para que a gente jogue o mais livre possível. A trajetória (1ª), e lógico na execução (a parte individual no caso, como as fintas (4ª), as trocas de direção bastante) eu acho isso importantíssimo (5ª).</p>	<p>1ª – Deslocar-se com trajetórias diferentes. 2ª – Produzir espaços. 3ª – Trocar de setores. 4ª – Fintar. 5ª – Mudar de direção na trajetória.</p>
S2	<p>Oferecer perigo, ser eficiente no 1x1 que seria o conceito par (4ª), ser efetivo e eficaz no conceito impar para atrair e começar a busca pela superioridade numérica (2ª). Um jogador que não seja, de certa maneira... de não criar nele situações estereotipadas, ser criativo, que ele não comece e termine uma ação porque foi treinado aquilo. Então ele tem que poder tomar decisões sem ser aquela de padrão tático, enfim aquela tomada de decisão momentânea e exigente para aquele momento (6ª). Eu acho que conseguindo isso ele vai ter que ser... o atacante hoje precisa muito enxergar o ponto futuro né, por a bola no tempo, aquele um passe a mais, dar continuidade (7ª). Ser bom na continuidade, ser bom nas assistências e bom finalizador.</p>	<p>2ª – Produzir espaços. 4ª – Fintar. 6ª – Variabilidade de ações. 7ª – Circulação da bola.</p>
S3	<p>Depende do biotipo que eu tenho: pode ter um que é alto e devagar que realmente só sabe chutar. Eu prefiro trabalhar em cima do poder dele: o que ele tem de qualidade? É isso que eu vou treinar; o que ele não tem, e eu estou vendo que não vai ajudar muito, eu acabo perdendo tempo, esse para mim é o principal ponto. Eu acho que tem que trabalhar muito o jogo de 1x1, entender como jogar 1x1, o que significa o 1x1; pra um jogador que tem 2 metros o 1x1 funciona de um jeito para o outro que tem 1,78 metros pode ser que funcione de outro jeito (4ª). Jogar 2x1 e jogar 2x2, então é importante isso, principalmente para uma filosofia/cultura que é daqui (6ª). Eu sou de outro lugar (da Europa), o pensamento do nórdico já é diferente: o nórdico joga coletivo. Então os nórdicos trabalham em cima de uma filosofia tática individualmente que é para perceber e entender o que significa um coletivo de alto nível.</p>	<p>4ª – Fintar. 6ª – Variabilidade de ações.</p>
S4	<p>Bom, vou falar em termos gerais, pois existe uma orientação tática para início de uma ação tática que você determina já o posicionamento do pivô. Então de uma maneira geral o atacante deve jogar no 1x1 (4ª), tem que jogar o 2x2, tem que observar o posicionamento do pivô (6ª), tem que se oferecer principalmente para buscar o gol, jogar sempre em busca do gol, tem que fixar – fazer um trabalho de fixação do seu oponente (8ª), trabalho de continuidade (7ª), deve observar a ocupação e criação de espaço também. Nessa questão da ocupação e criação de espaços você vai entrar em relação com os cruzamentos e com outras ações que eu já não sei se entrariam aí (2ª). Bom, aqui na parte individual eu coloquei o 1x1 e não coloquei a finta, e entra a questão da finta (4ª).</p>	<p>2ª – Produzir espaços. 4ª – Fintar. 6ª – Variabilidade de ações. 7ª – Circulação da bola. 8ª – Realizar fixações.</p>

Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do ataque coletivo?		
	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	Eu vou partir do princípio da trajetória de novo, a gente utiliza bastante pra que o jogador (o cruzamento não é tão eficaz, porque você acaba trabalhando 1x1 (1 <sup>a</sup> ) da mesma forma), então você vai mais para uma trajetória longa e somada com uma longa e uma curta, uma longa e uma curta, para que dê encaixe para esse espaço produzido (2 <sup>a</sup> ). Depende muito do bloqueio do pivô, tem que jogar o centro em função do pivô e organizado pelo central (3 <sup>a</sup> ) (o central é que organiza tudo isso), ou força-se um setor sem o pivô para que a defesa se desloque para esse setor, para que sempre se defina do lado do pivô. O pivô é um indivíduo fundamental no ataque.	1 <sup>a</sup> – Cruzamento. 2 <sup>a</sup> – Deslocar-se com trajetórias diferentes. 3 <sup>a</sup> – Bloqueio ofensivo.
S2	A minha linha de trabalho é a de que ele saiba resolver o 1x1, na sequência ele consiga resolver o 2x2, e esse 2x2 com os defensores em uma mesma linha ou linhas diferentes (4 <sup>a</sup> ). Acredito que ali nós temos um problema muito sério né, os nossos passes são ruins, então a dinâmica pra mim de um cruzamento, de um bom cruzamento, um atleta que ocupe bem o espaço que ofereça bem o perigo, puxe a linha do cruzamento para atrair perigo ele precisa ter um bom passe (1 <sup>a</sup> ). Isso às vezes eu nem faço porque nós temos um passe ruim. Nos meios táticos eu enxergo o meu padrão de jogo os cruzamentos (1 <sup>a</sup> ), tabela quando a gente tá trabalhando com uma defesa mais avançada (mais alta) (5 <sup>a</sup> ), nas questões dos meus centrais e dos meus armadores a troca de sentido (6 <sup>a</sup> ). Uma coisa que eu venho valorizando muito é a alternância de ritmos dentro das passadas, e combina isso com as trajetórias. E isso vai me dar alguns processo interessantes táticos, daí vêm as permutas (7 <sup>a</sup> ), as ações de desdobrar no tempo certo, aí vêm as opções do ponta circular culminando com um ponto ideal de troca de passe com o armador do lado contrário (8 <sup>a</sup> ). Enfim, eu acho que daí depende muito do mapeamento.	1 <sup>a</sup> – Cruzamento. 4 <sup>a</sup> – Adaptabilidade às situações. 5 <sup>a</sup> – Passa e vai. 6 <sup>a</sup> – Mudança de direção das trajetórias. 7 <sup>a</sup> – Troca de postos específicos. 8 <sup>a</sup> – Ocupação temporária do posto de pivô.
S3	Eu acredito que o que importa é que você jogue simples, tem que buscar coisas que são simples. Tem que ter uma base de nível de passes que seja muito alto. Quando os jogadores conseguem fazer isso e chutar nós podemos jogar de forma mais complicada. Eu acho que precisa de bastante movimentos com bola e sem bola (2 <sup>a</sup> ), como um cruzamento que pode ser com bola (1 <sup>a</sup> ) ou cruzamento sem a bola (7 <sup>a</sup> ). Pode ser um movimento caindo, com bola e sem bola (8 <sup>a</sup> ). Então nós temos em geral cruzamentos com bola (1 <sup>a</sup> ) e sem bola (7 <sup>a</sup> ), temos um que cai, com bola e sem bola (8 <sup>a</sup> ). Agora temos que escolher como organizar isso. Para mim, mesmo no alto nível, o principal é que eles consigam passar a bola. No feminino e no masculino não temos o mesmo jogo, no feminino cada equipe acaba com 15 a 25 erros de passes ou técnica no final do jogo. Eu preciso calcular cada jogo de 15 a 25 ataques sem chutar a bola ao gol, no masculino se isso acontecer o time é muito ruim. Então eu preciso treinar coisas simples para elas não errarem.	1 <sup>a</sup> – Cruzamento. 2 <sup>a</sup> – Deslocar-se com trajetórias diferentes. 7 <sup>a</sup> – Troca de postos específicos. 8 <sup>a</sup> – Ocupação temporária do posto de pivô.
S4	Penetrações sucessivas ou engajamento (9 <sup>a</sup> ), cruzamentos (1 <sup>a</sup> ), circulação de jogadores (7 <sup>a</sup> ). Na questão de cruzamento entram as permutas (7 <sup>a</sup> ), bloqueios (3 <sup>a</sup> ), Passa e vai, faltou aqui (5 <sup>a</sup> ).	1 <sup>a</sup> – Cruzamento. 3 <sup>a</sup> – Bloqueio ofensivo. 5 <sup>a</sup> – Passa e vai. 7 <sup>a</sup> – Troca de postos específicos. 9 <sup>a</sup> – Penetrações sucessivas.

**Diante de adversários que adotam sistemas defensivos fechados (como o 6:0), o que você espera que seus jogadores façam?**

	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	Movimentação o tempo todo (1ª) para que não se produza tanto espaço no meio (normalmente a defesa marca muito no meio) para que a bola chegue embaixo para os pontas (que deve ser um ponto forte das equipes que jogam contra o 6:0 (2ª)). Se você tem um jogador chutador em cima contra o 6:0, a defesa vai estar muito fechada no meio (3ª), então a gente trabalha muito para que a defesa feche bastante o meio e que produza esses espaços lá embaixo nas pontas. E pra isso você tem que fazer ir e voltar, ir e voltar a bola, vai pra direita, vai pra esquerda (2ª). Aí já entra um pouco de cruzamento também (4ª). O pivô segue a bola. Pivô seguindo a bola, consequentemente ele seguindo a bola, a defesa vai seguir ele também, quando tem o retorno dessa bola ele vai fazer o bloqueio para que a bola sobre embaixo (5ª). Eu acho que a ação individual é importantíssima, o trabalho de finta, o 1x1, esse tipo de coisa (6ª).	1ª – Trajetórias. 2ª – Engajamentos eficazes. 3ª – Arremessos de longa distância. 4ª – Realizar cruzamentos. 5ª – Realizar bloqueios ofensivos. 6ª – Fintar
S2	Com a defesa em linha de tiro eu acredito que um jogo forte de longa e meia distância vai ser importante (3ª), então eu tenho que trabalhar aí com cruzamentos (4ª) e pantallas (7ª). Eu gosto muito dos cruzamentos meia com meia pra ver aí como se movimentam os dois 3ºs, se saem ou se ficam (5ª). As trocas de sentido com o pivô saindo da 2 para a 3 (8ª). Ah, faltou a circulação dos pontas (10ª). O 6:0 dá uma possibilidade de você fazer uma leitura de quem tá dissuadindo, você trabalhar nas costas desse jogador com o pivô (5ª). Se tiver uma dissuasão de 2º eu gosto de provocar o central a ir nesse espaço (1ª) e ter uma continuidade a partir de um cruzamento (A com B) (4ª), dependendo de quem está na dissuasão. Eu não gosto de trabalhar no 6:0 com o desdobramento dos armadores, já que é 6:0 eu preciso dos armadores pra trabalhar com mais potência, com mais força lá de fora. Quando da ação de uma dissuasão ou de um ataque ao ímpar [defensor ímpar dissuadindo] aí sim eu desdubro sim os meus armadores, principalmente o central, pra ver o que vai resolver a defesa adversária (9ª).	1ª – Trajetórias. 3ª – Arremessos de longa distância. 4ª – Realizar cruzamentos. 5ª – Realizar bloqueios ofensivos. 7ª – Realizar pantallas. 8ª – Mudanças de direção das trajetórias. 9ª – Mudança temporária de sistema ofensivo
S3	Eu espero que eles façam o que nós treinamos. Quando treinamos contra o 6:0 não estamos focando muito no que o adversário faz, estamos focando muito mais no que nós vamos fazer. Então isso é uma diferença. O foco nosso é muito mais em relação ao nosso jogo do que no adversário. Normalmente nós vamos enfrentar uma defesa que é baixa [em linha de 6 metros], de vez em quando você vai pegar uma outra, que é 3:3, ou 5+1 ou individual. Mas os treinos geralmente são feitos para jogar contra uma defesa aberta e uma defesa baixa.	
S4	Eu treino para os pontas jogarem bem abertos, jogar bastante com largura, um jogo bastante largo. No sistema 6:0 vai depender da profundidade que o adversário tem. Quando a gente fala do sistema 6:0, não sei se você está querendo caracterizar um sistema fechado em largura, mas em profundidade também. Se é um sistema fechado que atua sem ofensividade, sem saída, você procura trabalhar mais com os jogadores da primeira linha ofensiva com chutes de fora (3ª) e buscando bastante largura também. No sistema que joga mais nos 6 metros, com basculação, bastante trabalho com o pivô (5ª), trabalho de circulação de jogadores também (10ª), entra a parte de permutas (11ª), cruzamentos (4ª), toda essa parte que a gente colocou aí para favorecer	3ª – Arremessos de longa distância. 4ª – Realizar cruzamentos. 5ª – Realizar bloqueios ofensivos. 10ª – Realizar a circulação de jogadores. 11ª – Realizar permutas.

o jogo de primeira linha.

**Diante de adversários que adotam sistemas defensivos abertos (como o 3:3, 4:2 ou 5:1), o que você espera que seus jogadores façam?**

	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	<p>Sempre que um jogador da armação, preferencialmente, faça a transição de segundo pivô (1ª). Se [a defesa] não acompanhar vai dar sobra, se acompanhar vai produzir espaço em cima. O jogador de baixo entrando, vai ter acompanhamento, só que não vai estar produzindo muito espaço não. Sempre os armadores vão fazer a função de segundo pivô (1ª). Individualmente o desmarque. Acho que o desmarque sem bola é importantíssimo, não tanto com a bola na mão... o desmarque sem bola é mais importante (2ª). Se ele receber a bola desmarcado, já tem meio caminho andado. O pivô sempre do lado oposto da bola, sempre correndo do lado oposto da bola, se ele for no sentido da bola com certeza vai fechar os espaços (3ª). com bloqueio só nos jogadores avançados (4ª). A mudança de direção de trajetória é importantíssima, porque quando você tem uma defesa avançada, ela segue muito o setor da bola, soma o máximo de defensores possível na linha da bola (5ª). Eu acho que se você conseguir seguir essa bola e mudar essa direção um pouco mais rápido, com certeza você vai ter um espaço maior produzido (6ª). Você leva bastante a bola para as laterais, não aprofunda na ponta (7ª).</p>	<p>1ª – Mudança temporária de sistema ofensivo. 2ª – Desmarque. 3ª – Jogar em função do pivô. 4ª – Bloquear os defensores da 2ª linha. 5ª – Mudança de direção da trajetória. 6ª – Buscar a superioridade numérica. 7ª – Prevalência do jogo dos armadores.</p>
S2	<p>Vou falar primeiro do 3:3: o 3:3 é uma ação coordenada entre o passador e o receptor, ou quem recebe e que passa. Então precisa coordenar muito bem essas ações porque as linhas de trabalho tanto de deslocamentos com bola e sem bola e passe elas se desconfiguram daquele tradicional 6:0, seja ele em dissuasão ou não. Então uma coordenação muito legal entre passador e receptor, atacar os espaços interdefensivos né, essa é uma outra situação que deve acontecer, aparecem ali as tabelas, eu gosto muito de fazer quando a bola está em um setor que circule o setor contrário, e em resposta disso aconteça a ocupação de espaço pelo posto mais próximo, então um equilíbrio dos postos específicos e sempre mantendo a profundidade e a largura (8ª). Basicamente no 3:3 tem que manter muito a largura, eu acho que isso é muito importante, além de trabalhar o 1-2 com o pivô (8ª), além dos desdobramentos (1ª), que têm que acontecer para ver as reações defensivas. Sabemos que o 3:3 provoca um espaço muito produtivo nas laterais, então o jogo para fora entre armadora e ponta também deve aparecer, com o 2x2 nas laterais com os pontas (9ª).</p> <p>No 5:1 primeiro a gente tenta fazer, a menina e nós como comandantes analisemos se o avançado está baixo ou alto. Então essa é uma importante visualização. Ainda nesse 5:1 eu gosto que elas observem se o base lateraliza ou não conforme o posicionamento do pivô. Então aí nós já sabemos que repartiu um pouco a defesa, e é uma outra situação. Então o avançado se está alto ou baixo e o pivô se está carregando ou não o base para um dos lados (3ª). Aí volta naquela situação, trabalhar o 2x2 para fora (9ª), o ataque ao ímpar, do central, então o central tem uma profundidade importante deixando o seu avançado e trabalhar no 2º da direita e no 2º da esquerda, que a gente chama de ataque ao ímpar ou ataque ao 2 (6ª). Ali eu gosto de ver bastante desdobrar o central sem bola pra ver o que acontece com o avançado, se vai pra direita, se vai pro meio, se vai pra esquerda. Eu gosto que o central</p>	<p>1ª – Ocupação temporária do posto de pivô pelos armadores. 3ª – Jogar em função do pivô. 6ª – Buscar a superioridade numérica. 7ª – Prevalência do jogo dos armadores. 8ª – Realizar passa e vai. 9ª – Buscar a finalização dos pontas.</p>

	<u>desdobre pra onde está o pivô e o pivô troca de posição (1ª)</u> . Aí quando a defesa é um pouco falha consegue confundir ainda mais o base. E aí tem essa situação de tirar o bico, que é você provocar o deslocamento do bico para liberar uma zona maior para os armadores. <u>Então você tem esses armadores potentes aí. E de novo é um espaço muito importante no 5:1, e no 6:0 com basculação também aparece, que é o armador direito e esquerdo aproveitarem o espaço entre 1 e 2 (7ª)</u> .	
S3	<u>Quando é mais aberta nós vamos ter muito mais deslocamentos (5ª)</u> . Na verdade isso é muito típico do que acontece na hora: “se marcam assim, então <u>nós vamos cair aqui (1ª)</u> , deslocar aqui”. Mas eu acredito que você possa continuar com umas bolas que você faz contra o 6:0 também. Porque a defesa aberta espera que você vá fazer isso, então ao invés de fazer o que a defesa está esperando, nós vamos fazer diferente.	1ª – Mudança temporária de sistema ofensivo. 5ª – Mudança de direção da trajetória.
S4	Na defesa aberta a principal orientação é o jogo sem a bola. O jogador com a bola deve evitar de fintar e ficar muito tempo com a bola, porque a ideia é de que quando um jogador vê aquela defesa aberta, alta e cheia de espaço é que ele vai jogar sozinho e que ele vai carregar a bola, vai entrar e vai fintar e não precisa de ninguém. A orientação é totalmente inversa: é você jogar sem a bola, <u>então são situações de passa e vai (8ª)</u> , <u>situações de circulação de jogador sem bola, as mais eficientes sem bola geralmente são as contrárias à bola, então a bola vem da esquerda para a direita, o jogador circula do lado contrário (1ª)</u> . De uma maneira geral é mais isso.	1ª – Mudança temporária de sistema ofensivo. 8ª – Realizar passa e vai.

#### Diante de adversários que adotam sistemas defensivos mistos (como o 5+1 e o 4+2), o que você espera que seus jogadores façam?

	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	<u>Normalmente, se isola 1, deixa esse jogador fora do jogo e acredita-se no que é mais treinado, que é o jogo de 4x4, 5x5 (1ª)</u> . Acredita-se nessa parte por ter mais espaço para trabalhar. Você puxa esse jogador para fora do jogo. <u>O pivô participa mais centralizado (no meio) (2ª)</u> . No 5:0, por exemplo, ele fica distraído a base do meio.	1ª – Atuação em situações reduzidas. 2ª – Posicionamento centralizado do pivô.
S2	O jeito de você analisar isso é você não ter aquela precipitação. Então na medida em que a gente percebe que não conseguiu contra-atacar, que teve uma fase de transição que o contra-ataque não saiu, você tem que analisar o que o adversário vai fazer. <u>Quando o adversário provoca essa situação, ou durante um período, sei lá 10-15 primeiros minutos, depois ele muda, daí ele volta, a ideia é a de que a gente priorize as bases de ataque e o padrão de jogo que a gente já vem treinando. Então a primeira atitude é a atenção, a compreensão do jogador e analisar a proposta que está sendo formatada pela equipe adversária (3ª)</u> . A princípio eu tenho equalizado todas as bases de ataque e dentro de cada sistema eu consigo resolver isso. A primeira proposta que nós fazemos a elas é a atenção, a comunicabilidade, e preservar aquilo que a gente faz dentro do nosso repertório de ações. <u>Quando a gente encara esse “+1” eu gosto muito de reposicionar os pontas, os pontas quando precisam chegar na bola eles não vêm da linha de fundo, eles já estão mais ou menos ali nos 9m, pra poder não trabalhar em trajetória curva, porque ele vai levar a defesa, e nesse posicionamento ele quase que vira um armador, eles vão procurar atacar entre 1 e 2. Eu reposiciono os armadores direito e esquerdo, e isolo realmente quem está marcado individual. Eu prefiro jogar 5x5 (1ª)</u> . <u>Daí eu lateralizo bastante o pivô, coloco ele entre 1 e 2, pra ter um</u>	1ª – Atuação em situações reduzidas. 3ª – Leitura e adaptabilidade às situações do jogo. 4ª – Posicionamento lateralizado do pivô. 5ª – Realizar cruzamentos. 6ª – Realizar bloqueios ofensivos. 7ª – Prevalência do jogo com engajamento.

	<p>2x2 na ponta (4<sup>a</sup>) com ponta e pivô, e gosto nessa hora de pular postos com passes mais largos, por exemplo com o pivô entre 2 e 3 com um ponta fazendo um passe largo para o outro armador (7<sup>a</sup>), aproveitando o bloqueio do pivô entre 2 e 3 (6<sup>a</sup>). Daí os cruzamentos vão sair (5<sup>a</sup>), eu até treinava pro pivô sair, fazer o bloqueio no marcador individual (6<sup>a</sup>), mas o árbitro dava falta de ataque. Eu aproveito essa jogadora que recebe a marcação individual para os tiros livres, priorizando algumas ações que ela possa realizar, como chamar a atenção, desarrumando um pouco a defesa do adversário.</p>	
S3	<p>Nós temos duas saídas: jogar sem quem está marcado (5x5) (1<sup>a</sup>) e a outra saída é envolver quem está marcado. Se fossem dois marcados seria o mesmo esquema. <b>Quando você “tira” esses jogadores do jogo, o que espera dos demais?</b> [Jogo de engajamento (7<sup>a</sup>). <b>E quando esse jogador está incluído no jogo?</b> [Aí tem várias saídas, pode ser um cruzamento (5<sup>a</sup>), ou outras coisas (bloqueio (6<sup>a</sup>), desmarque (8<sup>a</sup>)). <b>Em outra função tática também?</b> Pode ser, pode usar o goleiro também; trocas de posições: pôr ele na ponta. Brincar com ele nas posições (9<sup>a</sup>).</p>	<p>1<sup>a</sup> – Atuação em situações reduzidas. 5<sup>a</sup> – Realizar cruzamentos. 6<sup>a</sup> – Realizar bloqueios ofensivos. 7<sup>a</sup> – Prevalência do jogo com engajamento. 8<sup>a</sup> – Desmarques. 9<sup>a</sup> – Trocar o jogador de posição.</p>
S4	<p>Aquele ou aqueles jogadores que estão sendo marcados individualmente, depende um pouco de como é o adversário. Às vezes você orienta, de acordo com o jogador, você orienta que a equipe jogue 5x5 e ele fique fora (1<sup>a</sup>), ou você orienta que ele participe do jogo, daí vai ter que usar desmarques (8<sup>a</sup>). Então depende um pouco do adversário, mas aí eu estou falando de uma maneira geral, seriam as orientações gerais que você daria. Sem fazer uma análise específica, porque jogar 5+1 contra uma equipe A é uma coisa, jogar 5+1 contra uma equipe B é outra coisa. Depende muito de quem está te marcando (3<sup>a</sup>). Jogaria com mais largura, com mais criação de espaços (7<sup>a</sup>), mais possibilidade do jogo com o pivô (10<sup>a</sup>), ou você cairia num jogo onde você incluiria esse jogador através de algumas ações como o desmarque (8<sup>a</sup>), bloqueio (6<sup>a</sup>), cruzamento (5<sup>a</sup>) etc. Se você aumentar a quantidade de jogadores, por exemplo colocar um 4+2, um 3+3 ou até defesas individuais, aí já muda um pouquinho. De uma maneira geral, desmarque (8<sup>a</sup>), jogador jogar sem bola. Acho que não foge muito do que a gente colocou. Sempre depende do seu adversário, porque você sofrer marcação individual quadra toda ou meia quadra, ou próximo à zona de ataque, uma equipe fazendo isso é uma coisa, outra equipe é outra coisa. Depende muito do adversário (3<sup>a</sup>).</p>	<p>1<sup>a</sup> – Atuação em situações reduzidas. 3<sup>a</sup> – Leitura e adaptabilidade às situações do jogo. 5<sup>a</sup> – Realizar cruzamentos. 6<sup>a</sup> – Realizar bloqueios ofensivos. 7<sup>a</sup> – Prevalência do jogo com engajamento. 8<sup>a</sup> – Desmarques. 10<sup>a</sup> – Enfatizar o jogo com o pivô.</p>

## APÊNDICE B2: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

### Instrumento de Análise do Discurso referente aos indicadores do jogo defensivo

<b>O que seus defensores devem fazer taticamente e individualmente para que a defesa seja eficaz?</b>		
Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	
S1	<p>Individualmente vai ter sempre que guardar um raio ali próximo de 2m (1ª), eu acho que isso aí é importantíssimo, se você não cuidar desse raio de 2m de cada jogador a produção de espaço é muito grande (2ª), independente se é defesa avançada ou 6:0, no caso. Então estando bem cuidado esse raio, troca de marcação. Eu acho que não pode ficar preso em bloqueio, principalmente, você tem que fazer a troca o mais rápido possível (3ª). Quando avançado marcando a linha de passe do atacante (4ª), quando for defesa baixa no sentido da bola (5ª). Cobertura também eu acho que é uma coisa que não tem como ser ruim (6ª). Sempre cobertura no recuo e não avançada, se fizer a cobertura no avançado a probabilidade de sobrar jogador atrás é muito grande, cobertura próxima da área.</p>	<p>1ª – Manter a responsabilidade individual. 2ª – Realizar a marcação. 3ª – Realizar a troca de marcação. 4ª – Realizar a flutuação. 5ª – Realizar a basculação. 6ª – Realizar a cobertura.</p>
S2	<p>Eu vejo hoje uma mobilidade de pernas tremenda, muita agilidade, muita prontidão, cobro muito delas de evitar ficar com os pés paralelos, utiliza o mecanismo ântero-posterior (7ª). Primeiro defender, depois roubar a bola. Colaboração defensiva, faço muitos jogos de cooperação, solidariedade e ajuda. Então a colaboração faz com que a gente tenha muita ajuda e coberturas (6ª). Individualmente, assumir a responsabilidade pelo setor (1ª) e a parceria com a goleira, com a responsabilidade de ajudar a goleira a fechar os ângulos. Ter um bom controle do adversário com e se bola, para que não seja uma jogadora excluída ou advertida. A marcação por contato, por ser feminino, é mais difícil (2ª). Você fazer com que uma menina dê o tronco para receber uma falta de ataque é mais difícil que o masculino. O gostar de defender agressivamente (4ª), sentir o momento de você dissuadir, interceptar e fazer o ataque ao ímpar. E, logicamente, obediência tática.</p>	<p>1ª – Manter a responsabilidade individual. 2ª – Realizar a marcação. 4ª – Realizar a flutuação. 6ª – Realizar a cobertura. 7ª – Deslocar-se rapidamente.</p>
S3	<p>É muito parecido com o que nós esperamos para o ataque. Tem muitas equipes que defendem o 1x1, o 2x2. Outras equipes defendem de forma coletiva. É claro que a defesa tem que pensar muito no seguinte ponto: não pode perder o 1x1. Se ela perde o 1x1 o jogo acaba com um passe só (2ª). Então nós temos que treinar com as nossas jogadoras situações individuais, 2x1 e 2x2. O apoio ajuda, como segundo homem (6ª), mas não dá para defender tudo se o jogador não defende por dentro, não defende por fora, nos dois. O segundo homem tem que saber quando ele vai ter apoio do primeiro homem e quando ele vai ter apoio do terceiro (6ª). Isso ele precisa saber. Taticamente cada um deve saber: sou responsável por isso, isso e isso. Isso é tática e técnica individualmente (1ª). Quando acontece isso eu posso esperar que venha ajuda (6ª), aí fica mais fácil na hora de avaliar quem fez o erro. Pra que a gente possa ensinar e aprender como se faz melhor da próxima vez. Para mim a defesa mais fácil para aprender e avaliar e também de discutir para melhorar é o 6:0. É mais fácil saber quem errou, quando é uma defesa aberta, ficam dúvidas. Outra coisa taticamente que podia ser feita é: hoje vamos jogar contra esse cara aí, se você ficar baixo, vai acabar perdendo. Então vamos treinar como receber esse cara (8ª).</p>	<p>2ª – Realizar a marcação. 6ª – Realizar a cobertura. 8ª – Adaptação prévia e específica aos adversários.</p>
S4	<p>Quando a gente vai colocar taticamente e individualmente primeiro a gente precisa ter disciplina. A questão da disciplina, que foi colocada dentro dessa</p>	<p>2ª – Realizar a marcação.</p>

disciplina que foi combinada, para as ações técnicas e táticas também, porque tem que ter uma orientação geral e coletiva, mas tem um jogo de handebol que ele precisa jogar. Então todas as ações individuais, todas as iniciativas do jogador, elas são pertinentes, elas podem acontecer. De uma maneira, a disciplina dentro daquilo que foi pré-estabelecido e foi combinado. Não gera uma robotização, muito pelo contrário, você fazer com que o jogador tenha uma boa leitura do jogo. A leitura de jogo é fundamental, ela faz parte do jogo inteiro. Ele tem que fazer essa leitura dentro de um contexto coletivo e individual. <u>Em termos de ações, antecipação (4ª), dissuasão (10ª), todas essas variáveis, vamos dizer assim, interceptação. Todas as variáveis de iniciativa individual defensiva, a própria marcação com as suas variações (contato, aproximação, por deslizamento, por observação) (2ª), tudo isso. Não sei se entraria, na sua ideia, os deslocamentos defensivos (7ª), o bloqueio defensivo (9ª). A questão da ajuda, que alguns colocam como cobertura (6ª).</u>	4ª – Realizar a flutuação. 6ª – Realizar a cobertura. 7ª – Deslocar-se rapidamente. 9ª – Realizar o bloqueio defensivo. 10ª – Realizar a dissuasão.
---	---

**Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do sistema defensivo?**

Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1 <u>Que se tenha sempre o jogador combatente, o defensor, na bola, no contato sempre (1ª). Nesse setor da bola sempre jogadores somados defensivamente com mais jogadores, pra sempre sobrar defensor e não atacante (2ª). E através desse fechamento do setor, que chegue também o bloco de defensores do outro lado senão você fecha um lado e o outro lado fica meio aberto (3ª). Isolar o setor mais fraco [do ataque], tem que ter uma leitura do jogo e ver quais os atacantes adversários que são mais ofensivos (4ª). O jogador alto mais pra 6:0, marcando na linha da área, e quando se tem uma equipe bem baixa é lógico que tem que avançar pra pelo menos 5:1.</u>	1ª – Realizar a marcação. 2ª – Realizar a cobertura. 3ª – Realizar a basculação. 4ª – Priorizar regiões da quadra na especificidade dos sistemas.
S2 <u>Eu gosto de fazer o 2x1 (a dobragem) e tenho jogadoras que me ajudam muito a consolidar essa tarefa (5ª). Ajuda, cobertura (2ª), os deslizamentos, os deslocamentos. O deslizamento, quando a gente marca alto, a gente tem que ter essa noção muito forte, seja no 3:3 ou mesmo no 5:1 quando pode acontecer (6ª). O contrabloqueio nas defesas altas acaba aparecendo, apesar de a gente não vir utilizando defesas altas nos jogos mais parelhos (7ª).</u>	2ª – Realizar a cobertura. 5ª – Realizar a dobra (ou dobragem). 6ª – Realizar o deslizamento. 7ª – Realizar o contrabloqueio.
S3 <u>Eu acho que em qualquer defesa o negócio é fechar o meio (4ª). Nós temos uma filosofia de “onde é que nós vamos querer evitar o chute?”; “aonde nós vamos aceitar arremessos do adversário?”. Eu sempre falo: não é possível defender tudo. Mas é possível levar o adversário a chutar de uma zona menos favorecida (4ª). De vez em quando você perde. Se você perde o que você gostaria de evitar, de 10 chutes ele fez 8, então você está errado, você precisa fazer alguma coisa. Mas se 10 chutes, 8 foram naquela zona que você gostaria, então você está indo bem. No 3:2:1 é claro que você quer evitar que eles chutem dos 9; e a questão é: esse chute se está desequilibrado deixa chutar, mas se está com o meio livre, aí nós vamos discutir. Quando marcar o 3:2:1 e pode permitir o chute do ponta, mas eu tenho um goleiro que é muito bom (4ª).</u>	4ª – Priorizar regiões da quadra na especificidade dos sistemas.
S4 <u>Basculação, né. Dentro da basculação, a parte de sincronismo, você estar sincronizando os jogadores (3ª). Nessa parte de deslocamentos defensivos,</u>	2ª – Realizar a cobertura. 3ª – Realizar a

<p>entraria a parte da saída e retorno (2ª), a parte de ocupação de espaços também, que entraria naquela parte de provocar erros do adversário, de criar dúvida no adversário. Uma coisa que eu acho importante é a variabilidade defensiva, independente do sistema ou da ação tática que você está utilizando. Na técnica individual o jogador ter essa liberdade, essa variabilidade, para eventualmente ele tirar o passe do jogador, ele antecipar eventualmente, ele tentar realizar sua ação de forma diferente (8ª). Entra aqui a troca de marcação. Até onde eu marco? Como vai ser feita essa troca? (9ª) Em alguns sistemas defensivos, de acordo com a posição que cada jogador joga, ou que você quer que ele execute no seu sistema, favorece mais um ou outro tipo de ação ou combinação.</p>	<p>basculação. 8ª – Variabilidade defensiva. 9ª – Realizar a troca de marcação.</p>
--	---

**Diante de adversários que adotam o sistema ofensivo clássico (3:3), de que forma você espera que seus defensores atuem?**

	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	<p>Vai priorizar sempre os setores mais fortes, eu acho que se tiver que avançar um jogador, por exemplo, pra tirar um passe da esquerda ou da direita pro jogo ficar mais lento (1ª). Outra coisa que é bastante feita é que você induza que os jogadores de 1 não deixem a bola chegar nos pontas, pra que só os armadores movimentem a bola e o jogo fique mais lento... se torna mais fácil para a defesa (2ª). No caso de deixar os pontas pegarem muito na bola o jogo fica mais rápido. Normalmente começa no 6:0, daí vai pro 5:1 se tiver que ir, ou pro misto. Se tiver dois jogadores que desequilibram o jogo marca os dois individual (3ª) ou só dificulta a bola de chegar nele (4ª), aí diminui a velocidade de ataque. Uma meia-pressão [flutuação], essa parte de flutuar (5ª) pode até ser transformada numa defesa, por exemplo, 5:1 quando o jogador vai marcar mais, no caso, matando a linha de passe (3ª). Eu acho que vai dificultando esse passe do adversário, o jogo se torna bem a favor da defesa.</p>	<p>1ª – Redução da velocidade do ataque. 2ª – Anular a atuação dos pontas. 3ª – Alternância entre os sistemas defensivos. 4ª – Realizar a dissuasão. 5ª – Realizar a flutuação.</p>
S2	<p>Daí temos que olhar alguns fatores: quem são e como são as arremessadoras. Vamos imaginar uma jogadora que precise dos três passos para arremessar, eu não posso ficar esperando. Tem que analisar quanto precisa de espaço e profundidade para essa jogadora. Então tem que sair, tirar o espaço, iludir (4ª). Tem que quebrar essa dinâmica de conforto para esses espaços, então essa é a primeira situação (5ª). O lado forte da central: normalmente a armadora central tem o vício de jogar para o lado do braço, se ela é destra ela busca o lado direito e vice-versa; se tem esse domínio do arremesso com apoio, principalmente na altura do quadril, tem que ter uma parceria entre as duas terceiras e a goleira (6ª). Nós temos a questão de perceber se o trabalho ofensivo dessa equipe está dentro dos 9m ou fora e daí trabalhar essa composição de defesa, ora indo na linha de tiro, ora em basculação. Ora dissuadindo, ora atacando o ímpar (7ª). Na verdade é conhecer, mapear e escaltar o adversário pra poder compor esse sistema. Mas na verdade é respeitar o que a gente preconiza diante desse ataque: com a ofensividade de média e longa distância e com o perigo pela busca da continuidade para sobrar as laterais (3ª). Então a gente tem que analisar muito, e aí sim muito deslocamento lateral, muita basculação. Eu tenho estudado um pouquinho, gosto, e as meninas estão pegando também: os deslocamentos não são só laterais, são laterais e frontais. A gente está conseguindo chegar a tempo, chegar no espaço, conseguindo ganhar falta de ataque, o que está sendo uma</p>	<p>3ª – Alternância entre os sistemas defensivos. 4ª – Realizar a dissuasão. 5ª – Realizar a flutuação. 6ª – Trabalho conjunto defensor-goleiro. 7ª – Variabilidade defensiva. 8ª – Realizar a basculação.</p>

	coisa proveitosa pra gente também (8ª). O que eu preconizo também é que nós temos que atacar o ataque (4ª; 5ª).	
S3	Eu espero que faça aquilo que foi treinado. Se foi uma defesa 5:1, vamos através desse modelo, nesse sentido. Eu penso assim: eu não uso muito tempo em relação ao adversário, porque daqui a pouco ou amanhã é outro. Então eu vou treinar uma formação que é a minha, e quem joga contra mim tem que encaixar o jogo dele. Se o meu modelo não está dando certo hoje, eu troco um pelo outro para ver o que funciona; não funciona: posso mexer um pouco de novo taticamente (7ª). Se não der certo talvez seja a hora de mudar o sistema. Você pode ir para o 6:0, 3:2:1, não sei (3ª). Eu prefiro ficar com o modelo e mostrar para os jogadores que nós estamos certos. Quem tem que mexer comigo é o adversário. Eu não tenho que mostrar para o adversário que hoje eu vou usar contra-ataque, ou qualquer coisa. Isso envolve a confiança dos jogadores. Você vai cair em um dia em que nada funciona, ou em 15 minutos não funcionou, ou em 15 minutos resolveu o jogo.	3ª – Alternância entre os sistemas defensivos. 7ª – Variabilidade defensiva.
S4	Com basculação (8ª), em profundidade [flutuação/cobertura] (5ª), com ajudas (9ª), dessa maneira. A marcação do pivô, a gente tem que estar sempre definindo dois jogadores, em função do que o meu adversário tiver, daí você mantém os dois jogadores, ou sai no último momento. Então essa marcação para o pivô e todas as situações ela é fundamental, porque no meu modo de ver, fazer gol com o pivô é a forma mais fácil, e marcar o pivô é a coisa mais difícil que você tem. A gente tem que saber aproveitar isso, tanto ofensivamente como defensivamente. Defender pivô não é fácil, e fazer gol com o pivô é fácil. Consegui colocar a bola no pivô, ou é gol ou 7 metros. Ou ele inicia um jogo de continuidade excelente. Destacar dois jogadores para marcar o pivô, priorizar (10ª). Importante defensivamente, de que o entendimento, tanto da defesa como do ataque é um jogo coletivo principalmente, e é um jogo de continuidade. A gente fala muito de continuidade do jogo de ataque, mas o jogo defensivo é um jogo de continuidade (11ª). Em questões de treinamento, jogar defensivamente é muito mais difícil do que jogar ofensivamente. No ataque, se você pega um jogador que não está muito entrosado com a equipe ele joga, na defesa não, na defesa ele não consegue jogar.	5ª – Realizar a flutuação. 8ª – Realizar a basculação. 9ª – Realizar cobertura. 10ª – Dificultar a atuação do pivô. 11ª – Continuidade do jogo defensivo.

**Diante de adversários que adotam sistemas ofensivos diferentes do clássico, de que forma você espera que seus defensores atuem?**

	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	Trabalhando muita dobra nos pivôs, faz a dobra quando tiver jogando contra 2 pivôs. Não prioriza tirar o jogador de cima, mas dobra no pivô e marca o lado da bola, por exemplo, vem um ataque do lado esquerdo, vai fazer o combate a 3ª (a 3ª combate) e a 2ª marca o pivô. Então o principal é a dobra (uma para o arremesso e a outra para o pivô) (1ª). É priorizado não flutuar no jogador da bola, se você flutuar no jogador da bola vai sobrar muito pivô (2ª). São 2 pivôs, eu acho que o jogo fica mais aberto, beneficia o ataque. Quando um jogador atacante vir o espaço ele vai atacar, se ele não vir essa produção de espaço ele vai ficar transitando bola até que produza (3ª). Se um jogador arremessa de longe com certeza ele vai ser tirado [individual]. Mesmo com 2 pivôs tem a possibilidade de fazer uma marcação individual [mista] (4ª).	1ª – Realizar a dobra (ou dobragem). 2ª – Não flutuar no jogador com a bola. 3ª – Dificultar a produção de espaços. 4ª – Alternância entre os sistemas defensivos.
S2	Quando os dois pivôs já estão plantados, diferente de quando eles desdobram, eu procuro trabalhar 4:2. Gosto do 4:2, não muito aberto e não muito alto,	3ª – Dificultar a produção de

	<p>mas um 4:2 clássico, gosto do 4:2 no setor que está a bola (4ª). O central passou a bola, um marcador vai no central e o outro vai na bola. Então eu faço um deslocamento dos dois defensores avançados no armador que está com a bola e no seu vizinho (5ª). Se esse 4:2 que já está instalado, ou definido, possui jogadoras lá fora na linha de 9m com bastante importância nos arremessos de média e longa distância, eu procuro fazer um 5+1, tirar uma armadora (4ª), porque vai tirar um pouco a movimentação, vai tirar os passes (6ª), então eu acabo gostando disso aí também. Quando esse sistema acaba tendo origem de um desdobramento ou de uma circulação e vira um 4:2, eu procuro ir para o lado mais forte, não ir na bola, mas ficar com o lado mais do ataque adversário com mais chegada de gol. Então nem sempre eu acompanho a bola, eu acompanho a jogadora (7ª). E tenho treinado muito, nesse desdobramento, a gente ficar no meio, porque a gente vem analisando, vem estudando, que as equipes fazem o desdobramento e acabam vindo jogar pela zona central (4ª). Então se eu lateralizo eu acabo deixando aberta a zona central. Quando eu tenho o desdobramento ou eu vou na bola ou no lado mais forte, geralmente do lado mais forte, ou eu fico com um avançado mesmo na zona central (3ª). Eu espero delas uma leitura de jogo. Eu faço com as minhas atletas no treinamento uma leitura de qual jogadora pode receber a bola: quem vai receber a bola? Qual a possibilidade dessa menina receber a bola? Qual a possibilidade da bola chegar ao pivô? E ali antecipar (7ª).</p>	<p>espaços. 4ª – Alternância entre os sistemas defensivos. 5ª – Realizar a flutuação. 6ª – Diminuir a velocidade ofensiva. 7ª – Leitura e adaptabilidade às situações do jogo.</p>
S3	<p>Que joga já com os dois pivôs ou que cai com segundo pivô, isso tem que ser treinado. Estamos treinando em várias saídas, vamos pressionar uma zona, com muito apoio (3ª). E outra que não tem muito apoio, joga o 2x2. Porque se jogamos contra equipes muito fortes, se você dá o apoio aí o inteligente lá solta a bola rápido e acaba do outro lado da quadra com um a menos (7ª). Ainda temos mais um que nós estamos largando a base e jogando um lá em cima, no bico [avançado] (4ª). Na verdade o bico não marca ninguém, o bico marca a bola (6ª). O problema é que quando a bola passa por ela, nós não temos como segurar com o base. No feminino você pode ter um retorno bem positivo disso, no masculino, não que seja impossível, mas é mais difícil.</p>	<p>3ª – Dificultar a produção de espaços. 4ª – Alternância entre os sistemas defensivos. 6ª – Diminuir a velocidade ofensiva. 7ª – Leitura e adaptabilidade às situações do jogo.</p>
S4	<p>Você vai ter que ter uma preocupação maior com os jogadores da segunda linha, porque quando você joga diferente você aumenta a quantidade de jogadores na segunda linha de ataque, você cria mais problemas na segunda linha. A defesa tem que ter mais ajuda até do que no ataque, mais leitura de jogo. Tem que ser uma defesa mais ofensiva, mais forte para dificultar, atrapalhar, parar, as ações do adversário (6ª). Envolve muito mais conceito de troca de marcação (8ª), de marcação (9ª). Tudo que foge do clássico, vamos dizer assim, envolve mais treinamento e a parte coletiva. Deve estar mais afinado. O importante é que os jogadores, de uma maneira geral, eles tenham conhecimento das possibilidades que o adversário tem, independente se eles vão realizar as ações ou não. Tem que ter o conhecimento que o adversário efetuou um passa e vai, qual é o objetivo da execução? Ele fez para que? E ele sempre estar buscando defensivamente a ação do adversário. O jogador circulou, o objetivo do adversário naquela situação? O jogador ter esse entendimento e procurar fazer essa leitura (7ª). Às vezes o adversário circula, mas não faz absolutamente nada, e você faz uma ação especial, a defesa fica concentrada tentando marcar para não acontecer absolutamente nada. Mas eles têm que ter esse entendimento, tem que saber das possibilidades mesmo que ele não faça. Ele tem que estar sempre preparado para que aconteça, às vezes não vai acontecer. Às vezes a equipe, mais fraca, eles fazem determinadas ações por fazer, porque viram alguém fazer e resolvem fazer</p>	<p>3ª – Dificultar a produção de espaços. 6ª – Diminuir a velocidade ofensiva. 7ª – Leitura e adaptabilidade às situações do jogo. 8ª – Realizar a troca de marcação. 9ª – Realizar a marcação.</p>

igual, fazem a circulação de um jogador só que executa uma situação e a bola nem chega na mão porque não sabe fazer passe. Essa parte de concentração defensiva tem que ser muito grande, não sei se entraria na parte técnica individual, mas o jogador quando ele defende tem que estar concentrado nas ações dos adversários para ele ter um bom rendimento, de antecipação, interceptação, de marcação, um bom rendimento não só individual como coletivo. Essas ações de você estar concentrado é difícil, você manter a concentração por um período longo. Então o que a gente busca, defensivamente, você estar criando situações onde o adversário pare, que ele não tenha a posse de bola por um período longo, para que as ações táticas não tenham uma construção longa, para que você possa concentrar novamente (6ª). É importante essa parte de você estar quebrando o ritmo do adversário, seja por uma falta, seja por uma tirada de passe, e saber dentro dessa leitura de jogo que a gente deve fazer, para jogar handebol de qualquer forma, que as ações táticas são feitas para dar certo, e que se eu permitir que essa ação seja realizada, vai ser muito mais difícil eu marcar o final do que na construção dela (3ª).

#### O que você faz ou treina para que o contra-ataque seja induzido?

	Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
S1	Acima de tudo, se você efetuar uma defesa bem objetiva, dificultando todos os arremessos e marcando bem com certeza esse contra-ataque vai sobrar (1ª). A transição é feita através de muitas chegadas de ataque, por exemplo, você posiciona todos os jogadores e faz o contra-ataque direto... Você posiciona todos os jogadores e conforme sai essa bola, mesmo o jogador não recebendo ele chega até a posição dele (2ª). Então sai a bola pro ponta bater, o armador próximo dele teria que estar posicionado pra quando ele não tivesse em condição de arremessar. O retorno dessa bola para sustentar... Então você faz um de cada vez: um direto e um sustentado, um com cruzamento... pra diversificar mesmo, dando alternativas. O cruzamento é importante porque a defesa não está montada. Já tem os jogadores destinados para pegar o rebote... Através desse contra-ataque você dar seqüência em uma chegada ofensiva, ou em uma jogada treinada posicionada. É difícil pra gente implantar, demora bastante tempo, mas o objetivo maior é sempre esse: que você transforme um contra-ataque em uma jogada posicionada treinada, para que se tenha um pouco de velocidade até. Quando você posiciona sua equipe pra jogar não fica tão rápido o jogo, mas durante a chegada fica.	1ª – Induzir o adversário ao erro (precipitação de arremesso). 2ª – Saída sistematizada.
S2	Eu gosto de induzir o adversário à precipitação, por isso que eu gosto muito da defesa agressiva (1ª). A defesa passiva pra mim não agrada, porque a gente não tem uma estrutura física muito alta, enfim, a gente gosta de trabalhar assim. É induzir o adversário a arremessar rápido, a passar errado, a tomar decisões precipitadas até conseguir uma andada (1ª). Eu gosto de antecipar o lado contrário, a 1ª marcadora do lado contrário do arremesso te m a liberdade para antecipar-se [para a saída do contra-ataque], o arremesso da zona mais central eu dou a ordem para as duas [terceiras] anteciparem um pouco até a linha dos 9m. Eu procuro fazer a proteção e o rebote defensivo com 4 jogadoras (2ª). Sempre tive goleiras que lançam muito bem em contra-ataque, então tem sido uma tendência essa indução ao contra-ataque. O ataque ao ímpar [dissuasão], quando uma armadora é mais forte, fazendo com que a bola volte para o lado mais fraco.	1ª – Induzir o adversário ao erro (precipitação de arremesso). 2ª – Recuperar o rebote defensivo.
S3	Primeiro nós temos que ter um modelo, talvez dois, para trabalhar o contra-	2ª – Recuperar o

---

<p>ataque. Uma é em função da bola, que todo mundo na hora da transição está sabendo sua função, qual é o caminho de corrida, e <u>treinar a inteligência, o que fazer com a bola, por a bola em qual zona e porque (2ª)</u>... <b>Antes disso, e para que a defesa tenha a possibilidade de se transformar em ataque?</b> <u>Tem algumas [opções] que deixam o primeiro homem sair um pouco antes, isso é possível, mas é um risco (2ª)</u>. Pode ser que o rebote saia para a mesma equipe e ele tem mais espaço.</p>	rebote defensivo.
<p>S4 A função do meu jogador na quadra, trajetória de deslocamento que eles vão realizar. A questão da ofensividade está presente em tudo, mesmo na parte de ataque como a gente comentou, nas ações táticas, essa questão da ofensividade está presente em tudo, que eu traduzo ofensividade como jogar handebol. A gente primeiro tem que jogar handebol, para depois tentar fazer qualquer tipo de coisa. Então essa ofensividade tem que estar sempre presente, não adianta a gente montar alguma coisa taticamente, montar um contra-ataque <u>se cada jogador não tiver dentro dele essa visão de ofensividade. Desde a recuperação de bola, quando a equipe passa a ser atacante, o adversário perdeu a bola e ele passa a ser atacante, desde esse momento ele tem que estar jogando handebol e o objetivo é o gol. Então eu recuperei a bola e tenho que buscar o gol, e não buscar passe (4ª)</u>. Eu recebi o passe eu tenho que buscar o gol, e não buscar passe. A trajetória dos deslocamentos vai depender da forma com que você vai montar a sua transição, o seu contra-ataque. A princípio, nessa parte do deslocamento, de uma maneira geral, tem que ser o deslocamento mais curto, uma linha reta. É correr, para frente, e tem os jogadores que a gente caracteriza como jogadores de velocidade, caracteriza como jogadores de apoio, outros jogadores que vão dirigir ou organizar esse contra-ataque. Daí depende da maneira como vai chamar. Uns são os diretores, e 1ª onda, 2ª onda ou oleada, estou falando de uma maneira geral em função dos deslocamentos. Depois disso vem uma parte mais organizada, onde você vai construir uma ação tática, que seria a fase de construção ou de continuidade do ataque.</p>	2ª – Recuperar o rebote defensivo.

---

## APÊNDICE B3: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

### Instrumento de Análise do Discurso referente aos indicadores do jogo de transição

<b>Você é a favor ou contra de induzir sua equipe ao contra-ataque? Por quê?</b>		
Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	
S1	<p>Sou a favor. Porque é o meio mais rápido de chegar ao gol adversário (1ª). Eu acho que o primeiro objetivo é sair para contra-ataque direto, mas tem que ter sempre sustentação, principalmente o armador direito e o armador esquerdo. Eu acho que assim que a bola foi arremessada esses dois jogadores têm que se posicionar já nas posições de ataques deles e ver se a bola vai ser direta ou não (2ª).</p>	<p>1ª – A favor, porque chego mais rápido (vantagem espacial). 2ª – A favor, porque posso ter vantagem numérica.</p>
S2	<p>A favor. O jogo está cada vez mais rápido (1ª), mais gostoso de se jogar em contra-ataque, não que eu não goste de jogar posicional, eu gosto e acho importante, mas as possibilidades de você chegar ao gol em contra-ataque são maiores do que quando você está em um ataque posicionado contra uma defesa posicionada (2ª).</p>	<p>1ª – A favor, porque chego mais rápido (vantagem espacial). 2ª – A favor, porque posso ter vantagem numérica.</p>
S3	<p>Sempre a favor, sempre contra-ataque. Quem não usa contra-ataque acaba perdendo. É o perfil do handebol hoje, com as novas regras então. Já era um jogo de contra-ataque, agora com as novas regras puxou mais ainda (3ª).</p>	<p>3ª – A favor, por ser uma tendência facilitada pelas regras.</p>
S4	<p>Sou a favor. Não em induzir sempre, mas a equipe deve estar pronta para isso. É um jogo de velocidade, é um jogo que evoluiu muito (1ª). Esse jogo de transição evoluiu demais, com algumas mudanças de regras (3ª), com a evolução da parte física do jogador (os jogadores estão mais rápidos) (4ª). E hoje, no meu modo de ver, é o que está diferenciando as equipes. Porque no jogo posicional, ataque-defesa, por uma avaliação que a gente faz, o jogo acaba se equilibrando, ele é mais equilibrado. Hoje o diferencial, no meu modo de ver, é o jogo de transição. Então esse induzir é ter esse jogo planejado, mas em determinados momentos você tem que desacelerar o jogo. Você acelera até um determinado ponto e depois você tem que desacelerar. Quando você não vê a possibilidade de sucesso na fase de transição, de maneira que você tenha condições de controlar o jogo, onde eu não preciso acelerar o jogo agora. Então você tem que ter alguns parâmetros para ter o controle dessa fase de transição.</p>	<p>1ª – A favor, porque chego mais rápido (vantagem espacial). 3ª – A favor, por ser uma tendência facilitada pelas regras. 4ª – A favor, evolução da preparação física dos jogadores.</p>

<b>O que você faz ou treina para que o contra-ataque do adversário seja ineficaz?</b>		
Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	
S1	<p>Primeiro tem que ter um ataque efetivo. Você não pode precipitar o ataque, esperar o momento certinho para você executar. O arremesso tem que ser preciso, independente se você vai fazer o gol ou vai errar, você tem que ter uma precisão (1ª)... até na força do arremesso. Então você tem que calcular em, ver onde você vai arremessar a bola, ver onde vai trabalhar o ataque pra que você não deixe o adversário sair em contra-ataque (1ª). Depois do erro tem que trabalhar muito e...o desperdício... o erro individual, não pode cometer erro individual, ou erro de passe, esse tipo de coisa... o jogador tem que ter a consciência de que ele vai ter que entrar só na bola boa (1ª) e não entrar com bola ruim ou precipitada... Você tem que ter uma prévia do que</p>	<p>1ª – Arremessar em condições adequadas. 2ª – Retorno antecipado de alguns jogadores. 3ª – Pressionar a saída de bola.</p>

	vai acontecer no contra-ataque, então a gente já tem esses jogadores encarregados de retornar antecipadamente (ele não estando no arremesso). Esses jogadores, praticamente, eles deixam um pouco de jogar até, ofensivamente... o jogador sempre do lado oposto da bola, e os armadores (2ª)... normalmente a gente deixa o pivô pra pressionar esse lançamento do goleiro, essa saída rápida. Tirando esse lançamento do goleiro, e que já saia marcando os dois laterais (o direito e o esquerdo) (3ª).	
S2	Aquela que participa do arremesso e a pivô que está ali nos 6m, elas têm que fazer a pressão, primeiramente no goleiro para atrapalhar um pouquinho a visualização dele e retardar um pouco a tomada de decisão do goleiro, e logo na seqüência aquela primeira diretora que leva o contra-ataque (3ª). Na seqüência eu procuro treinar e organizar que a gente venha marcando em linhas de 3, quem tem que voltar para os 6m volta o mais rápido possível (4ª), e as demais voltando mais ou menos no sistema 3:3 no setor onde a bola está. Temporariamente a gente faz um 3:3, e a ideia é fazer a falta no lugar mais importante que é no setor da meia-quadra ou 14-15m (5ª), pra gente tentar “matar” esse contra-ataque.	3ª – Pressionar a saída de bola. 4ª – Rápida organização do sistema defensivo. 5ª – Parar o contra-ataque com a falta.
S3	É preciso organizar o retorno do seu time (4ª). Tem várias saídas: um é o modelo sueco, todo mundo volta como uma parede até os 9 metros, vira nos 9 metros para evitar tomar o gol. Outro pode ser o modelo totalmente contrário do sueco que já na hora da perda da bola “abre”, muito agressivo para evitar contra-ataque (3ª). Podia ser outro modelo, que é o mais importante de todos, que o time que perdeu a bola saiba o que é retornar. Uns 98% das equipes no Brasil não sabem de nada, e uma das minhas brigas é ensinar que o handebol é rápido, tem que correr para o lugar certo. Poderia escolher, talvez, um outro modelo. O negócio é evitar tomar gol.	3ª – Pressionar a saída de bola. 4ª – Rápida organização do sistema defensivo.
S4	Primeiro, da mesma maneira, de uma maneira geral, quando você prepara uma equipe você orienta em função daquele adversário que você vai enfrentar. E algumas coisas, depende do adversário, você faz de uma maneira ou faz de outra. Então de uma maneira geral, antecipar a saída do adversário, porque alguns jogadores não esperam o resultado, a definição, eles já estão antecipando. Tem equipes que eu jogo que o jogador sai antes. Os jogadores de velocidade saem antes, e se você ficar esperando, não dá. Então a primeira coisa é isso (2ª). Segundo, é dificultar a ação ofensiva no início da construção da transição do adversário, que é dificultar o início da transição. Algumas são pelo goleiro, outras por esses jogadores que alguns falam que são os diretores, outros falam que são os organizadores, são aqueles que recebem o primeiro ou segundo passe, no caso (3ª). Buscar nessa de dificultar não só a construção, você conseguir parar a transição do adversário, através de ações que às vezes não são permitidas, fazer a falta. Não são permitidas, mas elas são possíveis e fazem parte do jogo. Uma falta leal, visando a bola, realmente para você parar e dar tempo de se organizar (5ª).	2ª – Retorno antecipado de alguns jogadores. 3ª – Pressionar a saída de bola. 5ª – Parar o contra-ataque com a falta.

## APÊNDICE B4: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

### Instrumento de Análise do Discurso referente à análise de jogo

Se você tivesse o acesso a uma ferramenta de análise “instantânea” de jogo, o que você mostraria para os seus jogadores? Tanto em gráficos como em números.	
Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)
<p>S1 <b>Ataque:</b> Eu acho que se você somar muitos erros, você vai cometendo erros durante o jogo, você vai acumulando erros durante o jogo e não pára para orientar o jogador a respeito disso, depois você tá enrolando tudo. Você tem um tempo pra fazer isso, ou o jogador vem até você durante o jogo, e no intervalo. Eu acho que você tem que consertar o erro do jogador que está acontecendo, você tem que consertar mais o posicionamento dele inicialmente (1<sup>a</sup>). Se ele está cometendo erros, primeiramente ele está mal posicionado ou está sendo muito pressionado o setor dele (2<sup>a</sup>). <b>Quais tipos de erros então?</b> O adversário observa muito os seus atacantes. Se você fizer o mesmo movimento, a mesma coisa, se você não diversificar no caso os seus movimentos de ataque, eu acho que para o adversário fica muito fácil. Então você comete muitos erros por que insiste no mesmo movimento (3<sup>a</sup>). Se para muito para orientar a forma que tem que se atacar, você vai forçar mais do lado esquerdo para atacar do lado direito, ou vai atacar com bloqueio de pivô no centro (4<sup>a</sup>). <b>O que seria importante então quantificar nessas situações?</b> A ideia coletiva: você faz uma ação individual do lado de cá e sobra um coletivo do outro lado. A ação coletiva nada mais é do que ações individuais, porque sem a ação individual você não tem coletividade (4<sup>a</sup>). Todas as execuções do jogo, do jogador em si, depende do desenvolvimento de cada um. Acho que a leitura do jogo é importantíssima para quem está atacando. O aproveitamento de arremessos também é interessante, por setor de quadra e jogador (2<sup>a</sup>). Tem uns jogadores que são melhores fintadores, melhores individualmente, então a bola tem que chegar nele em condições de fazer isso. Tem as ações individuais dos demais pra que a bola chegue nele em condições melhores, e que ele trabalhe sempre na parte individual e some pro coletivo.</p> <p><b>Defesa:</b> Essa orientação do jogador sair e perder o tempo da saída da bola é uma produção de espaço pro adversário que não tem que cometer (1<sup>a</sup>). Eu acho que se você sai no tempo errado e não rouba a bola, não faz nada, é uma orientação que a gente sempre passa, para não cometer esse tipo de erro. Se tiver que sair, que saia para interceptar de uma vez, para fazer a falta ou para roubar a bola. O jogador tem que estar sempre combatendo o atacante de forma ofensiva, quanto mais pressão o atacante tiver, defensivamente, com certeza ele vai errar mais (2<sup>a</sup>). Se você ficar só dependendo que ele erre naturalmente, o aproveitamento dele vai ser muito maior. <b>O que seria importante então quantificar nessas situações?</b> Vamos reforçar, de repente, somar um jogador nesse setor porque está sobrando muito espaço (3<sup>a</sup>) ou não está tendo o combate (o jogador tem que combater mais aí)... se o bloqueio do pivô está saindo, não pode, tem que trocar mais rápido (4<sup>a</sup>). Colocar o pivô atrás, esse tipo de caminho. Quando o pivô é muito receptor de bola, você não pode deixar ele receber. Quando o pivô é mais de bloqueio, que você antecipe a defesa para que ele não faça o bloqueio, se ele fizer o bloqueio com certeza vai beneficiar o ataque (você tira um defensor do combate).</p> <p><b>Transição:</b> Que se equilibre isso. Quando está atacando, se a bola estiver sobrando só de um lado, e não tiver outra opção... se você tiver sempre duas</p>	<p><b>Ataque:</b>            1<sup>a</sup> – Posicionamento dos jogadores.            2<sup>a</sup> – Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial).            3<sup>a</sup> – Padrões de movimentação.            4<sup>a</sup> – As combinações coletivas em função das ações individuais.</p> <p><b>Defesa:</b>            1<sup>a</sup> – Falhas na flutuação ou dissuasão.            2<sup>a</sup> – Relação marcador x atacante.            3<sup>a</sup> – Situações de inferioridade numérica.            4<sup>a</sup> – Efetividade dos bloqueios ofensivos.</p> <p><b>Transição:</b>            1<sup>a</sup> – Efetividade dos</p>

	<p>opções que você favoreça as duas, pra que isso não seja fixado pelo adversário mais fácil. Mas se você tiver uma opção só, daí complica um pouco. <u>É importante saber os erros de contra-ataque, qualquer tipo de erro, principalmente os individuais (finalização (1ª), o posicionamento – se você já estava posicionado no setor devido quando executou esse contra-ataque) (2ª), erros de lançamento do goleiro (3ª).</u> Se o <u>jogador daquele setor defensivo já tinha antecipado o seu retorno (4ª).</u> Enquanto um jogador está executando [o arremesso] o outro tem que estar pronto pra defender... você não pode esperar executar pra depois defender.</p>
<p>S2 Eu acredito que nós teríamos que pensar nessas informações, como visualizar o posicionamento do pivô adversário nos sistemas mais abertos. <u>As bases de ataque criadas entre a primeira linha e a segunda linha, seja ela de cruzamento, de tabela, de desdobramento (3ª: Ataque; 5ª: Defesa).</u> <u>Mas quais ações táticas básicas ou primárias estão dando certo e em qual setor (meu e dos adversários) e quais jogadores são protagonistas dessas ações (4ª: Ataque).</u> <u>O mapeamento dos sinais visuais (feitos pelos jogadores) e suas possíveis bases de ataque (5ª: Defesa).</u> <u>Quem é (ou quem são) o diretor desse contra-ataque, para saber em qual setor no contra-ataque é feito o primeiro passe, se a bola sai na zona direita ou sai na zona esquerda, porque ali já sai fazendo uma pressão, ou até inventar uma troca de ataque-defesa (4ª: Transição).</u> <u>Pras goleiras seria a questão dos arremessos (2ª;5ª), acho isso muito importante porque a jogadora que está num lugar arremessa em um determinado local, tendo a trajetória da jogadora com a correspondência do arremesso (5ª: Ataque; 6ª: Defesa), principalmente das jogadoras mais potentes, que precisam daquela trajetória e daquele espaço. Analisar a trajetória que antecede o arremesso, para facilitar a parceria entre defensores e goleiros.</u></p>	<p>arremessos (jogador e correspondência espacial). 2ª – Erros de posicionamento (jogador e correspondência espacial). 3ª – Erros de lançamento do goleiro (com a correspondência espacial). 4ª – Ocupações espaciais.</p> <p><b>Ataque:</b> 2ª – Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial). 3ª – Padrões de movimentação. 4ª – As combinações coletivas em função das ações individuais. 5ª – Efetividade dos arremessos e correspondência com a ação e o posicionamento do goleiro.</p> <p><b>Defesa:</b> 5ª – Ideia de padrões de movimentação. 6ª – Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial).</p> <p><b>Transição:</b> 4ª – Ocupações espaciais.</p>
<p>S3 <b>Ataque:</b> mais ou menos como a defesa. <u>Nossos arremessos e a posição do goleiro (5ª).</u> <u>Mas por que o goleiro está aí? Está lendo a trajetória, ou porque nosso jogador não tem bom nível (5ª).</u> <u>Ou não teve nenhum passe para o pivô em vinte minutos, ou teve um passe para a ponta direita em 20 minutos.</u> <u>Então você vai ver a zona (local) e quem: da ponta direita um chute, da ponta esquerda dois chutes (6ª).</u> <u>É importante ver como estamos conseguindo abrir a defesa deles. Isso é interessante (4ª).</u> E também interessante na hora que não estamos conseguindo.</p> <p><b>Defesa:</b> <u>você levou x gols após 20 minutos e pode ser que você esteja até bem, pode ser que esteja ok (7ª).</u> <u>Mas você não percebeu que mais de 50% dos gols foram feitos na zona do segundo homem do lado esquerdo. Isso pode</u></p>	<p><b>Ataque:</b> 4ª – As combinações coletivas em função das ações individuais. 5ª – Efetividade dos arremessos e correspondência com a ação e o posicionamento do goleiro. 6ª - Correspondência</p>

<p>virar um problema que você precisa resolver (6<sup>a</sup>). [As informações por tempo, da zona <i>[da quadra]</i> e pode ser do tipo também: dos 9, dos 6, é por fora, é por dentro, é do seu goleiro... (7<sup>a</sup>)]</p> <p><b>Transição:</b> [o que não pode no contra-ataque é perder a bola cinco vezes. Quem erra? São cinco diferentes; daí é uma coisa. Mas eu tenho um mesmo menino ou menina que errou três passes (1<sup>a</sup>; 2<sup>a</sup>; 3<sup>a</sup>). Se é no início, se é perto <i>[do gol adversário]</i> (4<sup>a</sup>).]</p>	<p>espaço-temporal</p> <p><b>Defesa:</b> 6<sup>a</sup> – Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial). 7<sup>a</sup> - Correspondência espaço-temporal.</p>
<p><b>Transição:</b> 1<sup>a</sup> – Efetividade dos arremessos (jogador e correspondência espacial). 2<sup>a</sup> – Erros de posicionamento (jogador e correspondência espacial). 3<sup>a</sup> – Erros de lançamento do goleiro (com a correspondência espacial). 4<sup>a</sup> – Ocupações espaciais.</p>	<p><b>Transição:</b> 1<sup>a</sup> – Efetividade dos arremessos (jogador e correspondência espacial). 2<sup>a</sup> – Erros de posicionamento (jogador e correspondência espacial). 3<sup>a</sup> – Erros de lançamento do goleiro (com a correspondência espacial). 4<sup>a</sup> – Ocupações espaciais.</p>
<p>S4 Ferramentas que não avaliam só essa parte individual, que trabalha também com erros e acertos individuais, pra você traçar um perfil daquele jogador, o rendimento dele durante o jogo, identificar o jogador que não está bem. Coletivamente, assim em função das zonas de jogo, maior eficiência do adversário ou vulnerabilidade sua.</p> <p><b>Ataque:</b> Em relação à vulnerabilidade do adversário, você procurar questões vulneráveis do adversário. Onde que, defensivamente, o 1x1 é mais fraco? Onde tem dificuldade, por exemplo, na troca de marcador, qual é o jogador que tem dificuldade na troca de marcador? [O jogador que tem erro de conceito, vai numa troca de marcação que ele deveria acompanhar e aí ele quer trocar, ou ele teria que trocar e daí ele acompanha. Então é você detectar algumas deficiências, onde o adversário é vulnerável e tentar utilizar isso de acordo com as suas possibilidades (7<sup>a</sup>). De uma maneira geral eu vejo que ganhar o jogo de handebol, ou qualquer jogo, é como um jogo de xadrez, você tem que estudar. Você encaixar a peça certa no lugar certo. Você avaliar, por exemplo, que tem determinados jogadores que na parte defensiva, na marcação do pivô, eles não marcam bem e é onde a equipe consegue muito tiro de 7m, muita exclusão, você consegue jogar de maneira mais eficaz (7<sup>a</sup>). Essa dificuldade individual. [Nas questões que a gente colocou também de bloqueio, no jogo ofensivo você analisar a questão de estatura ela é importante, mas tem jogadores que não têm boa estatura e são bons no bloqueio, você procura tirar o seu jogo de lançamento. É uma equipe que bascula, não bascula, acompanha a bola, de que maneira marca (3<sup>a</sup>).]</p> <p><b>Defesa:</b> De uma maneira geral a gente buscava, [primeiro, maior zona de eficácia. Fizeram 50 arremessos da ponta esquerda, tá bom, e daí? Desses 50 arremessos, qual foi a eficácia desses? Nenhum, ótimo, vão continuar fazendo arremessos lá da ponta esquerda (6<sup>a</sup>).] Nós vamos continuar jogando</p>	<p><b>Ataque:</b> 3<sup>a</sup> – Padrões de movimentação. 7<sup>a</sup> – Vulnerabilidade individual dos defensores.</p> <p><b>Defesa:</b> 5<sup>a</sup> – Ideia de padrões de movimentação. 6<sup>a</sup> – Efetividade dos arremessos (e correspondência espacial). 7<sup>a</sup> - Correspondência espaço-temporal.</p>
<p><b>Transição:</b> 4<sup>a</sup> – Ocupações espaciais.</p>	<p><b>Transição:</b> 4<sup>a</sup> – Ocupações espaciais.</p>

---

para levar o jogo deles pra essa posição, que eles estão afundando sozinhos. Esse tipo de trabalho de orientação a gente fazia, da zona de finalização do adversário, e nessa zona de finalização a eficácia deles (6ª). O que levava às finalizações, por exemplo, a mesma situação da ponta esquerda: de 50 arremessos eles fizeram 51 gola, puxa, então a gente precisa se preocupar. Quais são as ações que levam, ou as ações individuais? É uma ação individual daquele jogador onde ele está jogando a sua partida individual, ele recebe a bola e ele está passando, então é um problema do seu defensor direto, ou se é uma construção coletiva. Então você já faz essa diferenciação. Se há uma construção coletiva, ela vem através de um envolvimento 2x2 ou de um trabalho de continuidade ou de uma tática pré-trabalhada? Dessa maneira você sabe se é uma construção individual ou coletiva. Uma ação tática pequena, por exemplo, um meia com um ponta, é uma volta de bola, é uma quebra de ritmo, ou se ela vem construída da direita e finaliza no ponta (5ª). Então essa ideia a gente tem que ter. E o que a gente buscaria na construção de uma análise seriam essas variáveis, que partem do individual (1x1), de ações coletivas menores, que seriam um 2x2, e vamos colocar a partir do 3x3 como ações maiores. Então não adianta ter apenas o resultado, mas ter o processo a equipe conseguiu para chegar naquele resultado, se foi individual, se foi uma combinação pequena ou se foi uma construção coletiva. Quem fez essa construção, onde iniciou (7ª).

**Transição:** Você faz uma análise da equipe adversária, você sabe qual é o jogador de velocidade, qual é o jogador que serve de apoio, para quem vai ser o primeiro passe, quem seria a possibilidade do segundo (4ª). Então você consegue, dentro dessa observação, dessa análise, já fazer o jogo em função dele.

---